

**“UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA”**  
**AS INFLUÊNCIAS DA ÉTICA ROMÂNTICA NA INTERVENÇÃO**  
**EDUCATIVA SALESIANA E O PAPEL DAS ATIVIDADES CORPORAIS.**

Por

CARLOS NAZARENO FERREIRA BORGES

---

Tese Apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física da  
Universidade Gama Filho  
Como Requisito Parcial à Obtenção do Título de  
Doutor em Educação Física

**SETEMBRO, 2005**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

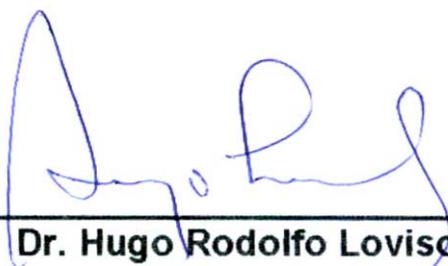
Milhares de livros grátis para download.

**UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA AS INFLUÊNCIAS DA  
ÉTICA ROMÂNTICA NA INTERVENÇÃO EDUCATIVA  
SALESIANA E O PAPEL DAS ATIVIDADES CORPORAIS.**

**Carlos Nazareno Ferreira Borges**

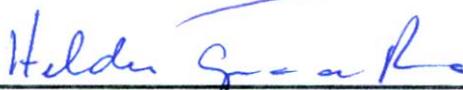
Apresenta a Tese

Banca examinadora:



---

**Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo  
(Orientador)**



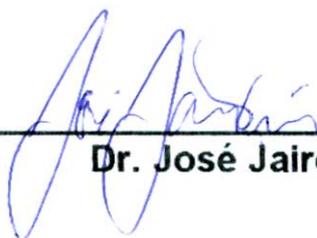
---

**Dr. Helder Guerra de Resende**



---

**Dr. Kleber do Sacramento Adão**



---

**Dr. José Jairo Vieira**



---

**Dra. Yara Cerqueira Montenegro Osório de Lacerda**

**Setembro/2005**

Dedico esse trabalho a Deus,  
o maior responsável por todos os  
sucessos do meu Projeto de vida.

“Fui à floresta porque queria viver profundamente  
e sugar a essência da vida!  
Eliminar tudo o que não era vida.  
E não, ao morrer, descobrir que não vivi.”  
(Henry David Thoreau, 1817-1862).

## AGRADECIMENTOS

Sempre a **Deus**, por ter me chamado á vida. À minha **mãe**, pela singela, mas profunda ação educativa. À minha **família**, pela participação de cada um na minha trajetória de vida. Aos incentivadores, representados por **José Maria de Araújo** (in memorian).

À **Família Salesiana**, especialmente meus irmãos **Salesianos Cooperadores**, pelas orações e compreensões em muitas de minhas ausências.

Ao **Centro de Pesquisa e Documentação em Barbacena**, e especialmente ao Sacerdote **Alfredo Carrara** e aos **funcionários**, pela solicitude com que se dispuseram a colaborar neste estudo.

À **Universidade Federal de Viçosa**, minha casa, pelo apoio e incentivo; e à **Universidade do Estado do Pará**, onde iniciei minha trajetória acadêmica.

À **Universidade Gama Filho**, por todas as iniciativas dedicadas à minha formação; aos professores desta casa pelo carinho, receptividade e partilha de conhecimentos.

À **CAPES** em primeira instância, depois à **FAPERJ**, por terem investido na minha qualificação profissional

Aos **meus companheiros de pós-graduação**, por terem me proporcionado uma experiência inesquecível; de uma forma ou outra nossas histórias não mais serão separadas.

Ao **Hugo** (teria que dizer **Prof. Dr. Hugo Lovisolo**), que sempre tenho como amigo e que por isso topou essa caminhada sem medir esforços.

Com muito carinho, aos colegas: **Prof. Dr. Kleber do Sacramento Adão**, **Prof. Dr. Helder Resende**, pelo toque refinado, que com suas reconhecidas capacidades pessoais e acadêmicas, proporcionaram pela sua participação no meu exame de qualificação uma grande contribuição e enriquecimento à pesquisa.

BORGES, C.N.F. (2005). “Um só coração e uma só alma”: As influências da ética romântica na intervenção educativa salesiana e o papel das atividades corporais. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.  
Orientador: Prof. Dr. Hugo Rodolfo Lovisoló.

## RESUMO

A Obra Salesiana teve início com um homem - o sacerdote-educador italiano João Bosco (Dom Bosco:1815-1888)- que viveu, em seu contexto histórico, o fervor do crescimento do movimento romântico. De acordo com meus estudos anteriores (Borges, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2002, 2004), tive indícios para suspeitar da aproximação entre sua obra e os traços daquele movimento, o que teria contribuído significativamente para o crescimento da mesma, ainda auxiliado pelo grande impulso tecnológico que teve lugar na segunda metade do século XIX. É o trato dessa possível inter-relação que se constituiu o objeto deste estudo: a possível presença da Ética Romântica influenciando a intervenção salesiana (de Dom Bosco), auxiliada pelo movimento de “tecnologização”, o que viria a erigir os salesianos como uma força dentro da estrutura eclesial católica e enquanto agência de Educação com um sistema formal e informal de ensino. Ao considerar a significativa relevância das atividades corporais na Proposta Educativa Salesiana (Borges, 2000a), pude observar que algumas categorias com elas relacionadas ainda precisavam de melhor tratamento teórico. Na experiência de Dom Bosco, as atividades corporais estiveram atreladas ao tripé de sustentação da proposta, constituído pela *Razão, Religião e Amorevolezza* (amabilidade). Razão e Religião têm estado tradicionalmente relacionadas na História da Educação, portanto, penso que a *amorevolezza* seja um diferencial entre a Proposta Salesiana e as demais. A intervenção salesiana na Educação desenvolveu-se de forma significativa até os nossos dias, e como toda intervenção não está isenta de uma ética que a origine e oriente, pensei que um problema central seria descobrir qual foi essa ética original. As evidências que sustentaram a hipótese principal são encontradas nas fontes primárias e secundárias disponíveis para o estudo: relatos autobiográficos e outros documentos escritos por Dom Bosco; biografias e registros de suas falas, escritas por seguidores; e a vasta produção da Tradição Salesiana. Assim, seguindo minha intuição, tomei como categorias centrais de análise a *amorevolezza, a alegria e o protagonismo juvenil*, devido às estreitas relações que mantêm entre si, com as atividades corporais e com os elementos do movimento romântico: autenticidade, intuição, busca de superação, espírito revolucionário, entre outros. De posse das fontes, fiz o exercício da análise de conteúdo dos textos para inferir que a intervenção pedagógica salesiana (de Dom Bosco) foi influenciada pela Ética Romântica, uma vez que a experiência pedagógica particular do fundador parece ter inspirações românticas. As fontes também indicaram que a influência romântica foi auxiliada pelo movimento de tecnologização ocorrido naquele período, porque Dom Bosco, vanguardista, fez uso dos recursos modernos para implementação de sua Proposta Educativa. Finalmente, viu-se que a iniciativa de Dom Bosco foi similar a outras intervenções ocorridas nos séculos XV e XVI com Vitorino da Feltre e Felipe Nery, respectivamente. Sugeri, então, como hipótese *ad doc*, que a iniciativa de Dom Bosco seria uma modernização das anteriores, que logrou sucesso maior em função de sua aproximação com a Ética Romântica e com o movimento de tecnologização, ambos ocorridos no oitocentos.  
Palavras chave: Educação Salesiana, Ética, Romantismo, Atividades Corporais.

BORGES, C.N.F. (2005). "One heart and one soul": The influences of romantic ethics in the salesian teaching intervention and the role of body activities. (Doctorate Theses). Rio de Janeiro: Gama Filho University (Graduate Program on Physical Education).  
ADVISER: Professor Dr. Hugo Rodolfo Lovisololo.

#### ABSTRACT

The Salesian work began with one man – the Italian priest and teacher João Bosco (Dom Bosco: 1815-1888)- who lived, in his historical context, the birth of the Romantic Movement. According to my previous studies (Borges, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2002, 2004), I had proof to believe that his work and some traces of the movement were intrinsically connected, what would have contributed significantly to the growth of the same, pushed and helped by the great technological improvement that took place in the second half of the XIX century. It's this possible relation that constitutes the object of this paper: the possible presence of the Romantic Ethics as influence to the salesian intervention (Dom Bosco's), helped by the "technologization" movement, what would bring up the salesians as a force inside the catholic church structure and as a education agency with a formal and informal teaching system. By considering the significant relevance of the body activities in the Salesian Educational Proposal (Borges, 2000a), I could verify that some categories related to it still needed some theoretical improvement. In Dom Bosco's experience, body activities were bound to the tripod of ideas that held the proposal together, constituted by *Reason, Religion and Amorevolezza* (likeability). Reason and Religion have been traditionally related in Education History, therefore, I consider that *amorevolezza* is a differential between the Salesian Proposal and all the others. The salesian intervention in Education developed significantly until today and as all interventions are not free from an ethic code that supports and guides them, I thought that a main issue would be to find this original ethics. The evidence that support the main hypothesis are found in primary and secondary sources available for study: self biographical stories and other documents written by Dom Bosco; biographies and records of his sayings, written by followers; and the vast production of the Salesian Tradition. Therefore, according to my intuition, I took as central analysis categories the *amorevolezza*, the joy and the juvenile leadership, due to the close relation that they have, with the body activities and the romantic movement elements: authenticity, intuition, search for transcendence, revolutionary spirit, amongst others. Taking hold of the sources, I did the content analysis of the texts to infer that the pedagogical Salesian intervention (Dom Bosco's) was influenced by the Romantic Ethics, once that the private pedagogical experience of the founder seems to have romantic inspirations. The sources would also indicate that the romantic influence was helped by the "Technologyzation" movement of that period because Dom Bosco, ahead of his time, made use of modern resources to implement his Educational Proposal. Finally, it is easy to notice that Dom Bosco's initiative was similar to other interventions that took place in the XV and XVI centuries with Vitorino da Feltre and Felipe Nery, respectively. I suggested, then, as *ad doc* hypothesis, that Dom Bosco's initiative would be an upgrade on the others, that achieved higher success due to its closeness to the Romantic Ethics and the "Technologyzation" movement that took place in the eight-hundreds.

Key – Words: Salesian Education, Ethic, Romanism, Body Activities

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>CAPÍTULOS</b>	
INTRODUÇÃO.....	01
. Apresentação.....	01
. Problematizando.....	06
. Construindo hipóteses.....	07
. Limites do estudo e caminhos metodológicos.....	16
. Estrutura do estudo.....	17
I PARTE: UM HOMEM, UMA IDÉIA, UMA EXPERIÊNCIA.....	20
. Traço biográfico de Dom Bosco e as providências para a ereção e desenvolvimento de sua obra.....	21
. Algumas marcas características da Educação Salesiana.....	33
. Por uma educação humanista não paternalista: <i>O Protagonismo Juvenil</i> .....	47
. Uma outra leitura: A salesianidade para além da Tradição Salesiana.....	57
II PARTE: EM BUSCA DAS RAÍZES DO ORATÓRIO SALESIANO: O HUMANISMO RENASCENTISTA DE VITORINO DA FELTRE E FELIPE NERI.....	78
. Vitorino da Feltre e Felipe Neri: diferentes nos estilos de vida, semelhantes na missão.....	83
. Humor, riso, alegria: todos combustíveis do homem feliz.....	94
. Valdocco: novos tempos da Casa Giocosa e do Oratório de São Girolamo da Caridade.....	113
III PARTE: UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA: POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DA ÉTICA ROMÂNTICA E DO MOVIMENTO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA INTERVENÇÃO SALESIANA.....	136
. Ética: fragmentos conceituais filosóficos.....	142
. O oitocentos: rastros da trajetória romântica.....	149
. O movimento de inovação tecnológica: relações de proximidade com o catolicismo.....	159
. Verba de Dom Bosco: pistas da presença da Ética Romântica.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
. Localizando o estudo.....	199
. Um itinerário da experiência educativa e fatores a ela associados .....	201
. A modo de conclusão.....	209
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	212

## INTRODUÇÃO

### Apresentação

A obra salesiana teve início com um homem - o sacerdote-educador italiano João Bosco (Dom Bosco:1815-1888)- que viveu, em seu contexto histórico, o fervor do crescimento do movimento romântico. Daquilo que já tive a oportunidade de discorrer em outros trabalhos (Borges, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2002, 2004), tenho fortes motivos para suspeitar da aproximação entre sua obra e os traços daquele movimento, o que teria contribuído significativamente para o crescimento da mesma, ainda auxiliado pelo grande impulso tecnológico que teve lugar na segunda metade do século XIX. É o trato dessa possível aproximação que passará a constituir objeto deste estudo: a possível presença de uma Ética Romântica influenciando a intervenção salesiana (de Dom Bosco), auxiliada pelo movimento de “tecnologização”, o que viria a erigir os salesianos como uma força dentro da estrutura eclesial católica e enquanto agência de educação com um sistema formal e informal de ensino.

Família Salesiana<sup>1</sup>, e termos afins, estão relacionados à obra de Dom Bosco, e dentre os elementos específicos de sua obra que pressuponho aproximação com o Romantismo, tomarei como foco àqueles relacionados com os recursos que mais foram utilizados para o desenvolvimento de sua proposta educativa: as atividades corporais<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O termo salesiano (a) foi utilizado por Dom Bosco para designar seus seguidores. O termo em questão é uma homenagem a São Francisco de Sales, santo da Igreja Católica muito admirado pelas suas virtudes. Os principais grupos são os diretamente fundados por Dom Bosco: Salesianos de Dom Bosco (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), Salesianos Cooperadores (SSCC). Depois destes, foram associados muitos grupos ao Carisma de Dom Bosco, cujo conjunto denomina-se de Família Salesiana.

<sup>2</sup> Estarei utilizando a denominação de atividades corporais porque pretendo transcender a referência à Educação Física e aos esportes. Pretendo tratar de todas as manifestações culturais realizadas no tempo e ambiente escolar que não se caracterizam como próprios desse tempo e ambiente e que envolvem movimentos, entre as quais estarão: a música, o teatro, a dança, os passeios.

A História da Educação, quando estudada nos mais diferentes contextos, freqüentemente nos permite encontrar as atividades corporais contidas nas diversas propostas educacionais. As incorporações dessas atividades tiveram funcionalidades específicas em diferentes propostas, sendo que meu foco de atenção tem se dirigido para as iniciativas educativas católicas, em função da significativa tradição que a Igreja Católica vem construindo. A tradição a qual estou me referindo tem um marco significativo encontrado na proposta educativa original das escolas dos religiosos da Companhia de Jesus (jesuítas), quando as atividades corporais compunham o programa de ensino (chamado *Radio Studiorum*) daquelas escolas com a perspectiva de uma educação centrada na Religião. Muitas propostas religiosas podem ser apreciadas a partir da concepção iniciada pelos jesuítas, contudo, parece que no século XIX, a presença das atividades corporais passa a adquirir outras configurações no seio de propostas pedagógicas religiosas, como se pode observar nos estudos de Adão (1994), Silva (1998) e (2002), Orofino (1999), Borges (2000a) e Monteiro (2000), entre outros que abordaram as atividades corporais atreladas nas propostas educativas dos Maristas, Lassalistas, Salesianos, entre outras que se desenvolveram contemporaneamente.

Quando procuramos algo de comum entre as propostas educativas religiosas, vemos que na intencionalidade central de educar dentro da doutrina religiosa, as práticas de atividades corporais foram desenvolvidas na mesma perspectiva indicada pela História da Educação Física, isto é, ora com a preocupação centrada no desenvolvimento físico<sup>3</sup>, ora pensando nessas atividades como ferramenta auxiliar na consecução da educação integral.

---

<sup>3</sup> A terminologia aqui transcende a simples preocupação com o corpo no aspecto somático. As atividades físicas no período estavam centradas em aspectos higienistas, cognitivistas e mesmo moralistas, conforme se pode constatar nos estudos de Chervel (1990), Soares (1994), Bracht (1997), entre outros.

Apesar de encontrarmos pontos comuns entre as propostas, também existem elementos particulares em cada uma, os quais, uma vez identificados e estudados, permitem estabelecer a especificidade de cada proposta. Particularmente, tenho estudado a Proposta Educativa da Família Salesiana, assim como os significados das atividades corporais que nela estão incorporadas.

Família Salesiana é o nome dado ao grupo religioso vinculado à Sociedade Religiosa denominada de Sociedade de São Francisco de Sales (salesianos). Apesar de existência recente (século XIX) se comparados a ordens tradicionais que atuam na esfera da educação na estrutura eclesial católica, os salesianos apresentam crescimento em grandes dimensões em se tratando de rede de instituições e número de religiosos, uma vez que, quantitativamente, é uma congregação religiosa equiparada aos jesuítas, sendo estes bem mais antigos no clero religioso. Por isso tenho sido instigado a olhar o papel das atividades corporais enquanto um dos elementos da proposta educativa desse grupo que tem conseguido tal expressão no âmbito da Educação.

A Obra Salesiana se inicia com experiência pessoal de Dom Bosco, que em Turim/Itália no século XIX, inicia uma intervenção educativa em favor de meninos em situação *periclitante*<sup>4</sup> tomando como estratégia a instituição denominada de *Oratório Festivo*.

Os Oratórios surgem como uma rede de instituições adequadas aos tempos difíceis vividos pelos menores na Itália pós-revolução industrial. Consistia de um

---

<sup>4</sup> Este termo é muito utilizado nas biografias de Dom Bosco para indicar os meninos que na Itália da segunda metade do século XIX, vivendo as consequências da Revolução Industrial, encontravam-se abandonados, órfãos, perambulantes pelas ruas, explorados como força de trabalho, enfim, em situação perigosa de vir a perder-se como cristão e cidadão. Dom Bosco considerava jovens em maior perigo aqueles abandonados à própria sorte, de modo especial àqueles que deixavam as cadeias e por falta de oportunidades para lá voltavam novamente. Parece existir aqui um aspecto similar às iniciativas de inclusão social, tão enfatizadas na contemporaneidade. Nesse caso, talvez a iniciativa de Dom Bosco pudesse se caracterizar como vanguarda no seu tempo, contudo, parece que se constituía em algo reeditado, conforme poder-se-á comentar adiante.

ambiente onde as crianças e os jovens eram reunidos para a Catequese da Igreja e brincar, desta forma ficando livres da desocupação e da marginalidade. Bosco (1993) cita as experiências em Oratórios desde 1809, mas o Oratório Salesiano de Dom Bosco surge somente em 1841, sob a forma de *Oratório Festivo* (por funcionar primeiramente somente aos domingos e dias festivos), e onde ocorria além da prática de atividades de formação para o trabalho, como: o ofício de alfaiate, carpinteiro, sapateiro; também a prática de atividades de arte e diversão, como: música, fanfarra, teatro, jogos, entre outras.

O Oratório, na obra de Dom Bosco, constitui-se como um ambiente físico de educação, mas também se caracteriza como uma experiência pedagógica orientada por princípios que, reunidos, constituem o que ele mesmo denominou de *Sistema Preventivo*. Tal denominação surgiu da diferenciação que Dom Bosco dizia existir entre dois sistemas de educar: o repressivo, que utiliza a punição, a ameaça, o autoritarismo; e o preventivo, que utiliza a assistência, a persuasão e a afetividade.

Desde que passei a estudar o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, penso que, em meio a tantos elementos característicos de sua iniciativa educativo-pastoral, há três deles cuja vivência, recomendada pelo fundador, permitem identificar as particularidades dessa Proposta Educativa em relação às demais propostas religiosas católicas. Esses elementos são: a *amorevolezza*<sup>5</sup>, o *protagonismo juvenil e a alegria*, os quais desde a origem se constituíram nos fundamentos da educação promovida no Oratório. Esses três

---

<sup>5</sup> Em trabalho anterior (Borges, 2000), deixei registrado que segundo Scaramussa, (1984. p. 15) "Não há um correspondente em língua portuguesa que traduza adequadamente todo o sentido que a palavra *amorevolezza* tem para Dom Bosco. Termos afins, como cordialidade, amabilidade, afeto, amor...não esgotam suficientemente o seu significado". No entanto, essa afirmativa será reconsiderada no presente estudo em função do encontrado na obra de Spinelli & Casasanta (1957: p. 37), segundo qual *amorevolezza* teria o significado de afabilidade, benevolência. Na perspectiva do presente estudo, a idéia de *amorevolezza* tende a ser recorrente enquanto um elemento da Educação Salesiana próximo ao Romantismo, de forma que adiante a retomarei para análise.

elementos<sup>6</sup> se constituem agora como categorias, e que serão “fios condutores” do estudo.

No Oratório de São Francisco de Sales – o Oratório de Dom Bosco - a prática educativa era desenvolvida com ênfase em três dimensões: a) na prática de atividades religiosas (tem a capela como símbolo); b) na aprendizagem de ofícios (tem a oficina como símbolo); c) na prática de atividades corporais, especialmente centradas na recreação (tem o pátio como símbolo)<sup>7</sup>. O próprio Dom Bosco, em seus escritos, diz que há uma simbiose entre essas dimensões no Oratório, isto é, o grau de importância é igual entre todas, e de tal forma entrelaçadas que cada uma não existe na ausência das outras.

Uma vez notada a importância do Oratório para a Prática Educativa de Dom Bosco, é possível observar em diversos estudiosos da Tradição Salesiana, como Azzi (1982), que toda casa (idéia de ambiente onde se vive em clima de família) fundada por Dom Bosco, como também as posteriormente fundadas pelos salesianos - seus seguidores - iniciaram sob a expressão de *Oratório Festivo*. Isto em si, relacionado com o exposto anteriormente, é bastante para ilustrar que no seio de toda a Tradição Salesiana, tendo o Oratório como palco das ações educativas, as atividades corporais sempre tiveram lugar de destaque, em função dos valores que o próprio fundador as atribuía. Essa significação das atividades corporais na iniciativa educativa de Dom Bosco já foi identificada em um estudo anterior (Borges, 2000a), porém, ainda é preciso investigar como os elementos particulares nas atividades corporais se tornaram

---

<sup>6</sup> Os elementos em foco –*amorevolezza*, *protagonismo juvenil e alegria* - são categorias imbricadas no *Sistema Preventivo de Dom Bosco* e a compreensão de cada uma torna-se tão importante que merecerão abordagens mais aprofundadas no interior do trabalho

<sup>7</sup> Note-se que estes elementos formam uma tríade. O termo tripé é bastante utilizado na Tradição Salesiana. Lovisolo, em depoimento, atribui a recorrência dessa imagem, ao fato de tripé representar a estrutura mínima de sustentação de alguma coisa (idéia de mesa). As três dimensões presentes na prática de Dom Bosco provavelmente se relacionam com a idéia de suficiência para a perfeição, expressa pela representação dogmática da Santíssima Trindade.

relevantes no *Sistema Preventivo de Dom Bosco* e como desenvolveram tal função, de maneira que tenham contribuído para a consolidação de tal proposta. Diante dos estudos até aqui realizados, reafirmo minha intuição sobre a *amorevolezza*, o *protagonismo juvenil* e a *alegria* como sendo os elementos imbricados em todas as dimensões que constituem o Oratório, e que particularmente desempenharam função significativa no desenvolvimento da Obra Salesiana, portanto, sobre os quais deverá se debruçar a investigação.

### **Problematizando**

Nas referências bibliográficas sobre a Tradição Salesiana encontramos a informação de que, além dos *Oratórios Festivos*, a obra iniciada por Dom Bosco apresenta-se hoje sob a forma de outras expressões. Assim, temos as escolas, as obras sociais, as paróquias, as casas de formação, as missões, os centros juvenis, entre outras, todas destinadas ao serviço à juventude e às classes populares segundo as orientações do fundador, embora os estudos de Borges (2000a) tenham identificado pontos de fidelidade e infidelidade às idéias originais do fundador.

Creio que enquanto experiência de intervenção<sup>8</sup>, a Proposta Educativa de Dom Bosco não está isenta de uma ética que a origine e oriente. Tenho a intuição de que essa ética possa ser o diferencial que tenha conduzido a Proposta Educativa Salesiana às dimensões que hoje se apresentam, portanto, é a partir da busca da ética de orientação que pretendo iniciar uma observação mais cuidadosa de tal proposta. Afinal, qual é a ética da intervenção pedagógica oratoriana de Dom Bosco e de que maneira orienta os elementos da proposta como a *amorevolezza*, o *protagonismo juvenil* e a *alegria*?

---

<sup>8</sup> O próprio Dom Bosco afirmava que sua prática educativa não era um tratado de pedagogia, mas uma experiência de vida junto aos meninos em situação “periclitante”.

No sentido de direcionar melhor a busca de respostas para a questão levantada, proponho outros questionamentos que possam nortear um itinerário metodológico consistente, os quais podem assim ser estruturados: quais as inspirações do fundador? Quais as condições para a construção da proposta de intervenção pedagógica oratoriana no século XIX? O que tornou possível a consolidação e expansão da proposta oratoriana Salesiana para além do Oratório Primitivo?

Portanto, ao descrever a intervenção pedagógica do sacerdote João Bosco na segunda metade do século XIX tomando como foco as atividades recreativas e de expressão artística (denominada de pedagogia oratoriana) a partir do tratamento de três elementos específicos - *amorevolezza*, *alegria* e *protagonismo juvenil*, pretendo descrever qual a ética que permeia a Proposta Educativa Salesiana de maneira que possa explicar como esta proposta se construiu e se consolidou a ponto de expandir-se para as dimensões atuais a partir de uma experiência específica localizada na Itália oitocentista.

### **Construindo Hipóteses**

Os escritos do fundador e os registros dos biógrafos sobre algumas de suas falas em conferências são textos que mostram a intervenção pedagógica salesiana como sendo permeada pela Ética Romântica, uma vez que a experiência pedagógica particular do fundador parece ter inspirações românticas. Assim é que, seguindo minha intuição, os elementos particulares da Proposta Educativa Salesiana tomados como categorias centrais presentes nas fontes a ser apresentadas nesse estudo: *amorevolezza*, *alegria* e *protagonismo juvenil*, todas caracterizadas na investigação como pilares da Tradição Salesiana, constituir-se-ão como categorias de análise pela relação próxima que as mesmas mantêm com elementos da tradição romântica, tais como a autenticidade, impulso ao vanguardismo, espírito revolucionário, busca de superação, entre outros,

além da forte presença desses elementos da salesianidade na vivência das atividades corporais (realizadas, sobretudo, no pátio).

Quando tomo a tradição romântica e alguns de seus elementos, devo esclarecer que o Romantismo do qual estou falando se constitui como uma corrente sócio-política que se desenvolveu, sobretudo, a partir do século XIX, mas que tem raízes anteriores a esse período e precisa ser considerada de forma inseparável das suas manifestações culturais e literárias. Diante de suas múltiplas formas de manifestação, o Romantismo muitas vezes se apresentou simultânea ou alternadamente em dimensões contraditórias como revolucionário e contra-revolucionário, individualista e comunitário, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, entre outras contradições internas, as quais podem ser vistas como o único ponto de coesão no mesmo, uma vez que Klaus, citado por Campbell (2001), nos diz que até mesmo se revoltar contra o Romantismo demonstrava um comportamento romântico.

A rebelião é, portanto, a marca do romântico, assim como o inconformismo diante dos valores estabelecidos e que o impulsiona à busca de novas escalas de valores. Esse comportamento não parece longe do comportamento de Dom Bosco diante da realidade de Turim no oitocentos, principalmente diante da condição “periclitante” dos meninos vitimados pelo contexto sócio-político de então, o que exigia dele reações rápidas e eficazes.

A reação de Dom Bosco diante da situação não era exclusiva naquele momento, porque outras iniciativas de religiosos com diferentes modalidades de ação se manifestaram em favor das classes populares, e todas podem ter sido influenciadas pelo Romantismo. Isso é compreensível quando encontramos em Löwy (1990), entre outros

autores, a afirmação da estreita ligação do Romantismo, sobretudo na segunda metade do século XIX, com a Religião. Todos os temas românticos, em alguma dimensão, convergiam para discussões religiosas, fazendo com que a Religião se tornasse o problema da Filosofia e essa grande identificação entre as duas áreas consistia na grande tendência do movimento romântico. Esses fatos em si, somados aos aspectos característicos da ação de Dom Bosco, ambos nos dão evidências quanto à possibilidade de influência romântica na sua experiência educativa.

Apesar da possibilidade levantada, muito do que já se escreveu sobre Dom Bosco e sua obra, especialmente a produção da Tradição Salesiana, parece encontrar uma estreita aproximação de Dom Bosco e sua obra com o Realismo. É bem verdade que o próprio Dom Bosco atribuía sua obra a duas grandes forças propulsoras: a inspiração Divina e o clamor da realidade social (sobretudo dos meninos), e é provável que essa última motivação fomenta as justificativas da aproximação com o Realismo. O que irei argumentar nesse trabalho está para além da negação dessa relação, mesmo porque terei a oportunidade de mostrar que a perspectiva romântica com a qual a obra de Dom Bosco mantém aproximação não está em oposição ao Realismo, porque não se encontra em uma dimensão idealista.

O termo “Realismo”, mesmo a partir de sua origem literária, sugere e indica idéias limitadas. Fanger (1970) diz que o Realismo surgiu como um termo filosófico para fundamentar categorias platônicas e surgiu no seio do Romantismo, tendo compartilhado muito de seus impulsos. Porém, em meados do século XIX (o que nos interessa) foi tomado por um grupo de romancistas franceses como um grito de batalha contra o Romantismo, uma reação contra o credo e o estilo romântico. Então, a

princípio, pode-se dizer com Harry Levin citado por Fanger (1970), que o realista seria “um idealista reformado”. Sobre essa transição, falarei um pouco mais adiante.

Do ponto de vista histórico, pode-se dizer que o Realismo se apresenta em dois sentidos: primeiro como uma forma definida, que pode ter existido desde a Antiguidade como manifestação concreta dos fatos ou na poética clássica; em segundo lugar, o Realismo pode ser tomado somente como um fato histórico mais recente (aí nos interessa), cuja explicação se mantém nos limites de sua história literária.

Um problema no Realismo é que, assim como no Romantismo, existe confusão terminológica. Assim, a palavra teria surgido primeiro como um lema ou uma espécie de apelo publicitário, o qual entrou em uso antes de dotar-se de significação completa. A confusão terminológica fez com que se acentuasse o problema de conceituação, assim como havia confusão também entre os cânones neoclássicos e românticos, sobretudo na primeira metade do século XIX, quando surge o Realismo.

A confusão terminológica que atingia Realismo e Romantismo simultaneamente, fez com que se identificasse uma tendência mesclada, sobretudo na literatura, a qual foi denominada de Realismo romântico, e teve em Balzac, Dickens e Gogol seus principais representantes.

No Realismo romântico se encontra um dogma essencial do Romantismo: a capacidade de imaginação para atribuir poderes. Desse dogma deriva uma tendência que pode ser considerada mitológica, no sentido de que, na tentativa de se retratar um mundo real, qualquer um pode estar fazendo dentro de sua visão de mundo, a qual pode ser autobiográfica.

O Realismo apresentou-se muitas vezes como a maneira dos românticos exagerados apresentarem suas idéias, o que se realizou com bastante uso da ironia e do

grotesco. Do ponto de vista literário, encontra-se muito dessa tendência discorrendo sobre temas urbanos, tendo portanto os acontecimentos da cidade como pano de fundo. É que, todos os fatos ocorridos no cenário urbano, com suas trapalhadas envolvendo os cidadãos e o poder instituído, constituíram-se em material rico para as produções irônicas dos realistas românticos.

A experiência de Dom Bosco em Valdocco/Turim está mergulhada nesta perspectiva de vida na cidade, com seu contexto turbulento daquele período de crise experimentado pela Itália de meados do oitocentos. Esse mesmo contexto social, político, religioso envolvia conseqüentemente a ação de Dom Bosco, embora o fizesse com ponderação e estilo próprios.

Nesse ponto, apresento um pequeno quadro da inserção de Dom Bosco na realidade social, a qual embora muitas vezes profunda no atendimento às necessidades dos meninos (*periclitantes*), como já tive a oportunidade de mencionar, mostrou-se muitas vezes reticente quanto a uma participação efetiva no contexto maior.

Bosco (1993) diz que em 1848, falando ao Bispo de Cremona, Dom Bosco falou: “Percebi que, se quisesse fazer algum bem, devia deixar de lado toda política. Guardei-me sempre dela e assim pude fazer alguma coisa sem obstáculos; antes, encontrei alguma ajuda onde menos esperava” (p.242). Para compreender essa fala, torna-se necessário pinçar na tradição que posicionamentos Dom Bosco adotou, então, com relação à Política.

Bosco (1993), Wirth (1968) e Ceria (1989), são alguns autores da tradição que nos indicam alguns posicionamentos: Um primeiro que parece significativo, é a intencionalidade de aversão a qualquer vínculo partidário. Para Dom Bosco, a salvação das almas, a necessidade de alimentar e educar a juventude eram prioridades e, a toda

essa empreita, ele denominou de “política do Pai-Nosso” (diante da prioridade estabelecida, esperava contar com auxílio de vários colaboradores, vinculados a diferentes vertentes políticas).

Um segundo ponto a considerar é que, apesar de ter se declarado fora dela, Dom Bosco fez muita política, mas na maior parte das vezes esteve ao lado dos conservadores (prós-austríacos). Isso é compreensível, se observarmos, em suas biografias, que nos tempos de seminário Dom Bosco teve acesso a muitas encíclicas que davam ênfase ao papel protecionista da Áustria para com o Papa. Seus biógrafos, sobretudo Bosco (1993), dizem que isso poderia ser mais uma atitude de fé do que política.

Em terceiro lugar, quando era envolvido pelas possibilidades de adesão política, isto é, quando a necessidade o impelia a manifestar-se em alguma querela, Dom Bosco sempre manteve um alinhamento com aquilo que preconizava as opções papais, ou melhor, com aquilo que era orientado pelo Pontífice.

Bosco (1993) diz que Dom Bosco, assim como a Igreja, ambos viveram sobre um divisor de águas no que diz respeito a duas idades do mundo. Diante das conseqüências graves observadas no período de Revolução Industrial, quando as fábricas geravam uma multidão de miseráveis, a Igreja optou por um modelo intervencionista orientado pela beneficência organizada e, nesse ponto, tiveram bastante importância os seguidores de São Vicente de Paula. Mas, Dom Bosco percebeu logo que somente a beneficência não era suficiente, era necessário algo que promovesse os indivíduos. Nesse sentido, Dom Bosco tinha a estratégia do súbito (já, logo), com comida instrução profissional e emprego protegido por bons contratos, então, ao mesmo tempo em que dava assistência imediata, dava possibilidade de algum crescimento qualitativo.

Diz-se que Dom Bosco não entrou no embate social, nem se alinhou diretamente, até porque naqueles tempos tornar-se um padre social, como ele mesmo dizia, significava posição contra os ricos e burgueses, os quais o ajudavam freqüentemente na sua obra. Assim, fez a opção pela posição mediadora, que não tomava partido nos embates, e quando preciso, a palavra do Papa era o ponto final.

Diante do exposto, com a intervenção de Dom Bosco esbarrando em alguns limites daquilo que poderia se caracterizar como atitudes orientadas no Realismo puro, parece ganhar força a suposição de que suas ações em favor dos jovens e classes populares fossem orientadas pela sua intuição e pelo seu impulso, e sem deixar de localizá-lo em alguma dimensão do movimento Realista, o aproximam de uma forte influência romântica.

Mas a intervenção de Dom Bosco parece ter algo mais do que essa possível influência romântica. Quando ainda revisava entre os escritos do fundador e os registros dos biógrafos sobre as falas em conferências, pude encontrar evidências de que muitas de suas ações se inspiraram em um movimento educativo-pastoral antigo no seio da tradição religiosa, vivenciada no século XVI por Felipe Néri. Nesse caso, segundo a fundamentação preconizada pela História Nova, sobretudo nos pressupostos defendidos por Le Goff, a intervenção de Dom Bosco se caracteriza como um modernismo daquele movimento de Felipe Neri, que, no entanto, de acordo com minha suposição, somente se tornou possível no século XIX em função da proximidade com o Romantismo, e como também tentarei mostrar, aliado ao movimento de industrialização nos oitocentos.

Minhas afirmações encontram âncora em um quadro teórico que parte dos documentos próprios da Tradição Salesiana, especialmente das Memórias Biográficas de Dom Bosco e seus Escritos Espirituais (especificamente as biografias de seus ex-

alunos - Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco, considerados modelos de sucesso na aplicação do seu sistema e canonizados pela Igreja Católica; regulamentos das casas; cartas aos seus seguidores; e o importantíssimo Panegírico de Felipe Neri). Para mostrar as evidências que me possibilitem argumentar as suposições do estudo, pretendo confrontar as fontes com a abordagem de Le Goff (antigo moderno); Biografia de Felipe Neri (essa mesma atrelada a experiências do século XV, como a experiência de Vitorino da Feltre); História da Itália no século XVI e XIX, contexto do Renascimento X contexto do final do século XVIII e início do século XIX (era das revoluções, no dizer de Hobsbawm); referências da Ética Romântica segundo Collin Campbell, e fundamentos teóricos do movimento romântico, encontrados nos trabalhos de Guinsburg, Löwy & Sayre, Jobim, entre outros. No que diz respeito às minhas afirmativas sobre a Ética fez-se mister uma revisão conceitual a partir da Filosofia e, finalmente, um suporte de minha suposição quanto à ética de Dom Bosco para além de sua relação com o Romantismo, sustenta-se na literatura que relaciona o Desenvolvimento Tecnológico e Religião, tomando como ponto de partida os estudos de Michel Lagrèe. Toda a discussão não deve prescindir de tomar como foco principal da intervenção religiosa a utilização de jogos, música, teatro, passeios, como artífices do prazer, recursos da educação.

Alguns pontos já se podem destacar como importantes para considerações relevantes do estudo:

**- Dom Bosco é considerado educador de vanguarda pela Tradição Salesiana, embora pela condição de ter sido mais um prático do que um teórico não tenha lhe rendido um destaque significativo na História da Educação<sup>9</sup>. Mesmo diante de**

---

<sup>9</sup> A obra de Dom Bosco tem sido encontrada em alguns registros na História da Educação em autores clássicos desse campo, como Larroyo (1974) e Luzuriaga (1978). Em muitos desses

**uma intervenção essencialmente prática, seus méritos poderão ser considerados limitados (sem nenhum demérito) se considerarmos suas ações como consequência de um movimento de modernismo da Igreja Católica e, desta forma, devermos dar lugar a outros personagens que anteciparam alicerces históricos para tal proposta (como Felipe Neri, e Vitorino da Feltre)**

**- Na Tradição Salesiana, Dom Bosco é tido como de uma fidelidade exemplar ao Papa e à doutrina da Igreja Católica. Le Goff (1996) disse que no século XIX, a Igreja se declarou antimodernista com o *Syllabus* do Papa Pio IX, em 1864, posição ratificada por Pio X, na Encíclica *Pascendi*, em 1907. Entre meados do século em questão e início do século seguinte, a mesma Igreja entrou em um paradoxo na ambigüidade antigo-moderno, principalmente a partir da encíclica de Leão XIII (*Rerum Novarum*) de 1891. Já desde o primeiro momento, Dom Bosco, viveu o paradoxo, de estar atrelado à figura do Pontífice e ter construído um movimento de modernização da Igreja pela educação. Isto somente foi possível se considerarmos sua intuição e impulsão para o agir, que conforme terei a oportunidade de demonstrar, aproximaram-no do Romantismo.**

---

autores, a obra educativa daquele sacerdote educador é exaltada como tendo uma importância dentro de um contexto histórico, político, social. Contudo, existem autores, mesmo clássicos também, que não dão relevância à Obra de Dom Bosco, e uma possível explicação para essa atitude, é a de que os estudiosos e historiadores da Educação parecem valorizar muito mais aos teóricos do que aos práticos. Por esse ponto de vista, talvez entendamos porque existem, por exemplo, tantos escritos sobre Pestalozzi e poucos sobre William Moore (grande educador americano que prestou grandes serviços a crianças especiais, mas, cuja obra é vagamente registrada). Manacorda (1997), apesar de exaltar algumas das características intervencionistas de Dom Bosco, como a reflexão pedagógica e a educação popular profissional; acusa o método educativo como precipitado e inconstante, o qual somente alcançou sucesso pela mesclagem entre antigo e novo. Essa abordagem de Manacorda é fundamentada em apenas três citações documentais, o que pode ser considerado como insuficiente, diante da gama de estudos já produzidos sobre a obra daquele educador.

**Limites do estudo e caminhos metodológicos**  
**Este estudo é uma continuidade de outros trabalhos que venho**

**desenvolvendo, nos quais pretendo ir descobrindo questões que envolvem as atividades corporais e sua inserção nas propostas religiosas, nesse caso especial, a proposta salesiana. Todos os estudos realizados têm interfaces de áreas, assim como esse que hora se apresenta. A interface de áreas dificulta a tarefa de caracterizar esse trabalho como um estudo histórico, sociológico ou antropológico, ou mesmo pedagógico, embora com minha formação específica centrada na Educação Física eu sinta a necessidade das teorias advindas dessas áreas para me ajudarem na tarefa de elucidação do problema levantado.**

Uma preocupação que se faz importante ressaltar diz respeito às fontes. O fato de serem constituídas em grande parte por textos da Tradição Salesiana lhes dá o legado laudatório, o que algumas vezes enseja necessariamente um contraponto das concepções críticas fundamentadas principalmente no contexto de época. Além disso, descrevo-as como sendo primárias e secundárias, mas as fontes primárias as quais me refiro – pelo fato de serem escritos de Dom Bosco – são materiais do acervo da Casa Geral dos Salesianos, em Roma, nesse caso, o material que disponho é na grande maioria tradução dos originais em italiano, conseguidas junto ao Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, em Barbacena/Minas Gerais. Nesse caso, temo que a tradução, por mais fidedigna que seja, permita-me fazer interpretações com alguma fragilidade.

Diante do exposto, faço ver que, do ponto de vista metodológico, o estudo se constitui da análise documental das fontes encontradas. Para o cumprimento dessa tarefa tomo como referência as indicações de Souriox & Larat (2002) quanto a análise de texto, sobretudo considerando o conteúdo dos textos. É dessa forma que irei apresentando, dentro da Tradição Salesiana, os documentos biográficos de Dom Bosco

que registram o início de sua experiência pedagógica e que apontam o norte de intenção da intervenção. As considerações para argumentar a aproximação ética da intervenção com o Romantismo são encontradas nos escritos educativos-pastorais do fundador, porém, as provas são evidenciadas na observação de sua ação pastoral e de seus seguidores, a qual está registrada em volumosa publicação da Tradição Salesiana e História da Igreja. A questão de aproximação entre ação do fundador e a continuidade dessa ação pelos seguidores pode ser evidenciada na dimensão que a Obra Salesiana mantém atualmente na estrutura eclesial católica, contudo, os argumentos para afirmar que as ações posteriores a Dom Bosco são similares às desenvolvidas no Oratório Primitivo (do fundador) precisarão buscar âncora nas considerações de Weber sobre a rotinização dos carismas enquanto instrumentos de dominação, ainda que sejam possíveis distorções nas práticas atuais quanto a fidelidade à proposta original - no caso dos salesianos, faço lembrar que foram identificados em Borges (2000a) os aspectos de fidelidade e infidelidade ao carisma do fundador. Dessa forma, creio que as provas a ser apresentadas, confrontadas com a revisão de literatura caminharão para confirmar as afirmações tomadas como teses neste estudo.

### **Estrutura do estudo**

Procurei construir a estrutura do estudo sobre três pilares, o que conseqüentemente faz com que o trabalho se apresente em três partes: Na primeira, procurei apresentar os elementos da Tradição Salesiana e a figura do fundador. Minha intenção é a de situar o contexto histórico, político, social em que a Proposta Educativa Salesiana se estrutura e quais suas principais características, com alguma ênfase na *amorevolezza*, mas, sobretudo, no *protagonismo juvenil* como marca na tradição a partir da concepção do fundador. Em toda a abordagem inicial, todas as considerações são

feitas tomando como referência o papel das atividades corporais na Proposta Salesiana, desde a sua origem. O maior quantitativo de material para estruturar essa parte do estudo é encontrado na Tradição Salesiana, por isso mesmo, tive a intenção de encerrar a seção com uma revisão de literatura que permita um olhar diferenciado da tradição, a partir de referências externas à tradição que possibilitem um entendimento do contexto histórico-político-social e de como esse tornou possível o desenvolvimento da iniciativa do fundador.

A segunda parte tem como objetivo apresentar aquilo que eu considero as raízes da Proposta Salesiana: as experiências de Felipe Neri e Vitorino da Feltre. Para dar conta de mostrar evidências que indiquem similaridades entre os personagens e suas propostas, faço uma breve apresentação de Vitorino e Felipe, suas inspirações e suas obras. Nessa seção, pretendo não somente demonstrar a similaridade das propostas, como discorrer com fundamentação, sobre um dos elementos que considero central nessa similaridade: a alegria. Para isso, uma revisão sobre termos como humor, comédia e riso, faz-se necessária, no sentido de identificar uma base teórica sólida (e particular) da alegria enquanto pressuposto da Proposta Salesiana e sua localização em relação à Ética Romântica. O encerramento dessa parte é feito de forma apoteótica, uma vez que pretendi mostrar a similaridade entre as propostas através de uma prova fornecida pelo próprio Dom Bosco: O panegírico de Felipe Néri. É através desse documento que procurei evidenciar de forma mais clara que o fundador dos salesianos desenvolvia uma iniciativa não nova, mas que era urgente e encontrava possibilidades adequadas no seu tempo.

Na terceira parte, apresentarei referências e documentos da Tradição Salesiana, principalmente escritos do fundador, que confrontados com a tese de Collin Campbell e

os estudos de Michel Lagrèe, darão subsídios para que eu mostre as evidências e argumentos a favor de minha principal afirmação no estudo. Nesta parte é que posso mostrar que as condições do século, principalmente no que diz respeito às características do movimento romântico e ao desenvolvimento tecnológico, possibilitaram com que Dom Bosco desenvolvesse a proposta similar à de seus predecessores com maior envergadura do que aqueles. Os principais documentos apresentados são: A carta de Roma (de 10 de maio de 1884), a Carta Circular sobre os Castigos (1883), o Opúsculo ao Sistema Preventivo, trechos dos Regulamentos das Casas (principalmente do Oratório de São Francisco de Sales), trechos das biografias de Domingos Sávio, Miguel Magoni e Francisco Besucco (alunos de Dom Bosco).

Minhas considerações, longe de pretender fechar as portas para uma discussão sobre o papel das atividades corporais no ambiente e tempo escolar, apresentam-se como subsídio de debate, na medida em que aproximando a Proposta Salesiana da Ética Romântica, permeada de valores revolucionários, coloca as atividades corporais como essenciais no processo educativo. Tal concepção político-pedagógica faz com que questionemos qualquer proposta pedagógica escolar atual que pretenda integrar tais atividades em seu projeto educativo, inclusive a salesiana (em avaliação).

## **I PARTE: UM HOMEM, UMA IDÉIA, UMA EXPERIÊNCIA.**

A imensa Família Salesiana constituída de grupos religiosos e leigos espalhados pelo mundo inteiro a partir de uma tríade formada pelos religiosos da Sociedade de São Francisco de Sales (SDB - Salesianos de Dom Bosco), pelas religiosas do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA - Irmãs Salesianas) e pelos leigos da Associação dos Salesianos Cooperadores (SSCC – Salesianos Cooperadores), apresenta-se na atualidade como uma das forças eclesiais mais sólidas na estrutura orgânica da Sé Católica. Apesar da significativa presença e estruturação, além de contar com uma fileira de “santos” (canonizados) cujo mérito de reconhecimento eclesiástico é atribuído a uma vida regida conforme as orientações da Tradição Salesiana, o tempo de existência desse grande grupo de carisma específico tem pouco mais de cem anos e, embora possamos identificar alguns antecedentes na História, o marco inicial dá-se pela experiência original de um homem. Creio, portanto, que uma investigação sobre uma tradição, suas características e relações com a construção histórica universal e particular do cristianismo, deva partir de um olhar cuidadoso, embora de pouca extensão, sobre a figura do fundador.

Muito tem se escrito sobre Dom Bosco e sua obra, muitas vezes buscando na sua biografia elementos que mostrem a base de sua experiência pedagógica. Creio que se faz interessante nesse trabalho conhecermos o que se fala sobre esse educador, mas, sobretudo, creio que seja mais interessante conhecermos um pouco do que ele mesmo disse e escreveu sobre si mesmo. Para isso, recorrerei em algumas situações aos textos da autobiografia intitulada Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (Bosco, 1982), na qual Dom Bosco relata os primeiros quarenta anos de sua vida, e onde se pode

encontrar alguns detalhes importantes para argumentar a favor das hipóteses que levanto no estudo.

### **Traço biográfico de Dom Bosco e as providências para a ereção e desenvolvimento de sua obra**

João Melchior Bosco foi o nome dado a um garoto nascido em Castelnuovo d’Asti (a partir de 14.02.1930, Castelnuovo Don Bosco), um município a 28 Km de Turim/Itália, no ano de 1815. Terceiro dos três filhos de Francisco Luiz Bosco e Margarida Ochiena Bosco (que tiveram ainda José e Antônio, sendo este último filho apenas de Francisco em seu primeiro matrimônio), João perdeu seu pai ainda quando contava dois anos de idade. A infância de João Bosco foi vivida em meio a um ambiente rural, onde todos tinham que produzir para sobreviver. Margarida, mulher trabalhadora e de profundo credo religioso, assistia à família em tudo para que se mantivessem íntegros na religião e na honestidade, utilizando-se para isso de vários recursos que pudesse formar no cotidiano a cada membro de sua família. A mãe de Dom Bosco,

“embora no meio de gravíssimas preocupações pela sobrevivência da família, procurou sempre tornar agradável sua presença junto dos filhos. Margarida não se mostrava aborrecida com seus brinquedos às vezes barulhentos; ao contrário participava deles e, às vezes, inventava outros.”  
(Ceria, 1989. 1,51)

Na Tradição Salesiana acredita-se que esta vida familiar, sob assistência de Margarida, iniciou e determinou a obra de sacerdote e educador que marcaria o futuro de João Bosco.

Com problemas de relacionamento com Antônio, seu irmão mais velho e enteado de Margarida, foi obrigado cedo a sair de casa e experimentar a vida em casas

alheias. Movido pela força de um sonho<sup>10</sup> quando contava ainda nove anos, João estudava e trabalhava duro na perspectiva de vir a tornar-se padre.

Garoto de tipo físico avantajado, desde muito jovem Joãozinho - como o chamavam seus colegas – experimentou a prática de atividades corporais, com as quais divertia seus colegas e os ajudava a crescer em um ambiente alegre e sadio. Para conseguir seu intento, Joãozinho Bosco, nos domingos e dias santos, apresentava para os colegas brincadeiras e truques que aprendia nos mercados e nas feiras com artistas populares. “Com licença da mãe, toma parte nas festas da região e aldeias vizinhas” (Ceria, 1989. vol. I, 104), desta forma “...fazia jogos de prestidigitação, dava saltos mortais, imitava a andorinha, andava com as mãos, caminhava, saltava e dançava na corda como um saltimbanco profissional.” (Bosco, 1982. p. 25)<sup>11</sup>. Depois de algumas horas de diversão, os espectadores eram reunidos por um momento para ouvir a Palavra de Deus e fazer algumas orações. A quem se recusasse participar deste momento formativo, era negada a participação nos momentos de diversão.

Na escola, durante seus primeiros anos escolares, como também com os seus muitos companheiros quando em férias, Joãozinho fundou e manteve a “sociedade da alegria”. Era com os membros deste grupo que se realizavam aqueles momentos formativos regados a muitas diversões.

Fato importante a se destacar nesta fase da vida de Joãozinho Bosco é a sua convivência junto à família Moglia, a quem o enviara sua mãe, e a companhia do padre Calosso, sacerdote amigo e de profundo senso cristão que marcaria o sentido de

---

<sup>10</sup> Ver relato do “Sonho dos nove anos”, em Bosco (1982 p. 18).

<sup>11</sup> Sobre este assunto, ver também em Soares (1998: p. 17). A autora, estudando a ginástica no Sec. XIX relata que, entre outras atividades populares, o circo (palhaços, acrobatas, gigantes e anões,...) “é uma atividade que exerce grande fascínio na sociedade européia do Sec. XIX. Ali, o corpo é o centro do espetáculo, de todas as ‘ variedades’ apresentada pela multifacetada atuação de seus artistas”(p. 23). Talvez por isso, Joãozinho Bosco, que era profundamente identificado com a vida popular, tenha utilizado daquelas práticas para se aproximar das pessoas e conseguir seus objetivos.

familiaridade em João Bosco, fruto de diálogo íntimo e familiar no encontro com os jovens. Depois da morte do referido padre, João fora estudar em Chieri, onde segundo ele mesmo, teve os melhores anos de sua vida juvenil, quando pôde expandir toda a riqueza de sua personalidade, conforme atividades que já pudemos relatar.

Após a entrada no seminário, por volta dos vinte anos de idade, dando seqüência à sua formação para presbítero, João Bosco exercia ainda suas práticas de jogos para divertir seus companheiros, porém, já não mais realizava aqueles que poderiam conduzir-lhe para caminhos comprometedores da sua vocação. Sua vida no seminário, marcada por uma rotina que o mantinha afastado daquelas práticas “alegres” tão comuns vividas junto a seus colegas, acabou restringindo traços de sua personalidade, a ponto de influenciá-la. Na verdade, conforme relata nas Memórias do Oratório, João sentia falta do clima de familiaridade vivido junto ao Padre Calosso na adolescência, pois a aproximação com os sacerdotes ou era muito formal ou inexistente. Por isso, por mais de uma vez, chegou a proclamar:

“Se eu fosse padre, agiria de outro jeito. Gostaria de aproximar-me dos meninos, dizer-lhes uma boa palavra, dar-lhes bons conselhos. Como seria feliz se pudesse falar um pouco com meu vigário. Com o P. Calosso tinha essa satisfação. Não terei nova oportunidade?” (Bosco, 1982: p. 35)

Esse tipo de situação parece ter determinado profundamente sua aspiração de ser um padre para os jovens, com alegria, vitalidade e espontaneidade.

Ordenado padre, em 05 de junho de 1841, conforme tradição da Igreja local, passou a ser chamado de Dom Bosco. Nos seus primeiros anos como presbítero, Dom Bosco vivenciou algumas experiências no serviço pastoral. Recebeu convites para pároco, professor de Religião em colégios, entre outras ocupações, mas, percorrendo vários ambientes na cidade de Turim, observava a situação de miséria e abandono em

que os jovens se encontravam. Quando visitava as prisões, dizia que sentia compaixão dos jovens que lá estavam, vítimas da situação social de então. Nessa época, a Itália, como todo o mundo, sentia as conseqüências da Revolução Industrial, com o crescimento da falta de emprego e o aumento dos problemas sociais. Então, muitas pessoas, e entre elas jovens, que antes desempenhavam ocupações basicamente artesanais, substituídas pelo advento da industrialização, passaram a perambular pelas ruas com perspectiva de vida praticamente nula. Com a condição social comprometida, muitos jovens acabavam sendo presos por delitos cometidos, ou mesmo, por vadiagem. Dom Bosco por muitas vezes disse ter pensado que se alguém houvesse cuidado daqueles jovens, talvez não estivessem na prisão. A situação da juventude menos privilegiada de então em Turim, fez com que Dom Bosco se referisse àqueles jovens com a denominação de *periclitantes*. Situações idênticas àquela do oitocentos na Itália foram se repetindo ao longo do século XX e até nossos dias em diversos lugares do mundo, quando encontramos jovens vitimados pelos conflitos sociais, políticos e étnicos, ou mesmo pela dinâmica de empobrecimento gerada pelo Sistema Capitalista (neoliberal). Entre muitos desses jovens (que Dom Bosco chamaria de *periclitantes*) encontramos aqueles que denominamos de menores em situação de risco social e pessoal<sup>12</sup>, para os quais têm sido desenvolvidas diversas estratégias de inclusão social. Se considerarmos as iniciativas de inclusão como respostas necessárias de indivíduos e

---

<sup>12</sup> Em 20 (vinte) de novembro de 1989, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou por unanimidade a Convenção sobre os direitos das crianças (CDC), a qual completa a Declaração dos Direitos da Criança de 1959. Segundo o texto deste documento, “em todos os países do mundo existem crianças vivendo sob condições excepcionalmente difíceis e que estas crianças necessitam de consideração especial”.(CDC/Preâmbulo in Costa, 1995). Este documento traz, portanto, em sua redação, diversos direitos fundamentais a serem respeitados pelos Estados da CDC (inclusive o Brasil), em ordem a se garantir a promoção humana das crianças. Deste modo, o desrespeito dos direitos fundamentais à vida, à alimentação, à família, à saúde, à educação, à liberdade, à proteção no trabalho, à integridade física e moral, à sua cultura, coloca a criança em situação de risco social e pessoal, e tais situações merecem consideração e, por que não dizer, proteção especial.

grupos enquanto meios de promoção dos jovens e reordenamento do tecido social, então a iniciativa de Dom Bosco pode ser tomada como uma referência nesse campo, talvez até enquanto iniciativa adequada àquilo que hoje se denomina de inclusão social, que embora não estivesse presente diretamente no discurso de Dom Bosco, fazia-se notar (conforme poder-se-á observar em muitas referências nesse estudo) por palavras sustentadas nos textos bíblicos e nas ações daquele sacerdote-educador. Entre tais ações destaco o acompanhamento integral realizado junto aos rapazes do Oratório, jovens pedreiros e egressos das prisões. Tanto o próprio Dom Bosco (Bosco, 1982), quanto Lemoyne citado por Bosco (1993) relatam que aqueles rapazes eram acompanhados em suas necessidades urgentes, tais como o vestuário e a alimentação e até o emprego. Creio que essa última ação se caracteriza como uma das principais de Dom Bosco enquanto iniciativa similar à inclusão social a que estive me referindo antes, afinal, Dom Bosco buscava trabalho para os desempregados, e melhores condições de trabalho para os que já haviam conseguido, e o fazia conversando com patrões e mediando contratos de trabalho para os jovens. Portanto, aqueles garotos que freqüentavam o *Oratório Festivo* (domingos e dias santos), eram acompanhados durante a semana, de forma que o próprio Dom Bosco diz que:

“Ia visitá-los em meio a seus trabalhos, nas oficinas e fábricas. Isto os deixava muito felizes porque viam um amigo interessar-se por eles; e agradava também aos patrões, que tomavam de boa mente sob sua dependência rapazes assistidos durante a semana e nos dias festivos. (...) empenhava-me em coloca-los, um por um, a trabalhar com algum honesto patrão, ia visitá-los durante a semana (...) assim, davam-se a uma vida honesta, esqueciam o passado, tornavam-se bons cristãos e honestos cidadãos”. (Bosco, 1982: p. 97)

No contexto histórico-político específico de Dom Bosco, a Tradição Salesiana acredita que tenha havido intervenção da Divina Providência<sup>13</sup> para concretizar o projeto de Dom Bosco em favor dos jovens que andavam pelas ruas, sobretudo os egressos das prisões, pois que num dia 08 de dezembro de 1841, com um certo garoto chamado Bartolomeu Garelli, após fazer uma pequena oração e alguma conversa na Sacristia da igreja, Dom Bosco começa o primeiro Oratório salesiano. Nos domingos seguintes, e outros, com muito mais garotos, foi crescendo a experiência educativa do Oratório, uma experiência que favoreceria aos jovens um ambiente de convivência fraterna, ensinando-os a trabalhar e a amar a Deus, encaminhando-os para bons empregos e patrões, sendo visitados e assistidos periodicamente, desta forma aprendendo a ser bons cristãos e honestos cidadãos.

O Oratório, em princípio nômade, pois funcionava em praças, ruas, prados, e até em um cemitério, consegue se estabelecer em um lugar definitivo na Casa Pinardi, no

---

<sup>13</sup> Acredito que esse seja um ponto interessante para uma discussão sobre como se constrói uma tradição. A discussão reside bem na questão que Levi Strauss (1985) levanta sobre quando termina um Mito e inicia a História. O autor faz uma extensa revisão quanto ao mito, resgatando inclusive os aspectos que formam a estrutura do mesmo. É baseado justamente nos elementos que formam a estrutura do mito (mitemas) que o autor afirma a persistência do valor do mito, independente de sua comunicação (de como se traduz de língua para língua). A essência do mito não reside no estilo, modo de narração ou sintaxe, mas na *história* que o mito apresenta e, assim, qualquer versão do mito é cópia do mesmo, fazendo com que não haja “a versão” verdadeira, mas cada uma pertença ao mito. Para a História estão guardados conceitos que dizem respeito à relação com fontes, o que traz à mesma um status científico. Em muitas situações, vai ocorrer justamente do mito vir a se converter em História, quando a exploração de sítios encontra evidências que “comprovam” o que a mitologia há algum tempo propagou. No caso específico do fato narrado pela tradição, há evidências documentais de que de fato o encontro aconteceu, e que de fato também existiu o indivíduo Bartolomeu Garelli. Contudo, a administração ou rotinização de um carisma (do que falarei na segunda parte desse estudo) é permeada muitas vezes de discursos míticos fundadores, cuja finalidade é mostrar provas da existência do carisma. Ao que parece, estamos diante de uma situação dessa natureza, na medida em que a Tradição Salesiana é permeada de narrativas que se prestam a tal fim, sendo a maioria de caráter místico, isto é, à luz da Teologia Cristã os feitos “mágicos” de Dom Bosco e a realização profética de seus sonhos (freqüentes nas narrativas biográficas) seriam frutos de uma grande experiência de encontro com Deus (misticismo), que lhe renderia graças em favor de sua missão. Vemos, portanto, que um fato demarcado historicamente, pode ser visto numa perspectiva mítica e transmitir uma interpretação carregada com a força de um mito.

Bairro de Valdocco, em Turim. Ali se desenvolveu a obra fundamentada na catequese, diversão e trabalho.

Cantar, rezar, aprender, rir e brincar era a vida no Oratório. Entre as atividades de Catequese e aprendizagem de ofício, havia o recreio, onde “... o jogo de laranjinha e das andas, as malhas e a bola, os simulacros de guerrilha e assaltos a castelos imaginários, e outros jogos de destreza e de ginástica punham em movimento centenas de alunos” (Alves, 1944: p. 134).

Algumas atividades realizadas no pátio ganharam grande relevância, não somente pelo valor que Dom Bosco lhes atribuía, mas também porque traziam em si heranças da própria formação do referido educador (Borges, 2002). Deste modo, os jogos, a música, o teatro e os passeios, passaram a se constituir em atividades importantíssimas no Oratório, elementos vitais ao pátio e meios eficazes para alcançar a educação.

A intuição de vanguarda de Dom Bosco e sua experiência de infância e adolescência o fizeram entender desde cedo o valor pedagógico dos jogos. Ele gostava de ginástica natural, mas também admitia ginástica metódica (até fazia parte do programa geral das casas salesianas) e os jogos agonísticos, sempre de modo que não ofendessem a Deus, não afastassem os meninos ou prejudicassem a saúde. De fato, Dom Bosco incentivou tanto a prática dos jogos recreativos e agonísticos que o Doutor Alfredo E. Smith, que foi prefeito de New York, apresentando ao público americano, com belíssimas palavras, a vida de São João Bosco, escrita pelo padre Neil Boyton, disse que Dom Bosco poderia com razão ser considerado o santo patrono dos esportes.

O mesmo Dom Bosco dizia que, poder-se-ia educar muito bem com diversos brinquedos e jogos ao ar livre segundo os costumes locais, mas tinha preferência por

jogos que envolvessem muita movimentação, como os de correr, que resultassem em grande dispêndio de energia. Também era contrário a todo e qualquer jogo que houvesse perigo do jovem vir a perder-se e ofender a Deus, como jogos de cartas ou baralho. Assim, Dom Bosco em vários artigos dos regulamentos das casas salesianas, afirmava ser o brinquedo um grande fator educativo, suavizando os trabalhos, aliviando as penas e preocupações, mostrando os caracteres do indivíduo, desenvolvendo o bem estar e a jovialidade nos alunos. Sob esta perspectiva, como afirma Adão (1994), “deve-se compreender os apelos feitos por Dom Bosco a seus salesianos, no sentido da participação, o mais ativamente possível dos jogos de seus alunos e oratorianos”.(p.105). Semelhante pensamento foi assim expresso por Dupanloup (apud Ricaldone, 1939): “Jamais vi educadores (...) que sejam mais respeitados do que os que sabem tomar parte como companheiros nos brinquedos de seus educandos. Nesses casos o afeto e a gratidão dão mais força à autoridade e ao respeito”.(p.121).

Mas o pátio não era somente um lugar de práticas de atividades próprias da tradição da Educação Física, como os jogos e a ginástica, por exemplo. Ali se realizavam também atividades de expressão artística, como a música e o teatro, que de certa forma, acabavam se relacionando entre si, quando usadas como recurso para se atingir a promoção dos garotos no Oratório.

Todos os relatos biográficos de Dom Bosco em sua infância e adolescência, identificam traços que denotam seu gosto pela música, mesmo porque tocava alguns instrumentos como: violino, piano e órgão; e cantava com voz de tenor. Lemoyne (apud Adão, 1994), acena para o fato da iniciativa de Dom Bosco em coletivizar o ensino da música quando a mesma ainda mantinha a característica de ensino individual. Isto era feito através de cursos populares de canto, de tal forma bem empregados que atraíam a

atenção de mestres famosos da época para assistir aos ensaios. Assim, podia-se ver a existência no Oratório de um talentoso coral, reconhecido na redondeza, bem como, mesmo desde a época quando ainda era ambulante, utilizou-se da fanfarra (tambor, corneta e guitarra) para animar a massa juvenil, porém, sempre buscando os valores educativos da música. De fato, o cultivo da arte musical entre os salesianos chamava a atenção daqueles que os visitavam, como aconteceu nos relatos empolgantes de Dom Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, escrevendo após sua estada no Oratório em 1877. Tais relatos são retomados por Azzi (1982), para mostrar como a música passou a fazer parte integrante do modo de vida da cidade de Niterói, após a chegada dos salesianos nesta cidade em 1883 a pedido do próprio Dom Lacerda. O desdobramento de tal prática vai nos permitir encontrar a utilização da música também na vivência educativa das casas salesianas de hoje, porém, bem mais diversificada, já associando o canto e as bandas às danças, aos grupos musicais e a diversos espetáculos combinados de gêneros musicais.

Adão (1994), estudando a utilização do teatro na Pedagogia Salesiana, descobriu que esta prática surgiu no Oratório em 1847, com uma pequena comédia intitulada “Un corporale de Napoleone”. Passou a ser então um das formas de lazer mais importantes do Oratório, desde a ocupação do tempo livre até tornar-se elemento essencial nas grandes festas.

O próprio Dom Bosco chegou a escrever peças de teatro, preferindo as comédias aos dramas e às tragédias, deste modo, conseguia atrair a atenção e alegria dos meninos, fazendo do teatro um meio mais atrativo e educativo.

Ao falar em atrativo, entusiasmo, pode-se bem lembrar como Dom Bosco gostava de promover passeios e excursões a pé, sempre com participação ativa e

humorada do educador, bem como com roteiro bem definido e dirigido para fins educativos, por meio de relatos históricos e geográficos dos lugares visitados. Tais passeios, de acordo com relatos biográficos, eram sempre muito vividos pelos meninos, com planejamentos detalhados e tendo presentes os outros elementos estratégicos de Dom Bosco para o divertimento educativo: canto, banda, teatro, jogos, alojamento, etc. Com grande expectativa eram aguardados os “passeios de outono”, que para Dom Bosco representavam uma forma de afastar os meninos do perigo das férias, além de servirem de meios de ação apostólica em favor de comunidades que seriam visitadas.

Em ambas as intenções que foram identificadas para os passeios (tanto para os jovens quanto para as comunidades visitadas), é possível observar um traço forte de estruturação da modernidade, que Lovisolo (1990, P.25) identificou como “autonomização ou separação da produção do conhecimento (verdade), da moral (o bem) e da estética (o belo)”. Segundo o mesmo autor, a modernidade é definida tanto pelos movimentos de autonomização de esferas quanto por processos ideológicos de integração, os quais podem ser vistos como recusas de separações em andamento. No bojo dessas observações, poderemos encontrar uma separação central vivida nessa prática, (e em outras) que como poderei demonstrar adiante, é um dos paradoxos vividos no modelo de educação de Dom Bosco. Estou falando da separação entre educação e política. É que, quando mais adiante encontrarmos alusão à racionalidade como um elemento da Proposta Salesiana (esta também marca da modernidade), far-se-á referência à educação do indivíduo para o protagonismo (autonomia), mas, por hora, pode-se notar uma concepção latente de conscientização do educando (e das comunidades visitadas) com o educador em uma posição de guardião. Creio que a partir da idéia de Lovisolo (1990), citando Veyne, o educador aqui estaria em uma prática

fundada na concepção de um povo-criança, com posições de autoridade e responsabilidade que protejam, cuidem e mimem até o alcance da maturidade. Mas, a concepção de um povo-rebanho, descrita por Veyne e citada por Lovisolo (1990), também não estaria descartada, uma vez que tanto os educandos como as comunidades visitadas estariam sendo cuidadas para não se perder, não se desviar dos caminhos ou correr perigo, sendo para isso necessário seguir ao guardião, o qual detém o conhecimento dos caminhos certos e seguros.

Talvez em virtude do exposto, todas as atividades eram acompanhadas de perto pelo próprio Dom Bosco, e quando alguns voluntários se dispunham a animar o Oratório, eram recomendados que os meninos deveriam ser assistidos para que a todo custo se evitasse a situação de perigo de cair em erro.

No pensamento de Dom Bosco, todos os elementos do seu sistema educativo (os quais serão melhor descritos adiante) detinham valor igualitário e deveriam estar presentes em todas as atividades, portanto, todas as atividades têm o mesmo valor dentro do sistema. Se assim o for, parece claro no pensamento do fundador que, se qualquer uma das atividades vem a faltar, não expressará a verdadeira imagem educativa proposta por ele. Talvez por isso, da idéia do *Oratório Festivo* tenha sentido a necessidade de ampliar o alcance de sua ação em favor dos jovens aos quais se sentiu enviado e, desde então, passamos a vislumbrar essa intenção em Dom Bosco.

Depois de muito tempo de funcionamento do *Oratório Festivo*, certa noite acolhendo a um pequeno órfão, Dom Bosco iniciou o internato e, então, sua obra adquiriu outra dimensão, pois a partir dali existiria agora as expressões de escola e ambiente de formação vocacional para aqueles rapazes que quisessem seguir a vida religiosa. Então, entre estes aconteceria a difusão da obra de Dom Bosco nas mesmas

características de sua vontade, no ambiente de alegria e santidade, onde o educador deveria ser “*sinal e portador do amor de Deus aos Jovens*” (Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales apud Dho, 1975. p.23) . Com quatro daqueles rapazes que o auxiliavam, Dom Bosco cria uma congregação religiosa, a qual pôs o nome de Salesianos (de Dom Bosco – SDB) em homenagem a São Francisco de Sales<sup>14</sup>, santo da Igreja Católica, reconhecido pela grande virtude da bondade e profundo senso de humanismo. Esta congregação religiosa estabeleceu-se como instrumento de Dom Bosco para a continuação de sua obra. Estando ainda vivo, viu os salesianos espalharem-se por vários países da Europa, chegando até à Patagônia na América do Sul como missionários, tendo inclusive chegado ao Brasil, em Niterói, conforme apontam os estudos de Azzi (1982).

Importante destacar, e acredito que este tem sido um ponto esquecido nas produções sobre o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, que ele contou com as outras forças apostólicas mencionadas no início deste capítulo, além dos salesianos (SDB), para a concretização de sua obra. Entre elas adquire um caráter de alta importância a contribuição do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). A fundação deste instituto deu-se como fruto do encontro de perspectivas entre Dom Bosco e Maria Domingas Mazzarello, Jovem italiana da cidade de Mornese que, junto com um grupo de moças, realizavam um trabalho de promoção educativa com as meninas pobres, similar à ação de Dom Bosco para com os meninos. O sacerdote propõe um modelo de vida religiosa que, aceito pelas moças, dá origem ao Instituto, o qual também se

---

<sup>14</sup> Os Salesianos de Dom Bosco, canonicamente, são reconhecidos como Sociedade de São Francisco de Sales.

encontra hoje espalhado por todo o mundo, possuindo ambientes educativos animados pelo sistema educativo proposto por Dom Bosco.

Além dos ramos religiosos representados pelos SDB e as FMA, Dom Bosco contou também com o auxílio de numerosos colaboradores leigos, os quais reuniu e criou a Pia União dos Cooperadores Salesianos, hoje denominada pela Sé Romana como Associação de Salesianos Cooperadores. Tais leigos, que outrora auxiliavam a Dom Bosco, direta ou indiretamente, exclusivamente na promoção de sua obra, ele os quis atuando de forma mais ampla, a serviço da Igreja, estando, portanto, no mundo, aplicando em diversos ambientes o sistema educativo do fundador. Desta forma, a ação de Dom Bosco chega a horizontes sempre mais distantes.

Também os sucessores de Dom Bosco criaram grupos, que sob o carisma<sup>15</sup> do fundador, tentam desenvolver os preceitos salesianos no mundo. A todos estes grupos, como já disse, dá-se o nome de Família Salesiana.

### **Algumas marcas características da Educação Salesiana**

As publicações sobre a ação da Família Salesiana esforçam-se por mostrar a fidelidade espiritual, pedagógica e pastoral ao fundador. Acredito que para entender o fundamento doutrinário da intervenção salesiana na Educação em diversas frentes de atendimento, é preciso recorrer à experiência original de Dom Bosco no Oratório Primitivo em Valdocco, que em outro momento foi nomeada de *Sistema Preventivo de Dom Bosco*. Esta iniciativa exigiria uma espécie de mergulho na profundidade de uma verdadeira Sociologia da Educação Salesiana, o que está além de minha intenção no

---

<sup>15</sup> O termo aqui designa por hora o que a Tradição Salesiana denomina de dom divino, suscitado pelo Espírito Santo, e se constitui na herança espiritual legada aos seguidores. Contudo, mais adiante nesse estudo, retomarei a idéia Weberiana de carisma enquanto manifestação de dominação e como a rotinização do carisma também se manifesta como tal.

momento, mesmo porque, o próprio fundador teve dificuldades de fazê-lo. Na verdade, Dom Bosco viveu o seu sistema sem orientações sistematicamente escritas e, somente em 1877 acabou publicando um pequeno tratado de muita simplicidade quanto a sistematização científica, chamado de “Opúsculo ao Sistema Preventivo”<sup>16</sup>, que de modo algum expressava todo o sentido daquelas experiências de vida e de educação. A Tradição Salesiana por sua vez, foi ao longo dos anos, e até hoje, tentando sistematizar pressupostos teóricos a partir da vida e da ação de Dom Bosco, desde sua infância nos Bechi, passando pelo Oratório Primitivo de Valdocco, até a difusão de sua obra em várias partes do mundo por ocasião de sua morte. Poder-se-ia até dizer, que um modelo teórico da Educação Salesiana continua sendo escrito ainda hoje, através das ações da Família Salesiana, a partir da matriz vivida por Dom Bosco.

Neste caso, procurando escrever sobre algo que possibilite observar em horizonte mais amplo alguns fundamentos da experiência de Dom Bosco, decidi escrever sobre os elementos que estão estritamente vinculados ao pátio, por ser este o “espaço”<sup>17</sup> privilegiado de ação da educação que aqui estou falando. Porém, querendo ser conciso em pinçar alguns elementos daquela experiência original, deparei-me com uma peculiaridade: nada no sistema educativo proposto por Dom Bosco é estanque, isto é, tudo está interligado, de modo que eu não poderia falar do pátio (espaço da alegria e diversão) sem falar da religiosidade e da educação para o trabalho. Felizmente, em virtude da característica de Dom Bosco conceber as coisas em tríplice dimensão, representada na tradição pela imagem de *tripé*, o pátio acaba sendo a experiência que agrega os outros dois aspectos. De fato, o Sistema Educativo proposto por Dom Bosco,

---

<sup>16</sup> Publicado em 1887 como um apêndice de um escrito que celebrava a inauguração do Patronato de S. Pedro, em Nizza a Mare/Itália. Na terceira parte desse estudo voltarei a tomá-lo como fonte para análise.

<sup>17</sup> Como já foi dito, a idéia de espaço está vinculada não somente a ambiente, mas também a momento.

fundamenta-se no *tripé* constituído pela *razão, religião e amorevolezza*, sendo que esse *tripé* é representado no Oratório pelos ambientes da oficina, capela e pátio, respectivamente. Porém, era no pátio que Dom Bosco conseguia sensibilizar os meninos para a importância das outras dimensões. Era lá que o menino experimentava de forma livre o valor da religião e do trabalho. Assim, acredito que abordando o pátio como ambiente de excelência da Educação Salesiana, estarei também apresentando, grande parte de todo o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*.

O Padre Egídio Viganò, sétimo sucessor de Dom Bosco como superior da Sociedade de São Francisco de Sales, na Estréia<sup>18</sup> de 1995 escreveu sobre a necessidade de um novo *Sistema Preventivo*, não mudado, mas, renovado como pensamento, aplicação, sublinhação de seus valores e aprofundamento de prioridades. Portanto, refletir sobre tal tarefa supõe debruçar-se sobre a tradição, confrontá-la com sua prática educativa e, sobretudo, vislumbrar perspectivas de melhor compreensão e ação coerente com a intenção do fundador.

Mas como podemos estudar o *Sistema Educativo de Dom Bosco*? Tentando responder a este questionamento, recorri a um texto do Padre Joseph Aubry (SDB), no qual propõe uma interessante maneira de executar tal procedimento. Antes de tudo, partir daquilo que estou tentando fazer neste estudo, isto é, buscar conhecer e entender Dom Bosco em sua complexidade de fundador (e santo da Igreja Católica), na sua vida cheia de zelo, contextualizando seu relacionamento com os jovens em toda a sua vida. Este ponto de partida justifica-se no fato de Aubry acreditar na profundidade de identificação entre Dom Bosco e seu sistema educativo, um sistema educativo “brotado com tal plenitude da experiência imediata”.(1979: p.24).

---

<sup>18</sup> Publicação de cunho formativo, enviada sempre ao início de cada ano pelo superior da Congregação Salesiana, com a finalidade de orientar a reflexão da Família Salesiana sobre determinada temática.

Ainda segundo Aubry, é uma pobreza estudar o método de Dom Bosco apenas nos seus escritos específicos como o Opúsculo ou a Carta de Roma<sup>19</sup>, mas através de outros escritos como as biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco (todos ex-alunos da casa de Dom Bosco e modelos de sucesso na aplicação do seu sistema), pois é nestes escritos que se encontram explicitamente e de forma viva os elementos da educação proposta por Dom Bosco. Não obstante, não é bastante a leitura de documentos, mas uma experimentação concreta entre os jovens, uma vez que:

“Os princípios de fundo podem e devem ser esclarecidos e permanecem certamente como valores insubstituíveis. Mas as aplicações detalhadas não podem ser codificadas, porque as pessoas concretas dos jovens e os ambientes concretos diferentes requerem adaptações, paciência, senso prático...” (cf. Constituições dos SDB, 43).

Fonseca (1998), analisando a Pedagogia de Dom Bosco, diz que embora este educador seja considerado um homem de vanguarda, não pode ser desconectado das marcas características de seu tempo e, uma dessas marcas no século XIX era a prevenção. Idéia que, aliás, foi muito difundida entre os educadores e, também na região de Dom Bosco. O referido autor apresenta uma lista de educadores fundadores de congregações religiosas que apresentavam esta característica, e aos quais denomina de protagonistas do sistema preventivo. São eles: Os irmãos Cavanis, que fundaram uma Congregação Mariana em 1802; Ludovico Pavoni, que fundou a Congregação Oratório de São Luiz em Brescia na Itália em 1812, e um asilo para artesões e órfãos em 1821, além de uma repartição para surdos-mudos em 1840; Marcelino Champagnat, que fundou os Irmãos Maristas em 1817, mas reconhecidos canonicamente somente em 1824; Teresa Eustochio Verzeri, fundadora das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus,

---

<sup>19</sup> Correspondência enviada por Dom Bosco, de Roma, em 10 de maio 1884. Constava do relato de um sonho que tivera a respeito do estado do Oratório. É considerado, pelo seu conteúdo, um dos documentos ricos e eficazes sobre a Pedagogia Salesiana.

aprovada em 1847; Leonardo Murialdo, que trabalhou com Dom Bosco no Oratório de São Luiz de 1857 a 1865 e fundou a Congregação do Josefinos, aprovada definitivamente em 1897; entre outras.

Braido (1961), fazendo a comparação da proposta apresentada por Dom Bosco com as encontradas na tradição educacional, parte de alguns questionamentos, para os quais o mesmo coloca suas respostas em função dos estudos do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*. A mesma análise é retomada por Fonseca (1998), fazendo referência aos questionamentos assim realizados:

- Em que sentido o *Sistema Preventivo de Dom Bosco* é sistema?
- Em que sentido o *Sistema Preventivo de Dom Bosco* é preventivo?
- Em que sentido o *Sistema Preventivo de Dom Bosco* é de Dom Bosco?

Antes de apresentar as considerações feitas a estes questionamentos pelos autores citados, gostaria de referir-me à importância de, ao fazermos reflexões, procurarmos nos aprofundar nas palavras, organizando-as pela lingüística e pela argumentação, pois muitas vezes elas “são como cofres que carregam tesouros (...) Então, toda reflexão deve abrir seus cofres e investigar os tesouros presentes dentro de cada palavra” (Lovisoló, 1999: p.02). Daí a importância dada à verificação dos sentidos das palavras ‘sistema’, ‘preventivo’ e ‘Dom Bosco’, para podermos compreender os pressupostos que constituirão as bases desta proposta.

O *Sistema Preventivo de Dom Bosco* não é um sistema no sentido próprio, sentido científico da expressão, dentro de uma reflexão filosófica ou científica, mas “é um estilo de vida, uma espiritualidade, um jeito de educar, em que, a vida do educador, a convivência entre educador e educando, formam um conjunto harmônico, cujo resultado final é o crescimento de todos os que são envolvidos no processo educativo”

(Fonseca, 1998: p. 24). Mas, a prática de Dom Bosco não é um caminhar sem direção, tem uma coerência, ou uma linha de educação ampla (em orientação metodológica, não de pequenas fórmulas ou receitas mágicas) em toda a sua atividade.

Para Dom Bosco, o preventivo não está em oposição ao repressivo, mas está na perspectiva de fazer crescer “sementes do bem”, que previnam contra experiências deformantes. Valorizar o educando, acreditar nele, colocá-lo numa dinâmica de crescimento contínuo, numa linha de amadurecimento coerente, sereno e feito com aquela alegria própria de quem sabe que está caminhando na direção certa.

O sistema preventivo não era novidade no tempo de Dom Bosco, mas ele o viveu de uma forma original.

“Aquilo que é caracteristicamente ‘bosquiano’, novo, original, inconfundível, é o seu estilo, que é o estilo do educador artista, o qual sobre os cânones difusos e comuns sabe criar, a obra prima que é exclusivamente sua. (...) Dom Bosco educou o sistema preventivo e fez nascer dele uma planta simples na sua estrutura, mas rica de flores e frutos” (Braido, 1961: p.34 e 35).

Também ao fazermos uma breve revisão na História da Educação em geral, podemos aproximar alguns traços característicos da Educação Salesiana a outras propostas educativas bastante significativas na tradição pedagógica. Já no século XVI, no movimento de reação católica ao protestantismo com a criação da Companhia de Jesus (Jesuítas), as escolas, sob animação desses religiosos, já propunham uma educação com permanente vigilância; diminuição dos castigos físicos; escolas atraentes por meio de jogos recreativos, jogos agonísticos e representações dramáticas; longos recreios. Entretanto, também propunham disciplina, competição, emulação.

Fazendo oposição aos Jesuítas em alguns aspectos, principalmente no rigor disciplinar, surge no século XVII a Congregação Port-Royal, pregando o amor às

crianças e desenvolvimento do juízo sólido e da razão. A vigilância era sinal de zelo, sempre marcando presença com o bom exemplo, amor e piedade; educando com simpatia e afeto.

Nomes como os de Comenius e Locke também devem ser citados como referenciais para este estudo, no século XVII. Comenius propõe a democratização da escola com o ensino dos fundamentos, razões e objetivos de todas as coisas principais, através de um método fácil, para que as crianças aprendam com um prazer igual ou maior daquele que têm quando estão brincando. A disciplina deve ser de tal forma que não castigue, exceto em casos exorbitantes, mas que seja preventiva. Uma disciplina aplicada de tal forma que o educando perceba que é para o seu bem. O processo de ensino e aprendizagem deve ser racionalizado e deve inculcar a piedade, tudo isso com prazer, facilidade, sem fadiga e com alegria.

Locke, pensador britânico que influenciou bastante a Rousseau, foi um grande precursor da ginástica nas escolas. Defendia o aprendizado da música, teatro, esgrima, jogos e danças, como preparação para a vida.

Ainda no século XVIII, na França, Rousseau desenvolve uma proposta educativa de base platônica: evitar o mal e praticar o bem. Para este autor, o aprendizado de ofícios deveria fazer parte da educação. Pregava o bom exemplo como forma de educar e dava muita importância aos jogos e exercícios físicos como elementos educativos. Também Basedow que pusera em prática as idéias de Rousseau na Alemanha, sob influência de Locke, afirmava que a disciplina não deve ser dura e, que os castigos devem ser adaptados às faltas (uma educação agradável diminuiria a necessidade de castigos).

Verificamos, portanto, que alguns traços da Pedagogia de Dom Bosco já estavam presentes na tradição, tanto na produção dos pensadores clássicos da Educação, como nas propostas vivenciadas por educadores religiosos de sua época. Isto me permite tomar a Dom Bosco como a figura do *bricoleur*, de Levi-Straus, que segundo Lovisolo (1995), “a partir de fragmentos de antigos objetos, guardados no porão, constrói um objeto novo no qual suas marcas não desaparecem” (p.20). Na verdade, isto se constitui em uma arte, que metaforicamente pode-se traduzir na seguinte linguagem: alguém toma alguns retalhos e daí constrói uma colcha, ora, todos sabemos que podemos fazer uma bonita colcha de retalhos, que guarda as características da matéria prima, mas que tem traços característicos de quem a fez.

Partindo deste pressuposto, apesar da suposta “bricolagem” observada na Proposta Educativa de Dom Bosco, muitos traços trazem a marca daquele educador como herança à Igreja e à Educação. Tendo em vista, a reflexão feita até agora, ficaria uma nova questão: Que características próprias identificam a originalidade do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*? Faço lembrar que dentre as muitas que podemos encontrar, abordarei aquelas que se relacionam diretamente com a experiência do pátio, enquanto excelência daquela prática pedagógica.

**O carisma de Dom Bosco como herança deixada à Igreja, sobretudo aos seus filhos espirituais, é a marca da espiritualidade do fundador que caracteriza a sua obra para que seus seguidores a mantenham viva através dos anos. A Obra Salesiana apresenta-se hoje sob a forma de expressões, assim, temos as escolas, as obras sociais, as paróquias, as casas de formação, as missões, os centros juvenis, entre outras, todas procurando servir à juventude e às classes populares na escola**

**de Dom Bosco. Poderíamos nos perguntar: o que todas essas expressões têm em comum? A resposta é simples: o carisma salesiano.**

A Educação Salesiana se faz no *Sistema Preventivo*, conforme já tratamos antes, porém, de acordo com os elementos do *tripé razão–religião–Amorevolezza*, alguns elementos vão se delineando na prática de Dom Bosco no Oratório Primitivo, o que se procura ser incentivado nas casas salesianas. Dentre outros podemos citar o Espírito de Família em um ambiente educativo, a Comunidade Educativa, a *Alegria*, a Festa e a *Assistência-presença*.

É comum entre os salesianos, e todos aqueles que convivem em uma casa salesiana, ouvir-se a expressão Família Salesiana. É que na vontade do fundador, nas casas, todos deveriam experimentar o sentido de ser família, amar-se como irmãos, venerar à Maria Santíssima como Mãe e a Deus como Pai criador. Esta expressão vai depois extrapolar os ambientes das casas, para designar os grupos herdeiros do carisma salesiano. O amor à juventude é palavra de ordem. O jovem precisa sentir-se amado, para que possa vir a amar. Como Dom Bosco, sempre que necessário, o educador deve dirigir ao educando palavras particulares, que o ajudem a crescer na moral e na cidadania. O próprio Dom Bosco chamava isto de ‘palavra ao pé do ouvido’.

Pode-se observar na experiência vivida em Valdocco, que um ambiente com estrutura educativa familiar é capaz de conduzir bem melhor a criança e o jovem à educação que se deseja. O *Sistema Preventivo de Dom Bosco* é aplicado plenamente quando todos se empenham na criação de uma comunidade educativa, com sentido de pertença, participação e cooperação, num clima de família. Deste modo, familiaridade passa a ser uma palavra de ordem na educação. “Sem familiaridade não se demonstra o

afeto e sem esta demonstração não pode existir confiança” (Ceria apud Scaramussa, 1984. P.94). A chave da familiaridade é o clima de *alegria*, e vice versa.

Do anteriormente exposto, aparecem outras características importantes da proposta salesiana: a Comunidade Educativa e a Alegria.

Para a existência de uma Comunidade Educativa, deve-se ter clareza de que a tarefa educativa não se faz sozinho, todos participam ativamente e em diálogo. Há uma preocupação constante para lograr a participação de todos; distribuindo-se tarefas e evitando qualquer esquema de trabalho individualista. Assim, educador, educando, colaboradores (funcionários), pais, enfim, todos os envolvidos no processo são co-responsáveis na ação educativa entre si e para cada um. Isto se concretiza pela mediação exercida pela Assistência Salesiana como veremos adiante.

A *alegria* é também uma marca típica da Educação Salesiana e que certamente a aproximará do Romantismo, conforme poderemos constatar pela análise dos documentos, na terceira parte desse estudo. A estudarmos a origem da obra salesiana:

“O que aparece evidente em Valdocco é a alegria, o otimismo, a esperança. Dom Bosco é o santo da alegria de viver. Os seus meninos aprenderam tão bem a lição, que diziam com linguagem tipicamente ‘oratoriana’ que ‘a santidade consiste em estar muito alegres’”. (Capítulo Geral 23 dos Salesianos de Dom Bosco: p. 88).

Neste sentido, como queria Dom Bosco, “a música, o teatro, as excursões, o esporte, a alegria cotidiana de um pátio, devem sempre ser valorizados pela pedagogia salesiana como elementos educativos de primeira importância.” (Capítulo Geral 23 dos Salesianos de Dom Bosco. p. 88).

Entre os diversos elementos integrantes para a constituição do ambiente de *alegria*, também visto como método educativo-didático em função dos objetivos do *Sistema Preventivo*, tem grande importância o valor da festa. Todo momento festivo

deve ser visto como a expressão de uma vida feliz, na graça de Deus e no bem viver com os irmãos. Toda festa salesiana deve conduzir o educando ao entendimento que se caminha sempre para uma preparação ao encontro de Cristo na festa eucarística. Por uma ótica mais humana, diante de tantos momentos difíceis vividos pelo povo, a festa passa a constituir-se em um momento de quebra do cotidiano, quando se respira, brinca, ri, esquece, vive. Ao mesmo tempo em que resiste, subverte, dá lições de vida, ainda que sem perceber tal dimensão. Quando fazemos festa somos nós mesmos, usamos a própria linguagem, a do corpo, com gestos, danças, erotismo, maneira de vestir; resistimos, assim, ao “esmagamento cultural” e à perda de “identidade”. Fazer festa, portanto, é resistir à dominação: “O escravo tem que trabalhar para o senhor, mas dança para si”.(Haoornaert in DEPS, 1997. P.05).

Como já havia me referido, uma outra característica determinante para o sucesso da Educação Salesiana é a Assistência. De fato, na família educativa de Dom Bosco, todos os educadores eram assistentes, vistos como “irmãos maiores”. O próprio *Sistema Preventivo* sugere a assistência pelo fato de tornar necessária a vigilância às regras estabelecidas para o funcionamento da casa. Esta prática, no entanto, foge à idéia de um artifício policialesco de espreita para surpreender a pessoa em ação comprometedora, pelo contrário, deve adquirir a dimensão de atitude amorosa muito mais do que perseguidora. Prevenindo situações de perigo para o educando, o educador pode ajudá-lo a encontrar sempre o melhor caminho para tornar-se bom cristão e honesto cidadão. De fato, comungo com o pensamento de que:

“Um relacionamento pessoal autêntico<sup>20</sup> significa sempre que estou completamente presente ao outro, plenamente com ele; que participo da sua existência pessoal, por que tenho interesse por ele. Participar significa literalmente ‘tomar parte de’. O relacionamento supõe assim que eu tenha

---

<sup>20</sup> Na terceira parte desse estudo retomarei a idéia de autenticidade, também nos relacionamentos, como um valor do Romantismo.

parte na vida do outro, na sua existência e no seu modo de ser no mundo”  
(Kaan apud Dho, 1975: p. 07).

Tudo indica que para Dom Bosco, a assistência vista como presença ao lado do educando resume o papel do educador que pratica o *tripé razão-religião-amorevolezza*, e isso exige qualificação e motivação específicas que se traduzam em: uma *Assistência-presença* gratuita, ativa e individualizada. Para Dom Bosco, o amor é presença educativa, a *amorevolezza* é como forma sobrenatural de racionalidade<sup>21</sup> e compreensão humana sensível, paterna e fraterna presente em todos os atos educativos. Dessa forma, a *Assistência-presença*, como convivência e sentido de *amorevolezza*, é o diferencial, a marca caracterizadora da Educação Salesiana.

A assistência de que falamos é aplicada nas salas de aula, auditórios, gabinetes, bibliotecas, laboratórios, locais específicos de práticas de atividades físicas e recreativas, e outros ambientes “clássicos” da Educação. Porém, deve-se dar especial atenção aos pátios amplos, corredores, banheiros, portões de entrada e saída e os momentos de grande movimentação de pessoas, locais que não devem ter pessoas consideradas como “tomadores de conta de meninos”, mas educadores, como prescrevem os pressupostos do *Sistema Preventivo*. Toda a tarefa educativa deveria ser realizada com autoridade, sem autoritarismo, substituindo a dominação pela liderança.

---

<sup>21</sup> Há uma discussão aquecida no seio da Filosofia que se assenta na valoração entre a razão prática e a razão teórica. Alguns estudos como o de Canto-Sperber (2003) e Van Den Bosch (1998) relatam que o conceito aristotélico de Phronésis, freqüentemente associado à prudência (mas que não se esgota em sinonímia, uma vez que um estudo sobre a etimologia latina e grega faz-se necessário), reivindica um lugar de destaque para a razão prática, em função de podermos vislumbrar aí a formação e estruturação do homem virtuoso, nesse caso, um caminho seguro para a plenitude essencial do mesmo; a busca da felicidade. Todos os conceitos envolvidos nesse debate constituem-se no mais rico debate no campo filosófico, não sendo minha intenção esgota-lo. Porém, mais adiante nesse trabalho far-se-á necessário um retorno às concepções aristotélicas para aproximar o sentido de *alegria*, essa mesma que parece associada a uma *amorevolezza* plena como da pretensão de felicidade (partilhada do educador para o educando), nesse caso, a idéia da Phronésis também será recorrente.

Isso supõe, mais uma vez, qualificação do educador, para persuadir e solucionar problemas sem os artifícios da dominação e do castigo.

Já que a palavra castigo apareceu, acredito que caiba aqui uma pequena observação a respeito de como a disciplina é vista pela Educação Salesiana. A disciplina significa assumir uma postura a partir de dentro de si, não como alguma coisa imposta de fora. Concebe-se uma relação dinâmica de duas dimensões que permeiam o processo educativo: a liberdade e a autoridade. Lobrot (1977), discute exaustivamente a relação entre autoridade e liberdade, analisando idéias “conservadoras” e “liberais”, quando os termos em questão parecem contrapor-se. Porém, o autor consegue, através de várias análises, encontrar os pontos de convergência em que autoridade e liberdade se relacionam no sentido de complementaridade. Partindo-se desta reflexão, na Educação Salesiana, não se pode prescindir da assistência como orientação, proteção e impulso dentro da liberdade, educando à responsabilidade madura e à autodisciplina, como fim da educação. O amor para com o educando desempenha função preventiva, porque o promove como ser humano e, amando ao educando dessa forma, o educador pode conseguir tudo da pessoa amada.

Dom Bosco procurou sempre sustentar sua ação pedagógica na disciplina que dispensa o uso de castigo. Descarta-se na Educação Salesiana qualquer tipo de castigo físico, mesmo que suave, porque estes revoltam, em vez de corrigir. Sabe-se que qualquer sistema educativo que pretenda educar sem limites está condenado ao fracasso, mas, a correção e os limites são bem diferentes do que o castigo. No entanto, por mais de uma vez, quer no Opúsculo ao Sistema Preventivo, quer na Circular sobre os Castigos<sup>22</sup>, ou em uma ou outra “boa noite”<sup>23</sup>, ele fez observar que, quando se fizer

---

<sup>22</sup> Sobre este documento consultar Scaramussa (1984). P.93

necessário, os castigos deverão ser aplicados, porém, diria que estes são do tipo psicológicos, como por exemplo um olhar não amável, que às vezes vale mais que uma bofetada. Prêmios são permitidos, desde que sejam simples e sejam premiadas não as qualidades naturais, como a memória e a desenvoltura, mas o esforço de cada um. Assim sendo, o elogio por uma boa ação, ou uma repreensão por um deslize, podem em si representar um prêmio ou um castigo.

A Proposta Educativa de Dom Bosco, sustentada na *razão, religião e amorevolezza*, gera um programa formativo de três núcleos interdependentes que atendem às necessidades estruturais e de relações dos jovens, em diversas dimensões de suas vidas (chamadas de três “S”): Saúde, vinculado à dimensão corporal e afetiva; sabedoria, referindo-se à dimensão sócio-cultural, necessária à autonomia, e; Santidade, referindo-se à dimensão religiosa.

Estes núcleos resumem também o programa de vida que Dom Bosco apresentava aos jovens e que aparece nas biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco. Tal programa consiste: na *alegria*, tendo como espaço simbólico o pátio com todas as suas expressões; no estudo e trabalho, representados simbolicamente pela oficina, com qualquer tipo de atividades; na piedade, que é a espiritualidade, representada pelo espaço simbólico da capela (como lugar das diversas práticas religiosas, vivências comunitárias e apostólicas).

A experiência de Dom Bosco que até aqui fui pontuando em alguns aspectos centrais, pode ter sua validade contemporânea expressa em duas referências que muito bem resumem sua concepção e de seus seguidores sobre a validade contínua do *Sistema*

---

<sup>23</sup> Dom Bosco adotava a prática de todas as noites reunir os jovens para fazer breves reflexões e deixar-lhes alguma mensagem.

*Preventivo*. Scaramussa & Da Silva Filho (1995) apresentam o seguinte trecho escrito por um padre salesiano chamado Luiz Sver:

“Dom Bosco é universal e (...) o sistema preventivo é perene... não é um castelo erguido sobre um rochedo alcantilado, mas uma cidade que livremente se expande em planície aberta. É que a pedagogia de Dom Bosco não é um acervo de técnicas, mas um sistema de valores” (p.05)

Os autores citados afirmam que “esta imagem é simbólica e paradigmática na modernidade. Dá também o sentido de dinamismo, de progresso, de transformação”.(p.06)

Fonseca (1998) refere-se aos fatos narrados na biografia de Dom Bosco, que aludem aos desafios que ele fazia aos meninos para corridas e, logo depois de demarcadas as metas e dado sinal de partida, em pouco tempo aquele padre tomava a dianteira e chegava primeiro, tendo feito isso pela última vez aos cinquenta e três anos de idade. Este mesmo autor nos diz que ainda hoje somos desafiados por Dom Bosco, o qual ainda toma a dianteira em santidade e em inspiração pedagógica, mas não se pode perdê-lo de vista. Segundo Braido, realizar o Sistema Educativo de Dom Bosco hoje não é fazer o que ele fez, mas o que ele faria hoje. Na verdade, “para sermos fiéis a Dom Bosco é preciso superar o próprio Dom Bosco”.(apud Fonseca 1998. p.07)

### **Por uma educação humanista não paternalista: *O Protagonismo Juvenil***

Em outro momento, deixei claro que no pensamento de Dom Bosco a intenção última era a formação do “bom cristão e honesto cidadão”, que assim teria assegurado a salvação da sua alma. Porém, quer na experiência própria de Dom Bosco, quer na tradição da Família Salesiana, verifica-se que a educação é um processo que pressupõe a participação do jovem, atuando e interferindo na comunidade educativa e na sociedade como um todo. De fato, se recorrermos às biografias já citadas de Domingos Sávio,

Miguel Magone e Francisco Besucco, descobriremos as orientações de Dom Bosco para que o jovem se torne líder, apóstolo de outros jovens; agente de transformação do ambiente onde vive. A esta maneira de conceber a atitude do educando dentro do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, a Tradição Salesiana passou a denominar de *protagonismo juvenil*.

O Protagonismo Juvenil é uma dimensão que a Educação Salesiana prioriza como uma prática pedagógica que venha a fazer os jovens participarem, ativa e criticamente<sup>24</sup>, como interlocutores ou parceiros dos educadores e dirigentes de programas, no sentido de tornarem-se os responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem. Além disso, práticas e vivências que atendam a este propósito, extrapolam o momento educativo para alcançar a perenidade na vida do indivíduo. Talvez por isso, e felizmente, o tema tem sido tratado além da Tradição Salesiana, conforme tentarei mostrar adiante.

---

<sup>24</sup> Não consegui encontrar nos escritos de Dom Bosco uma referência clara à palavra crítica. Mas as referências apresentadas no texto deixam a possibilidade para pensarmos que aquele sacerdote poderia seguir uma tendência bastante difundida na Europa desde o século XVIII e que transformaria a História mundial: o desenvolvimento da crítica. Segundo Koselleck (1999), a antecâmara das revoluções que se deram no mundo de então foi representada pela situação de crise (as palavras crise e crítica têm etimologias próximas) entre Sociedade e Estado, que resultaria na separação entre política e moral. Assim, o século XVIII vira nascer e se prolongar no oitocentos, um movimento de julgamento (via moral) das ações políticas. Era o desenvolvimento da crítica, essa entendida como “arte de julgar. Sua atividade consiste em interrogar a autenticidade, a verdade, a correção ou a beleza de um fato para, a partir do conhecimento adquirido, emitir um juízo que, como indica o emprego da palavra, também pode se estender aos homens” (Koselleck, 1999; p. 93). A crítica, então, encontrou terreno favorável no teatro, essa arte que estando desligado do Estado, constituía-se em um verdadeiro tribunal moral, a maneira de fazer ouvir uma voz popular até certo ponto tolerável. Parece-me provável que a formação eclesial de Dom Bosco, conforme já acenei, permeada por uma moral ascética, tenha assimilado bem essa modalidade de crítica à ação política, a qual parecia contribuir para a “fabricação” daqueles jovens “periclitantes” com os quais ele trabalhava. A própria utilização do teatro por Dom Bosco, conforme já acenado também nesse texto, parece corroborar com essa idéia. Parece-me provável, também, que a rotinização carismática (a ser tratada adiante), tenha contribuído para que os seguidores de Dom Bosco assimilassem essa tradição e favorecesse uma sustentação à prática de formação para o *protagonismo juvenil* do qual agora se está tratando.

**Acredito que se faz necessário dizer o que se entende por protagonismo juvenil, para clarear a abordagem que quero realizar. Costa (1996) diz que o protagonismo juvenil:**

“é a participação do adolescente em atividades que extrapolam seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária (igrejas, clubes, associações) e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização, que transcendam os limites do seu entorno sócio- comunitário”(p.40 ).

A participação pressupõe a influência nos fatos relativos à sua vida e das pessoas com as quais os jovens têm compromisso assumido. Um compromisso que é também com a democracia e a justiça, um exercício de cidadania concreta que o auxiliará no seu desenvolvimento pessoal e social pleno. As oportunidades de participação multiplicam-se em quantidade e qualidade, em situações concretas que têm relação direta com a autonomia e autodeterminação, as quais poderão ser alcançadas nas diversas esferas de atuação por ocasião da idade adulta.

A ação dos adultos é importante diante do protagonismo juvenil. Esta ação pode variar da receptividade e incentivo até a indiferença e a hostilidade, que poderão gerar no jovem motivação, aderência ou, desmotivação, divergência, e até antagonismo aberto.

Quando o jovem se envolve em questões de interesse coletivo, estamos diante de um processo de construção de cidadãos autônomos, críticos, autodeterminados, e de uma sociedade democrática, solidária e aberta.

Costa (1996) ao abordar esta temática, faz reflexões sobre a juventude nos anos noventa; o quanto de desafios enfrenta com relação a seus colegas dos anos sessenta, setenta e oitenta, embora estes tenham enfrentado dificuldades específicas que desafiaram o seu agir protagônico. Assim, estudando o comportamento da juventude das

décadas citadas, o autor apresenta um quadro classificatório dos jovens, colocando-os em três grandes grupos: 1) Convencionalistas; 2) Idealistas (reformadores, voluntários, Híppies) e; 3) Hedonistas (transitórios e permanentes)<sup>25</sup>. De posse dessa classificação, permite-se uma comparação entre os jovens das diferentes épocas. Esta comparação coloca o jovem atual em uma situação particular que levou a convencionar-se denominá-lo de jovem global, em virtude de apresentar características semelhantes em diferentes lugares onde esteja, basta para isso ver os fenômenos Walkman, vídeo games, tênis de marca, entre outros. A descrição desse jovem como global, colocaria a necessidade maior para um agir protagônico dentro de uma realidade que supostamente se apresenta como mais massificante.

Tentando mostrar uma outra posição sobre a discussão levantada, Zagury (1996) diz que a juventude atual não está totalmente alheia àquilo que se passa ao seu redor e, em muitos casos, podemos observar relações estreitas do jovem com a Política. Um estudo dessa autora, realizado com jovens brasileiros, indica que, apesar de algumas discrepâncias quanto aos resultados no item que se refere ao acompanhamento dos fatos políticos, fica claro que muitos jovens se interessam pelo que acontece no Brasil e no mundo, ainda que de forma diferenciada da geração passada e com perspectivas de melhoras. Embora estudos como este apontem algum grau de desinteresse dos jovens em relação à Política, outras iniciativas comprovam que grande parcela da juventude busca oportunidades de participação e diálogo através de ações comprometidas com melhorias sociais. Assim aconteceu por ocasião do prêmio “O adolescente por uma escola melhor”, realizado pela Fundação Odebrecht<sup>26</sup> com apoio do UNICEF, em 1995,

---

<sup>25</sup> Sobre este assunto aprofundar em Costa (1996, p.15-17)

<sup>26</sup> Organização Não Governamental (ONG) internacional, que vem desenvolvendo programas junto a adolescentes na Bahia e em muitas outras partes do Brasil desde 1988.

quando o prêmio contribuiu efetivamente para a formação de novos atores, autores e produtores com potencialidades para promover expressivas mudanças no cenário educacional de nosso país.

É importante, ao tratar a temática do protagonismo juvenil, insistir nesta reflexão da formação do jovem fundamentada em uma educação para o social, o que necessariamente relaciona-se com seu envolvimento na Ciência Política. Isto é justificado na afirmação de Lovisolo (1990), quando diz que: “na medida em que a política está em todas as práticas, todas as práticas agem sobre o político, isto é, sobre as relações de poder constituídas em cada prática.”(p.154).

Etimologicamente, palavra protagonismo origina-se de duas palavras gregas: *protos* = principal, primeiro; e *agonistes* = lutador, competidor, contendor. No caso, quero me referir ao jovem como aquele que ocupa um papel central na luta por mudanças sociais, podendo ser nas Políticas Públicas, na Prática Social, no campo do Direito, enfim, em diversas esferas, visto que hoje há uma parcela da juventude constituindo-se da porção menos privilegiada da sociedade, e que poderia ser chamada de juventude popular urbana, experimentando em vários níveis o processo de exclusão social. Vivendo esta situação, os jovens acabam desenvolvendo vínculos entre si, fazendo grupos que possam suprir a família, a escola, e outros grupos de pretensão pertencimento social. Estes grupos constroem a identidade dos indivíduos e, em muitas ocasiões, desenvolvem condutas contrárias à moral e à legalidade estabelecidas pela sociedade.

---

A política social precisa pensar nesta juventude em termos de educação, profissionalização, cultura, esporte, lazer; e não apenas lembrá-la através da polícia e da justiça (mecanismos de controle do Estado).

Em meio a um mundo pós-moderno, com uma série de valores sobrepostos a outros do passado, a educação da juventude precisa ser encarada como uma resposta concreta de mudança, onde o jovem possa ser o interlocutor, parceiro ativo e crítico, julgando e discernindo – principalmente através de práticas e vivências – os valores que por ele merecem ser incorporados com vistas a atender sua formação humana (como profissional e cidadão), bem como instrumentalizá-lo para influir nos acontecimentos da vida social e comunitária de forma mais ampla. É através do protagonismo juvenil, como uma alternativa, que o jovem poderá identificar, incorporar e vivenciar valores pretendidos. Neste caso, o protagonismo juvenil vale como um direito, mas passa também a constituir-se como um dever.

Parece aceitável acreditar, que um espaço favorável e privilegiado para se aprender formas democráticas de participação, é a escola. Toro nos diz que “a educação, por si só, não faz grandes mudanças, mas nenhuma mudança se faz sem educação” (apud Costa, 1996. P.39). O protagonismo juvenil constitui-se por isso, na escola, em um grande meio de educação para a cidadania. Pois é no espaço escolar que o jovem pode começar um envolvimento com questões que, aparentemente, não lhes dizem respeito.

É importante e necessário, para implementações de projetos que pretendam desenvolver o protagonismo juvenil, que os educadores tenham a clareza de que o mesmo não se cria de repente. Para alcançar os diversos níveis de criatividade e participação é necessário um processo de estímulos a ambas. O jovem precisa ser

formado para o compromisso, a liberdade e a participação, por isso deve ter envolvimento desde as “pequenas coisas”, procurando assim o seu próprio espaço. O processo pode iniciar desde o nível mais simplório, a participação na execução de um programa; passando pelo planejamento conjunto com adultos (e por estes proposto) mesmo sendo um programa proposto pelo(s) jovem (ens); até a participação em programas idealizados, planejados e realizados pelos próprios jovens, arrastando os adultos como colaboradores.

**Muito importante para o protagonismo juvenil é a experiência associativa vivenciada em grupos. Estes podem vir a constituir-se em um espaço de expressão, crescimento e engajamento dos jovens, pois é aí que existe a possibilidade de cada um encontrar o espaço de reconhecimento, de afirmação da subjetividade e de reconstrução de um sentido unitário para a própria vida. O grupo resgata à pessoa do jovem, aquele envolvimento político, cuja importância e necessidade já me referi antes, porque é no grupo o novo lugar da política, não em atos de massa, mas na “prática cotidiana miúda”.**

Na escola, o grupo pode e deve educar os membros que o compõem. Deixa de ser uma simples estratégia pedagógica para tornar-se um espaço de experiência educativa. De fato, “é a imagem do grupo educativo de pequeno tamanho que se projeta como lugar da formação de novos valores, de espaço de luta contra o poder, sendo nele que o diálogo entre educador e educando pode acontecer” (Lovisoló, 1990: p.154).

Aos educadores compete propor itinerários educativos que representem um esforço concentrado em suscitar o aparecimento de lideranças juvenis. Isto pode ser conseguido educando para a autonomia, para a auto-gestão, para o protagonismo. Contudo, é necessário que se tenha educadores preparados, líderes, pessoas

comprometidas, participantes ativos na comunidade e na sociedade, que convivem com os educandos, sempre atentos para ajudá-los na facilitação de experiências concretas de envolvimento na comunidade educativa, preparando-os para a participação e coresponsabilidade na sociedade.

Particularmente, eu considero o papel dos educadores ao protagonismo juvenil semelhante ao papel dos educadores populares abordado no trabalho de Lovisolo (1990), segundo o qual,

“guiados pelos princípios da pedagogia ativa, os educadores populares rejeitam a imposição, a doação, a transferência de conteúdos ou conhecimentos, isto é tratar as camadas populares como se fossem uma tábula rasa. Ao invés, parte-se do princípio que elas estão cheias de vivências, sentimentos, experiências, valores, saberes, lógicas, enfim, modos singulares de construir a representação do real e sua dinâmica” (p.173).

Na Proposta Educativa Salesiana, as atividades artísticas, esportivas, recreativas, musicais, teatrais, passeios, festas comunitárias, constituem-se em práticas e vivências que, assegurando a participação de todos os sujeitos no seu planejamento, preparação, realização e avaliação (com maior atenção àqueles com maior dificuldade), contribuem para a educação ao *protagonismo juvenil*. De fato, ao possibilitar ao jovem espaço para que possa exprimir-se na sua riqueza de comunicação, de movimento, de criatividade, e por que não, de barulho e inquietação através destas práticas em experiência grupal, pode-se estar criando “espaços para que o educando, situado organicamente no mundo, empreenda, ele próprio, a construção de seu ser em termos individuais e sociais” (Costa apud Fonseca, 1996: p.98).

Em toda a abordagem que realizei até agora, pode-se observar em um ou outro momento, uma pretensa relação entre protagonismo juvenil e autonomia, bem como

entre autonomia, autoridade e liberdade. Acredito então, que se faz necessário a partir daqui, esclarecer as questões que envolvem estas relações.

Assim como a palavra protagonismo, autonomia também se origina de duas palavras gregas: *autos* = próprio e, *nomus* = normas, logo entendemos como normas próprias (de viver). Se considerarmos que o indivíduo protagônico é o principal responsável pelas ações que envolvem a si mesmo, constituindo antes um direito, depois um dever, seu agir somente consolidar-se-á se o mesmo possuir autonomia. Pressupõe-se então que esta é condição para o protagonismo e, como educador, acredito que a autonomia deva ser conseguida pela educação, desde que seja libertadora, dentro dos limites que possibilitem a convivência entre os atores.

Leif (1981) nos diz que essa educação necessária à autonomia é, sob vários aspectos, subversiva, porque visa libertar o homem de toda injustiça e ameaças à sua dignidade. Certamente que este pensamento reforça a concepção de Freire (1973):

“Uma das grandes, senão a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez mais, sem o saber, à sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma elite, que as interpreta e lhes entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida” (p.51).

A liberdade é, então, pressuposto para a autonomia. Porém, a liberdade absoluta não cabe dentro da educação a qual nos referimos, uma vez que essa é essencialmente relação com o outro. Portanto, faço questão de repetir, a educação deve conduzir à autonomia com liberdade, mas uma liberdade que reconheça seus limites, de modo a possibilitar a convivência com os outros.

A educação, institucionalmente considerada, tem uma função reprodutiva. Por outro lado, a educação que se propõe subversiva busca ser uma pedagogia nova, que

prime pela autonomia, a qual dentro dos limites da liberdade conduza a um auto-disciplinamento. Assim, diria que educamos para a liderança se auxiliamos o educando a alcançar o desenvolvimento cognitivo (discernimento entre o certo e o errado) em harmonia com o desenvolvimento moral (discernimento entre o justo e o injusto), em outras palavras, educando à cidadania (desenvolvimento do sistema de direitos e deveres).

Uma educação assim concebida não pode prescindir da autoridade, mas uma autoridade destituída do poder de dominação (autoritarismo), funcionando como intervenção discreta, que possibilite ao educando experimentar e perceber o próprio dever. Isto é conseguido no convencimento do educando de se observar, isto é, seguir regras ou leis que possibilitam a vida em grupo.

Um meio efficacíssimo de exercitar esse modelo educativo na escola, sem dúvida, dá-se nas atividades livres da escola, quando o educando participando de organizações em grupo, exercita seu futuro papel na sociedade. Daí o papel atribuído por Benjamin (1984) aos jogos: o de desenvolver na criança a moral, tão necessária à sua vida na idade adulta.

**Resgato novamente o valor da autoridade, discreta, legitimada, aquela que reconhece que tanto o fato de ser protagonista, quanto ser autônomo, coloca o educando sob orientação segura do educador. Afinal, educar para a autonomia e para o protagonismo juvenil não significa abandonar os jovens a uma não-diretividade absoluta, “atribuindo à criança recursos que sua natureza infantil não comporta e, paradoxalmente, considerando-a portadora de capacidades que o próprio adulto nem sempre possui” (Leif, 1981: p.150). Na verdade, a educação para a autonomia requer uma libertação de si mesmo pelo indivíduo, na sua**

**relação consigo mesmo, com os outros e com a sociedade. O educador deve ajudar ao educando nesse processo e, para isso, precisa conhecer o educando, porque em cada um a liberdade é individualizada. Ao mesmo tempo, isso requer do educador a busca pela própria autonomia, na luta pela educação de qualidade, redução do efetivo de turmas, melhores condições de trabalho e de ensino; somente deste modo sua intervenção junto ao educando poderá alcançar a plenitude.**

**O complemento de uma boa proposta educativa que vise a libertação do indivíduo, deve conduzi-lo à autoconstrução individual realizada pelo exercício da reflexão. Em última instância, diria que as ações humanas deveriam ser realizadas sempre com o uso da capacidade inata ao homem, a inteligência. Portanto, cabe à educação estimular, desenvolver, auxiliar iniciativas que propiciem o exercício de autonomia com decisões refletidas, considerando valores amadurecidamente criados e definidos pelo próprio indivíduo, e que o conduzam a uma abertura às situações sociais, isto é, às suas relações com os outros.**

### **Uma outra leitura: A salesianidade para além da Tradição Salesiana**

A Tradição Salesiana foi construída a partir da experiência de Dom Bosco, mas, faz questão de remontar não somente à sua infância, como também recorre a personagens passados da História da Igreja apontando-os como precursores (tais como o próprio São Francisco de Sales), cujos feitos e estilos de vida teriam influenciado na construção do perfil pedagógico-pastoral daquele.

Por muitas vezes na Tradição Salesiana, encontra-se registrado que a obra de Dom Bosco deve-se ao carisma recebido, por impulso do Espírito Santo, com a maternal intervenção de Maria Santíssima - sob o título de Auxiliadora dos cristãos

(MB II, 45 MB VII, 291)<sup>27</sup>. Segundo a mesma tradição, é esse carisma herdado pelos seguidores do fundador que garante a sustentação da congregação no serviço à Igreja Católica, fazendo com que esses seguidores tenham responsabilidade e fidelidade para com o carisma recebido. Creio que para entender como a Obra de Dom Bosco se constrói, a partir de um olhar mais externo à tradição, é preciso que centremos foco sobre essa categoria: o carisma.

Um bom ponto de partida para nossa tarefa nessa seção, e resgatarmos o aspecto conceitual. Em linhas gerais, o conceito que aparece na maioria dos dicionários<sup>28</sup>, está atrelado à denominação recebida do seio da Teologia, nesse caso, a palavra carisma significa: força ou dom conferido por graça divina. Esse conceito, no âmbito da Doutrina e Catequese cristã católica, é confirmado pelo significado que encontramos no Compêndio do Vaticano II, segundo o qual, carisma é um Dom peculiar ao fiel (graça) conferido pelo Espírito Santo – que opera a santificação do povo de Deus através do ministério e dos sacramentos (Vat. II, AA 1339)<sup>29</sup>. Porém, nos mesmos dicionários revisados, encontramos conceitos estendidos, os quais são concebidos a partir da Sociologia. Nessa configuração, carisma significa qualidades especiais de liderança (políticas, etc) derivadas de individualidade excepcional. Esse conceito é bem próximo

---

<sup>27</sup> MB é como normalmente a Tradição Salesiana costume referenciar as Memórias Biográficas de São João Bosco. Contudo, a referência correta está em Ceria et al (1989), uma vez que este autor é autor das memórias (Vols. XI-XIX) escritas em conjunto com o Padre Lemoyne (Vols. I-IX) e Pe. Amadei (Vol. X), um total de 19 volumes.

<sup>28</sup> Ferreira (1999) e Houaiss (2001).

<sup>29</sup> Os concílios são encontros específicos do clero católico (encontro de bispos e delegados diocesanos), porém, com participação ecumênica de outras confissões, convocados pelo Papa, para discutir e traçar rumos pastorais para a Igreja, cujas deliberações são manifestadas por documentos conciliares ou pós-conciliares. Em geral, o Concílio recebe como denominação o mesmo nome da cidade sede, tendo o último sido realizado na cidade-estado do Vaticano entre 1962 e 1965 (Vat. II). O documento em questão refere-se ao compêndio das constituições, decretos e declarações daquele Concílio, fazendo referência específica ao decreto Apostolicam Actuositatem -AA (Sobre o Apostolado dos Leigos).

do concebido por Weber - na clássica obra *Economia e Sociedade* - segundo o qual, carisma é:

Uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como ‘líder’.” (1991: p. 159).

No entanto, para compreendermos a maneira como Weber concebe o carisma, é preciso considerar que ele está discutindo a relação próxima da Economia com a sociedade. A situação da categoria carisma, nessa relação, requer uma apreciação anterior sobre a idéia de dominação na ótica weberiana.

Por dominação, entende-se:

“a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas. (...) Em cada caso individual,, a dominação (‘autoridade’) assim definida pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais, referentes a fins. Certo mínimo de vontade de obedecer, isto é, de interesse (externo ou interno) na obediência, faz parte de toda relação autêntica de dominação.” (Weber, 1991: p.139)

Como se pode observar no conceito, o comportamento de obediência (ação de quem aceita a ordem) é central para o estado de dominação e, a obediência nem sempre está atrelada ao poder econômico de quem domina, senão também por costume ou modos afetivos, ou ainda, por interesses materiais ou por motivos ideais (racionais). Portanto, em função de como se estabelece a relação entre dominação e obediência, Weber classifica a dominação em três tipos: Legal, tradicional e carismática. É sobre essa última forma de dominação, no pensamento weberiano, relacionada ao conceito de carisma e de como este pode gerar obediência (seguimento), que passo a centrar minha atenção.

Para que o carisma estabeleça dominação, torna-se necessário seu reconhecimento pelos “dominados”, o que em geral acontece por uma via de mão dupla: as provas evidenciadas pelo carismático e a crença advinda do entusiasmo (ou da miséria e esperança). Contudo, se os “dominados” não conseguem perceber no carismático, sinais da proteção divina para suas ações, o reconhecimento pode cessar. Isso talvez explique porque, em biografias de carismáticos, e Dom Bosco não é exceção, há alusões a uma série de eventos sobrenaturais (e no caso específico de nosso personagem, realização de sonhos proféticos) que podem se prestar a consolidar a existência do carisma.

No caso do carisma na ótica cristã católica, freqüentemente dá-se referência ao amparo da providência ao carismático (muitas vezes representadas por doações dos homens, tomados como instrumentos de Deus), por isso, em seus seguidores é nutrido um sentimento de fé que mantém o discipulamento indiferente de qualquer remuneração concreta. É bem por isso que Weber atribui ao carisma um caráter alheio à Economia, aproximando-o do sentido de vocação enquanto missão ou tarefa.

Como vimos, então, a dominação carismática é constituída por uma relação social de vínculo pessoal, quando os dominados reconhecem as qualidades do dominador (carismático) e como as provas do carisma se manifestam. À medida que

essa relação vai se tornando consolidada, isto é, há uma estabilização dos reconhecimentos referidos, a dominação carismática tende a transformar-se de tipo (para racional e/ou tradicional). Esse processo ocorre por diferentes motivos, entre os quais: interesse ideal ou material dos adeptos do carisma em sua manutenção e; interesse ideal e material do dominador (carismático) ou seus seguidores mais próximos, na continuidade da relação de domínio. Nesse último caso, entra em cena a questão da sucessão, a qual, no caso de tradições religiosas seguiu os seguintes princípios: Escolha de um sucessor qualificado, por também possuir o carisma (legitimado pelos adeptos), portanto escolhido pelas lideranças de uma comunidade carismática; por designação do portador anterior do carisma; ou pela idéia de que o carisma é transmitido por meios “mágicos” (relativos à fé), através de rituais em que a transmissão ocorre por um portador a outrem, ou ainda pode gerar em outrem o carisma (carisma de cargo). Em quaisquer das situações mencionadas, ocorre aquilo que Weber chama de rotinização do carisma.

A rotinização do carisma realizada pelo processo de sucessão gera paralelamente próximo a novos líderes carismáticos um grupo administrativo (que literalmente administra a providência recebida pelo carisma), regido de modo extracotidiano e que garante o mesmo processo de rotinização.

É importante lembrar que, de acordo com a conceituação, o carisma é despertado e provado (e não aprendido ou inculcado). Por isso a necessidade de noviciados (ascese), quando os iniciados têm a oportunidade de experimentar o despertar do carisma, podendo vir a ser, futuramente, membro da comunidade carismática (até do grupo administrativo). A estruturação da comunidade carismática supõe uma estrutura administrativa, com cargos definidos e requisitos para que sejam ocupados. Com isso, a rotinização do carisma elimina o caráter alheio à Economia (original da comunidade carismática), migrando também do caráter extracotidiano para o cotidiano.

Historicamente, a dominação carismática tem sido realizada por grupos religiosos, que cedem aos poderes cotidianos tão logo a dominação é consolidada. A rotinização passa a ser um processo cíclico, onde o maior problema não é tanto a sucessão dos líderes carismáticos, mas a transição dos grupos e princípios administrativos do caráter carismático para o caráter cotidiano.

Como se pode ver, até pelo que desenvolvi na primeira parte desse estudo, a concepção quanto à existência do denominado carisma salesiano, relativo ao carisma do fundador, parece ter gerado a comunidade carismática (Sociedade Salesiana), cuja rotinização do carisma se caracteriza na vivência e transmissão secular dos princípios do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*.

A rotinização do carisma é alimentada, entre outros fatores, pela tradição e, essa, embora eu tenha mostrado até agora de forma panorâmica em virtude da grande produção gerada, esforça-se por evidenciar os principais pontos que fazem a marca da atuação pedagógico-pastoral de Dom Bosco e, posteriormente, de seus seguidores, reunidos em vários grupos que compõem a Família Salesiana. Muitas vezes pode-se observar o quanto essa tradição é produzida e comunicada de forma poética, cheia de roupagens sobrenaturais (como nos sonhos, feitos quase milagrosos, proteção contra os desastros, a santificação reconhecida dos membros, entre outras) e em tom de persuasão para a simpatia ao fundador.

Pode-se observar então nessa tradição, tomando mesmo como referência a revisão que até aqui foi apresentada, a existência de um quadro teórico cuja produção histórica majoritária é alimentada com a versão dos de dentro, uma História que parece ser construída a partir do interesse de uma categoria de agentes, os quais dicotomizam o fazer e ler História. Essa atitude ocorre sob os dois motivos que Lovisolo (2002) aponta como os significativos para entender a freqüente caminhada em direção ao passado: o primeiro, baseado em uma concepção que o autor chama de clássica, seria aquele de aprender com o passado para construir modelos que possam orientar o presente; e o segundo motivo, seria o da busca do entendimento do passado para tentar entender o presente.

A análise lovisoliana afirma que ambos os motivos são carregados do que ele chama de “utilitarismo e externalismo na apropriação da História”. Pode-se dizer, então, que a História autônoma é aquela livre desses tipos de motivos para sua construção, ou melhor, quando é construída em um processo por si mesma, potencialmente é uma História produzida pelos de fora. Arrisco-me a fazer o exercício que Lovisolo (2002)

propõe, de buscar uma História de interação dentro do campo, isto é, buscar as interpretações que começam a ser produzidas pelos agentes que estão dentro e fora da tradição, atento ao processo de abordagens dos quadros que fazem aceno tanto para os processos de continuidade quanto para os de mudanças dentro do campo. Penso, portanto, que um passo adiante, seja o de fazer um pouco de contraponto à contundente construção de versão quase única da produção literária salesiana, procurando evidências e argumentos que possam vir a nos permitir um equilíbrio entre as continuidades e as mudanças que se fazem perceber na fabricação da Tradição Salesiana, sendo para isso necessário, ir na busca de outras fontes que nos indiquem outros olhares da trama política, religiosa e social que navega nos rios da História que cerca a referida tradição.

Para além de qualquer possibilidade de tomar partido por qualquer uma das versões sobre o fato real da expressiva e progressiva ascendência da Família Salesiana<sup>30</sup>, quero ratificar no meu trabalho o compromisso das Ciências Sociais em mostrar que sobre os fatos vivenciados existem verdades e interpretações diferentes, as quais precisam ser confrontadas sob o olhar acadêmico e científico, no sentido de

---

<sup>30</sup> No Início da primeira parte desse estudo aludi ao fato de Dom Bosco ter fundado não só a Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos de Dom Bosco), como também o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a Associação dos Cooperadores Salesianos. Incluindo estes e outros que surgiram em diversas partes do mundo, a Família Salesiana compreende hoje 21 grupos oficialmente reconhecidos com um total de 402.500 membros. A seguir, forneço a relação dos grupos reconhecidos e o número relativo de membros, tendo como fonte os dados da Casa Geral dos Salesianos de Dom Bosco (disponível no site: [www.sdb.org](http://www.sdb.org)): Sociedade Salesiana de São Francisco de Sales (Salesianos de Dom Bosco): **16.422**; Instituto Filhas de Maria Auxiliadora:**15.074**; Associação Cooperadores Salesianos:**35.000**; Ex-alunos e Ex-alunas de Dom Bosco: **197.730**; Ex-alunas e Ex-alunos das FMA:**130.000**; Voluntárias de Dom Bosco:**1.308**; Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria:**404**; Salesianas Oblatas do Sagrado Coração de Jesus:**262**; Apóstolas da Sagrada Família:**100**; Irmãs da Caridade de Miyazaki:**1.074**; Irmãs Missionárias de Maria Auxílio dos Cristãos:**700**; Filhas do Divino Salvador:**109**; Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria:**109**; Irmãs de Jesus Adolescente:**43**; Associação Damas Salesianas:**3.000**; Associação de Maria Auxiliadora:**35.000**; Irmãs Catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora:**500**; Filhas da Realeza de Maria Imaculada:**57**; Voluntários Com Dom Bosco: **62**; Testemunhas do Ressuscitado - 2000:**650**; Congregação de São Miguel Arcanjo. Existem atualmente outros 17 grupos que desejam ser membros da Família Salesiana.

melhor entender como se constroem os processos formadores dos quadros de sucesso ou fracasso das estruturas que nos defrontamos.

Estou convencido de que qualquer estudo sobre o impacto de uma instituição e seu carisma não deve prescindir da busca e evidenciação do contexto em que a mesma se origina e desenvolve; por isso, quando lanço mão da História estou tentando o máximo de posicionamento de isenção com o objeto de estudo no sentido de busca do caráter de universalidade nas interpretações. Estou certo de que, para isso, faz-se necessário estar desprovido de identidade para com a tradição que estou enfocando, ou mesmo desnudado de qualquer tipo de crítica fundamentalista pré-concebida. A História aqui está para além de justificar ações realizadas pelos personagens do passado, ou para justificar os processos em andamento no presente, mas, o que se quer é buscar pontes que possibilitem compreensões nos dois tempos de como se estrutura uma proposta que, entre outros pilares, mantém as atividades corporais como fundamento da ação pedagógica.

Entretanto, na tentativa de tecer uma rede de análise histórica da experiência salesiana seria demasiadamente extenso tomar a Obra de Dom Bosco como a Tradição Salesiana a apresenta, isto é, buscando traços na sua infância, em supostas influências anteriores ou em relatos de acontecimentos sobrenaturais. Acredito que isso pode trazer complicações para uma análise crítica, uma vez que coloca a discussão em grande parte no campo das crenças. Por isso, penso que seja significativo e bastante, tomar como referência o processo de criação da congregação religiosa, fato esse que tem vínculo histórico direto com a expansão industrial e urbana da Itália no século XIX, os quais foram movimentos que possibilitaram o fortalecimento do poder burguês no momento de derrota definitiva dos aristocratas da Europa ocidental.

A ascensão do domínio liberal fizera-se sentir de maneira particular e com bastantes turbulências em países que viveram uma dupla revolução, representada pela transformação das bases sócio-econômicas e a emergência de um novo sistema de valores. Esses países foram: a Grã Bretanha e a França. Hobsbawm (1977), especialmente nos capítulos dois, três e onze, descreve e discute com propriedade as influências das Revoluções Industrial (com origem marcadamente britânica) e Francesa não somente no continente europeu como em todo o mundo. Notadamente, cada uma das revoluções ocasionou impactos diferenciados, tendo a Revolução Industrial influenciado na Economia e a Revolução Francesa muito mais na Política e Ideologia.

Embora Hobsbawm nos diga que o berço das revoluções significativamente históricas (e contemporâneas) tenha sido Inglaterra e França, as repercussões foram manifestadas em geral; isso porque o mundo pré-revoluções mantinha-se em condições bem semelhantes até a década de 1780, isto é, essencialmente rural, sendo que o que podemos considerar como urbano no período adquire um duplo sentido: a) as grandes metrópoles de então - Londres e Paris; b) o grande número de cidades de províncias, onde se encontravam os homens ditos urbanos, cidades com mais ou menos a mesma estrutura – uma região central, onde se localizava a catedral, alguns prédios públicos, e as residências de algumas autoridades. O contexto europeu que contemplamos, apresentava discrepantes diferenças entre o meio rural e urbano, desde os aspectos econômicos e sociais até mesmo aos de religião, aparência física, vestuário e cultural. Porém, desse meio urbano e que surgiram jovens que transformariam o mundo com as revoluções, tais como Robespierre, Napoleão, entre outros.

São muitos os fatos gerados pelas revoluções que afetaram a vida social, econômica, política e religiosa da Europa nesse período (para nós é interessante, porque

contemporâneo à Obra de Dom Bosco), sobretudo os referentes à situação caótica que o povo das cidades se encontrava enquanto vítima da necessidade de migração do meio rural. Vamos assistir no período pós-queda napoleônica (1815) até o final da década de 1850, um tempo de intenso empobrecimento das massas, paradoxalmente ao enriquecimento de uma minoria capitalista. Tal situação de empobrecimento, sub (des)emprego, aliada à entrega ao alcoolismo, exposição à doenças e um aumento da violência urbana, desencadeou uma série de levantes dos trabalhadores (a partir de 1848), cujo movimento era mantido aceso pela fome, miséria, ódio e esperança. A situação de desorganização do movimento trabalhista em foco não chegou a conseguir seu êxito pleno, afinal, a grande quantidade de famintos e desesperados não possibilitou formas de organização suficiente para enfrentar o organizado poder estatal e burguês, o qual trouxe grandes perdas, mas também sementes de resistência, sobretudo ideológicas.

A experiência de Dom Bosco no Oratório de Valdocco, e depois o desenvolvimento de sua obra até sua morte em 1888, estão localizados historicamente nesse contexto, em que a Itália, especialmente a região de Turim, sofreu os impactos políticos da vizinha França e as conseqüências das sucessivas guerras que aconteceram entre franceses e austríacos pelo domínio do território italiano.

Coincidentemente, o ano do nascimento de Dom Bosco, 1815, foi o mesmo da queda de Napoleão em Waterloo; desde então, e até o final da década de quarenta, a Itália viveu os momentos de intensa agitação política e religiosa, que visavam a restauração do país, porém, sob forte influência e domínio dos austríacos. A realeza italiana se estabeleceu contando com os pilares tradicionais da nobreza, do clero e do exército, e nesse entrelaçamento do poder eclesiástico com o político a Igreja conseguiu vantagens que satisfaziam plenamente a seus objetivos. Essa situação logo desencadeou

em processos de oposição que pretendiam derrubar o absolutismo estatal e religioso, além do domínio austríaco, e culminou com um processo revolucionário de laicização.

Em meio a grandes e repetidos conflitos com a Áustria (que mantinha o domínio sobre o território italiano), por volta da metade do século os revolucionários conseguiram o controle estatal das escolas e a expulsão da Companhia de Jesus, o que gerou a cisão entre Igreja e Estado (monarquia), este dirigido pelos ministros Camilo de Cavour e Urbano Rattazzi (o qual foi o responsável pelo fechamento de muitas casas das ordens religiosas e seminários), sendo aquela liderada pelo Papa Pio IX. A Igreja Católica caminhava sob preceitos conservadores, no sentido de encontrar nos austríacos um suporte firme para a instituição e isso era combatido veementemente pela oposição, gerando movimentos anticlericais. É nessa mesma época que a Itália passou a contar com outra fase histórica: o *Risorgimento*, marcada pela independência e busca de unificação do território. Dom Bosco não se manifestava abertamente contra ou a favor de qualquer movimento, mas possuía um comportamento, como já disse, bem contraditório: por um lado avançava em seu Oratório com os meninos aprendizes, utilizando-se para isso dos recursos modernos que possuía<sup>31</sup>; por outro lado, mantinha-se fiel ao Papa e isso o fazia alvo dos anticlericais.

A Congregação Salesiana consegue se estabelecer mesmo em momento de crise política e religiosa. Os ânimos acirrados geraram diversas reações de lado a lado e fatos marcantes assinalaram os picos do conflito. A luta aberta de regimes políticos contra a influência do clero na vida pública e o privilégio no tocante à educação e à beneficência

---

<sup>31</sup> Na Segunda parte deste estudo, mostrarei que Dom Bosco se localiza historicamente também dentro de um movimento de modernidade que foi denominado de “modernismo religioso”. Embora a hierarquia da Igreja Católica se mantivesse conservadora, alguns setores avançaram nesse movimento interno que teria um marco na Publicação da Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, em 1891. Ainda sobre esse assunto, retomarei na terceira parte do estudo, quando terei a oportunidade de afirmar que Dom Bosco teve um comportamento paradoxal dentro do Modernismo Religioso, o que fez com que se aproximasse bastante das inovações tecnológicas, vindo a contribuir para a sua ética de intervenção.

Social fizeram surgir duras medidas anticlericais, entre as quais, as mais expressivas foram: extinção de tribunal eclesiástico, proibição de corporações religiosas e leigas de receberem doações sem autorização do Estado, redução do número de clérigos isentos do serviço militar e o fechamento de casas religiosas que não atendessem à pregação, instrução e assistência aos enfermos (Lei Rattazzi), além do fechamento de seminários e noviciados. O impacto pareceu obvio: o movimento conseguiu a laicização do Estado.

No seio do conflito havia dissidências em ambas as partes, sendo que no clero, existiam grupos religiosos e correntes diferentes que pretendiam mostrar as contradições da hierarquia católica diante das transformações do mundo laico e a progressiva subordinação da Igreja ao Estado liberal. O Papa Pio IX negava tal subordinação e não admitia a denominação de liberal a ele atribuída. Por isso, entre outras medidas, convocou a reunião conciliar denominada de Vaticano I<sup>32</sup>, a qual pretendia entre outras deliberações, re-orientar a formação cristã dentro da doutrina católica e proclamar a infalibilidade do Sumo Pontífice, tendo esta última uma contribuição de articulação decisiva de Dom Bosco (Bosco, 1993). As resoluções do Concílio representavam a reação da Igreja às limitações impostas pela sociedade civil, bem como a reação aos “erros” da modernidade que já haviam sido rechaçados antes por ocasião da publicação da *Syllabus*<sup>33</sup>, que condenava a liberdade moderna e reforçava a autoridade do Papa e da Cúria Romana.

Emaranhado nas farpas estabelecidas entre Igreja e Estado, e em uma posição mediadora entre o conservadorismo e o modernismo na Igreja, Dom Bosco vai

---

<sup>32</sup> Complementando o descrito na nota 27, o 1º Concílio realizado na Cidade-Estado do Vaticano, foi convocado por Pio IX e ocorreu entre 1869 e 1870 (Vat. I). Contudo, em virtude da guerra entre França e Alemanha, os trabalhos conciliares foram suspensos sem terem realmente sido concluídos, o que aconteceria somente no Concílio Vaticano II.

<sup>33</sup> A caracterização do modernismo na Igreja, e as reações provocadas pela *Syllabus*, também serão apresentadas na segunda parte desse estudo.

conseguindo firmar a Congregação Salesiana na mediação. Essa característica fica bem evidente no texto das primeiras constituições (regulamentos) de 1858-1859 que foi submetido à aprovação do Papa Pio IX. A denominação do grupo religioso recebeu o nome de *Sociedade* (e não congregação), que foi um termo sugerido pelo Papa, mas que também já o fora sugerido antes pelo ministro Ratazzi. Em ambos os casos, as sugestões tinham o objetivo de resguardar o grupo das investidas do Estado, além de ter a vantagem de não poder receber negação imediata da Santa Sé, uma vez que os objetivos dos membros estavam claramente determinados: consagração ao bem da juventude pobre e sustentação da religião católica nas camadas populares. Tais objetivos ganharam confiabilidade na escolha do patrono da nova sociedade, São Francisco de Sales, que foi um apóstolo da Igreja voltado para a defesa do ideal de verdade da doutrina, mas sem agressões, pelo contrário, com mansidão, bondade, paciência e sacrifício.

Esse modelo, sugerido por Pio IX e Ratazzi, foi inteligentemente absorvido por Dom Bosco, de maneira que suas casas, para além de Turim, foram se estruturando nas bases estabelecidas entre as propostas religiosas e as exigências do Estado, portanto, possuía alguma identificação com interesses liberais e burgueses. Os sacerdotes que passavam a compor a sociedade tinham votos que os mantinham ligados tanto à Igreja (como sacerdotes), quanto ao Estado (como cidadãos). Mesmo os leigos vinculados por votos (Coadjuutores Salesianos), que surgiriam mais tarde, dada a dificuldade na relação entre mestres e aprendizes na formação profissional, mesmo não tendo a ordenação sacerdotal (eram homens seculares com formação profissional e conhecedores a doutrina), teriam a mesma conformação diante da Igreja e do Estado.

Nas palavras de Dom Bosco, a assistência aos jovens se dava àqueles em “situação periclitante”, e sabemos que a tradição refere-se a essa clientela como

meninos pobres, órfãos, abandonados, recém saídos das cadeias, enfim, todas as maiores vítimas da era revolucionária que se estava vivendo; embora se saiba também que Dom Bosco acolhia a alguns jovens como pensionistas, provenientes de famílias mais abastadas (Wirth, 1971), e com esses haveria de iniciar sua escola de formação sacerdotal. Contudo, sendo a maior parte da clientela constituída pelos menos favorecidos, a preocupação com a formação para a cidadania ocupava grande parte do discurso (“Bom cristão, honesto cidadão”), por isso seria imprescindível a formação para ganhar honestamente o seu sustento. Nesse sentido, os salesianos procuraram um projeto de atuação assistencial, religiosa e educativa junto à juventude operária. Pode-se dizer que era um tipo de assistência mais ampla, uma vez que, no pensamento eclesial a degradação provocada pela pobreza era uma questão que afetava também a moral e a religião.

A visão de assistência ampla dos salesianos envolve um posicionamento diferente dos outros institutos religiosos de então, porque além da caridade, que Dom Bosco chamava de caridade pastoral, havia ainda o desenvolvimento de técnicas e métodos de trabalho eficazes, que davam resultados. Isso, de certa forma, demonstra um vanguardismo dos salesianos no que diz respeito a como se tratou o problema da “delinqüência” no final do Século XIX (Menezes, 1984).

Todos os autores que tratam do contexto educacional no Século XIX, sobretudo a partir da segunda metade, apontam que as expansões da indústria de construção e aparecimento das primeiras manufaturas representaram, em grande parte, o aumento de empregos com a força de trabalho proveniente das áreas rurais, sobretudo aumentando a utilização da mão de obra infanto-juvenil. Hammond (1967), diz que assim como em outras partes da Europa, principalmente na França, a Itália utilizou a mão de obra

infantil no início de seu processo de industrialização, de modo que, em certos momentos chegou a imitar a Inglaterra, onde desde o final do Século XVII havia pressões de grupos familiares para a liberação dos jovens de suas obrigações domésticas para o trabalho industrial. É certo que nas cidades, esse quadro gerava um estado de abandono da juventude, sobretudo do ponto de vista moral, e isso pode ajudar a entender a preocupação da atividade apostolar dos salesianos.

Por outro lado, não se pode deixar passar despercebido, que aquela atitude “mediadora” entre os interesses do Estado e da Igreja caracterizava uma espécie de pacto social com as autoridades, e para dar conta de sua parte, a Sociedade Salesiana precisava ter o controle sobre quem eram os jovens do Oratório, o que faziam e onde estavam. Desse modo os salesianos poderiam colaborar com o clero no controle da massa de fiéis, principalmente dos trabalhadores (por meio das associações operárias católicas), e assim poderiam não só manter o monopólio como guia espiritual, mas também combater movimentos considerados subversivos em uma época de surgimento das primeiras associações europeias de trabalhadores<sup>34</sup> sob inspiração anarquista e socialista.

O trabalho direto com a organização operária de menores trabalhadores foi realizado através do intermédio com empregadores, quando o Oratório mediou as relações entre patrões e empregados por meio de artifícios que garantiam a ambas as partes, o que naqueles tempos difíceis pareceu a melhor estratégia de defesa dos princípios sociais e de caridade cristã.

A expansão do Oratório e da própria Sociedade Salesiana deu-se em função da eficácia das atividades desenvolvidas. Logo se tornou necessária a instalação de um

---

<sup>34</sup> Sobre esse assunto, ver os interessantes estudos de Menezes (1984) e Bosco (1993)

lugar definitivo e o aumento na oferta de atividades, entre as quais destacaram-se: escola noturna, ensino de pequenos ofícios, instrução religiosa e internato. Todas as atividades desenvolvidas pelos salesianos visavam a qualificação de mão-de-obra adequada à necessidade de formação especializada e disciplinada que servisse ao ritmo de desenvolvimento industrial. Essa expansão de atividades, conforme já mencionado, não pôde prescindir da ajuda de colaboradores, tanto religiosos como leigos. Contudo, quando da escassez vocacional religiosa, foi necessário partir para frentes mais criativas de captação de mão-de-obra formadora “especializada”, e todas as iniciativas de formação do pessoal estavam sempre baseadas na mesma pedagogia que se empregava com os educandos, sobretudo no controle do tempo e na vigilância (assistência), elementos necessários para uma ascese orientada ao carisma do fundador. Talvez por isso, tenha se criado no Oratório algumas práticas preventivas bem características, como supressão de férias (perigo de perder-se) e a alocução noturna formativa (“boa noite”).

A formação dos membros era cercada dos devidos cuidados já mencionados, seguindo os exemplos do fundador e submetendo-os a um regulamento disciplinar no modelo de mestre e educador. Pôde-se observar, assim, o estreitamento de laços de identidade fortíssimos, que caracterizam aquilo que se denominou de familiaridade.

A expansão da Sociedade Salesiana que me referi um pouco acima está sim atrelada aos fatores mencionados, porém, há ainda outros que acredito merecer uma abordagem necessária. A já conhecida influência do catolicismo no século XIX como um dos maiores poderes, cada vez mais reforçava sua ascendência sobre o Estado. Pelo final do século, a estratégia mais promissora para conseguir seu intento ainda era o monopólio do aparelho escolar, mas, como grande parte deste havia se laicizado, uma porta continuava aberta à manutenção do poder: a missionariedade, para além da

Europa. É que dessa forma a Igreja associava-se à força econômica, política e militar do neocolonialismo, nada muito diferente do princípio basilar de universalidade do cristianismo que gerou a missionariedade ibérica do século XVI, quando, segundo Baeta Neves (1978), a incorporação espiritual e territorial representava uma prerrogativa para a necessária cristianização do mundo. Tal movimento, no século XIX, teve grande estímulo por parte do Papa Leão XIII, amigo de Dom Bosco. Isso explica em parte a aventura dos salesianos se lançarem ao Projeto de Catequese Missionária mesmo com apoio restrito, e sem a experiência de outros institutos.

Acontece que o arrojo missionário deu-se também em virtude do conflito contextual na relação Igreja-Estado – com intensificação de movimentos anticlericais – o que trazia como conseqüência mais clara a emigração do clero, mas fazia da atividade missionária uma iniciativa bastante promissora. Esse tipo de fenômeno explica, por exemplo, o aumento de missionários salesianos no Brasil entre o final do Século XIX e início do Século XX, quando ao contrário do que relata a Tradição Salesiana, os religiosos não vieram preponderantemente para reforçar o trabalho missionário indigenista, mas também porque vários problemas com os movimentos anticlericais, sobretudo na França, forçaram a emigração de salesianos para o Brasil.

Concordo com Menezes (1984), que a Congregação Salesiana, seguindo as orientações do fundador, ansiou em expandir sua atividade junto à juventude como que para garantir para si uma fração da cristandade a ser conquistada. E, se o fundador por diversas vezes exortou seus seguidores a continuar sua obra expandindo-a até onde se fizesse necessária, fez lembrar Marx sobre o pensamento do Século XIX, quando diz que as revoluções têm uma poética não do passado, mas do futuro, quando encontram a

grandeza na tarefa histórica a cumprir, sem qualquer veneração supersticiosa do passado.

Aqui há o vestígio de uma pequena contradição, que tenderá a desaparecer na terceira parte desse estudo, porque os indícios de ligação com o passado questionam a significativa evolução dos salesianos em relação aos seus possíveis precursores, fenômeno esse que só pode ser entendido a partir de outros fatores particulares do século XIX.

O que posso inferir por hora, é que o movimento que se realiza via Igreja Católica no quadro das relações de poder gerado pelas transformações econômicas, políticas e religiosas do Século XIX, ocasionou um processo de formação em determinada parcela social – os jovens – que no momento foi adaptada ao modelo de produção sob a égide da formação integral. O método educativo, freqüentemente denominado de *Sistema Preventivo*, apresentava simbioses de contraposição entre posicionamentos classificados como conservadores e estratégias sofisticadas de evangelização adotadas por setores progressistas da Igreja. Esse quadro caracterizou-se como um “jeito” próprio de controle sobre os indivíduos, que os introduzia em novas práticas sociais, adequadas àqueles tempos.

Assim, a finalidade de orientar e disciplinar a ação dos indivíduos no processo de formação do “bom cristão e honesto cidadão” possuía também elementos contraditórios, pois, da mesma forma como vimos na Tradição Salesiana a intenção de formar para o *protagonismo juvenil* (e isso é bem visível nas campanhas assistencialistas feitas pelos jovens no serviço às comunidades), também se observava o cuidado com a formação de um corpo docilizado pela reorganização dos espaços, pela micropenalidade do tempo e pelo exercício da vigilância como método pedagógico

(ainda que sob as amenizações que o termo *Assistência-presença* denota). Essa situação envolve também a discussão do emprego das atividades corporais, do teatrinho, da música, enfim, dos recursos que o próprio Joãozinho Bosco usara na juventude com os colegas e que agora, sob o pretexto de elementos essenciais no processo do homem integral, cumpriam funções ainda não muito distantes das intenções jesuítas do Século XVI, mesmo que com as características próprias do tempo, que tratarei na terceira parte desse estudo.

O alcance das metas educativas de então, valia-se do método que submetia os corpos a um programa pedagógico-catequético-evangelizador que era resultado de um saber considerado legítimo, onde a disciplina, mesmo que menos repressora, mas não menos sofrível ao indivíduo, era a via promissora do itinerário até as relações de dominação e à trama política-ideológica que permitisse a reprodução do modelo instituído.

Evidentemente pode-se encontrar dimensões ideológicas nesse processo, e modelos renovados podem ter sido emplacados na sucessão dos tempos na busca de articulação entre totalidades sociais: jovens e comunidades, fossem elas locais, provinciais ou nacionais. Nesse ponto, ratifico que minha preocupação nesse estudo está para além da restituição de formas “tradicionais” confrontadas com configurações modernas, ou mesmo das formas organizacionais operativas no presente; o interesse é sim o de revisar uma situação histórica específica enquadrinando a ordem política produzida pela capacidade dos agentes (instituição e organização) de impor interesses, valores e padrões organizados sobre outros componentes da cena política, no sentido de avaliar os princípios que regulam a dominação, a natureza da dependência gerada e como se expande. É possível que estejamos encontrando respostas de como a

transmissão ideológica, encarada como procedimento técnico do poder vai mostrando sua função estratégica.

À medida que estou propondo a reflexão no campo ideológico, passo a supor a ideologia segundo o pensamento de Limoeiro citado por Menezes (1984), como sendo algo que expressa a correlação de forças sociais, correlação essa que pode compreender o nível das idéias articuladas em sistemas, concepções de mundo com graus variáveis de coerência, unidade e teorização; bem como o nível da atualização desses sistemas de idéias e organização da prática social. Parece, então, que a ação salesiana aproxima-se de caracterizar-se como um processo civilizador, cujos elementos constitutivos precisam ser examinados, deixando claro a interpretação peculiar da Sociedade Salesiana para as recomendações da Igreja Católica quanto à empreita educativa que deve ser realizada mediante as diretrizes da Pastoral de Juventude.

Porém, acredito que por outro lado seja preciso demonstrar também a contaminação da forma discursiva ao nível das relações concretas entre os membros educadores e os destinatários de sua ação. Penso que esse movimento transcende uma ameaça de intervencionismo eclesiástico puro, porque quase todos os projetos ideológicos-assistenciais convergem, em aspectos significativos, com os projetos de integração oficiais de muitos Estados.

## **II PARTE: EM BUSCA DAS RAÍZES DO ORATÓRIO SALESIANO: O HUMANISMO RENASCENTISTA DE VITORINO DA FELTRE E FELIPE NERI.**

Em alguma passagem do capítulo anterior, mencionei o fato de que Dom Bosco assume a característica de “bricoleur” na construção de sua experiência pedagógico-pastoral, tomando de várias vertentes elementos que articulados vão constituindo um todo harmônico, diferente para o século XIX, mas não exatamente novo nos estabelecimentos de ensino e entidades de atendimento assistencial e promocional. Em verdade, quando margeamos as biografias de Dom Bosco, é possível verificar que sua dedicação no estudo aos clássicos da Educação, da Filosofia e da vida dos santos da Igreja Católica permitiram-no apropriar-se de tudo o quanto ele acreditava ser bom para aplicação de seus métodos educativos e alcance de seus objetivos no Oratório. Deste modo, com uma rápida revisão de literatura da História da Educação a partir do século XV<sup>35</sup>, já é possível encontrar indícios de ações pedagógicas laicas e religiosas que tardiamente estarão presentes na ação do fundador da Obra Salesiana. No sentido de demarcação do vasto campo de produção do conhecimento que poderia ser abordado para demonstrar tal influência, optei por uma revisão em recorte das experiências pedagógicas e pastorais de dois personagens da História da Educação os quais, com características pessoais e ações em dimensões diferenciadas, oferecem oportunidades de identificar as aproximações temporais que estou tentando fazer com a ação educativa de

---

<sup>35</sup> Optei por tomar como marco comparativo para esse estudo, os acontecimentos pedagógicos que ocorrem a partir o século XV, porque entendo que é quando parece entrar com ênfase diferenciada as práticas corporais no ambiente e tempo escolares. Nos tempos anteriores essas práticas parecem ter sido utilizadas como recurso à educação, contudo, a partir desse período adquirem aspectos diferenciados que vão da vigilância à disciplina, passando pelo aspecto purgativo e até mesmo como motivação da aprendizagem como um todo.

Dom Bosco. Os personagens em questão serão Vitorino da Feltre (leigo – Século XV) e Felipe Neri (religioso – Século XVI), cujas iniciativas educativas com impacto significativo das atividades corporais e artísticas poderão ser identificadas com o que mais tarde aconteceria em Valdocco.

Neste momento, parece-me oportuno seguir, ainda que ligeiramente, uma linha factual da História para tratar dos personagens supracitados. Nesse caso, ao apresentar Vitorino da Feltre, situo-o no século XV e parece ser necessário, então, que seja abordada uma realidade fortemente presente na História da Educação quinhentista: o Humanismo Renascentista.

Embora o Renascimento, enquanto um período histórico com características e representações próprias para a humanidade, seja muitas vezes tomado com toda a estreiteza de um estudo linear histórico, é bastante para este estudo somente a sua ratificação do ponto de vista ideológico, político, teológico, social e pedagógico, como oposição ao período da Idade Média. Nesse caso, creio que para extrair as significativas mudanças no seio da sociedade, sobretudo no campo da Educação, temos que considerar a forte tendência filosófica do Humanismo, que embora estivesse presente de forma latente em outras épocas, encontrou no Renascimento o terreno fértil para sua ação.

Entre as grandes transformações ocorridas no Renascimento, merece ser destacado o fato da Educação, antes com controle e exercício sob responsabilidade de religiosos, passar a contar com a intervenção de pessoas leigas, isto é, estudiosos e professores leigos e não somente monges, frades ou padres como nos séculos anteriores, quando o exercício da cultura ou do magistério parecia atribuição exclusiva do clero. Ao revisarmos a literatura da História da Educação, encontramos sem dificuldades entre esses “leigos”, pelo seu amor ao estudo, destaque para as figuras de Dante (1265-1321),

Petrarca (1304-1374) e Boccaccio (1313-1375). É possível observar nos estudos que se têm conhecimento sobre esses personagens<sup>36</sup>, a emersão de idéias permeadas de valorização da vida do passado grego e romano, do mundo subjetivo das emoções e da natureza física do homem, antes renegado pela Idade Média. O conteúdo desta nova forma de educação consistiu principalmente no ensino das línguas e literaturas clássicas dos gregos e romanos, bem por isso, tal conteúdo foi denominado de *humanidades*.

Há acordos entre os historiadores da Educação de que entre os precursores do humanismo ao qual estou me referindo, embora não tenha sido em sentido restrito um educador, Petrarca, que viveu no período de transição entre os dois grandes períodos históricos aos quais estamos nos referindo, é a figura que contém em germe as características essenciais do humanismo renascentista. Foi um apaixonado das letras e dos clássicos, estudioso do grego, poeta e prosador latino que fazia do estilo uma criação pessoal, mas imitadora dos grandes modelos clássicos.

Atrelada à imagem dos grandes impulsores iniciais do Humanismo, é comum encontrar na literatura que o fator decisivo na difusão deste movimento e na propagação dos livros, que renovaram o ensino com o novo saber, foi a invenção da imprensa. Qualquer relação entre a imprensa e uma Revolução Educacional da História humana não será nenhum exagero, uma vez que a arte de imprimir livros possibilitou a multiplicação e o barateamento dos livros, assim como a transformação e a melhoria dos livros didáticos. Assim sendo, a invenção da imprensa, em meados do século XV, ainda é um fato cuja importância para a História da Educação, merece ser devidamente salientada.

---

<sup>36</sup> Melhores abordagens podem ser encontradas em Monroe (1972), Laroyo (1974), Luzuriaga (1978), Nunes (1980), Peeters & Coomam (1971)

O advento do Humanismo com a renovação do saber, que se processou ao mesmo tempo em que fatores adversos articulados fizeram desaparecer ou desfiguraram o patrimônio tradicional da cultura presente até a Idade Média, levaram à constituição de uma nova pedagogia e à fundação de escolas em que os jovens passaram a ser exercitados de acordo com novo o ideal de formação.

Quintiliano (35-75)<sup>37</sup> foi o mestre dessa pedagogia renascentista, essencialmente literária, retórica e erudita, cuja obra foi descoberta integralmente em 1416, fato este considerado como capital para a pedagogia do Renascimento. A partir de então, quando se estudam na História da Educação os escritos pedagógicos dos humanistas do século XV como Leonardo Bruni (1370-1444), Maffeo Veggio (1406-1458), Leon Battista Alberti (1404-1472) e outros; e quando se examinam os planos e programas escolares postos em prática por Vitorino da Feltre, verifica-se que o ideal colimado pelos humanistas era o desenvolvimento integral da personalidade; a formação harmoniosa do corpo e da alma através da educação intelectual, moral e física; o estudo intenso das letras greco-latinas, da gramática e da retórica. Além desses conhecimentos, somaram-se no século XVI mais a astronomia e as ciências naturais, bem como a grande atenção concedida pelos mestres à corrida, à natação, à equitação, ao jogo de bola e ao manejo das armas. Sobre essas últimas, os educadores humanistas fizeram questão de dar aos seus alunos educação física<sup>38</sup> também com os exercícios corporais, com os jogos e com os passeios.

---

<sup>37</sup> Marco Fábio Quintiliano foi um célebre educador latino-espanhol que, embora nascido na província espanhola de Calahorra desde pequeno viveu em Roma. Vários imperadores romanos o prestigiaram, chegando até mesmo a ser senador, porém, sua paixão era a pedagogia, sobretudo a retórica.

<sup>38</sup> O termo aqui não designa o sentido moderno ou atual de Educação Física, mas a educação das capacidades relativas ao corpo, ao físico.

Do pequeno quadro exposto, pode-se perceber que o ensino humanista era uma prática aristocrática, para os ricos. Sabe-se que somente as instituições religiosas dispensavam alguma atenção para os pobres, sendo que, o único professor leigo de nomeada, diretor de escola, humanista, pedagogo e pessoa verdadeiramente piedosa, em função de sua condição cristã, a ter se interessado pelos estudantes pobres e a ter feito algo por eles, foi Vitorino da Feltre, conforme será mostrado mais adiante.

Importa frisar finalmente que, desde o aparecimento do Humanismo, os humanistas puderam contar, em alguma medida, com os papas (superiores da Igreja Católica), que em muitos momentos foram seus iluminados e seguros suportes. Proferindo o Magistério da Igreja Católica para todo o mundo, mas, sobretudo a partir de Roma, eles se destacaram na promoção das letras e das artes, na proteção aos artistas, no sustento dos humanistas, na iniciativa das traduções, na busca de manuscritos, no entusiasmo pelos estudos dos clássicos e na renovação do saber. Contudo, críticos da História da Igreja referem-se a essa atitude como sendo novos mecanismos de manutenção do poder clerical em um mundo de transformações eminentes, quando a Igreja precisou em certo grau aderir sob pena de ver-se ameaçada quanto à tradição historicamente construída<sup>39</sup>.

A partir dos ideais humanistas para a Educação, pudemos ver o nascimento de utopias quanto à promoção humana para a plenitude do ser. As utopias renascentistas são entendidas como descrições imaginárias de mundo ou sociedades mais perfeitas e nas quais aparecem, além dos desejos e dos sonhos de vida humana justa e feliz – como

---

<sup>39</sup> É sabido que um período extremamente importante da História da Universal, e em extensão das Histórias da Igreja e da Educação foi aquele que se iniciou com a Reforma Protestante. O advento desse movimento de insurreição filosófica, religiosa e política ocasionou um processo de reação na ordem estabelecida, de forma que a Igreja Católica também teve que adquirir nova postura política, filosófica e religiosa, sob pena de ver ameaçada sua hegemonia. Muitas linhas de ação foram desencadeadas, fundindo-se naquilo que se chamou de movimento de Contra reforma.

se o homem pudesse nesta vida organizar a sociedade perfeita apenas por meio da razão – também os anseios por algumas instituições ou por algumas regras sociais que viriam a ser perfeitamente realidades em épocas posteriores, tais como: o sistema de educação pública e universal, a justa retribuição aos trabalhadores assalariados, o aumento do tempo de lazer, entre outras. Essas parecem categorias que bem cedo apareceriam em certas iniciativas de alguns educadores, entre eles Vitorino da Feltre, ainda no século XV<sup>40</sup> e mais tarde Felipe Neri, já no século XVI.

### **Vitorino da Feltre e Felipe Neri: diferentes nos estilos de vida, semelhantes na missão.**

Vista a partir de dentro, a Tradição Salesiana atribui a obra de Dom Bosco à Providência Divina. É neste sentido, que em muitos escritos dessa tradição encontramos comumente alusões à sua vocação (com sentido religioso) e à sua condição de dádiva à Igreja e à sociedade, o que teria ocorrido em momento oportuno na História graças à

---

<sup>40</sup> Vitorino da Feltre e Felipe Neri foram educadores que em séculos diferentes prestaram grande serviço à Educação e seus métodos influenciaram a muitos educadores nos tempos posteriores. Contudo, há algo de forte que influenciaria a alguns educadores, sobretudo aos educadores religiosos do Século XIX, e que está presente em outro grande educador do Século XV, o francês Jean Gerson. Estou me referindo à preventividade. Jerson foi um educador de estado religioso laico muito considerado na França, chanceler da Universidade de Paris e autor de vasta obra de caráter teológico, ascético e moral, além de muitos e bons estudos pedagógicos. Jerson dedicou-se, no campo da educação, a escrever tratados que se direcionassem prioritariamente à educação de crianças, principalmente com fundo religioso, isto é, com encaminhamento para Cristo. Entre os vários e bons caminhos de encaminhamento das crianças, dizia que era preciso a *pregação pública*, a *advertência secreta*, a *formação escolar* e a *confissão* (sacramento). Sua obra, bastante aceita pelos educadores contemporâneos e posteriores, dedicava-se, portanto, mais à educação moral do que intelectual, por isso a assertiva freqüente à confissão como meio mais eficaz de manter os meninos longe do mal e da perdição. Dizia que nos ambientes de educação os educadores precisavam ser homens íntegros e dedicados à assistência escolar; os meninos deveriam ter o hábito de acusar àqueles que comprometeriam o processo formativo, e deveriam evitar todas as ações (principalmente jogos) que levassem à avareza, impudícia ou cólera, mas deveriam gozar de breves recreios após as refeições e quando cansados, porém, sempre com observância dos mestres. Os meninos deveriam andar sempre juntos, sem convivência com pessoas externas ao processo, ao menos que tivessem a autorização especial de superiores. Quando as punições se fizessem necessárias, seriam utilizadas varas, mas com brandura, e nunca elementos contundentes ou castigos humilhantes, pois os meninos deveriam se sentir amados e não expostos ao escárnio, devendo ser levados à prática do bem mais pela mansidão do que pela severidade. Desse pequeno exposto, vê-se que se tratavam de regras para um pequeno internato, mas certos princípios seriam considerados perenemente válidos para a Educação.

intervenção Divina, mais precisamente pela ação do Espírito Santo. Isto em si constitui grande parte da documentação tomada pela Sé Católica para o Processo de Canonização de Dom Bosco ocorrida no ano de 1934<sup>41</sup>. Contudo, a partir de uma revisão “clínica” da sua experiência “original”, será possível constatar, de acordo com o que tentarei mostrar, que a Pedagogia do Oratório encontra alicerces não somente em fragmentos extraídos da vivência em infância e juventude do próprio fundador (como observado na primeira parte), senão também de experiências anteriores bem antigas, tanto na História da Educação como na História da Igreja.

Se for retomada a comparação de Dom Bosco a um “bricoleur”, é possível observar descompassos entre a Tradição Salesiana e outras abordagens historiográficas encontradas em registros da História francesa e italiana. Quando da apresentação de uma revisão em recorte nessas Histórias percebemos que a iniciativa bosquinana parece ter se orientado por objetivos outros, que estiveram além de simples respostas altruístas às necessidades de menores “periclitantes”, ou simplesmente de serviços desenvolvidos em resposta a uma vocação pessoal, conforme tive a possibilidade de demonstrar no final da primeira parte desse estudo.

Portanto, vemos que é possível encontrarmos pistas para o entendimento dos alicerces da experiência de Dom Bosco quando transcendemos a Tradição Salesiana. Assim, minha intenção agora será tentar mostrar que, se o “Oratório primitivo de Valdocco” já não se constituía em novidade contemporânea<sup>42</sup>, pode-se relacioná-lo a

---

<sup>41</sup> Dom Bosco foi canonizado, isto é, reconhecido oficialmente como santo da Igreja Católica em 1º de abril de 1934 (páscoa), portanto, 46 anos depois de sua morte. Esse curto período para um processo de canonização é um fato não comum na Igreja.

<sup>42</sup> Bosco (1993) relata que o primeiro Oratório de Turim foi fundado por um padre chamado João Cocchi. A iniciativa deu-se em 1841, embora tivesse havido uma tentativa em 1840. O Oratório foi colocado sob a proteção do Anjo da Guarda, vindo a ter esse nome. Embora o Pe. Cocchi fosse um homem de sensibilidade e genialidade, não se apresentava como um grande idealizador, além de possuir muitos atritos com seu Arcebispo e o Papa. Apesar disso, foi um

experiências bem sucedidas nos séculos XV e XVI tanto em iniciativas laicas quanto religiosas, as quais, se não têm o parêntese reconhecimento da experiência de Dom Bosco (não somente o santo, mas o educador) têm a legitimidade histórica de experiências singulares em favor da Educação e da promoção da juventude.

A primeira experiência significativa que gostaria de abordar é a de Vitorino da Feltre<sup>43</sup>. Monroe (1972), Larroyo (1974), Luzuriaga (1978), entre outros autores revisados, lamentam o fato de Da Feltre não ter deixado escritos pessoais sobre sua obra, contudo os registros sobre a mesma são encontrados nos escritos de seus discípulos e seguidores. São alguns desses poucos registros, a maior parte encontrados em fontes secundárias, que me permitem identificar na vida e obra deste personagem da História da Educação, grande parte dos traços presentes no Oratório de Dom Bosco, os quais pelo menos do ponto de vista das atividades corporais poderiam sim ser considerados como originais.

Vitorino da Feltre, italiano de Pádua, viveu entre 1378 e 1446, era cristão e é considerado um dos mais importantes educadores, senão o maior, do movimento humanista renascentista da Itália e do mundo. Para este trabalho é muito significativo que Da Feltre tenha sido um educador de condição laica e muito considerado pelos estudiosos da História da Igreja, uma vez que sua experiência pedagógica fundamentada no Humanismo pode ser tomada como uma das principais referências para as bases daquilo que pode ser chamado de Humanismo Cristão, surgido no final do movimento

---

grande animador de outros sacerdotes e fundador de várias instituições religiosas, sempre em favor dos jovens e dos desamparados.

<sup>43</sup> Fiz opção clara por Vitorino da Feltre neste trabalho, em função de sua relação próxima e forte com o modelo de intervenção a ser identificado nos séculos XVI e XIX, conforme mostrarei adiante. Contudo, outros humanistas, de mesma linha de ação de Vitorino poderiam ser mencionados e estudados, por suas produções escritas (pessoais) e pelas escolas que fundaram seguindo os preceitos humanistas. Entre estes, merece destaque Guarino de Verona (1374-1460)

renascentista com a fundação da Companhia de Jesus<sup>44</sup>, um dos pilares do movimento de contra reforma.

A contribuição prática de Da Feltre para a educação deu-se com a aplicação de seus ideais humanistas e cristãos na educação escolar de jovens nobres na cidade de Pádua (Itália) em um ambiente denominado de “*Casa Giocosa*”.<sup>45</sup> Sintetizando o levantamento de vários autores, Pérez (2003) diz que neste ambiente o que se pretendia era desenvolver a educação integral, segundo o ideal humanista, por isso os alunos tinham formação moral e intelectual, sem distinções entre homens e mulheres, com o ensino de grego, literatura, filosofia e história, declamação e leitura pública para melhorar a eloquência, aritmética, geometria, astronomia, música. A apropriação desses conhecimentos relativos mais ao domínio cognitivo, valia-se da prática de jogos para ser aprendidos de modo mais agradável; mas, além disso, havia também variadas formas de atividades corporais, como: exercícios ginásticos<sup>46</sup>, equitação, salto, corrida, esgrima, guerra simulada e jogos de bola. Para Vitorino, esses exercícios aqueciam o corpo mais do que o fogo, mantinham a saúde e despertavam a mente para a aprendizagem<sup>47</sup>.

Embora alguns críticos do passado possam ter dito que o esquema das disciplinas curriculares da escola de Vitorino fosse ainda medieval, seus biógrafos e discípulos: Sassolo da Pratto (1417-1449), Francesco da Castiglione (1410-1484),

---

<sup>44</sup> Adiante terei oportunidade de mostrar, que Vitorino pode ter fornecido todo o instrumental pedagógico no que diz respeito às estratégias de motivação para ensino utilizadas nas escolas da Companhia de Jesus (Jesuítas).

<sup>45</sup> Em 1423, Vitorino aceitou ao convite do Príncipe Gianfrancesco Gonzaga para lhe educar os filhos. Reunindo os filhos de nobres da redondeza fundou a *Casa Giocosa* (mansão alegre). Laroyo (1974), esclarece que: “com respeito ao nome, é pertinente recordar que a palavra italiana *giocosa* deriva do vocábulo latino *iocus*, sinônimo de *ludus*, que, como se sabe, foi o nome dado à escola elementar romana. ‘Vinde, ó meninos, aqui se instrui, não se atormenta’, dizia uma legenda da *Casa Giocosa*” (p.23)

<sup>46</sup> O termo utilizado aqui na literatura é o de exercícios físicos de caráter geral, ainda não tem o significado que seria atribuído no Século XIX com o advento dos métodos de ensino e prática da Ginástica.

<sup>47</sup> Segundo os biógrafos citados neste estudo, Vitorino era de baixa estatura, magro, gostava dos exercícios físicos e jogava bola quase diariamente. De fato, além de procurar ser sábio e virtuoso, não descuidava dos exercícios físicos.

Francesco Prendilacqua (1420-1453), Bartolomeu Platina (1421-1481) e Vespasiano de Bisticci (1416-1492), afirmam que o modo como eram ensinadas era novidade, quer seja por serem tratadas diretamente nos clássicos<sup>48</sup>, como através da intervenção metodológica pelo uso do jogo e das atividades corporais. As atividades desenvolvidas por Da Feltre pareciam mesmo um retorno à antiga civilização grega, contudo, pode ser dito que eram realizadas com modernização, em clima de alegria e satisfação. Torna-se necessário chamar a atenção de que, na *Giocosa* cultivava-se a apreciação estética sem perder de vista as virtudes morais e cristãs, naturalmente porque pretendia a formação do Homem para o Estado e para a Igreja.

Da Feltre entendia que o ambiente em si também era instrumento de educação, por isso Plinval & Pitet (1954), Larroyo (1974), Peeters & Cooman (1971), Luzuriaga (1978), Nunes (1980), e Pérez (2003), entre outros, descrevem sua casa com decorações alegres, com jardins e parques arborizados, campos para jogos, painéis com imagens de meninos (as) recreando-se, enfim, ambientes onde o jovem pudesse expandir sua alegria natural principalmente em atividades realizadas em grupos. A característica do trabalho em grupo pode ser atribuída ao magistério anterior de Vitorino no serviço público<sup>49</sup>, sendo para nós importante em seu método de conduzir o processo de formação, considerar tanto o pioneirismo da idéia de participação do educando na manutenção da

---

<sup>48</sup> Assim como Plinval & Pitet (1954), Nunes (1980) aborda a polêmica sobre os estudos dos clássicos surgida no Renascimento em oposição ao que ocorria na Idade Média. Nesse momento não há uma censura total aos autores pagãos como em outrora, mas permite-se um uso adequado de tal literatura. A referência é feita ao opúsculo do livro de São Basílio Magno, segundo o qual os jovens deveriam 'ser como as abelhas e aproveitar nos livros mais indicados o que neles houver de bom e apreciável'. "Por isso, segundo a posição basílica, não se refugam os clássicos mas os educadores que devem vigiar o emprego dos textos, pois nem todos são necessários à formação literária dos jovens, e as obras ou os seus trechos imorais devem ser censurados" (p.32)

<sup>49</sup> O sentido de público nesta época não tem o mesmo significado que o presente o atribui – de oficial. Público, então, possuía o caráter de ensino dado em comum.

disciplina, como a atenção especial aos interesses, características e necessidades próprias da fase de desenvolvimento das crianças.

A experiência de Vitorino da Feltre, embora realizada com jovens de maioria nobre não excluía a participação de alguns advindos de classes pobres, sendo que estes eram mantidos por aqueles. Esse tipo de “efeito Robin Hood” (cobrar dos ricos para sustentar os pobres), embora não se tenham auto-relatos em função da ausência de escritos de Vitorino, foi amplamente estudado por Nunes (1980), revisando as biografias deste educador escritas por seus discípulos. Aliás, Nunes parece ser, dos historiadores da educação, um dos que mais se deteve nas biografias escritas pelos discípulos daquele educador, o que lhe possibilitou afirmar que Vitorino:

“se comprazia em cultivar os talentos dos alunos carentes de recursos para estudar. Aliás, só aceitava em sua escola poucos alunos, engenhosos e modestos, (...) educava – tal a condição que impôs para aceitar o convite do príncipe Gonzaga – jovens plebeus e pobres que ele sustentava com seu salário, com o pagamento dos ricos e com o auxílio de Paola de’ Malatesta, esposa do príncipe Gianfrancesco.<sup>50</sup>”(p.47)

Sendo Vitorino um educador cristão<sup>51</sup>, e tendo uma obra bem vista tanto aos olhos civis quanto religiosos, parece ter levado sua influência para além dos pressupostos estabelecidos nas escolas da Companhia de Jesus, vindo a refletir-se na iniciativa religiosa de atendimento educativo assistencial e promocional no século XVI denominada de Oratório, cuja fundação está reconhecidamente atribuída a Felipe Neri.

Felipe Neri é o segundo personagem italiano que aponto nesse trabalho com relação de proximidade às manifestações tardiamente identificadas em Valdocco

---

<sup>50</sup> Já se referiu anteriormente a respeito do Príncipe de Pádua Gianfrancesco Gonzaga, o qual convidou Vitorino pra educador de seus filhos.

<sup>51</sup> O biógrafo Vespasiano de Bisticci citado por Nunes (1980), diz que Vitorino não casou para consagrar-se inteiramente aos estudos e à educação da juventude. É bem verdade que pensou em abraçar a vida religiosa em uma ordem, mas diante da utilidade pública de seus serviços preferiu permanecer leigo. Bisticci diz ainda que seguia ardentemente os preceitos de sua religião, rezando diariamente o ofício divino e jejuando nas vigílias de preceito. Queria também que seus alunos, conforme a idade, o imitassem nessas ações. Com oração assídua e exemplo de piedade, esperava conduzir seus alunos ao cumprimento dos deveres religiosos.

(Turim) no século XIX. Viveu entre 1515 e 1595 e seu nome consta no elenco dos santos instituídos canonicamente pela Igreja Católica, embora com uma biografia não muito difundida em comparação com outros santos, apesar dos reconhecidos méritos de espiritualidade e sua “patente canônica” de padroeiro dos humoristas. Apesar dessa sua “condição canônica”, minha intenção é abordá-lo enquanto educador, cuja trajetória de intervenção educativa precisa ser considerada em dois grandes blocos de experiência pessoal: antes e depois de sua ordenação como sacerdote.

Assim como os demais personagens até agora apresentados, tomarei da biografia de Felipe somente alguns fatos que possam permitir vislumbrar como se construiu sua obra em favor da Educação e que traços pessoais o fazem, juntamente com Vitorino, um dos pioneiros da aplicação das atividades corporais como estratégia educativa para a promoção de jovens.

Na obra de Francesia, cuja última edição sobre a biografia de Felipe Neri que encontrei foi a vigésima primeira (em 1895), parece haver uma intencionalidade em apresentar, para os leitores do século XIX, uma figura carismática e solidária no serviço aos pobres, sobretudo aos jovens. Francesia (1895), preocupa-se tão demasiadamente com os aspectos espirituais e apostólicos de Felipe, em virtude de sua obra situar-se no âmbito da História da Igreja, que pouco acena para sua contribuição direta no campo da Educação, porém, seus escritos constituíram-se em fontes de interpretação que possibilitaram a estudiosos da História da Educação, como Larroyo e Nunes (já citados), a apresentar mesmo que de forma sucinta, o impacto da obra de Felipe Neri através da instituição do Oratório, como abordarei um pouco mais à frente.

Em escritos mais recentes e específicos sobre a obra de Felipe, é possível encontrar com maior clareza as contribuições que são acenadas nos livros de História da

Educação, assim como ajudam a entender como se constrói o seu caráter particular de educador. Sorgon (1988), relata que o pequeno Felipe nasceu em Florença/Itália, filho de Francisco e Lucrecia Neri. Órfão de mãe bem cedo, encontrou na madrasta<sup>52</sup> uma boa companhia para sua infância, aquela com quem brincava, e que se fazendo amar foi figura decisiva na sua formação. Desde pequeno era de todos o companheiro alegre, pacífico, respeitoso, brincalhão e, por ser aberto e sincero recebeu o apelido de “pipo bom”. Apesar de dispensar bastante tempo às brincadeiras (sua preferida era a de pedrinhas)<sup>53</sup>, gastava outro tanto junto aos padres dominicanos da Igreja de São Marcos, a quem mais tarde atribuiria os méritos de sua vida religiosa. Passou toda sua infância e adolescência na divisão do tempo entre as brincadeiras, os estudos e as práticas religiosas até o dia que, aos dezoito anos, diante de um crucifixo decidiu dar à sua vida rumos mais próximos do serviço aos outros. Assim, saiu de casa com consentimento dos pais indo morar com um tio em outra cidade. Também lá, logo percebeu que a Igreja precisava de servos mais dedicados às urgências que se apresentavam<sup>54</sup> e, abrindo mão

---

<sup>52</sup> A segunda esposa do pai de Felipe foi uma verdadeira mãe para o garoto. Sorgon (1998) diz que seus laços afetivos foram tão fortes que à hora da morte pronunciava seu nome como se estivesse a falar com ele.

<sup>53</sup> Existem muitas brincadeiras com pedrinhas. Uma das mais populares era a de tomar várias pedrinhas “miúdas”, atirá-las cada uma por vez para cima e apará-las, de modo que as mãos iam ficando cheias de pedrinhas. Quem conseguisse manter mais pedrinhas na mão era considerado de grande habilidade, embora houvesse variações que envolviam a agilidade para catá-las e não a quantidade.

<sup>54</sup> Desde o século XIII, com o fim da política imperial germânica sobre a Itália, pudemos observar a situação de instabilidade nas cidades o que favoreceu a instauração do senhorio e a criação de milícias mercenárias. Desde então, a Itália viveu a intensificação de conflitos internos e as guerras entre os Estados, incluindo-se o Estado Pontifício (que sofrera grandes abalos desde o grande cisma ocorrido entre 1318 e 1417). Desde 1494, quando a França invadiu a Itália, essa ficou subjugada às potências estrangeiras (sobretudo, França e Espanha). No ano de 1495, após dominar Roma, a França conquista Nápoles e derruba os Estados italianos, dando início a uma série de guerras, envolvendo Alemanha, Suíça e Inglaterra, na qual a Espanha (Habsburgos) leva vantagem. A divisão da Itália em Estados independentes ou integrados ao reino Habsburgo permanece até a segunda metade do século XVIII. Os sucessivos conflitos que aconteceram naquele período (final do século XV e início do século XVI), fizeram de Roma uma cidade destruída (foi saqueada por soldados espanhóis e mercenários alemães, em 1527), com caos social instituindo uma extrema situação de pobreza e violência. É nesse contexto que Felipe Néri desenvolveu seu apostolado, sobretudo entre os mais miseráveis, sendo um educador, animador e, posteriormente, apóstolo via sacerdócio. Sendo já um homem de Igreja na condição laica,

de tudo, inclusive de possível herança de seus tios (que não tinham filhos) vai a Roma dedicar-se ao serviço de apostolado na cidade que se acreditava necessitar de maior dedicação dos servos de Deus.

Em Roma, Felipe leva uma vida desapegada das preocupações com os bens materiais, vindo a ter somente o necessário para a sobrevivência, e assim mesmo, ganho com serviços prestados à educação dos filhos de um senhorio que com muito gosto o acolhia. É preciso lembrar que até aqui Felipe ainda permanecia na condição laica, mas sentiu-se impelido a trabalhar pelos outros precisando para isso completar seus estudos humanísticos<sup>55</sup>. Estudou Filosofia e depois Teologia, que parecem tê-lo conduzido a meditações profundas sobre sua vida, uma vez que nesse estágio chegou a fazer opção radical pelos pobres, vindo a transitar pelas ruas de Roma entre indigentes, miseráveis pecadores, viciados, marginais em geral; e muitas outras categorias de pessoas desqualificadas, sobretudo jovens, para os quais Felipe se sentia chamado a promover, a conduzir para a dignidade humana e cristã. Sua principal estratégia foi a alegria, a brincadeira que a todos cativava.

Os destinatários do serviço de Felipe aumentavam e diversificavam. Ele atendia aos doentes, encarcerados, condenados, pobres estudantes, órfãos, solteiras, enfim, todos que sofressem e, para isso começou a contar com ajuda de outros e a estruturar instituições de assistência. Essas eram em princípio destinadas ao acolhimento de doentes, porém, cumpriam função de campo apostólico, uma vez que para lá eram levados jovens viciados que não só auxiliavam no atendimento aos doentes como também se corrigiam de seus vícios ao observarem onde poderiam chegar no caso de

---

Felipe imbuu-se de responsabilidade apostólica, mediante obediência à Igreja, que precisava dar respostas às urgências daquele tempo.

<sup>55</sup> Com esse tipo de acesso ao conhecimento, parece-me plenamente possível que Felipe tivesse estudado e assimilado muitos elementos educativos de Vitorino da Feltre.

não largarem seus vícios. Esse tipo de apostolado de Felipe denunciava sua especial predileção pelos jovens, predileção essa que viria a marcar o resto de sua vida. Sua entrega foi tão profunda no serviço aos pobres/jovens, que cedeu às insistências de seu confessor e aos 36 anos de idade fez-se sacerdote, entendendo nisso uma vontade de Deus. A partir daí, seu apostolado teria uma intensidade dirigida sobretudo pela preocupação maior de assistência espiritual àqueles que já eram carentes da assistência material.

Sorgon (1998), sintetiza aquilo que aparece nos escritos de alguns dos estudiosos da História da Educação como Nunes (1980) e Monroe (1972), assim como em escritos do próprio Dom Bosco<sup>56</sup>, isto é, a grande paixão de Felipe pelos jovens. Era essa paixão que o fazia buscar todos os recursos para cativá-los, retirá-los dos vícios, e fazê-los praticar o bem. Logo percebeu, naquilo que era sua característica, as armas para conquistar o jovem: a alegria, o jogo, a brincadeira; por isso ele mesmo também brincava. Quando da ausência dos jogos, esforçava-se para que os jovens estivessem sempre ocupados, a fim de evitarem o mal, daí a iniciativa de ensinar-lhes pequenas ocupações e orações. Do conjunto dessas práticas: brincadeiras, oração e trabalho, surge em 1558, **o Oratório**, na Igreja de São Girolamo da Caridade.

Nunes (1980) diz que no Oratório eram ensinadas a doutrina cristã e as letras, mas em harmonia com o entretenimento e o trabalho, em um ambiente de alegria animado por canto e música. Apesar da grande ênfase dada às duas últimas dimensões – entretenimento e trabalho – Felipe deu prioridade ao ensinamento para o amor a Deus, e, considerando que todo aquele que ama se comunica, a oração (enquanto comunicação

---

<sup>56</sup> Dom Bosco escreveu alguma coisa sobre os feitos de Felipe Neri em cartas aos seus seguidores e benfeitores, na intenção de exortá-los no seguimento desse grande santo. Mas sua obra mais significativa sobre Felipe é um panegírico, proferido em 1868, o qual aparecerá mais adiante nesse estudo.

com Deus) tornou-se para ele a prioridade. Nesse sentido, Campecelatro citado por Nunes (1980), fornece-nos a origem do nome de Oratório para a instituição então fundada, dizendo que esse nome deveu-se principalmente “ao grande amor de Felipe pela oração e ao grande desejo que ele teve de fundar uma congregação de padres para os quais a oração fosse alma e vida” (p.105).

Para auxiliá-lo no serviço aos jovens, Felipe criou a Congregação do Oratório, cuja característica seria a vida em comum sem os votos, embora fosse uma comunidade de aspiração por perfeição cristã. Na congregação, os padres viviam em uma comunidade democrática, podendo deixá-la quando quisessem, ainda que permanecessem na vida religiosa secular.

Para os anos de seiscentos, a obra de Felipe era revolucionária, por isso mesmo atraiu simpatizantes e antipatizantes, sendo que esses últimos centravam suas críticas no perfil da maioria dos educadores que trabalhavam no Oratório, que sendo de estado laico ensinavam sobre assuntos religiosos.

A obra de Felipe, desde quando ainda era de condição laica, sempre teve preocupações para além da promoção humana e cristã, em promover vocações religiosas para a Igreja de então, que necessitava de fiéis defensores da fé. Como relutasse durante muito tempo em ele mesmo ser um religioso, foi muitas vezes comparado a um sino, que chama todos à igreja, mas fica sempre na torre; enviava muitos à vida religiosa, mas permanecia leigo.

Se forem retomadas agora as breves apresentações de Vitorino e Felipe, ainda que tenham vivido em séculos e estados de vida diferentes, não seria difícil encontrar paralelos entre eles. A mim interessa um aspecto em particular, que além de sua grande valorização enquanto estratégia de atratividade ganha ares de importância em função do

valor educativo que desencadeia: a alegria. Por isso, acredito que seja necessário centrar atenção sobre essa categoria, enquanto elemento considerado de alta relevância em propostas pedagógicas inovadoras a partir do Renascimento.

### **Humor, riso, alegria: todos combustíveis do homem feliz.**

Com a intencionalidade de buscar algumas raízes da experiência do Oratório de Dom Bosco em Valdocco, estive nos primeiros tópicos deste capítulo abordando elementos que se apresentam em fatos ocorridos a partir do século XV, que possivelmente tenham vindo a contribuir para a manifestação dos pressupostos educativos daquela iniciativa educativo-pastoral oitocentista. No que diz respeito especificamente aos personagens localizados nos séculos XV e XVI (Vitorino da Feltre e Felipe Neri, respectivamente) citados anteriormente, gostaria de chamar atenção para um aspecto central que aproxima os dois e que, a meu ver, geram uma espécie de marca das atividades e propostas que ambos apresentam. Este aspecto é o mesmo que mais tarde torna-se um elemento motriz do Oratório de Valdocco: a *alegria*. Vitorino da Feltre queria a promoção da e pela alegria, tanto que sua casa de educação esteve com o nome atrelado a esta categoria: a *Casa Giocosa*. Felipe Neri teve a alegria como marca pessoal desde a infância (era o pipo bom), foi com essa alegria que atraía as pessoas, vindo a tornar-se a marca também das instituições que fundou, e ainda fez com que Felipe ficasse conhecido como patrono dos comediantes e humoristas.

Se a alegria toma esse aspecto de centralidade na ação desses educadores de forma que possa ter, de acordo com minha intuição, influência sobre Dom Bosco, penso que seja oportuno observar como ela se manifesta nos momentos históricos em foco (séculos XV e XVI); nesse caso, termos correlatos mais próximos da alegria como humor e riso passam a estar na pauta de estudo, isso devido à sua estreita relação com a

recreação e a festa, muito embora outros termos correlatos como cômico e comédia merecessem comentários em situações mais oportunas.

Todas as categorias mencionadas são tratadas na literatura sob diferentes enfoques, sendo que nessa seção, poderei mostrar que muitas vezes a partir das óticas antropológica e sociológica, muitas vezes, o riso, humor, o cômico, são categorias apresentadas de uma forma que a moral cristã não admitiria qualquer vínculo com a alegria. Isso porque aquelas categorias vinculam-se à idéia de estados de satisfação conseguidos em virtude de algum tipo de ridicularização a outrem. Tal não acontece com a alegria cristã, plena de estado de graça divina, e que parece ser o fio condutor de toda a tradição cristã (presente também na tradição romântica, que tratarei na terceira parte desse estudo). Essa discussão aparecerá mais adiante, contudo, como poder-se-á observar, para além das análises realizadas pelas diferentes áreas do conhecimento, é possível encontrarmos aproximações entre as categorias mencionadas, de modo que se entenda sua apropriação pelas propostas pedagógicas até aqui referidas. Por isso, qualquer imbricação textual entre as categorias não deve ser tomada como confusão terminológica.

A obra de Bakhtin (1987) que se propõe a apresentar a cultura popular no século XVI a partir de uma leitura de Rabelais fornece alguns indicativos da História do riso que nos ajudam a entender a nova posição da alegria no Renascimento, embora haja bastante críticas quanto a pseudo-idéia de que, na Idade Média, ainda que seja considerada como um período de trevas para a humanidade, o riso tenha estado ausente da vida do povo menos favorecido. Na verdade é defendida a idéia de que o riso, o humor, enfim, o estado de alegria era manifestado de várias formas, ainda que ela – a alegria – fosse reprimida em muitas situações.

Existem alguns críticos da obra de Bakhtin, como o faz Aaron Gurevitch, professor emérito do Instituto de História Geral da Academia de Ciências de Moscou, em seu texto publicado no livro organizado por Bremmer & Roodenburg (2000). Gurevitch e outros críticos contestam Bakhtin em virtude de suas interpretações históricas estarem permeadas por uma concepção estruturalista de sociedade, o que por vezes torna complicado discutir conceitos de cultura. Esse tipo de discussão é próprio das teorias sociais clássicas e transcende esse estudo, porém, como tomo alguns indicadores de Bakhtin, penso que seja necessário abordar o riso, o humor e alegria sob outros enfoques, conforme será observado no decorrer deste tópico.

Considerando a imbricação dos elementos humor, riso e alegria, uma idéia comum que mais facilmente poderia articulá-los, é a de oposição ao sério. O humor tem sido considerado um elemento vital para que os indivíduos se desenvolvam de forma harmônica, contudo, as pesquisas históricas sobre o humor não têm sido levadas suficientemente a sério. Se observada a História universal, mesmo considerada a partir de uma linha factual e considerando como fontes as piadas e fenômenos cômicos, pode-se constatar que o humor se apresenta de formas diferentes nos tempos, o que nos ajudaria a entender o desenvolvimento cultural e social dos períodos históricos. Quando me refiro ao desenvolvimento cultural e social, estou pensando no estudo do humor como possibilidade de entender as culturas, religiões, grupos sociais e profissionais.

Os conceitos de humor têm sido originados de concepções advindas de contribuições da Estética, da Filosofia e da própria Medicina. É desta última – a Medicina- que parece fluir os mais antigos elementos para se explicar o humor. O Professor Jofre de Rezende<sup>57</sup> nos diz que, segundo os preceitos da escola hipocrática, o

---

<sup>57</sup> Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e membro da Sociedade Brasileira e Sociedade Internacional de História da Medicina. As contribuições para

humor seria uma substância líquida responsável pela manutenção da saúde e da vida, e embora durante algum tempo se acreditasse na existência de vários humores, houve o momento em que se estabilizou a idéia de que eram apenas quatro: o sangue, a fleuma, a bili amarela e a água (posteriormente, chamada de bili negra).

Durante muito tempo a medicina utilizou a doutrina do equilíbrio humoral no indivíduo como explicação para manutenção do estado de saúde, nesse caso, a complementação ou retirada de excessos de humor era a terapêutica adequada para se eliminar as patologias. Dessa concepção de equilíbrio humoral originou-se também, com Galeno, a explicação para os temperamentos dos indivíduos conforme o predomínio de um ou outro humor (líquido), surgindo assim as denominações de sanguíneo, fleumático, colérico (cholé, bile), melancólico (mélanos, negro/cholé, bile). Os dois últimos tipos apresentam então os comportamentos extremos do indivíduo: colérico (excesso de bili amarela) e melancólico (excesso de bili negra), existindo, contudo, uma variedade de outros comportamentos que teriam semelhante explicação: a impassividade, a tristeza, a alegria<sup>58</sup>. Pode-se compreender, assim, como a idéia de bom humor, ou o mau humor (ambos em sentido de comportamento expresso) dos indivíduos esteve atrelado a esse tipo de explicação.

Apesar do desenvolvimento astronômico da medicina no decorrer dos tempos, que viria a proporcionar novas explicações para os comportamentos humanos, com a descoberta da estrutura celular dos indivíduos, dos estudos da embriologia, do processo de divisão celular e das estruturas intracelulares: núcleo, cromossomas, genes, DNA,

---

meu estudo foram captadas do texto: Caminhos da Medicina: dos quatro humores às quatro bases, disponível em <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende>

<sup>58</sup> Note-se que aqui se trata, do ponto de vista psicofisiológico, de considerar a alegria como consequência de um estado desequilibrado de humores, que geraria no indivíduo uma euforia. Se o estado de saúde é um equilíbrio de humores, então a alegria seria uma patologia? Se assim o for, e considerarmos a alegria como boa, então a idéia de desequilíbrio que gera patologia não é de todo ruim. Creio que este seja um bom ponto de discussões posteriores.

enfim, do avanço dos conhecimentos mais profundos sobre a constituição humana, ainda se considera, do ponto de vista fisiológico, válidos alguns dos modelos antigos, em função de sua estrutura quaternária (lembro da escola hipocrática). Isso porque, o DNA, por exemplo, é formado de quatro bases: adenina, timina, guanina e citosina, que por sua vez são formadas de quatro elementos químicos: carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio. Portanto, as combinações das bases dão origem a inúmeros seres vivos. O que estou querendo dizer com essa linguagem? Estou fazendo um exercício de analogia para talvez ter a ousadia de dizer, que a velha estrutura quaternária hipocrática dos humores encontra novas formas de releitura na ciência moderna, as quais podem fornecer novas explicações para o fenômeno fisiológico do riso e da alegria.

Diante desse quadro do conceito de humor atrelado à Medicina, pode-se notar a origem científica da palavra humor, que mostra uma condição do corpo e da mente, caracterizada então como um estado de espírito, disposição, temperamento. Isso me faz pensar agora na questão da alegria, caracterizada como um estado de bom humor, uma disposição mental positiva fruto da percepção de situações agradáveis, ou mesmo quando se percebe situações que poderiam parecer desagradáveis, mas que o estado de bom humor faz com sejam vistas de outra forma. Esta concepção de alegria (que guarda relação com análises antropológicas, conforme mostrarei adiante) é talvez a mais próxima da tradição judaico-cristã, que considera o estado de alegria, ou em âmbito maior, felicidade plena, o estado de Graça experimentado pela presença de Deus. Embora presente desde o cristianismo primitivo, tal concepção ganhará força no renascimento como mostrarei um pouco mais à frente, e também no século XIX, por isso tornou-se referencial para as propostas pedagógicas de preceitos cristãos. Mas se for preciso considerar algo que explique a tendência humana para o não sério, como

fazê-lo com argumentos que estejam para além desse estado de busca e alcance de Deus?

Diversas teorias foram sendo construídas no sentido de dar conta do questionamento supra levantado, sendo que as mesmas estão categorizadas como teorias do humor e dentre elas as três principais são: teoria da superioridade, teoria da incoerência e teoria do alívio. Repare-se na imbricação de termos que já tive a oportunidade de comentar nesse texto, embora as teorias do humor estejam sendo visitadas para explicar a tendência das pessoas para a alegria, o elemento considerado passa a ser o riso, visto como uma expressão concreta dessa alegria, do contentamento, do não sério.

A teorias da superioridade têm entre seus representantes Thomas Hobbes (1578-1679), Alexander Bain (1818-1903) e Henri Bergson (1859-1941). Essas teorias possuem em comum entre si a idéia de que o riso advém de desequilíbrios entre as pessoas, isto é, entre quem vê e quem é visto. Neste caso, situações como: defeito, desvantagem momentânea, pequenos acidentes, erros cometidos, entre outras que geram em quem observa a sensação de superioridade sobre quem é objeto da observação. Hobbes dizia ser o riso um momento de êxtase repentina de superioridade, embora suas considerações não expliquem todos os tipos de riso. Bain concordava com o riso provocado pelo sentimento de superioridade momentânea, embora dissesse que não seria necessário ser uma superioridade própria podendo ser de uma terceira pessoa, ou ainda, não precisaria ser uma superioridade com relação a uma pessoa, podendo ser para com uma instituição ou qualquer coisa que seja exposta ao ridículo.

No âmbito dessa discussão que cerca as teorias da superioridade, especialmente no que se refere ao pensamento de Hobbes sobre o riso, é interessante tomar o trabalho

de Skinner (2002) até para que se possa fazer contraponto com a idéia do jocoso, de que falarei adiante, e cuja contraposição pode contribuir para observar as distâncias e aproximações do riso em relação à alegria, de acordo com a ótica de diferentes teóricos.

A leitura que Skinner faz de Hobbes, assenta-se sobre as análises que esse teórico clássico faz de Aristóteles na Retórica e na Poética. Essas análises podem expressar aquilo que Hobbes chamou de teoria do ridículo e que Skinner esteve estudando a partir de duas questões: o fenômeno do riso, que emoções expressa? Como deve ser entendido e apreciado o fenômeno do riso?

Meus próximos comentários referem-se à abordagem de Skinner como tentativa de dar conta das questões por ele levantadas, sempre a partir de uma leitura de Hobbes.

Aristóteles na Arte da Retórica sugere que a alegria induzida pela zombaria é sempre uma expressão de desprezo (pelas ações e ditos das pessoas ridículas). Assim, “a comédia trata do que é risível, e o risível é um aspecto do vergonhoso, do feio ou do baixo”. (Skinner 2002; p. 17)

A teoria de Aristóteles foi compreendida, durante a renascença, segundo duas linhas: a médica e a dos escritores retóricos, mas, ambas as linhas, com argumentações próprias sustentam a dita teoria.

O discurso médico procurava explicar as emoções que eram experimentadas no fenômeno do riso. A maioria concordava que o riso surge de uma sensação de alegria, o “riso nasce da felicidade e do prazer”. O riso seria, então, um dos principais signos da alegria. Mas essa alegria estava ainda ligada aos sentimentos de sarcasmo, desprezo e mesmo ódio. Aqui, ao afirmar que se ria de tudo o que é ridículo (dito ou feito), aproxima-se novamente da teoria de Aristóteles. Nisso, tanto os escritores da literatura médica, quanto escritores humanistas (eloqüentes) de então concordavam.

Mas, então, surge uma ênfase ao imprevisto, como motivo do riso (e da alegria). Os médicos haviam contribuído para o surgimento do argumento do imprevisto, ao desenvolverem o conceito de *admiratio* (admiração, que leva à satisfação) A tese de Aristóteles é que o riso é uma reprovação do vício, ao expressar e provocar sentimentos de desprezo em relação àqueles que têm um comportamento ridículo. Essa coisa do conceito de ridículo que muitos atribuem como limitação da teoria de Aristóteles, não importava muito aos médicos, mas aos humanistas era central. O ridículo tinha vínculo especial com alguns tipos de vício: avareza, hipocrisia, vanglória (e o orgulho) e, as ações de tais pessoas eram tão ridículas que conduziriam ao riso (escárnio). Com o tempo, ainda na renascença, os teóricos questionaram se o riso estaria atrelado somente ao escárnio. O riso poderia ser proveniente de algo agradável e surpreendente. Nesse caso determina-se dois gêneros para a origem do riso: a) o riso é provocado por vícios, que ridicularizamos; b) o riso é provocado por alguma coisa querida que nos dá satisfação. Às vezes, o riso surge mais da incongruência do que da ridicularização de alguém, nesse caso, o riso é mais cheio de bom humor e benevolência.

Segundo Skinner, Hobbes acaba cedendo quanto ao riso causado pelo inesperado. Mais tarde vai dizer que isso é um riso não ofensivo.

Skinner continua dizendo que, a construção teórica de Hobbes sobre o riso vai se desenvolvendo ao longo de seus escritos, de modo que chega a dizer que o riso como resultado de um sentimento de ridículo não é somente em relação aos outros, mas em relação a si mesmo. Já no final do século XVII, rir é sinal de pusilanimidade, fraqueza de caráter, falta de educação e de auto-estima. Mentres elevadas somente riem dos outros quando têm tempo disponível para o riso, e ficam disponíveis para contemplar suas próprias capacidades ou virtudes, ou mesmo a fraqueza e os vícios dos outros homens.

Como se vê, parece que Skinner mostra Hobbes com aversão ao riso enquanto qualidade de elevação humana, colocando-o em sentido contrário à verdadeira alegria, aquela que promove os outros ao invés de humilhá-los. Quando isso acontece, bane-se o riso fruto de ridicularização e desprezo, o qual é uma ameaça à paz.

Completando o quadro das teorias da superioridade, temos Bergson como o mais clássico de seus representantes. No clássico *The Rire* (O riso, 1900), Bergson diz que o riso advém de obsessões ou idéias fixas que permitem uma adaptabilidade a situações encarando-as como inferiores, e isso se aplica as pessoas. Em outras palavras, o cômico está presente em situações diferentes daquelas consideradas comuns (normais, convencionais), ou mesmo em anomalias e caricaturas da anatomia normal do homem. Assim, retorcer olhos e boca, franzir testa, modificar o andar, entre outros, podem gerar o riso. Além das modificações naturalmente ou artificialmente produzidas na anatomia humana, a repetição mecânica e até certo ponto inconsciente de gestos e palavras também pode caracterizar o cômico, uma vez que a dinamicidade da vida sugere modificações constantes no nosso fazer, e quando nos tornamos repetitivos tornamo-nos também objeto do risível.

Mas essa idéia de degradação de algo ou alguém em detrimento de outrem não foi suficiente para se explicar o humor. O surgimento de outras teorias que expliquem o humor aponta que o riso é gerado muito mais pela incoerência entre dois ou mais elementos do que pela degradação de algum deles. As teorias da incoerência vão indicar que o riso surge do inesperado (sobre o que comenta parte do estudo de Skinner), ou como diria o conceito de Kant, “uma expectativa frustrada”. Dessa forma, é risível a conexão realizada entre duas coisas apoiadas em idéias diferentes, como as piadas com enfoque no celibato e as aventuras sexuais. Embora nesse exemplo pudesse ser

encontrado algo de degradação (do estado celibatário), Herbert Spencer dizia que era a incoerência, e não a degradação, o elemento risível e, a isso, deu o nome de incoerência descendente. Nesse caso, o riso advindo da percepção da incoerência passa a ser um gasto de energia nervosa que estaria acumulada durante a transição rápida entre um pensamento solene e outro trivial (incoerente).

Pode-se dizer também que o riso na incoerência dá-se pelo inesperado (o mesmo que expectativa frustrada). Diante de atitudes e palavras que são apropriadas para algumas coisas e não para outras, o indecoroso passa a ser cômico, muito embora tal fato possa gerar espécies de humor diferentes: um mais radical, outro mais conservador. Outras vezes, o humor explicado a partir das teorias da incoerência pode encontrar resistências em função do aspecto intelectual envolvido. Em muitos casos, a desconexão exigiria grau considerado de abstração, o que dificultaria o surgimento rápido do riso. Assim, o humor mais genuíno seria aquele do prazer de encontrar conexões inesperadas sem esforço intelectual mais sério.

Embora, as teorias do humor fundamentadas na degradação (sensação de superioridade) e na incoerência (conhecimento de incongruência) tenham argumentações fortes, ainda que divergentes, para explicar o riso, existe ainda um terceiro grupo de teorias, entre as grandes vertentes, para a explicação do elemento central do humor: as teorias do alívio.

Um dos grandes representantes dessa vertente é Freud. Nessas teorias, o humor seria explicado como sendo um gerador de alívio das limitações e restrições que são impostas pelas convenções sociais. O alívio estaria justamente na sensação de liberdade, ainda que temporária, das tensões originadas pela transgressão do convencional, ou em outras palavras, uma quebra temporária da censura.

O conceito de censura é central em Freud e, não por menos, ele aproximou a discussão teórica sobre o humor da discussão teórica sobre a interpretação dos sonhos, sendo a tentativa e o sucesso de ludibriar a censura comum aos dois objetos teóricos. No caso do humor, quando se surpreende momentaneamente a censura, o fato em si representa um desvio do convencional que parece uma recompensa, uma vez que algo latente estaria nos receptores e que viria a permitir sentimentos diferentes. Nesse ponto, é comum encontrar na literatura aproximações entre o pensamento de Freud e as teorias da incoerência, uma vez que no jogo de palavras e idéias, nos trocadilhos, existem conexões inesperadas, capazes de ludibriar a censura e tornar-se fonte imensa de prazer intelectual.

Ao tomar as teorias do alívio, sobretudo a partir das reflexões de Freud, e entender que o humor possa surgir de sensações de alívio diante de restrições e limitações de comportamentos socialmente aceitos ou da convenção moral, ou ainda, que o humor represente a forma de, como nas próprias palavras de Freud, “enganar a censura”, penso que seja oportuno tomar o pensamento de Miguel Duclós<sup>59</sup> para esclarecer alguns termos que aproximam o humor da teoria da interpretação dos sonhos, são eles: mimesis e catarse.

Na intenção de transcender a discussão filosófica sobre as categorias mimesis e catarse, penso que seja suficiente o entendimento de sua ligação com as teorias do alívio e, para isso, basta uma comparação da idéia de mimesis e catarse entre Platão e Aristóteles. Para Platão, mimesis tem um sentido negativo de imitação, simulacro, e esse tipo de significado do termo acabou se consolidando na tradição filosófico-literária.

---

<sup>59</sup> Tive acesso a esse texto traduzido por Eudoro de Souza que faz uma boa apreciação dos termos mimesis e Katharsis na *Poética* de Aristóteles. O texto está disponível em [www.consciencia.org/antiga/aripoet.shtml](http://www.consciencia.org/antiga/aripoet.shtml)

Da mesma forma, no pensamento platônico, catarse tem o significado de purgação, purificação, contra as ações praticadas com ou sem consciência.

Tais conceitos foram tomados sob diferentes significados para Aristóteles, e a fonte maior de estudo para entendê-los é a obra clássica da *Poética*. Para Aristóteles, o termo *mimesis* está ligado à física - *mimesis* = *technè* (arte) + *physis* (natureza) – logo, a *mimesis* seria a arte que imita a natureza. Portanto, não é uma imitação qualquer, mas com arte, adquirindo assim uma dimensão ontológica, de sentido positivo. No pensamento aristotélico, a arte de imitar a natureza ou imitar os homens pode, então, ser em relação ao melhor ou ao pior, com também pode ser um ato inconsciente, uma vez que Aristóteles diz que o ato de imitar é inerente ao Homem. Contudo, isso não faz do Homem um mero imitador ou plagiador, pois o imitar é um ato criativo.

A arte da imitação do melhor ou pior resulta na tragédia ou comédia, respectivamente. Embora a catarse estivesse presente nas comédias, a *Poética* de Aristóteles tomou a tragédia como referência para mostrar o impacto suscitado no público durante os espetáculos. Mas, ambas, comédia e tragédia, provocam emoções, as quais conduzem a um prazer causado pela *mimesis* dos personagens e, em consequência, à catarse das emoções. Ao contrário do pensamento de Platão, para além da idéia de purgação, no pensamento aristotélico a catarse seria então uma simbiose de alívio e prazer, uma vez que passa a existir a arte criativa de imitar algo que seguramente não se percebe como efeito moral de purificar-se do mal.

As sensações de alívio e prazer (catarse) geradas pela *mimesis* podem, então, conduzir ao riso. Esse efeito constitui-se em base nas teorias do alívio, mas, do que foi exposto aqui sobre as teorias da superioridade e da incoerência, pode-se ver que em determinadas situações os efeitos que geram o riso podem também receber explicações

causais de ambas as vertentes. Para isso, basta lançar olhar para as comédias e observar que o riso, hora pode estar sendo causado pelo sentimento de superioridade a algum personagem, em outro momento pela conexão inesperada de certos elementos, ou mesmo pela sensação de alívio diante das tensões que se experimentam no cotidiano.

Nas situações reais experimentadas ao longo da vida de cada indivíduo, o riso aparece, e as causas podem ser explicadas de várias formas que, como vimos, têm origem em aspectos biológicos, filosóficos, teológicos, entre outros. Na tradição judaico-cristã, princípios ligados a valores como solidariedade e respeito seriam suficientes para excluir o riso que pudesse ser explicado filosoficamente como sentimentos de superioridade a alguém, ou mesmo das desconexões apresentadas pelo comportamento consciente ou inconsciente dos semelhantes.

Se no âmbito das discussões que se referem às categorias relacionadas à alegria, sobretudo na sua relação de aproximação e afastamento com o riso, invocarmos discussões produzidas a partir da Antropologia, creio que encontraremos alguns motivos a mais para refutar a idéia de que o riso enquanto manifestação da alegria possa ter aspectos moralmente degradantes em ambientes e espaços de grupos com orientação religiosa. Dentre muitos estudos que poderia apresentar aqui para argumentar minha última afirmativa, recorro aos clássicos apontamentos de Radcliffe-Brown e Mauss quanto às análises das relações jocosas. Tais análises se constituem em parte de uma teoria mais geral sobre as relações de "amizade" entre grupos separados ou pessoas pertencentes a grupos separados.

No trabalho sobre a Estrutura e Função na Sociedade Primitiva (1973), em mais de um capítulo, Radcliffe-Brown distingue relações de "amizade" e relações de "solidariedade", ambas estabelecidas por parentesco ou pertencimento a uma linhagem

ou clã. As relações de "amizade" seriam marcadas por uma certa "dose de oposição", um "antagonismo controlado", numa relação que enfatiza tanto a separação como a união. O conceito de parentesco por brincadeira é central quando se discute as relações de amizade que se estabelecem e o quanto se é capaz de manter a estrutura do grupo social graças a esse elemento carregado de significações: a "brincadeira".

A brincadeira referida aqui guarda estreita aproximação conceitual com o termo jocoso (jogo, *jocus*), e aqui (tomada às vezes como gozação) não é vista como um momento extraordinário, mas como um gênero cotidiano, ou melhor, como um aspecto especialmente valorizado do cotidiano. Ao contrário das atividades menos alegres e realizadas em isolamento, a brincadeira pode estar associada tanto ao trabalho como ao lazer, sendo uma realidade bem perceptível quando observamos um trabalho feito em grupo (esse fenômeno nos ajuda a ver com um pouco menos de rigor a distinção trabalho-lazer). Embora imbricada na relação trabalho-lazer, a brincadeira é intimamente relacionada com o prazer, porque brincar é diversão, e notadamente mais prazerosa quando realizada junto. Portanto, um grupo de amigos se caracteriza como o "lugar e tempo social" específico da brincadeira, ou seja, essa acontece genuinamente quando um grupo de amigos se reúne na rua, em casa, na escola, no trabalho, no clube, no bar, no sindicato, enfim, em vários ambientes de encontros casuais ou programados. Nesse sentido, brincadeira toma a forma de sociabilidade cotidiana, onde as relações são prazerosas, não-sérias, igualitárias, que estabelecem vínculos de amizade e companheirismo para além dos ambientes de lazer ou trabalho.

Na Antropologia Social Clássica de Mauss (1974), assim como pude constatar a partir das considerações de Radcliffe-Brown, vejo que a brincadeira permite sentimentos opostos de proximidade amistosa e de preferência inamistosa, desde que

sejam respeitados os limites estabelecidos pelo grupo em que a jocosidade pode se transformar em agressividade. Para que isso aconteça, a brincadeira não toma a forma de seqüência de provocações generalizadas e simétricas, mas a forma de uma série de jogadas (seja individual ou coletiva) realizadas no grupo, que centralizam foco em alguém. O jocoso não está somente no tipo de provocação lançada, mas no limite em que é realizada e como se realiza, dentro desse limite, a mudança de foco das provocações entre pessoas do mesmo grupo. O modo e as condições em que as pessoas conseguem desvencilhar-se do foco de atenção das provocações da brincadeira, torna cada vez mais forte o elo entre os mesmos. Contudo, um princípio importante nas relações jocosas é o da igualdade, quando todos podem ser igualmente provocados, estando o prazer centrado na “tática de jogo”, isto é, até quando se é capaz de provocar e escapar de provocações.

A brincadeira tem, portanto, uma relação especial com a amizade entre iguais. Pode-se dizer que ambientes e tempo sem brincadeiras, respeitados os limites acenados, é um mundo sem amigos. Em situações assim consideradas, o riso tem lugar, até mesmo o riso compíscuo (que às vezes denuncia o limite da brincadeira), o qual é tolerado em função das relações estabelecidas, isto é, no "jogo" existe o que Bourdieu chama de um "senso prático" que, mesmo na ausência de regras formais define, por exemplo, um “saber brincar”. Assim, aquele riso designado pelas teorias da superioridade aqui não se enquadra em definitivo, na medida em que não está estabelecida a intencionalidade de ridicularização. Nessa concepção de sociabilidade pela brincadeira, aparece espaço para amizades que possam estar associadas a uma série de pertencimentos comuns, de solidariedades, de colaboração. Aí se cria, portanto, oportunidades para encontrar amigos e brincar com eles. Essa parece ser uma alegria

menos distante daquilo que seria condenado pela moral religiosa, fazendo com que no tipo de alegria possivelmente gerado nesse fenômeno social, possa ser mais aceito um tipo de riso desprovido de caráter ridicularizante.

Mas, ainda assim, acontece que certamente o riso estaria, como esteve durante muito tempo, atrelado à idéia de pecado. Esse talvez tenha sido um dos maiores argumentos para se dizer que o riso foi excluído durante a Idade Média, e conforme comentado antes, é refutado na obra de Bakhtin. Assim, se o riso esteve constantemente presente na História, ainda que sua causa possa ser explicada de diferentes formas, e por manifestar-se muitas vezes como a concretude da alegria, é preciso que se lance ainda um breve olhar sobre aspectos do riso no Renascimento para entender melhor como Vitorino da Feltre e Felipe Néri utilizaram a alegria em suas iniciativas pedagógicas.

Para Bakhtin, tudo o que se encontra na tradição, desde a Antigüidade, ajuda de forma considerável para entendermos como se constrói a teoria do riso no Renascimento. A maior fonte de estudo é a literatura, e no caso da literatura do Renascimento observa-se a recuperação de mil anos de riso, que resistiu durante o “período das trevas” de forma extra-oficial. Desde o Século XV, a literatura é rica na recuperação do riso, mas foi o Século XVI que marcou o apogeu da História do riso, sobretudo com Rabelais. É que, a Filosofia do riso no Renascimento, embora baseada em fontes antigas, diferia bastante da sua prática cômica real, e não refletia a tendência histórica do riso nesse período.

O que é característico na literatura do Renascimento, segundo Bakhtin, é que o riso é tão universal quanto o sério. Tal atitude transcende da literatura para as outras manifestações artísticas, bem como para as atitudes do cotidiano das pessoas que passa

as ser retratado nas artes, caracterizando uma circularidade. No que diz respeito à relação do Renascimento com o riso, Bakhtin diz que:

“o riso tem um profundo valor de concepção de mundo, é uma das formas capitais pela quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a História, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso, com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo”.(1987: p.57)

Parece, então, que a relação do riso com o sério, constitui-se uma marca da literatura e das artes no Renascimento. Mas a relação está longe de ser uma oposição, vindo a tornar-se uma relação de complementaridade, isto é,

“o verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente.” (Bakhtin, 1987: p. 105)

Essa relação positiva entre o riso e o sério no Renascimento representa um grande avanço enquanto contribuição na evolução histórica da cultura e da literatura, e constitui-se em grande referencial para resgatarmos estudos sobre o riso, o humor, a comédia, a alegria, como elementos importantíssimos para compreender o próprio Homem. Os renascentistas, embora não estando ainda situados na História exatamente como produtores do conhecimento, auxiliaram-nos a construir esse conhecimento a partir da Filosofia, recuperando o valor do riso em Hipócrates (com a doutrina da virtude curativa do riso), Aristóteles (com a afirmativa de sendo o Homem o único ser vivo que ri, adquire o caráter de Dom de Deus), além de Luciano (que preconiza a existência do riso mesmo em situações extremas).

Tais fontes filosóficas tornaram-se muito presente entre os humanistas e os letrados e criaram uma tendência ao riso no Renascimento, mostrando uma concepção de mundo baseada em um princípio universal: o riso cura, isto é, tem uma significação positiva, regeneradora, criadora. Conforme já comentado, estas características bem próximas das teorias do alívio, diferenciam a causalidade do riso atribuída a aspectos originados de funções de degeneração com as de desconexão.

Durante o quinhentos e o seiscentos, a forma como os humanistas passaram a considerar o riso passou a ter uma aproximação estreita com a alegria concebida a partir da Teologia Cristã, aquela referida como manifestação de um estado de espírito virtuoso, agraciado por Deus. Depois de um longo período de doutrina cristã fundamentada no sério, o período do Renascimento vê também um cristianismo voltado para o sentido de felicidade plena manifestado pela alegria, quer seja advinda da certeza de criaturas nascidas do amor e felicidade de Deus, quer seja da certeza de presença real do Cristo ressuscitado. O Cristão procurava, assim, seguir o ensinamento da Palavra Sagrada<sup>60</sup> que em diversas passagens eleva à categoria de santo o homem feliz, tido como aquele que procura a Deus. Por isso, a tradição cristã exorta o fiel à alegria, como na Epístola de São Paulo aos filipenses “Alegrai-vos sempre no Senhor, repito: Alegrai-vos.”<sup>61</sup>

É Bem provável que, em via de mão dupla, a Educação no seio da Igreja Católica, tenha assimilado a alegria como um agente carreador de crescimento humano e cristão, uma concepção bem mais próxima dos humanistas e distantes daquela alegria

---

<sup>60</sup> A Palavra Sagrada no cristianismo refere-se à Bíblia, que segundo a fé cristã é a Palavra de Deus escrita e que representa a fonte maior de toda a doutrina do cristianismo.

<sup>61</sup> A passagem em questão refere-se a um dos Livros do Novo Testamento da Bíblia Cristã, uma carta do apóstolo Paulo enviada à comunidade da cidade de Filipos (Flp 4,4). Em muitos livros da Bíblia, sobretudo nos evangelistas, a alegria parece ser sinal do amor de Deus pelo homem, mas, assim como nos Salmos do Antigo Testamento, nesta carta de Paulo a alegria cristã aflora como comentário do que o próprio Jesus havia ensinado pelas palavras dos evangelistas.

aristotélica abordada por Hobbes em que o riso estava atrelado aos sentimentos de superioridade. Bem por isso, Felipe Neri tenha utilizado o expediente da alegria, do riso, do humor, para desenvolver seu trabalho apostólico e educativo; expediente que, como foi visto, também Vitorino da Feltre embora sendo de condição, laica já havia utilizado em sua experiência na *Giocosa*. Isso me faz pensar que as ações de Felipe Neri poderiam ter algo mais de relação com as de Vitorino da Feltre, porém, mais tarde, no século XIX, João Bosco, sacerdote, também utilizou a *alegria* como marca de uma proposta educativa que cativasse o jovem ao mesmo tempo em que o promovia em valores humanos e cristãos. Então, de um olhar lançado nos três personagens, faço surgir uma questão importante para o problema central desse estudo: Teria alguma particularidade na *alegria* vivenciada na obra de Dom Bosco que a diferenciasse dos demais? Penso que o estilo de vida religioso de Dom Bosco torna suficiente uma aproximação de comparação com Felipe Néri, porém, possíveis similaridades podem ser encontradas entre Felipe Neri e Vitorino da Feltre, porque embora fossem de condição religiosa diferente, tiveram tempos cronológicos mais próximos.

### **Valdocco: novos tempos da Casa Giocosa e do Oratório de São Girolamo da Caridade**

Pretendo partir da consideração de que Dom Bosco foi, no Século XIX, de acordo com o que se pode observar na primeira parte desse estudo, um sujeito criticado em função de suas atitudes consideradas “modernas”, tanto por políticos, como setores conservadores da Igreja Católica.

Se me ativer agora à figura de Dom Bosco como um homem moderno no seu tempo, penso que seja possível tomar o debate existente no campo histórico entre o

antigo e o moderno para encontrar as aproximações e/ou distanciamentos entre os personagens interseculares que eu trouxe à tona.

Ressalte-se a observação de que, ao tratar Dom Bosco como moderno, necessariamente traz no bojo a diferenciação básica dos termos conceituais correlatos envolvidos na discussão com o moderno, como: modernidade e modernismo. Além disso, o antigo, tomado como oposto ao moderno afasta-se da idéia de Antigüidade grego-romana ou Idade Média, para tomar a forma de passado que é referência para a oposição do presente, embora nem sempre a relação seja de oposição, mas de continuidade ou retomada.

Sabe-se que moderno é um termo surgido no Século V, após a queda do Império Romano, quando o sentido do termo estava mais atrelado à idéia de recente. Durante todo o período que vai até o Século XVI, moderno segue sendo a oposição a antigo, e este era tomado como algo que está no passado. Foi somente no Renascimento que os homens dividiram as eras históricas (antiga, medieval, moderna), e embora moderno fizesse oposição a antigo, os renascentistas referiam-se a moderno mais como oposição à Idade Média (ao recente) e aproximavam o moderno da Antigüidade.

Tenho encontrado em importantes historiadores do nosso tempo como Jacques Le Goff e Erick Hobsbawm, que o Século XX é considerado um tempo de revolução do moderno, muito embora o termo modernidade possa ser o mais adequado para o enfoque dado ao desenvolvimento de áreas importantes da vida do homem em sociedade, como: a Economia, a Política, o cotidiano, as concepções de mundo, entre outras. Na terceira parte desse estudo, terei a oportunidade de comentar que o termo modernidade já se apresentava desde meados do Século XIX vinculado à literatura e às artes, mas, mesmo depois do grande desenvolvimento observado após as grandes

invenções que alavancaram a indústria no final do novecentos, é no período pós-Segunda Guerra Mundial (Século XX) que a modernidade põe significados crescentes ao moderno, com as idéias de progresso, desenvolvimento, crescimento.

Do pequeno quadro exposto acima dá para sentir que nossos personagens da “pedagogia da alegria” se situam historicamente em momentos de bastante acentuação do conflito entre o antigo e o moderno, o que incita ainda mais em buscar as aproximações e distanciamentos entre eles.

Dom Bosco é considerado pela Tradição Salesiana um homem de vanguarda, por isso, mesmo com suas arrojadas iniciativas não se pode ignorar o significativo envolvimento que possuía com o seu tempo, com os conflitos de renovação da Igreja e com a turbulência que vivia o Estado italiano (falarei disso mais adiante). Bem por isso, na biografia de Dom Bosco é possível observar algo acenado por Le Goff quando discorre sobre uma aparente convivência no jogo dialético entre o moderno e o antigo. Na relação entre ambos, o conflito é gerado pelo moderno, que normalmente quer romper com o passado, contudo, dependendo da conveniência do momento histórico pode haver uma tendência a denegrir ou valorizar o que está no passado, da mesma forma que o moderno faz quando se refere à Antigüidade. O que se observa, então, é que possíveis valorizações ocorrem quanto a um passado distante quando o passado recente não é conveniente ao que se vive no presente. Por isso que o moderno quando quer exaltar o bom refere-se à Antigüidade, estando o ruim atrelado à Idade Média.

Tomando essa característica do conflito entre antigo e moderno, pode-se entender quando na primeira parte desse estudo, referi-me ao fato que Dom Bosco tenha desejado uma vocação religiosa diferente dos padres que conheceu em sua juventude, afastados dos jovens e da alegria. Além disso, ele quis também ser um padre diferente

daqueles do seu tempo que pareciam semelhantes aos de outrora, e para isso tomou como modelos a São Francisco de Salles, Santo Afonso Maria de Ligório e São Felipe Neri, entre outros que viveram em tempos distantes do seu.

Nas obras biográficas de Dom Bosco e Felipe Neri é possível encontrar muitos traços comuns, muitos dos quais até foram apresentados anteriormente no presente texto. Esses traços permitiriam que se fizesse comparações entre os dois de modo a se poder afirmar que Dom Bosco fosse um Felipe Neri em Valdocco, ou Felipe Neri fosse um Dom Bosco em Roma. Essas aproximações poderiam ajudar em uma leitura da relação antigo/moderno que permitisse questionar por que, diante de iniciativas semelhantes, Dom Bosco estaria em um papel de maior destaque do que Felipe Neri na História da Educação? Acredito que para início da busca de respostas para tal questionamento, seja necessário saber se Dom Bosco possuía plena consciência da similitude de sua ação pedagógica com a de Felipe Neri, para em seguida observar o que é particular em Dom Bosco.

As pistas para a busca que me referi há pouco, são dadas pelo próprio Dom Bosco, em uma fonte riquíssima, embora pouco explorada pela Tradição Salesiana: o Panegírico de São Felipe Neri, escrito pelo sacerdote oitocentista.

Em maio de 1868, Dom Bosco foi convidado pelo bispo de Alba Torinese/Itália, para pregar um sermão a sacerdotes daquela diocese. O convite foi dirigido para discorrer sobre São Felipe Neri, e Dom Bosco resolveu escrever um panegírico do santo como um apóstolo da juventude, que tudo fez para a salvação das almas confiando plenamente na força de Deus. Como poder-se-á observar, há nesse Panegírico muito mais do que a apresentação dos feitos de Felipe, senão uma descrição do próprio Dom

Bosco e de um modelo de salesianidade. O padre Lemoyne<sup>62</sup>, biógrafo de Dom Bosco, diz que embora tenha escrito o panegírico, entre muitas atividades que se via envolvido não foi possível tomar o texto para a pregação. Assim, Dom Bosco falou aos sacerdotes de improviso, mas o teor da fala ficou dentro daquilo que havia sido preparado, por isso nas Memórias Biográficas foi mantido o texto tal qual foi escrito. Esse material escrito tem o traço característico de considerações sobre a biografia de Felipe Neri, contudo é bem perceptível o estilo de Dom Bosco quanto ao conhecimento e aplicação de trechos da Sagrada Escritura, História da Itália e doutrina catequética da Igreja Católica. Todo o conteúdo do material converge para uma mensagem central: é preciso, por meio de estratégias sempre atuais, manter o zelo pela salvação das almas.

O texto data de um período de intensa agitação para Dom Bosco. Há poucos anos havia conseguido aprovação canônica para a Congregação Salesiana e a Igreja solicitava de sua congregação intenso serviço apostólico. No mesmo ano do texto em questão, Dom Bosco inauguraria o Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, o qual representa mais do que um monumento arquitetônico, adquirindo até hoje um significado de ponto de convergência para toda a Família Salesiana, em função da representação que tem a devoção de Maria Santíssima na vida do fundador. Portanto, não era de se espantar que Dom Bosco fizesse todo sacrifício para dar conta do grande empreendimento que era a construção daquele templo e, entre tantas tarefas que se via envolvido, ainda havia de observar o cuidado constante pelo pleno desenvolvimento do Oratório. Por isso, devido a tanto serviço, sentia a falta de vocações, e sentia que os religiosos ainda não possuíam o ardor que ele considerava o indicado para um bom

---

<sup>62</sup> O Padre Lemoyne é o principal biógrafo de Dom Bosco, em virtude de ter sido seu secretário particular. Escreveu (juntamente com Pe. Ceria e Pe. Amadei, conforme a nota 27) a mais completa biografia condensada em dezenove volumes, que constituem a obra chamada de Memórias Biográficas de São João Bosco (MB), que é bastante mencionada nesse estudo.

servo de Deus, assim como não vislumbrava ainda muitos padres dedicados ao serviço da juventude.

Em função de sua qualidade para pregação, não desperdiçava a oportunidade de resgatar bons pastores para a Igreja. Nesse caso, a melhor maneira seria apresentando modelos de serviço ao Senhor, como Felipe Neri, o qual já conseguira os méritos de canonização como apóstolo da juventude.

A intencionalidade de pregar o zelo pela glória de Deus como atributo prioritário do sacerdócio, segue com um itinerário particular, que ao se comparar com outras obras escritas por Dom Bosco facilmente permite encontrar o seguinte: a) apesar de sua vida atribulada, demonstrava sempre ser um bom conhecedor da Sagrada Escritura e da Teologia, por isso sempre procurava fundamentar nessas fontes as suas pregações; b) Procura mostrar que a manifestação da glória de Deus é tarefa de todos; cada um conforme sua disposição, embora se tenha que animar os outros com modelos de fé; c) Dom Bosco com frequência utiliza o recurso das historietas, parábolas, narrativas de sonhos, comparações, para fazer suas pregações; d) quer indicar as iniciativas desenvolvidas pelo Oratório (que é origem de Felipe Neri, mas é atual obra de Dom Bosco) como possibilidade potencial de alcançar a educação, promoção e salvação da juventude.

Em geral, a construção gramatical do Panegírico tem um tom poético com exclamações persuasivas. Quando os parágrafos não têm essa entrada, têm o aspecto questionador e provocador (de reflexão), ou em outras vezes, com indicação do tópico que se quer discorrer.

O estilo de escrita que ora mostra-se bem formal, ora erudito, faz uma alternância também entre grande parte de exortação pela animação, passando à ameaças

para terminar com súplicas; talvez para mostrar que existe o chamado, possível de boa resposta uma vez que outros já o fizeram, e quando respondido positivamente se recolhe bons frutos; mas se não se responde positivamente os frutos podem ser amargos, por isso é preciso reconhecer sua fraqueza e solicitar ajuda divina para o sucesso.

Optei nesse estudo, dada a riqueza da fonte e até por não ter encontrado versões em português, em transcrevê-la (conforme está escrito no volume IX das Memórias Biográficas), alternando com minhas observações diretas a respeito da obra e como ela indica as aproximações, que já foram referidas, entre os personagens. Para efeitos de maior facilitação da análise pretendida, apresentarei o texto dividido de forma seqüencial e linear em três partes.

#### *Primeira parte*

“Ainda que as virtudes e as atuações dos santos fossem dirigidas todas para o mesmo fim, que é a maior glória de Deus e a salvação das almas, no entanto é diversificado o caminho seguido para alcançar o mais alto grau de santidade que Deus os chamava. A razão parece ser esta: na maravilhosa distribuição de seus bens, cabe a Deus chamar-nos a si de várias maneiras e por distintos caminhos, a fim de que as diversas virtudes, contribuindo todas a adornar e embelezar nossa Santa Religião, cubram, por assim dizer, a Santa Igreja com um variado manto que lhe faça aparecer aos olhos do Celeste esposo como uma rainha sentada sobre um trono de glória e majestade.

De fato, nós admiramos o fervor de muitos solitários que, desconfiando de si mesmos em tempos de perseguições ou por medo de naufragar no século, deixaram casa, parentes, amigos e todos os seus para marchar a áridos desertos, apenas habitados por feras. Outros, como aguerridos soldados do Rei dos céus, afrontaram todo perigo e desprezando o ferro, o fogo e mesmo a morte ofertaram com alegria a vida, confessando a Jesus Cristo e selando com seu próprio sangue as verdades que proclamaram em alta voz. Assim, todo um exército, movido pelo desejo de salvar as almas, parte a países distantes, enquanto outros acrescentam entre nós esplendor e brilho à Igreja de Jesus Cristo com o estudo, a pregação, o recolhimento e a prática de outras virtudes. Há, além disso, alguns, feitos segundo o coração de Deus, os quais reúnem tal complexo de virtudes, de ciência, de valor e de heróicos trabalhos, que fazem bem evidente quão maravilhoso é Deus em seus santos. *Mirabilis Deus in sanctis suis*. Todas as épocas da Igreja são enaltecidas por algum desses heróis da fé. O século

XVI tem, entre outros, a um São Felipe Neri, cujas virtudes são o objeto desta respeitável assembléia e deste nosso discursinho.

Mas, o que pode se dizer em um discursinho, sobre um santo, cujos feitos resumidos formam grossos volumes? Feitos que bastam por si mesmos para apresentar um perfeito modelo de virtude ao sincero cristão, ao membro fervoroso do claustro, ao mais laborioso eclesiástico? Por estas razões, não pretendo expor-lhes amplamente todas as ações e todas as virtudes de Felipe, posto que vós, melhor do que eu, as haveis lido, meditado e imitado; limitar-me-ei somente a dar-vos uma breve informação daquilo que forma como que a idéia central, em cujo redor se aperfeiçoaram, por assim dizer todas as demais virtudes; este é o zelo pela salvação das almas.

Este é o zelo recomendado pelo Divino Salvador quando disse: “Eu vim trazer o fogo à terra, e o que mais desejo senão que se acenda? *Ignem veni mittere in terram et quid volo nisi ut accendatur?* Zelo que faria exclamar ao apóstolo Paulo que desejava ser anátema de Jesus Cristo por seus irmãos: *Optabam me esse anatema pro fratribus meis.*

Mas em que situação crítica estou metido, senhores! Eu, que apenas posso ser vosso aluno, confiam-me agora de mestre? É verdade, e precisamente para que não me taxem de imprudente, peço previamente benévola compaixão, por se em minha escassez não posso corresponder a vossas esperanças. Pelo demais, tudo espero da graça do Senhor e da proteção de nosso santo.”

Nessa primeira parte é possível observar, principalmente nos dois primeiros parágrafos, a intencionalidade de mostrar que Deus chama de várias formas a diversas pessoas, para fazer diferentes trabalhos que manifestem Sua glória, todos com sua importância e em diferentes momentos. Os trabalhos pastorais são realizados conforme as características de cada pessoa e em ambientes e situações diversificadas. No entanto, alguns, como Felipe Neri, respondem ao chamado de forma radical e dedicam a vida total para a missão que se sentem chamados.

Dom Bosco está se dirigindo a sacerdotes, logo, a homens que são conhecedores do que é um chamado vocacional. Portanto, há indicativos de que ele possa estar colocando o testemunho de como deve ser a resposta completa e radical ao chamado vocacional. É preciso que cada um esteja atento a que tipo de vocação está sendo chamado: para a missão *ad gentes*, para as comunidades, para o monastério, ou para

outro caminho consagrado que seja apontado pela Graça Divina. Todos os chamados de alguma forma contribuem para o crescimento da Igreja, o aumento dos fiéis, fortaleza da religião e, convergindo para todos os fins, para a glória de Deus. Todos os momentos na História e nos diferentes lugares têm a sua urgência, cabe a cada um ficar atento às necessidades de cuidar do zelo pela salvação das almas, isto significa, o serviço aos irmãos.

### *Segunda parte*

“Para abrir-me caminho ao tema proposto, escutem um curioso episódio. Trata-se de jovem de apenas vinte anos. Movido pelo desejo da glória de Deus, abandona a seus pais, dos quais era filho único; renuncia à notável fortuna do pai e de um tio rico, que o quer por herdeiro; e só, sem saber nada, sem nenhum medo, apoiado unicamente na divina Providência, deixa Florença e vai à Roma. Olhem-no agora: é recebido carinhosamente por um patrício seu (Galeotto Caccia); ele se detém em um canto do saguão da casa; está com a vista sobre a cidade, absorvido em sérios pensamentos.

Aproximemo-nos a ele e perguntemo-lhe:

- Jovem, quem sois vós e o que olhais com tanta ansiedade?
- Sou um pobre jovem forasteiro; olho e volto a olhar esta grande cidade e um pensamento enche a minha mente; mas temo que seja loucura e imprudência.
- Qual é?
- Consagrar-me ao bem de tantas pobres almas, de tantas pobres crianças que, deficientes de instrução religiosa, vão pelo caminho da perdição.
- Tens cultura?
- Apenas passei pela escola primária.
- Contais com meios materiais?**
- **Nada, não tenho um pedaço de pão, fora do que me dá caritativamente a cada dia o meu patrão.**
- **Tens igrejas? Tens casas?**
- **Não tenho mais que uma habitação baixa e estreita, que me deixaram por caridade. Meu roupeiro é uma simples corda de uma parede a outra, onde coloco minha roupa e toda minha bagagem.**
- **Como quereis, pois, sem um nome, sem ciência, sem bens e sem domicílio acometer uma obra tão gigantesca?**
- **É verdade, precisamente a falta de meios e de méritos me preocupa. Mas Deus me dá ânimo. Deus que suscita das pedras filhos de Abraão é, o mesmo Deus que...**

Este pobre jovem, senhores, é Felipe Neri, que está meditando a reforma dos costumes de Roma. É ele quem olha aquela cidade; mas como a vê! Vê-la escrava dos estrangeiros desde há tantos anos; vê-la horrivelmente atormentada por pestes e misérias; vê-la depois de haver

estado sitiada por três meses, atacada, vencida, saqueada e, pode-se dizer, destruída.

Esta cidade deve ser o campo onde o jovem Felipe recolherá copiosos frutos. Vejamos como se dispõe ao trabalho. Sem mais ajuda do que da Divina providência, retoma o curso de seus estudos: Estuda Filosofia, Teologia e, seguindo o conselho de seu diretor, consagra-se a Deus no estado sacerdotal. Com a sagrada ordenação, redobra-se seu zelo para a Glória de Deus. Uma vez ordenado sacerdote, persuade-se com São Ambrósio de que: com o zelo se adquire a fé, e com o zelo o Homem é conduzido à posse da justiça. *Zelo fides acquiritur, zelo justitia possidetur* (San Ambrosio, Salmo 118).

Felipe está persuadido de que nenhum sacrifício é tão grato a Deus quanto o zelo pela salvação das almas. *Nellum Deo gratius sacrificium offerri patet quam zelus animarum* (Greg. M in Ez.). Movido por estes pensamentos, parecia-lhe que uma multidão de cristãos, especialmente jovens pobres, gritava com o profeta contra os seus: *Parvuli petierunt panem et non erat Qui franderet eis* (As crianças pediram pão, e não havia quem se lo patie). Mas, quando pôde entrar nas oficinas públicas, nos hospitais e nos cárceres, e ver gente de toda idade e condição dada a rixas, blasfêmias, roubos e escrava do pecado, então começou a refletir como muitos ultrajavam a Deus quase sem conhecê-lo, não respeitavam a lei Divina porque a ignoravam; então vieram à sua mente os suspiros de Oséias quando disse: (IV – 1-2) Porque o povo desconhece as coisas da eterna salvação, têm inundado a terra os maiores, os mais abomináveis delitos. Mas, como se afligiu seu inocente coração, quando advertiu que grande parte daquelas pobres almas andava perdida miseravelmente porque não estavam instruídas nas verdades da fé! Este povo, exclamava com Isaías, não tem conhecido as coisas da salvação, por isso o inferno tem dilatado sua enseada, tem aberto seus desconhecidos abismos e ali cairão os heróis, o povo, os grandes e poderosos: *Populus meus quia non habuit scientiam, propterea...infernus aperuit os suum, absque ullo termino [217] et descendunt fortes ejus, et populis ejus, et sublimes, gloriosique ejus ad eum* (Is. V, 13-14) (Por isso foi deportado meu povo sem sentimento..., por isso o inferno dilatou sua boca sem medida, e para ele baixa sua nobreza e sua plebe).

À vista daqueles males sempre crescentes, Felipe, a exemplo do Divino Redentor que, quando começou sua pregação, não possuía no mundo mais do que o grande fogo da divina caridade que lhe impulsionou a descer do céu à terra; a exemplo dos apóstolos, que estavam privados de todos os meios humanos quando foram convidados a pregar o evangelho às nações da terra, embebidas todas na idolatria, em todos os vícios ou, segundo a frase da bíblia, sepultadas nas trevas da morte, Felipe se faz todo para todos pelas ruas, praças e oficinas públicas, insinua-se nos estabelecimentos

**públicos e privados, com os modos agradáveis, doces, amenos, que sugerem a verdadeira caridade para o próximo, começa a falar de virtude e religião a quem nada quer saber de uma nem de outra. Fácil é imaginar o falatório que corria sobre ele! Uns dizem que é um tonto, outros que é um ignorante, há alguns que lhe chamam de bêbado, e não falta quem lhe tenha como louco.**

O animado Felipe deixa que cada qual opine a seu gosto; mais ainda, pelas críticas do mundo ele se convence de que suas obras dão glória a Deus, porque o que chama o mundo sabedoria, é tolice ante Deus; por isso caminhava intrépido no santo trabalho. Mas, quem pode jamais resistir à terrível espada de dois gumes da Palavra de Deus, a um sacerdote que corresponde à santidade de seu ministério?

Em breve tempo, as pessoas de todas as idades e condições, ricos e pobres, doutores e ignorantes, eclesiásticos e seculares, das mais altas classes sociais até os aprendizes, os varredores, os criados, o peão e o mestre de obras começam a admirar o zelo do Servo de Deus, vão a ouvi-lo; a ciência da fé abre caminho em seus corações: convertem o desprezo em admiração, a admiração em respeito; e depois já não vêem em Felipe mais que o amigo verdadeiro do povo, o ministro zeloso de Jesus Cristo, que tudo consegue tudo supera como sinal de que todos são vítimas afortunadas da caridade do nobre apóstolo. Roma muda de aspecto, todos se professam amigos de Felipe, elogiam a Felipe, falam de Felipe, querem ver a Felipe. Assim começam as conversões maravilhosas, as conquistas clamorosas de tantos pecadores obstinados, segundo conta o biógrafo do Santo (V. Bacci).

Mas Deus havia enviado Felipe especialmente para a juventude, e por isso para ela dirigiu seus esforços.

O gênero humano era para ele como um grande campo de cultivo. Se em seu dia se lança boa semente, alcança-se abundante colheita; mas se a semeadura for feita fora da estação, não se recolherá mais do que palha e folhelho. Sabia também que neste campo místico há um grande tesouro escondido, ou o que é o mesmo, as almas de muitos juvenzinhos, geralmente inocentes e muitas vezes maus sem saber. Esse tesouro, dizia Felipe [218] em seu coração, está totalmente confiado aos sacerdotes e, em geral, deles depende sua salvação ou sua perdição.

Felipe não ignorava que corresponde aos pais o cuidado de seus filhos, e cabe aos patrões atender a seus empregados; mas quando estes não podem, ou não são capazes de fazê-lo, ou bem não querem, haveremos de deixar que estas almas se percam? Sobretudo tendo em conta que os lábios do sacerdote devem ser guardiões da ciência e os povos têm direito de buscá-la em suas bocas e não dos outros.

Houve algo ao princípio que pareceu desalentar a Felipe no cuidado dos jovens pobres e era sua inconstância, suas recaídas no mesmo mal ou em outro pior. Mas se refez deste temor excessivo, ao considerar que muitos se preservavam no bem, que não era extraordinário o número dos reincidentes e que estes mesmos terminavam geralmente por colocar-se no bom caminho, com paciência, caridade e graça do Senhor, e que por isso a

Palavra de Deus era como uma semente que, mais cedo ou mais tarde, produzia o fruto esperado. Assim, pois, ele, seguindo o exemplo do Salvador, continuamente ensinava ao povo: *erat quotidie docens in templo*, e chamava com pressa aos jovens mais rebeldes, exclamando por toda parte: Filhinhos venham a mim, eu os indicarei os meios para fazer-lhes ricos, mas com riquezas verdadeiras, que jamais hão de faltar, eu os ensinarei o santo temor de Deus: *Venite, filii, audite me, timorem Domini docebo vos*.

Estas palavras, acompanhadas de sua grande caridade e de uma vida que era a completa de todas as virtudes, conseguiram que grupos de jovens de todas as partes corresse até nosso santo. Ele dirigia a palavra hora a um, hora a outro; era estudante com o letrado, ferreiro com o ferreiro, mestre de carpintaria com o carpinteiro, barbeiro com o barbeiro, mestre de obras com o pedreiro, mestre de sapataria com o sapateiro. Assim, fazendo-se todo para todos, ganhava a todos para Jesus Cristo. Porque aqueles jovencinhos, seduzidos por suas caritativas maneiras, suas edificantes palavras, sentiam-se arrastados para onde Felipe queria. De modo que se dava o inaudito espetáculo pelas ruas, pelas praças, nas igrejas, nas sacristias, em sua mesma habitação, durante a missa e até mesmo durante o tempo de oração, andava precedido, seguido, rodeado de crianças penduradas em seus lábios, escutando os exemplos que contava, os princípios do catecismo que ia lhes explicando. E depois? Escutai.

Aquela turma de jovens indisciplinados e ignorantes, a medida que se instruía no catecismo, pediam para se aproximar do sacramento da confissão e da comunhão, queriam assistir à santa missa, ouvir sermões, e pouco a pouco deixavam a blasfêmia, a insubordinação e finalmente abandonavam os vícios, melhoravam os costumes, de tal maneira que milhares de jovens desventurados que, caminhando pela via da afronta, haveriam talvez acabado sua vida na cadeia ou no caixão, com sua eterna perdição, graças ao zelo de Felipe voltaram a seus pais [219] dóceis, obedientes, bons cristãos, encaminhados pela senda do céu. Que maravilha obra é sempre a santa Religião Católica! Que portentos obtém a Palavra de Deus por meio do ministro que conhece e cumpre os deveres de sua vocação!

Alguém dirá: Felipe obteve estas maravilhas porque era um santo, e eu digo: Felipe fez estas maravilhas porque era um sacerdote que correspondia ao espírito de sua vocação. Estou convencido de que, se animados por um espírito de zelo, de confiança em Deus nos entregássemos também nós de verdade a imitar esse santo, obteríamos certamente um grande resultado na conquista das almas. Quem de nós não pode reunir uns rapazes, dá-lhes um pouco de catecismo em uma casa ou em uma igreja e, se fosse preciso, até na esquina de uma praça ou de uma rua e instruímos na fé, animar-lhes a confessarem-se e, quando for necessário, ouvi-los em confissão? Não podemos nós repetir com São Felipe: - Rapazes, vinde confessar-se a cada oito dias e comungar segundo o desejo do confessor?

De que forma poder submeter às coisas da Igreja e da piedade a rapazes desviados, dados a comer, beber e divertir-se? Felipe encontrou este segredo.

Vejam-no: Imitando a doçura e a mansidão do Salvador.

**Felipe os recebia amavelmente, acariciava-os, a um lhe dava um caramelo, a outro uma medalha, uma estampa, um livro e coisas parecidas. Aos mais rebeldes e aos mais ignorantes, que não tinham disposição de apreciar aqueles sublimes tratos de paternal benevolência, preparava-lhes algo mais adaptado. Apenas lograva tê-los ao seu redor, disponha-se em seguida a contar-lhes historietas amenas, convidava-lhes a cantar, a tocar, a representar obras teatrais, a saltar, a passa tempos de todo gênero. Finalmente os mais resistentes, os mais pretensiosos eram, por assim dizer, arrastados a parques de recreio com os instrumentos musicais, as bochas, os zancos (\*pernas de pau), os tejos (\*jogo popular que envolve a manipulação de pedrinhas), os cestos de frutas e pequenas comidas, desjejuns e lanches. Todo gasto, dizia Felipe, toda fadiga, toda moléstia, todo sacrifício é pouco, quando contribui para ganhar almas para Deus. (\* observações minhas)**

Assim, a casa de Felipe parecia o armazém de um comerciante, um lugar de espetáculo público, mas ao mesmo tempo se convertia em casa de oração e em lugar de santificação. Assim, Roma viu a um homem só, sem títulos, sem meios e sem autoridade, sem mais armas que a coragem e a caridade, combater a fraude, o engano, a falta de vergonha e todo tipo de vícios e superar tudo até conseguir que muitos, a quem a voz pública apelidava de lobos ladrões, converteram-se em mansos cordeirinhos. Essas pesadas fadigas, essa gritaria e alvoroço que a nós parece quase insuportável em um momento, foram a delícia e o trabalho de São Felipe pelo espaço de mais de setenta anos, quer dizer, durante toda sua vida sacerdotal, até a mais avançada velhice, até que Deus lhe chamou a gozar o fruto de tantas e tão prolongadas fadigas.”

Como o discurso é para eclesiásticos, nessa parte há a intenção de mostrar que chamados radicais sugerem respostas radicais, por isso se encontram traços biográficos que mostram a trajetória de Felipe Neri para responder ao chamado. O serviço ao Reino de Deus requer coragem e espírito de iniciativa, renúncia e sacrifício. Mas, sobretudo, requer intensa fé na providência divina, isto é, entregar-se completamente à vontade e aos cuidados de Deus, o qual concederá todo o necessário para levar a empresa adiante. Mesmo porque, a atividade necessária quase sempre é difícil, as almas a serem salvas são muitas vezes ignorantes de sua carência, e o serviço exige entrega total, ainda que custe a própria vida, gasta abrupta ou paulatinamente.

Nessa trajetória para responder ao chamado divino, Felipe teve que abdicar de muitas coisas: bens materiais, reconhecimento, descanso, família; e expor-se a privações de conforto, julgamentos, críticas, fadigas; tudo em nome do zelo pela glória de Deus, manifestado no zelo pelas pessoas, sobretudo os pobres e jovens, que se perdem mais por ignorância do que pela maldade. Há, no texto, a preocupação de mostrar os métodos e estratégias de Felipe para cumprir sua missão, e a narrativa utiliza, para legitimar a ação do santo em relação à vontade de Deus, fundamentações da Bíblia Sagrada, onde se mostra o caminho que estava sendo seguido. Fica claro que para cumprir a missão há situações e ambientes indicados e que, além da graça de Deus, é preciso cercar-se de competências humanas (formação e idéias), as quais com perseverança atraem os destinatários (o reconhecimento dos destinatários e seu crescimento animam o sacerdote).

Dom Bosco procura ainda tornar evidente que, de acordo com as necessidades e o tipo de destinatários, a graça de Deus atua fornecendo aos enviados determinados dons que os fazem encontrar o melhor caminho para desenvolver suas atividades. Foi desse modo que Felipe encontrou e desenvolveu o método caritativo como conquista. Ele conseguia simpatia das pessoas porque era amável, doce, e porque se fazia um igual, isto é, utilizava a linguagem do povo e era inserido nas necessidades do povo, especialmente, dos jovens. Instruía-os nas suas necessidades e promovia-os conforme sua disposição, embora precisasse insistir com alguns.

Em muitas vezes recorria a meios mais atraentes para cativar consigo os jovens, sobretudo os mais difíceis, por isso utilizou-se de recursos como os jogos, brincadeiras, música, passeios, lanches, teatro, e outros. Dom Bosco, com essa narrativa, parece estar querendo legitimar a validade dessas atividades como uma ótima estratégia educativa

para se promover a juventude. Em diversos momentos de suas alocuções sobre seu sistema educativo referiu-se a essa estratégia como a “política da bala e da bola”.

Esse tipo de iniciativa de trabalho requer algum tipo de ambiente, por isso Felipe instituiu o Oratório, onde a existência de espaços abertos também fosse bem recomendada para certos tipos de práticas. Mas não se deve perder de vista a necessária formação dentro das verdades da fé, por isso, todas as atividades desenvolvidas por Felipe, voltavam-se para a formação cristã.

### *Terceira Parte*

“Respeitáveis senhores, há algo nesse servo fiel que não pode ser imitado por nós? Claro que não. Cada um de nós, dentro de sua condição, está bastante instruído, e é bastante rico para imitá-lo, se não em tudo, ao menos em parte. Não nos deixemos enganar pelo vão pretexto, que às vezes nos faz escutar: *Eu não estou obrigado; pense nisso quem tem esse dever*. Quando diziam a Felipe que, dado que não teria cura da alma, não estava obrigado a trabalhar tanto, respondia:

- E teria Jesus, talvez, obrigação de derramar todo seu sangue por mim? Ele morre na cruz para salvar almas e eu, seu ministro, negar-me-ei a sofrer alguma moléstia, alguma fadiga para corresponder-lhe?

Sacerdotes, mãos à obra. Há almas em perigo e nós devemos salvá-las. Estamos obrigados a isso como simples cristãos a quem Deus mandou cuidar do próximo. *Et mandavit illis unicuique de proximo suo*. Estamos obrigados porque se trata de almas de nossos irmãos, posto que todos nós somos filhos do mesmo Pai Celeste. Devemos também sentirmo-nos estimulados a trabalhar pela salvação das almas de modo excepcional, porque esta é a obra mais santa das santas. *Divinorum divinissimum est cooperari Deo in salutem animarum*. (Areopagita) (O mais divino dos divinos é cooperar com Deus na salvação das almas).

**Mas o que deve absolutamente nos impulsionar a cumprir com zelo este ofício, é a conta estreitíssima que nós, como ministros de Jesus Cristo, devemos render em seu tribunal divino das almas confiadas a nós.**

**Oh! Que grande conta, que conta mais terrível deverão render os pais, os protetores, os diretores e, em geral, todos os sacerdotes ante o tribunal de Cristo, das almas que lhes foram confiadas! Esse momento supremo chegará para todos os cristãos, mas não tenhamos ilusão, chegará também para nós sacerdotes. Apenas sejamos liberados**

**dos laços do corpo e compareceremos diante do Juiz Divino, veremos claramente quais eram as obrigações de nosso estado e qual foi a nossa negligência. Diante de nossos olhos aparecerá a imensa glória de Deus, preparada para seus fiéis e veremos as almas...Sim, muitas almas que deveriam ir a gozá-la e que, por nosso descuido em instruí-las na fé, perderam-se.**

Que terrível situação para um sacerdote quando comparecer diante do Juiz Divino, que lhe dirá: - Olha abaixo ao mundo; quantas almas que vão pelo caminho da iniquidade e percorrem a via da perdição! Encontram-se nesse mau caminho por tua culpa; tu não te dedicaste a fazê-las ouvir a voz do dever, não as buscaste, não as salvaste. Outros por ignorância, caminhando de pecado em pecado, são agora precipitados ao inferno. Oh! Olha quão grande é seu número! Essas almas clamam vingança contra ti. Agora, servo infiel, *serve nequam*, dai-me conta. Dê-me conta do tesouro precioso que te confiei, tesouro que custou minha paixão, meu sangue, minha morte. Seja a tua alma uma troca daquela que, por tua culpa, perdeu-se: *Erit anima tua pro anima illius*.

**Mas não, meu bom Jesus, nós confiamos que por vossa graça e {221} vossa infinita misericórdia, essa reprovação não será para nós. Nós estamos intimamente convencidos do grande dever que nos estimula a instruir às almas para que não se percam miseravelmente por culpa nossa.**

**Teremos que suportar fadigas, trabalhos, pobreza, desgostos, perseguições e até a morte?**

**Faremos com gosto, porque vós nos destes luminoso exemplo.**

**Mas vós, ó Deus bondoso e clemente, infundi em nossos corações o verdadeiro zelo sacerdotal e fazei que sejamos constantes imitadores do santo, que hoje tomamos por modelo. E quando chegue o grande dia em que tenhamos que nos apresentarmos ao vosso divino tribunal para ser julgados, possamos receber, não um repúdio (em desaprovação), e sim uma palavra de alívio e consolo. E vós, ó glorioso São Felipe, dignai-vos interceder por mim, vosso indigno devoto. Intercedei por todos estes zelosos sacerdotes que tiveram a bondade de escutar-me e fazei que ao fim da vida de todos possamos ouvir aquelas palavras consoladoras: *Animam salvasti, animam tuam predestinasti* (salvaste uma alma, predestinaste a tua)**

Na terceira parte, sobretudo nos últimos sete ou oito parágrafos, há a exortação para que o sacerdote imite a Felipe de acordo com sua condição, não somente como dever de agradecimento a Deus pelas graças que derrama, mas porque se trata de salvar a irmãos, e isso é das coisas santas a mais santa. Não obstante a obrigação de agradecimento existe a obrigação de mandato, cuja pena pela não execução da vontade

de Deus para salvar as almas mais necessitadas, deverá ser o castigo de perdição da sua própria alma.

Nessa dupla dimensão do serviço a Deus como obrigação e como cuidado para sua própria salvação, Dom Bosco deixa claro, através do exemplo de Felipe que o trabalho apostólico para a salvação das almas é uma obrigação do cristão, e muito mais do sacerdote, porque somos todos irmãos e precisamos cuidar uns dos outros. Essa imagem de irmãos põe bem em evidência o valor da família e o necessário estreitamento dos laços afetivos entre irmãos.

Em todo caso, se não o fazemos por obrigação aos irmãos, deveremos fazê-lo como cuidado de nossa própria alma, porque prestaremos conta no juízo final do serviço ao qual fomos chamados, afinal, se almas se perderam por nossa causa, também perderemos a nossa.

O último parágrafo sugere o reconhecimento da pequenez humana diante da magnitude de Deus, a solicitação de que seja feito conforme sua vontade e a missão seja cumprida. Percebendo-se, ainda, que em nossa vida na terra há a limitação do sucesso na ação individual, aspira-se a intervenção do santo que o conseguiu. Apesar de nossas limitações, Deus pode nos salvar, por isso rogamos sua graça e proteção para que não nos deixe afastar de nossa missão, com a intervenção de seus santos que tão bem nos deram seu exemplo.

Creio que a partir daqui seja preciso tratar de dois pontos importantes, não somente da relação entre os personagens, mas também da relação do par antigo/moderno nessa situação. O primeiro ponto diz respeito aos traços biográficos de Felipe Neri apresentados por Dom Bosco no Panegírico, e que não diferem daquilo que está escrito pelos biógrafos desse personagem do período renascentista. É preciso que

seja lembrado que os feitos de Felipe se encontram inseridos no movimento de contra reforma da Igreja, em que diversas estratégias foram desenvolvidas para resistir à empreita protestante, tanto assim, que Felipe foi de grande valia para Inácio de Loyola<sup>63</sup>, grande fundador da Companhia de Jesus, ordem religiosa para a qual o próprio Felipe instigava em seus jovens o desejo de fazer parte<sup>64</sup>. Essa ressalva faz-se necessária, para que as iniciativas de Felipe, exaltadas pelos oratorianos (seus seguidores) e pela tradição da Igreja, possa ser vista para além de um serviço pastoral exclusivamente a favor dos jovens necessitados de Roma, senão também como estratégia de revitalização da doutrina católica naqueles tempos.

O segundo ponto que gostaria de levantar, refere-se às atitudes similares de Dom Bosco nos anos do oitocentos. O mundo estava mergulhado em um processo de industrialização (falarei disso também na terceira parte desse estudo) que colocava em cheque os valores cristãos até então cristalizados pela doutrina e, no seio da própria Igreja, surgiu um movimento de resistência que para fazer frente ao “monstro da modernidade” cria seus próprios mecanismos de renovação; a esse movimento deu-se o nome de modernismo (religioso)<sup>65</sup>. Le Goff diz que apesar do modernismo estar caracterizado como um movimento da Igreja Católica que se desenvolveu a partir de

---

<sup>63</sup> Inácio de Loyola nasceu na província basca de Guipuzcoa (Espanha), em 1491. É considerado, como sendo, depois de Bento (fundador dos beneditinos), Domingos (fundador dos dominicanos) e Francisco de Assis (fundador dos franciscanos), o “quarto grande fundador de ordem religiosa do ocidente” (Mathieu-Rosay, 1992. p.167), no caso, fundador dos jesuítas. Esse foi o termo derivado atribuído aos membros da ordem religiosa denominada Companhia de Jesus, fundada em 1534 e aprovada oficialmente por bula papal em 1540. Foi, juntamente com a inquisição e o Concílio de Trento, iniciativas da Igreja Católica no movimento contra a reforma protestante. A Companhia dedicava-se à educação a às missões em terras onde o Evangelho ainda não havia sido difundido.

<sup>64</sup> Sorgon (1988), relata que quando Inácio de Loyola chegou a Roma para iniciar a Companhia de Jesus, Felipe começou a instigar seus jovens àquela empreitada. Inácio até teria gostado de ter Felipe entre os seus, mas esse desde cedo, compreendeu quando quis ser missionário entre os índios, que sua missão era em Roma. Por Felipe ter mandado muito jovens às fileiras dos jesuítas e não ter feito parte delas, Inácio o comparou a um sino, como já me referi antes.

<sup>65</sup> Ao se referir ao modernismo religioso, Le Goff (1995) diz que o próprio modernismo começa como movimento interno na Igreja Católica e é a manifestação do conflito antigo/moderno, imbricada no catolicismo.

1904, há vestígios de seus fundamentos desde a Revolução Francesa, sugerindo a existência de um pré-modernismo. Mas seguramente, o modernismo como “nova roupagem” do conflito antigo/moderno mostra-se também como a resistência da Igreja conservadora aos avanços obtidos pela sociedade ocidental da Revolução Industrial. Parece um paradoxo que a Igreja declarada antimoderna<sup>66</sup>, (em função do termo moderno ter-se tornado um pejorativo vinculado à Teologia nascida da Revolução Francesa, de movimentos progressistas, e dos católicos simpatizantes dessas idéias) tenha vindo a desenvolver um modernismo pautado na exegese bíblica e na evolução social e política, sobretudo a partir da publicação da Encíclica *Rerum Novarum* pelo Papa Leão XIII, no final do século.

Na Itália, o modernismo coloca em questão a Igreja Católica, principal obstáculo à modernização da sociedade. Na verdade, os defensores modernistas opunham-se não a antigo, mas a “tradicional” (conservador), passando a defender um modernismo na própria estrutura formativa do clero, uma espécie de modernismo ascético. Pode-se ver, então, que o conflito antigo/moderno nesse período ganha novas dimensões. Esse conflito que já ganhara a intervenção da religião desde o final da Idade Média, vê a continuidade da intervenção durante o século XVI com a Reforma, embora não fosse assumida como movimento “moderno”<sup>67</sup>. Mas, o movimento modernista do início do século XX verificado em várias áreas da cultura, somente desenvolveu-se em alcance

---

<sup>66</sup> A Igreja Católica no Século XIX declarou-se antimoderna pelo *Syllabus* de 1864, do Papa Pio IX. O paradoxo ao qual me referi, talvez possa ser explicado pelo fato do Papa ter proclamado o *Syllabus* após sentir-se traído quando abandonado pela proteção de Napoleão III, o qual fizera acordo com o governo italiano de então para transferir a capital do reino de Turim para Florença. Havia aí uma crise religiosa e política que suscitou a ação do Papa mais no sentido de coibir o avanço liberal revolucionário e manter os princípios católicos tradicionais.

<sup>67</sup> A Reforma Católica teve a intenção de abrandar o período contestado da Idade Média promovendo um retorno às raízes da fé cristã. Por isso suas referências ao Antigo Testamento e a Igreja Primitiva (dos primeiros apóstolos).

macro a partir dos acontecimentos desencadeados pelo modernismo experimentado no seio da hierarquia católica.

Dom Bosco inicia a experiência do Oratório de Valdocco em 1841, e todo o período de estruturação da sua obra até sua morte em 1888, superpõe-se justamente ao período agitado que antecede a exacerbação do conflito antigo/moderno na Igreja. Os acontecimentos políticos e religiosos que se deram na Itália durante os períodos denominados de *Restauração* e *Risorgimento*, muitas vezes tornaram mais escamoso o conflito antigo/moderno. Desde então, e até a década de setenta, a Itália viveu os momentos de intensa agitação política e religiosa, que visavam a restauração do país. Como disse anteriormente nesse estudo, Dom Bosco não se manifestava abertamente contra ou a favor de qualquer movimento, mas a existência de contradição no seu comportamento durante toda a fase revolucionária é bastante evidente nos fatos que envolviam a figura do Sumo Pontífice da Igreja e nas iniciativas para o desenvolvimento da assistência aos meninos do Oratório. Se por um lado avançava no Oratório com os meninos aprendizes, utilizando-se para isso dos recursos modernos que possuía; por outro lado, mantinha-se fiel ao Papa em suas deliberações para o clero e isso o fazia alvo dos anticlericais.

Por diversas vezes o fundador dos salesianos proclamou sua fidelidade ao Papa, uma vez que dizia ser toda a sua obra uma dádiva à Igreja de Jesus Cristo, e exortava seus seguidores a dar continuidade a essa dimensão carismática. Contudo, não se pode deixar de mencionar mais uma vez, a característica de vanguardismo, tão acenada nas biografias de Dom Bosco. Praticamente todas as inovações possíveis de serem utilizadas no Oratório e no desenvolvimento da sua congregação foram tomadas e, ele mesmo,

apesar de certo traço conservador ainda fruto da formação seminarística, sentia a necessidade de apegar-se às novidades como recurso de melhor servir aos meninos.

Pode-se imaginar que tal conflito a nível pessoal não fosse diferente a nível institucional, isto é, tomar iniciativas inovadoras em uma Igreja que se proclamou antimoderna. Por isso, apesar de gozar da amizade pontifical, durante muito tempo teve que enfrentar as resistências da hierarquia episcopal, a qual freqüentemente encontrava motivos para colocar empecilhos contra sua obra e contra sua congregação religiosa, sendo que a mesma amizade pontifical atraía para si também a antipatia do Estado quanto à ereção da congregação<sup>68</sup>.

Creio que diante desse comportamento conflituoso em que a obra de Dom Bosco se desenvolveu, envolvida nos antecedentes do modernismo religioso, é possível inferir um tipo de comportamento para aquele educador que eu chamaria de mediador. Digo isso porque, vejo que ao mesmo tempo em que promove a prática de atitudes e exortações localizadas dentro daquilo que poderia ser caracterizado como moderno; também pratica e prega atitudes fundamentadas em modelos localizados em tempos distantes. Em certos momentos parece que essa atitude de retomada de práticas e valores das experiências e dos próprios personagens de tempos anteriores, torna evidente no conflito antigo/moderno a existência marcante da chamada “moda retro”.

---

<sup>68</sup> Em 1848, pensava Dom Bosco suscitar vocações que surgissem do povo. Acreditava que os movimentos anticlericais davam-se não por ser contrário aos padres, mas porque esses eram em sua maioria provenientes das classes burguesas. Desde então, pensou em gerar um grupo para a continuidade de seu trabalho, e, somente em 1854 conseguiu que os primeiros candidatos fizessem promessa de fidelidade a Deus. Mas o reconhecimento pela Sé encontrou muitos obstáculos e demorou bastante, o que viria a acontecer somente após a fundação em 1859, decreto de aprovação das Constituições em 1869, e aprovação final pela Santa Sé em 1873, tudo através de penoso processo na Cúria e um grande desgaste entre Dom Bosco e seu arcebispo, Dom Gastaldi. Deve-se ressaltar que o surgimento da essência da Congregação de Dom Bosco teve também a influência do conselho de Urbano Rattazzi, o mesmo que algum tempo antes fechara muitas ordens religiosas. Rattazzi forneceu a Dom Bosco uma fórmula que garantia sua imunidade às leis do Estado e ainda satisfazia a Santa Sé. Melhores detalhes sobre o início da Congregação podem ser encontrados em Bosco (1993. p. 339-346 e 487-505)

Como já foi visto, a presença do moderno invoca desde o fim da Idade Média alguns valores de tempos distantes, enquanto sobrepujança a preceitos mais recentes. Naquele tempo os valores invocados estavam localizados na Antigüidade grego-romana, embora no seio da Igreja Católica houvesse um aceno maior para a Igreja primitiva, aquela dos primeiros apóstolos, e ainda uma retomada dos patriarcas do Antigo Testamento. Porém, no seguimento da História parece ter se tornado uma constante o artifício de fundamentar-se em valores presentes em épocas distantes para contrapor-se a construtos mais recentes. Talvez esse seja um dos grandes paradoxos do moderno: enquanto nega o passado em algum momento, em outro se refugia nele para se sustentar; por isso em muitas ocasiões o interesse pela Memória e pela História é desencadeado, não meramente como moda, mas, muitas vezes por necessidade de sustentação e autoproteção.

Pode-se observar, mesmo em nossos dias, que diante das arguições do novo e a latente falta de soluções para as novas problemáticas que surgem, o refúgio no passado ainda parece ser a melhor alternativa de debate, daí a ligação nostálgica com o passado e com as raízes, o argumento sobre o patrimônio histórico, folclórico, arqueológico, além do grande apego aos ícones materiais de recordações, principalmente às artes.

Minha intenção neste estudo está para além de tornar o debate entre antigo/moderno ou entre passado/presente o foco central dessa discussão que envolve uma espécie de re-elaboração de experiências entre a iniciativa de Dom Bosco e as iniciativas de personagens situados em épocas distantes à sua. Mas, concordo com os pensamentos do antropólogo Marc Augé, citado em Le Goff (1995), segundo o qual, é preciso dar sentido à História, e esse sentido passa pela compreensão do passado. Essa compreensão do passado pode ser tomada, e assim tem sido, por um processo que parte

do presente para o passado, tentando descobri-lo, para que quando retornar ao presente possa melhor compreendê-lo. Mas, historiadores como Marc Bloch, também citado por Le Goff (1995), propõem uma compreensão de mão dupla, isto é, além da compreensão do presente pelo passado que possa haver uma compreensão do passado pelo presente. Isso caracteriza um processo de recorrência histórica, quando é preciso conhecer os tempos para que cada um possa ser compreendido, um verdadeiro movimento histórico, que permite atribuir à História sentidos maiores que as simplórias interpretações do presente pelo conhecimento do passado.

Arrisco-me a dizer que Dom Bosco parecia ser um homem bastante conhecedor do seu tempo presente, como também conhecia com profundidade as informações do passado, sobretudo do passado italiano, da História da Igreja e da História Política que o cercavam. Isso parece também ter contribuído para a sua tarefa de dar uma nova roupagem às experiências de Felipe Neri (e até indiretamente, de Vitorino da Feltre), porém, continua minha desconfiança quanto à sua plena consciência desse processo, ou melhor, posso recorrer à idéia de que sendo conhecedor desse processo tenha usado a estratégia de re-elaboração das experiências anteriores menos para o serviço genuíno aos menores periclitantes e mais para um serviço pastoral à Igreja, de modos que atendesse aos objetivos canônicos da mesma.

Mas, admitindo que Felipe Neri, considerado grande santo da Igreja Católica, fosse igualmente movido pelos propósitos semelhantes ao de Dom Bosco para o serviço pastoral de solidificação de uma Igreja universal, forte e una, o que teria contribuído para que Dom Bosco tivesse conseguido tamanha expansão de sua obra, com projeção social, política e religiosa de dimensões continentais? Por que, com objetivos e

estratégias bem similares, em tempos diferentes, o segundo sobressaiu-se significativamente sobre o primeiro?

### III PARTE: UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA: POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DA ÉTICA ROMÂNTICA E DO MOVIMENTO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA INTERVENÇÃO SALESIANA.

Em estudos anteriores (Borges, 1999a, 1999b, 1999c, 2000a, 2000b, 2002, 2004) tive a oportunidade traçar breves descrições sobre a Proposta Educativa Salesiana, assim como sobre o papel que as atividades corporais nela desenvolve. Também na primeira e segunda partes do presente trabalho vim tentando mostrar alguns outros traços dessa proposta pedagógica que se apresenta, conforme mostrarei adiante, com algum impacto no cenário da Educação em geral e da Educação Católica em específico.

Os diversos escritos sobre a Proposta Educativa Salesiana tanto no âmbito interno como externo à sua tradição, vêm constituindo um material rico em elementos que preconizam a formação integral do indivíduo. Conforme já tive a oportunidade de me referir, ao conjunto desses elementos foi dado o nome *de Sistema Preventivo*, e, a vivência deste sistema caracteriza a ação diferenciada da Família Salesiana na Educação. Embora já tenha percorrido algo da Tradição Salesiana que dê sustentação aos pressupostos do *Sistema Preventivo*, acredito que se faz necessário uma breve, senão última, “olhada” ao passado, com o escopo de entender que qualquer proposta que se diga salesiana na atualidade, não deve prescindir do caráter embrionário desta tradição, representado pela experiência do Oratório primitivo.

Vimos que o Oratório primitivo, aquele que se fixou no bairro de Valdocco em Turim/Itália, deu origem à Obra Salesiana, presente no mundo todo em expressões como: escolas, abrigos, paróquias, missões indígenas, projetos sociais,

cooperativas, entre outras. Também vimos que os salesianos, chegando à América do Sul, na Patagônia, como missionários, também se estabeleceram no Brasil em 1883, em Niterói, conforme apontam os estudos de Azzi (1982), sob a forma de *Oratório Festivo*. Aliás, tanto no Brasil, como em muitas das obras iniciadas pelos salesianos em todo o mundo, quase sempre, o que as fundações têm em comum, é o fato de terem iniciado sob a forma de *Oratório Festivo* e, também na maioria das vezes, ainda se manterem em funcionamento sob essa mesma expressão de *Oratório Festivo*, ou mesmo diário. Eu poderia, inclusive, citar um número significativo de casas que se enquadram nesta afirmativa, porém, até para uma ilustração referenciada resolvi abordar o trabalho de Azzi (1982), sobre a implantação da Obra Salesiana no Brasil (Colégio Santa Rosa, em Niterói/RJ-primeira casa salesiana do Brasil), onde ficará evidente não somente esta afirmativa como também o fato de que as atividades físico-artístico-recreativas, presentes no Oratório, são elementos importantes não só na construção, mas na atualidade de aplicação da Proposta Educativa Salesiana, e desse modo poderão nos dar bons elementos de análise para entendimento da ética de implantação da intervenção salesiana.

O autor supra, ao levantar os primórdios da Obra Salesiana no Brasil, tomando como referência diversos documentos do Arquivo Central da Sociedade Salesiana (Roma/Itália), entre eles uma carta do Padre Miguel Borghino a Dom Bosco em 07 de agosto de 1883, assim relata a instalação desta congregação religiosa:

“(...) na tarde de 14 de julho, enquanto no Rio liberais e republicanos celebravam a data das conquistas democráticas, os salesianos se

instalavam do outro lado da baía para dar início à sua obra educacional e religiosa em favor da juventude” (Azzi, 1982. p.224)

Entre tantas alegrias e dificuldades na instalação dos salesianos em terras brasileiras, interessante citar que: “A primeira obra a que se dedicaram os salesianos, apenas chegados a Niterói, foi a fundação de um Oratório festivo, no segundo semestre de 1883” (Azzi, 1982: p. 299). Na verdade, esta ação representou não somente uma forma de atendimento às necessidades urgentes da clientela local, mas também uma tentativa de fidelidade à origem da experiência salesiana, assim colocada por Azzi:

“ Não obstante, o que vai caracterizar a instituição educativa de Dom Bosco é a abertura para o jogo, o esporte, a música, o movimento e a alegria juvenil. Isto daria um caráter específico aos seus educandários. Esta percepção da psicologia juvenil criava geralmente nos colégios uma ambiente alegre e descontraído, contrapondo-se aos possíveis rigores da ordem ética religiosa(...). Foi exatamente essa manifestação de alegria nos meninos, unida a um intenso espírito de piedade, que deixou o bispo do Rio de Janeiro bastante impressionado. Na convivência com os salesianos e alunos, ele passou a considerar o Oratório de Dom Bosco como uma verdadeira escola de santidade.”(1982: p.67)

Em razão da realidade do Brasil Império, o Oratório Salesiano, mesmo sendo uma instituição de reconhecida importância na Europa, encontrou muita resistência na sua implantação em Niterói, principalmente devido a uma relação complicada com luteranos que trabalhavam na mesma comunidade. Desse modo, os salesianos deixaram de atender sob a forma de *Oratório Festivo*, passando a atender somente à educação escolar de crianças da classe média. Somente em 1907, foi possível uma retomada da obra de forma mais consistente e de rumo definitivo. A partir daí, realmente a Obra Salesiana do Oratório, encontrou o reconhecimento

merecido em função das conquistas alcançadas em outras realidades. O jornal *A Capital*, citado em Azzi (1982), noticiou a instituição do Oratório da seguinte

forma:

**“ Os diretores do Colégio Salesiano de Santa Rosa acabam de fundar nesse estabelecimento de ensino uma seção de grande utilidade para as crianças, dando-lhes o mesmo nome com que o imortal Dom Bosco instituiu à primeira em Turim. À semelhança dos lugares semelhantes que há em várias cidades da Europa, as crianças de todas as idades, cores, condições e nacionalidades, aos domingos e dias santos, ali se reúnem, sendo-lhes proporcionadas diversões variadas e alegres, juntamente com alguns rudimentos de moral religiosa e cívica. Destarte, a pouco e pouco, por entre risos e folguedos, se irá formando desses pequenos seres uma geração sadia de corpo e de alma, de músculos fortalecidos pelos melhores exercícios físicos, e de sentimentos educados pelas salutares lições de amor à família, à pátria, à humanidade e a Deus, e de respeito às autoridades, às leis e às instituições dos povos. Cremos bastar esse ligeiro esboço do que é a nova seção do colégio salesiano, para que os senhores pais de família tratem de aproveitá-la eficazmente, mandando os seus filhos a essa escola gratuita de educação moral e cívica” (p. 375).**

Uma vez radicado o Oratório, a Obra Salesiana difunde-se no Brasil, onde hoje se pode vislumbrar uma ação bem diversificada da Família Salesiana. De acordo com estrutura organizacional dos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), o Brasil encontra-se dividido em Províncias ou Inspetorias<sup>69</sup>. Em função das realidades geográficas, econômicas e sociais do país, assim como as limitações de cada ramo religioso da Família Salesiana, as inspetorias dos SDB e das FMA seguem diferentes formas de organização em razão da autonomia jurídica eclesiástica de cada grupo. Outrossim, é bom esclarecer que as inspetorias agregam um conjunto de casas de uma determinada região e, normalmente recebem o nome do local

---

<sup>69</sup> Denominação dada ao conjunto de casas salesianas reunidas em determinada região geográfica. Em geral, a divisão inspetorial ou provincial leva em consideração as divisões político-geográficas dos países ou continentes.

ou da região de sede, bem como a denominação onomástica de um santo da Igreja Católica. Desta forma, temos as seguintes inspetorias:

Dos Salesianos de Dom Bosco:

- Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia –ISMA (São Domingos Sávio), com sede em Manaus. Congrega as casas dos Estados do Amazonas (inclusive com missões indígenas), Pará e Rondônia;
- Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil (São Luiz Gonzaga), com sede em Recife. Congrega as casas dos Estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Alagoas;
- Inspetoria São João Bosco, com sede em Belo Horizonte. Congrega as casas dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás e do Distrito Federal;
- Inspetoria de São Paulo (Maria Auxiliadora), com sede em São Paulo. Congrega as casas do Estado de São Paulo, exceto as do oeste do Estado (nas cidades de Lins e Araçatuba), e mais as casas da Missão Salesiana na República de Angola<sup>70</sup> (em Calulo, Dondo, Luanda, Luena e N'Dalatando);
- Inspetoria Salesiana São Pio X, com sede em Porto Alegre. Congrega os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina;

---

<sup>70</sup> A presença salesiana em na República de Angola iniciou em 1981, e desde então esteve vinculada à Inspetoria Salesiana de São Paulo. Com o crescimento da presença naquela nação, surgiu a necessidade de um acompanhamento mais próximo. Por isso, hoje Angola já se constitui em uma Visitadoria Salesiana, o que representa um estágio transitório para a condição de nova inspetoria. A denominação da presença salesiana em Angola é Visitadoria Mama Muxima (nome local atribuído a Nossa senhora), com sede em Luanda. O vínculo com São Paulo agora é apenas de apoio pastoral, uma vez que a visitadoria goza de autonomia jurídica, financeira e canônica, com obediência direta ao Superior Geral, em Roma.

- Missão Salesiana de Mato grosso (Santo Afonso Maria de Ligory), com sede em Campo Grande. Congrega ao Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Oeste de São Paulo (Lins e Araçatuba).

As inspetorias das Filhas de Maria Auxiliadora são:

- Inspetoria Imaculada Auxiliadora com sede em Campo Grande. Congrega as casas do Estado do Mato Grosso do Sul, as casas da cidade de Lins/São Paulo;
- Inspetoria Nossa Senhora da Paz, com sede em Cuiabá. Congrega as casas do Estado do Mato Grosso, e as casas de Ji-Paraná/Rondônia;
- Inspetoria Nossa senhora Aparecida, com sede em Porto Alegre. Congrega os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina;
- Inspetoria Santa Catarina, com sede em São Paulo. Congrega as casas do Estado de São Paulo (exceto as da cidade de Lins)
- Inspetoria Madre Mazarello, com sede em Belo Horizonte. Congrega as casas dos Estados de Minas Gerais, Goiás e do Distrito Federal.
- Inspetoria Nossa Senhora da Penha, com sede no Rio de Janeiro. Congrega as casas do Estado do Rio de Janeiro.
- Inspetoria Maria Auxiliadora, com sede em Recife. Congrega os Estados de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia;
- Inspetoria Laura Vicuña, com sede em Manaus. Congrega as casas dos Estados do Pará, Rondônia (exceto as de Ji-Paraná) e da cidade de Manaus no Amazonas, exceto o Patronato Santa Terezinha.

- Visitadoria Santa Terezinha<sup>71</sup>, com sede em Manaus. Congrega as casas de Missões do Estado do Amazonas e o Patronato Santa Terezinha, em Manaus/Amazonas.

O panorama estrutural vislumbrado no Brasil nos permite detectar a Família Salesiana (inclusive com os ramos laicos) como uma poderosa força dentro da estrutura eclesial. Tal situação mostra-se de forma semelhante quando buscamos dados cadastrais de presenças religiosas em âmbito internacional<sup>72</sup>.

O quadro de aparente sucesso da Família Salesiana, quer em termos quantitativos de “casas”, como em número de religiosos e leigos envolvidos, suscitou-me algumas questões que deram origem a este estudo: que fatores poderiam ter contribuído para que os salesianos tivessem tal projeção? Como se dá a ética da sua intervenção?

Como já tive a oportunidade de comentar, a Proposta Educativa de Dom Bosco, enquanto experiência de intervenção<sup>73</sup>, não está isenta de uma ética que a origine e oriente. Tenho a intuição de que essa ética possa ser o diferencial que tenha conduzido a Proposta Educativa Salesiana às dimensões que hoje se apresentam, portanto, é a partir da busca da ética de orientação que pretendo caminhar para a elucidação desse enigma, sobretudo, tomando como norte os elementos que considero como categorias centrais na proposta, e sobre as quais fiz referência nas partes anteriores do trabalho: a *amorevolezza*, o *protagonismo juvenil* e a *alegria*.

---

<sup>71</sup> Iniciada em 01.01.1999. Nasceu do desmembramento da Inspetoria Laura Vicuña (Am), em função também das necessidades administrativas e de animação pastoral pelas FMA na Região Amazônica.

<sup>72</sup> Ver estatísticas da Igreja Católica. Disponível em [www.ceris.org.br](http://www.ceris.org.br)

<sup>73</sup> O próprio Dom Bosco afirmava que sua prática educativa não era um tratado de pedagogia, mas uma experiência de vida junto aos meninos em situação “periclitante”.

### **Ética: fragmentos conceituais filosóficos**

Parece oportuno que por hora, tenha que dar uma pausa na revisão sobre a Tradição Salesiana, porque na tentativa de encontrar a ética que a influencia torna-se importante situar de que ética estou falando, isto é, que bases conceituais estarei evocando para abordar as questões que aqui se apresentaram.

Seguindo o exemplo de Ribeiro (1981) e Santin (2004), minha abordagem aqui pretende transcender a polêmica das diferenças e similitudes no significado entre Ética e Moral, mesmo porque suas origens etimológicas grega (*ethiké*, de *ethikós*) e romana (latim: *moralis*, de *mor-*, *mos*), respectivamente, não distanciam semelhanças nos sentidos (em português, ambas estão atreladas ao sentido de costumes, como *more* ou *mores*). Desse modo, ao adentrar na Ética, acabo esbarrando na Moral, assuntos difíceis de tratar uma vez que a ordem moral posiciona-se entre o real e o ideal, na tentativa de corrigir a realidade e possibilitar a idealidade. Por isso a dificuldade das mediações que estou abordando.

A maioria dos dicionários define Ética como ciência da Moral e como arte de dirigir a conduta humana tanto no âmbito individual quanto no coletivo, contudo, ainda se questiona bastante em qual dessas dimensões estaria mais centrada a eticidade.

A idéia da Ética como uma ciência tem sido aceita por diversos autores, muitos dos quais tomam o conceito de Vasquez (1992), o qual considera a Ética como sendo a teoria ou ciência do comportamento humano, tanto do indivíduo como da sociedade. O mesmo autor nos diz que a Moral, enquanto objeto da Ética, representa as normas e recomendações quanto à conduta humana assimiladas pelo hábito ou pela prática, as quais serão estudadas pela Ética. Portanto, a Ética, quando no status de ciência, não pode ser confundida com as normas e recomendações, mas, deve estudá-las, a fim de que possa incidir nas ações morais, isto é, avaliar quando a conduta ou comportamento

social de indivíduos ou grupos de indivíduos é moral ou não. Desse modo, apesar dos conceitos etimológicos tão próximos e do trato conjunto que quase sempre a Ética e Moral têm, seus conceitos e funções são diferentes no que diz respeito à conduta humana (Vasquez, 1992).

Quando observamos a Ética e a Moral em proximidade, podemos ver que existe uma categoria que contribui para que ambas possam ser concebidas como atreladas ao sentido de costumes: é o sentido e significado de valor. O Valor é filosoficamente concebido como uma qualidade metafísica e estrutural que permite às pessoas estabelecerem sentido e significado para todas as coisas ou atitudes. Quando algo, ou atitude é concebido ou permeado de valor(es) por um indivíduo ou grupo de indivíduos, passa a ser objeto de busca muitas vezes incessante, pois que do(s) valor(es) se necessita como requisito de preenchimento pessoal (de suas carências e privações), como algo que lhe completa positivamente, do contrário, o indivíduo ou grupo de indivíduos estaria experimentando somente a contra-valores ou desvalores.

Tomado(s) o(s) valor(es) no âmbito da Moral, concordo com Japiassu & Marcondes (1990: p. 90), de que a Ética passa a ter a seguinte finalidade: “detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica; elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia”. Isso só é possível quando refletimos sobre a validade universal das normas morais, no entanto, não podemos desconsiderar o contexto histórico e geográfico, porque os problemas estão interligados no cotidiano das pessoas.

Diante do exposto digo, pois, que a Ética trata de hábitos (virtudes), atitudes (caráter) e ações, sendo que para identificarmos um comportamento ético em um indivíduo, seria necessário também que identificássemos qualidades morais

indispensáveis para a presença do mesmo, entre as quais: Prudência, temperança, coragem, fortaleza, justiça, generosidade, compaixão, humildade, tolerância, misericórdia, fidelidade, solicitude e entusiasmo.

As poucas reflexões apresentadas até esse ponto, tendem a me fazer acreditar que ao falar de Ética necessariamente tenhamos de relacioná-la com a Educação, pois que uma e outra estarão imbricadas no processo de desenvolvimento de um indivíduo dentro de um dado contexto social (Devries, 1998; Herkenhoff, 2001)

Quando se está envolvido na tarefa de relacionar a Ética e a Educação é que se percebe como as relações entre ambas são múltiplas e complexas. As imbricações entre Ética e Moral que estive comentando, fazem com que a Ética possa ser compreendida sobre duas vertentes: a primeira como realidade moral, tanto objetivamente quanto subjetivamente; em segundo lugar, a Ética pode ser sinônimo de Filosofia Moral. Na primeira vertente, a Educação está compreendida na esfera moral, portanto, a relação entre Ética e Educação é não acidental, mas necessária. Na segunda vertente, a Educação é fator de moralidade, contribuindo para a atualização e desenvolvimento dos valores éticos, particularmente mediante a educação moral.

A necessidade de formação da eticidade no indivíduo e na sociedade faz da Ética um tema de abordagem necessária em todo o sistema educacional, uma vez que se trata de uma questão de atitude que se toma desde o conhecimento científico e generalizado sobre o homem, sobre a sociedade e suas causas e possibilidades. Nesse sentido, a Ética toma a forma de uma filosofia que se preocupa com a complexidade do indivíduo, adquirindo uma importância tal que não podemos limitá-la a um tipo de conhecimento ou informação programada transmissível a diferentes camadas da sociedade em ocasiões necessárias (Sucupira, 1980).

A formação necessária à eticidade no sistema educacional não pressupõe, contudo, uma educação imposta. Conforme nos diz Soveral (1980), o sentido da Ética pressupõe um homem livre, o qual, pelo menos dentro de certa medida, deverá ter autonomia de ação, capacidade para antecipar o futuro, e poder para modificar o real. Ainda assim, a liberdade não basta para caracterizar um comportamento como ético. Torna-se necessário também: a ordenação de uma hierarquia de valores, com fidelidade a tal hierarquia e; a pretensão de agir de forma justificável e exemplar.

Ainda atrelado na abordagem do relacionamento entre Ética e Educação, parece interessante, para os objetivos do presente estudo, que se convoque uma terceira força que tem influenciado no processo de construção de indivíduos e grupos: a Religião. O interessante nessa convocação está justamente no fato de que o nascimento da Ética está atrelado ao seu vínculo com a Religião e a Razão, as quais, desde a Antiguidade até os nossos dias, constituíram-se nos “mananciais” que orientaram moral e eticamente as sociedades.

A Razão é uma categoria que também vem à tona nesse momento, porque representou uma das primeiras tentativas de sistematização de um código de ética universal, o que foi feito pelos filósofos da razão crítica, pelo século VI (a.C.). Desde aquele momento, houve muitas tentativas de estatuir outros códigos éticos, sobre outras bases que não a razão, inclusive com uma antiga força dominante – a Religião. A essas tentativas de universalização ética, convencionou-se chamar de *ethos* da procura. (Boff, 2003).

Apesar da grande importância histórica da Razão no desenvolvimento do sentido ético, a Religião tem sido, em todos os tempos, um grande diferencial na constituição valorativa dos indivíduos e sociedades. Nos momentos críticos da vida de indivíduos e

sociedades, tem contado menos a ideologia política e os interesses econômicos e muito mais o que as pessoas crêem, suas famílias, suas convicções religiosas.

Embora em grande parte da História, Religião e Razão estivessem bastante ligadas, a dimensão da transcendência na Religião é preponderante, e é permeada pela afetividade. Também é aceito, que a base última da existência humana de onde surgem consensos mínimos em momentos de crise é a afetividade, a paixão (*pathos*), e não a razão (*logos*). É essa certeza que faz muitos filósofos exclamarem, a exemplo de Boff (2003: p. 30): “Pela paixão é que captamos o valor das coisas. Só quando nos apaixonamos vivemos valores. E é por valores que nos movemos e somos”.

Se retomarmos nesse ponto o tripé sobre o qual se fundamenta o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, pode-se ver que religião, razão e afetividade (*amorevolezza*) parecem estabelecer uma ética do equilíbrio na formação (educação do indivíduo). No entanto, a afetividade, tomada como paixão, tende muitas vezes a descompensar esse equilíbrio, nesse caso, tenho que concordar com Boff (2003) de que todos os valores são importantes, mas nem todos têm a mesma importância em todas as circunstâncias. Por isso, quando há exageros da justa medida provocados pela paixão é mister que a razão entre em cena com suas funções disciplinadora, ordenadora e direcionadora.

Sobre a necessidade do equilíbrio entre a paixão e a razão, Boff (2003) nos diz o seguinte:

“Se a razão reprimir a paixão, triunfa a rigidez, a tirania da ordem e a ética utilitária. Se a paixão dispensar a razão, vigora o delírio das pulsões e a ética hedonista, do puro gozo das coisas. Mas se vigorar a justa medida, e a paixão se servir da razão para um autodesenvolvimento regrado, então emergem as duas forças que sustentam uma ética promissora: a ternura e o vigor.” (p. 31)

Voltarei a abordar sobre o desequilíbrio, quando precisar evidenciar que o romântico muitas vezes move-se pela paixão, aproximando-se do irracional: é a

impulsão para o agir. Outras vezes, para não exacerbar o aspecto individualista, vem à tona a racionalização, mesmo por influência religiosa, como busca do bem comum à coletividade. Veremos que o comportamento contraditório é muitas vezes uma marca do Romantismo.

Por hora, o que se pode observar, é que a Religião transita entre uma afetividade impetuosa e uma necessária racionalidade, tendo a possibilidade, contudo, de desenvolver uma ética de justa medida, que Boff chamou de ternura e vigor. Para possibilitar o entendimento dessa mediação, esse autor nos diz que: “a ternura é o cuidado com o outro, o gesto amoroso que protege e confere paz. O vigor abre caminho, supera obstáculos e transforma sonhos em realidade. É a contenção sem a dominação, a direção sem a intolerância.” (2003: p. 31).

Essa premissa parece ser comungada pela Proposta Educativa Salesiana, pois que daí deriva um código de ética fundamentado em um *ethos* que ama, cuida, se responsabiliza, se solidariza e se compadece.

Agora, após a abordagem desses fragmentos conceituais sobre Ética (e moral), parece que se torna mais claro o entendimento de algumas ações desenvolvidas no *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, se observarmos que as ações se inscrevem em um compromisso carismático para com a Igreja e a Sociedade, em última instância, no pensamento de Dom Bosco, um compromisso para com Deus e os destinatários –jovens e classes populares – de formar bons cristãos e honestos cidadãos. Mas isso me faz retornar ao problema de estudo: que Ética teria gerado e animado essa intervenção? O que teria propiciado com que tal Ética conduzisse a proposta salesiana até onde ela se encontra? Penso que entre diversos caminhos a ser percorridos em busca de respostas, talvez um dos mais comuns seja o de procurar pistas nos contextos históricos e

geográficos do fundador e assim, ao confrontar sua experiência particular com o conhecimento que temos daquele contexto, poderemos encontrar a elucidação de nosso enigma.

### **O oitocentos: rastros da trajetória romântica**

Dom Bosco viveu no século XIX e, tanto na sua trajetória pessoal quanto no desenvolvimento de sua experiência pedagógica, foi contemporâneo de alguns dos fatos marcantes da História universal que tiveram lugar naquele século. Enquanto fenômeno contemporâneo que manteve relações com as mais diversas dimensões do agir humano, chamo atenção a partir de agora para as possíveis influências na Tradição Salesiana, e por tanto sobre o fundador, do amplo movimento cultural, político e social denominado de Romantismo.

A tarefa de conceituar o Romantismo se constitui em uma dificuldade quando se percebe na vasta literatura sobre o assunto, o consenso de que esse movimento filosófico, artístico, literário, apresentou tantas variações nas diversas nações e indivíduos. Por isso, essas tantas variações não permitem que o termo possa ser entendido a partir de algumas de suas características, então, fazendo uso de uma expressão de Lovejoy citado por Löwy, e Sayre (1995), podemos dizer que tal multiplicidade de entendimentos nos permite falar de Romantismos e não somente de um Romantismo.

Ainda sobre a multiplicidade de apresentação do Romantismo, quando recorreremos à origem etimológica, vemos que o termo está associado ao passado, sobretudo à literatura de língua romana da Idade média (Löwy, 1990). Mas, ainda assim, Romantismo, enquanto substantivo, somente teria surgido a partir do adjetivo –

romântico – o qual foi baseado no advérbio popular latino *romanice*, que significa “a maneira dos romanos” (Guinsburg, 2002). É nesse sentido que Löwy (1990), diz que o Romantismo se constitui como uma corrente sócio-política, mas inseparável de suas manifestações culturais e literárias, sendo em ambas as situações, “*a nostalgia das sociedades pré-capitalistas e uma crítica ético-social ou cultural ao capitalismo*” (p. 12).

Diante dessas considerações, parece claro afirmar que o Romantismo, em uma visão geral, parece ser um *desequilíbrio*. Esse *status cuo* desequilibrado, manifesta-se em algumas de suas principais contradições, apontadas por Leite (1992) e confirmadas por Löwy e Sayre (1995). Segundo esses autores, o Romantismo é: “simultânea ou (alternadamente) revolucionário e contra-revolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utopista, revoltado e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensual”(p 09).

**Algumas dessas contradições nos permitem encontrar um romântico ávido por libertação, capaz até de dar a vida por tal objetivo; enquanto um outro, saudosista, busca inspiração no longínquo passado da Idade Média. E pior, o comportamento contraditório que está no movimento como um todo pode se apresentar no mesmo indivíduo e, até mesmo, em uma única obra sua. Bem na verdade, que o conflito interno no movimento pode ser visto como o único ponto de coesão do mesmo, ou como diz Klaus citado por Campbell (2001), a crítica ou revolta contra o Romantismo é também ser romântico.**

Na obra de Campbell (2001), encontramos alusão quanto ao Romantismo tomado em sentido amplo, segundo o qual, o mundo é concebido também a partir de uma visão

geral. É por essa visão que, filosoficamente, os homens podem responder às suas principais questões como também podem nomear idéias e atitudes inter-relacionadas que incidem sobre as preocupações intelectuais e nas artes, porém, podem alcançar o âmbito da Religião, da História e da Política.

**Vê-se que o Romantismo nessa abordagem conceitual adquire identidade anti-reacionária nos contextos históricos em que se manifesta. Traços desse movimento já se faziam presentes e significativos desde meados do setecentos através de características visíveis nas atitudes dos românticos, sendo importante frisar: o comportamento revolucionário; a honestidade, que não esconde o sentimento; e o triunfo da sinceridade sobre a adequação aos padrões estabelecidos.**

**Baseado em tais características, Campbell (2001) discorrendo sobre o Romantismo, afirma que o romântico não aceita o mundo contemporâneo como ele é, por isso inquieta-se por transformá-lo na perfeição que deveria ser. O perfeccionismo é uma marca do romântico, que por isso tem “uma inquieta ansiedade em face da vida, uma preferência pelo estranho e curioso, uma inclinação para o sonho e o devaneio, um pendor para o misticismo, e uma celebração do irracional” (P. 254). Do ponto de vista político, os românticos foram militantes por serem revoltados numa sociedade disforme e injusta, mas sua forma de agir fundamentava-se em esforços redobrados, sobretudo na sua arte, pois somente esta poderia levar à perfeição (pela imaginação).**

**Esses poucos comentários iniciais sobre o movimento romântico já permitem observar a força de sua influência nas mais diversas esferas sociais e acontecimentos ocorridos desde o sentimentalismo do século XVII (proto-**

romântico) até nossos dias. Contudo, como disse antes, não é muito fácil tratar com o Romantismo, primeiro porque é um fenômeno global; segundo, porque suas definições iniciais foram dadas mais pelos críticos; terceiro, porque tinha a idéia de ser mais um impulso (para o caos) do que um sistema de idéias.

O “olho do furacão” do movimento romântico se manifestou pelo final do século XVIII, aí sim, podemos dizer que se pode observar claramente em várias áreas do agir humano o caráter contestador próprio do romântico, até a ponto de tornar difícil a definição de Romantismo, por ser uma tarefa não muito romântica (lembramos que até o rebelar-se contra o Romantismo era romântico). Tais características fizeram “o romantismo reconhecível como mito e simbolismo na arte, organicismo na filosofia e na história, e imaginação criativa em todas as coisas” (Campbell, 2001: p.252), por isso, o ‘ingrediente romântico’ teria impulsionado até mesmo a própria Revolução Industrial, e com ela a Economia moderna.

Assim, a rebelião tornou-se a marca do romântico, bem como o inconformismo diante dos valores estabelecidos e que o impulsiona à busca de novas escalas de valores. Portanto, a atitude romântica privilegia o entusiasmo pelo irracional ou pelo inconsciente, pelo popular ou pelo histórico, ou ainda, pela coincidência de diversos desses aspectos. É isso mesmo que nos faz voltar à dimensão das contradições e perceber que alguns românticos se voltaram para as questões coletivas, muitas vezes até integrados na alma popular, mas, outros, foram extremamente individualistas e voltados para seus dramas pessoais. Contudo, deve-se chamar a atenção de que esse individualismo do romântico é diferente do individualismo do liberalismo moderno, porque o primeiro buscava a qualificação do sujeito para ação rebelde diante do mundo,

enquanto que o segundo era movido por objetivos egocêntricos que favorecessem quantitativamente o sujeito.

Ainda quanto ao desenvolvimento do movimento romântico, há dois pontos que chamo a atenção devido a sua incidência nesse estudo, são eles: a vinculação do Romantismo com a Religião e a oposição do movimento à industrialização.

Abbagnano (1993) fazendo uma abordagem filosófica sobre a orientação principal do Romantismo, disse que essa reside na identidade entre finito e infinito. Assim, tanto o finito (não-eu, natureza, real, mundo) quanto o infinito (Eu, Racional, Ideal, Deus) se interdependem, vindo a caracterizar um panteísmo. Contudo, o autor diz que há outras correntes filosóficas que distinguem o infinito do finito, afirmando que o infinito manifesta-se ou revela-se através do finito, isto é, o finito então não seria realidade do infinito, mas a sua revelação.

O que parece claro nas palavras de Abbagnano, é que a relação de interdependência entre finito e infinito, origina um Romantismo do tipo panteísta, enquanto que a distinção entre o infinito e sua manifestação determina um Romantismo transcendentalista e teísta. Nessa concepção, o infinito é o próprio Deus. Por isso, Abbagnano (1993), Campbell (2001), Löwy (1990), entre outros, foram alguns dos muitos que afirmaram a estreita ligação do Romantismo, sobretudo na segunda metade do século XIX, com a Religião. Todos os temas românticos, em alguma dimensão, convergiam para discussões religiosas, fazendo com que a Religião se tornasse o problema da Filosofia e essa grande identificação entre as duas áreas consistia na grande tendência do movimento romântico.

Muitos críticos do movimento romântico foram severos com respeito à relação do Romantismo com a Religião, mas deve-se considerar que mesmo as críticas deveriam

ter um fator atenuante, uma vez que existia simultaneamente (pela própria característica contraditória do movimento) um Romantismo a-religioso e mesmo anti-religioso, da mesma forma que existiram formas românticas e religiosas diferentes para diversos tipos de manifestações no movimento romântico.

Para tentar não perder a temática que está sendo discorrida, melhor apresentar o segundo aspecto de desenvolvimento do Romantismo e que se identifica em parte com essa sua relação com a Religião, é a sua aversão ao Capitalismo (tendo como representação a industrialização).

O surgimento do Romantismo se dá em um dos dois momentos mais fortes de ruptura na História – a Revolução Industrial (o outro foi a Renascença). Segundo Löwy e Sayre (1995), esses momentos fortes de ruptura marcaram a transição do feudalismo para o capitalismo, sobretudo nos países considerados como centro do fenômeno romântico - França, Inglaterra e Alemanha – e aí ocorreu das tendências em ação desde há muito tempo se transformarem em sistema, assim como foram possíveis a criação das bases da indústria moderna e a concretização do domínio do mercado sobre o conjunto da vida social.

O que as manifestações mais diversificadas tinham em comum era a idéia do Romantismo ser uma oposição ao racionalismo abstrato da filosofia das luzes. Foi a partir dessa idéia, que os autores supra se referem a Lukács como o primeiro a conceber o Romantismo como oposição do Capitalismo e, depois, muitos outros afirmam que o próprio termo Romantismo passou a ser concebido por essência como anticapitalista.

A crítica ao Capitalismo é a própria crítica à modernidade, formatada pela Revolução Industrial e pela generalização da Economia de mercado, a qual gerava exclusão e injustiça –motivos de rebelião. As principais características dessa modernidade e que se

constituíam na base das críticas, foram apresentadas por Max Weber e citadas por Löwy (1990): o espírito de cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental, a dominação burocrática, todas observáveis desde a Renascença e a Reforma Protestante, no final do século XV. Por esse último dado, podemos ver claramente que o Romantismo é crítica moderna da modernidade, mas a nostalgia está no âmago da atitude romântica, então muitos desejos nostálgicos chocam-se com os desejos dos momentos presentes, daí a diversidade de manifestações no movimento romântico. Portanto, o Romantismo tem uma crítica moderna contra a modernidade, sobretudo à sociedade industrial, mas não àquela que explora trabalhadores e gera desigualdade social, e sim àquela que quantifica a vida com o cálculo frio do preço, do lucro, e das leis de mercado, acima do conjunto do tecido social. Apesar de toda a possibilidade da modernidade assim tratar o Homem, é possível encontrar na modernidade algo que favoreça ao mesmo, quer por auxiliar no desenvolvimento de uma força produtiva gigantesca e sem precedente, mas também por criar a universalidade, a unidade da Economia mundial. Assim, correntes do próprio movimento romântico conseguem ver, para além do racionalismo puro, possibilidades de trato com a própria modernidade, quando essa tem algo de promocional para o Homem.

Ainda acredito ser importante frisar duas outras importantes características do Romantismo, essas originadas da teodicéia romântica e de uma suposta doutrina de renovação do indivíduo através da arte: a criatividade e a experiência do prazer, respectivamente, embora as duas dimensões de imbriquem.

A criatividade seguia tendências advindas do coração e que se manifestavam no agir do indivíduo, sobretudo na arte. O resultado da criatividade expressava as razões do

coração, as quais a própria Razão desconhecia, e onde o mito e o símbolo continham mais verdade do que qualquer observação, cuidadosa e fiel, ao modelo da realidade. Um dos mais importantes “motores” da criatividade foram os sonhos, tanto diurnos como noturnos, sendo esses considerados como experiências fortemente reveladoras e que davam rumos à imaginação do indivíduo.

Quanto à experiência do prazer, podemos observar como aspecto embrionário a atração pela poesia. A poesia representava para o romântico o “motor” da emoção e um caminho direto ao prazer. Aliás, o prazer parece ser, para o romântico o fim último do indivíduo, a razão pela qual se vive, contudo, era um prazer permeado de fundamentação moral, associado a virtudes e ingrediente essencial da dignidade. O prazer pelo prazer não tinha sentido, senão um prazer de inspiração, que conquistasse prosélitos e curasse almas.

**O prazer poderia ser o elemento definidor da vida, e o sentimento de perda do prazer um alimento para o hedonismo. Desilusão, melancolia, e um intenso anseio pelo prazer perfeito e definitivo são atitudes do dedicado romântico em busca do prazer.**

**A busca do prazer trazia ao romântico, conflitos, o que por vezes o obrigava a retiros na paisagem natural em lugares distantes. O aumento da necessidade da alternativa de retiros coletivos, onde os românticos pudessem se sentir apoiados, ao mesmo tempo em que junto a seus círculos sociais encontrassem ambientes favoráveis ao exercício dos dons artísticos longe das influências corruptoras da sociedade, deu origem ao boemismo.**

**O boemismo foi um movimento dentro do Romantismo que tentou ajustar a vida aos princípios românticos. Todas as características que foram citadas**

**anteriormente encontraram no boêmio o maior potencial de expressão. Uma ênfase deve ser dada quando observamos o prazer, esse que deveria estar acima da voluptuosidade e da opulência, e que, portanto, era muitas vezes buscado na privação.**

Devo chamar a atenção de que o traço forte do boêmio é a busca de apoio nos seus círculos sociais, nos quais se encontravam indivíduos que renunciavam ao conforto, mas não às coisas boas da vida. Essa última observação sustenta que o boêmio aproxima-se daquilo que consensualmente é bom (vinhos, festas, passeios, entre outros), mas de forma alguma isso pode vir a ameaçar sua opção pelo prazer de privação, quando tais “coisas boas” sugerem que abandone suas convicções e sua arte. Repudiar a tudo que o queira assediado a negar suas opções de vida é afirmar compromisso com o prazer como meio primordial de sua auto-expressão (Campbell, 2001).

Os fortes traços do Romantismo marcaram as atitudes de muitas personalidades ao longo dos últimos séculos, sendo alguns mais próximos ao dandismo<sup>74</sup>, outros ao

---

<sup>74</sup> O dandismo mostrou-se como um movimento dentro da ética aristocrática. Campbell (2001), ao relatar a revolução do consumidor no século XVIII, viu que tal fato esteve atrelado ao desejo emulativo das classes médias. Mas, segundo o autor, ainda não estava explicado o que teria levado a classe aristocrática ao consumo (de bens de luxo). A primeira abordagem se deu sobre a figura do cavalheiro e de como para este o a honra, a reputação, a lealdade ao soberano, o orgulho, o prazer eram elementos centrais da ética, e demandavam certo consumo. No entanto, apesar do luxo consumido, tal seguimento da aristocracia não parece ter dado base para o hedonismo moderno. Muitos dos comportamentos dos cavalheiros foram identificados nos dândis, esses que se apresentavam como cavalheiros de fino trato no vestir e nos modos, porém, arrogantes. Embora os dândis, mesmo com comportamento estóico, tenham desfrutado bem dos bons vinhos, boa mesa, mulheres, esporte e guerra, seu hedonismo era aparente e desprovido de emoções.

O perigo maior para o dândi era o de perder a reputação, do que outros reais (como perder uma perna). O julgamento estético era menos importante do que o cuidado com a conduta, porque era através dela que o gosto era avaliado.

“o dandismo, portanto, pode ser visto como uma reelaboração dos valores e idéias aristocráticos tradicionais para ir ao encontro do desafio das circunstâncias que mudavam. Era, em determinado nível, *completamente revolucionário no seu abandono do princípio central do nascimento nobre e sua substituição pelo conceito do cavalheiro, como possuidor de um ego ‘intrinsecamente’ nobre*”.(Campbell, 2001: p. 239)

A partir dos traços apresentados da ética aristocrática, pode-se ver que nem o cavalheiro, nem o dândi, parecem ter dado bases para o desenvolvimento do hedonismo autônomo e auto-ilusivo. Contudo, a aristocracia praticava o consumo de luxo e o orgulho comprovava isso. Parte de seu consumo era com o prazer, a fim de compensar o tédio gerado pelo conforto. Embora houvesse algo em comum entre os dândis e os cavalheiros do século XVIII - a honra, uma diferença crucial era que o dândi em vez de basear

esteticismo, ou ao boemismo, ou até mesmo romântico “puro” (todos caracterizados como expressões do movimento romântico). Muitos trilharam experiências pessoais e coletivas que culminaram em ações muitas vezes não entendidas, porque distantes da racionalidade, e dirigidas, grande parte das vezes, pela emoção. Fica mais fácil entender as ações dessas pessoas, quando podem ser caracterizadas com o adjetivo que a História mais sabiamente as atribuiu: românticas.

Diante do exposto, parece claro que o Romantismo exerceu influências sobre diversas dimensões do agir humano. Dom Bosco, e o início da Obra Salesiana estão localizados no período histórico que compreende o fervor do crescimento do movimento romântico e, conhecendo os fatos que determinaram a trajetória pessoal daquele sacerdote-educador e a construção de sua experiência pedagógica, vejo ganhar força a possibilidade da aproximação entre sua obra e os traços daquele movimento (o Romantismo). Essa aproximação pode ter sido o diferencial para o sucesso de sua obra, porém, teria contado ainda com o auxílio do grande impulso tecnológico que teve lugar na segunda metade do século XIX. É o trato dessas possíveis relações que passará a constituir objeto final da análise: a possível presença de uma Ética Romântica influenciando a intervenção salesiana (de Dom Bosco), auxiliada pelo movimento de “tecnologização”, o que viria a erigir os salesianos como uma força dentro da estrutura

---

a reputação na lealdade ao rei e no heroísmo, dedicava-se ao poder soberano do bom gosto e aos sucessos nos torneios do espírito. Isso sim, parece ter influenciado a moda moderna, embora os dândis não dessem importância à estética.

Um último ponto importante de mencionar é o caráter masculino dessa ética. Não havia alusões quando ao cavalheiro e ao dândi que coubesse a qualidade feminina. Como as mulheres estavam afastadas dessa ética, é possível que tenha havido aproximação entre uma ética aristocrática feminina e uma ética de classe média de culto à sensibilidade o que não ocorreu com a contrapartida masculina, portanto o culto à moda pode ter sido bem próximo entre as classes. Se assim o foi, isso pode explicar como as sensibilidades estiveram intimamente ligadas, e como os mercados de classe média e alta estiveram tão associados no que diz respeito à moda.

eclesial católica e enquanto agência de educação por um sistema formal e informal de ensino.

### **O movimento de inovação tecnológica: relações de proximidade com o catolicismo**

O historiador francês Michel Lagrée tentou reunir a História da Técnica e a História da Religião, tomando como recorte o período histórico de 130 anos (1830-1960, a chamada idade industrial), e como espaço geográfico: a França e o Quebec (província francesa). Lagrée (2002) mostrou que aos poucos aconteceu a adaptação religiosa à evolução tecnológica, o que ditou novas maneiras de viver, e cujo estudo foi deixado de lado pela História universal.

**No desenvolvimento histórico do confronto entre os atores que transitavam nos círculos religiosos, pode-se encontrar personagens prós e contra (praguejadores e turiferários) a intervenção da técnica no âmbito religioso; da mesma forma, grandes pensadores se posicionaram, e muitos religiosos de primeiro escalão renderam-se ao desenvolvimento tecnológico. A participação do alto clero se deu tanto de maneira direta por alguns personagens, quanto na introdução de inovações na vivência religiosa e nas práticas litúrgicas. Destaca-se, para interesse do meu trabalho, entre tantas inovações assimiladas pela Igreja Católica, o desenvolvimento do ensino profissional católico, o qual esteve por muito tempo à frente do ensino do Estado.**

**Importante dizer que o catolicismo no período demonstrado não teve atitude totalmente negativa com relação à técnica, portanto, não devemos radicalizar sobre esta relação o julgamento que normalmente se faz da atitude (católica) romana antimodernista. Desde aquele período, os papas que têm**

**governado a Igreja foram rígidos na doutrina, mas abertos a inovações tecnológicas que servissem ao homem.**

**O próprio Lagrée diz que nos últimos dois séculos o fato religioso é o seu confronto (da Religião) com a modernidade. Dois conceitos aí são complicados: o de religião, e o de modernidade. Assim como o autor citado, evitarei nesse estudo fazer polêmica quanto ao conceito de Religião, porque aqui, como na sua obra, há um recorte para o cristianismo católico (catolicismo), e esse, não esgota a discussão sobre Religião. Quanto à modernidade, faz-se uma relação com a racionalidade, até porque esta tem estreita relação com o cristianismo. Importante dizer, contudo, que os dois domínios são distantes, porque a técnica age sobre o mundo por meios naturais e a religião liga este mundo a outro por meios sobrenaturais.**

**Para a discussão que se segue, quando se fala de inovação técnica, torna-se importante tomar um conceito básico de tecnologia. No sentido germânico, a tecnologia é o estudo das técnicas, mas esse sentido não foi apropriado ao estudo de Lagrée e nem aos interesses do presente estudo. O conceito anglo saxão é mais pertinente, pois considera os esforços humanos sobre a matéria para satisfazer suas necessidades e seus desejos, portanto, engloba fenômenos sociais e culturais. É a partir dessa idéia que podemos entender como a adequação da inovação técnica pode ter atingido o catolicismo.**

**Já vimos no trabalho de Campbell (2001) a contribuição do puritanismo para comportamento do consumidor moderno. A associação das confissões puritanas com as grandes nações industriais, possivelmente fez com que a relação desses com a tecnologia fosse maior do que os católicos. Mas no período estudado**

**por Lagrée a coisa foi diferente, o que permite questionar: isso teria sido um fenômeno mais geral, ou iniciativas particulares?**

**Creio que algumas respostas a essa questão são pertinentes, quando se constata que Dom Bosco viveu sua experiência dentro desse período, e mesmo depois de sua morte, o princípio de consolidação de sua obra tem uma continuidade nesse período, através das ações de seus seguidores. Portanto, parece interessante verificar que tivemos um sacerdote, que como outros, posicionou-se dentro de um tempo em que o catolicismo viveu um período de adequação à inovação técnica, e que tanto ele como grande parte da Igreja estiveram em posição de vanguarda, embora Lê Goff (1996) tenha dito que a resistência de uma Igreja declarada antimodernista (com a *Syllabus* do Papa Pio IX, em 1864, posição ratificada por Pio X, na Encíclica *Pascendi*, em 1907) estivesse presente. Outrossim, cabe ressaltar, que embora se faça uma tomada nessa seção de fatos que consideram o espaço da França (e o Quebec), a maioria das considerações atingiram o norte da Itália, especialmente a região do Piemonte, onde Dom Bosco nasceu e desenvolveu sua obra. Tal afirmação encontra eco nos estudos de Santos (2000), segundo o qual, grande parte dos acontecimentos na França atingiu o Piemonte porque esta região “estava sob o domínio cultural da França”.(p. 132)**

O período de evolução da técnica desde o final do século XVIII segue junto com o chamado ciclo intransigente do catolicismo que vai da restauração católica, até o fim do pontificado do Papa Pio XII e início do Concílio Vaticano II. Entretanto, conforme constata Lagrée, repulsa e fascinação pelas inovações são mais passionais no século XIX do que no século XX. O ciclo do catolicismo se mostra bem diferente pelos anos

de 1960, quando a evolução da tecnologia adquire a denominação de idade pós-industrial.

Em que será que as mudanças técnicas interferiram nas representações e no comportamento religioso como coadjuvante ou inibidora?

Desde a primeira metade do século XIX, ao observarmos no âmbito do catolicismo o confronto entre ultramontanos (praguejadores) e liberais (turiferários) em torno das inovações tecnológicas, observamos que, enquanto os segundos esforçavam-se por defender a idéia de que as inovações eram dons de Deus a serviço do homem, e que tais inovações abriam horizontes de maior e melhor evangelização, os primeiros defendiam o trabalho agrícola tradicional, porque este estava na origem da tradição judaico-cristã, representava a vontade de Deus expressa mesmo na Sagrada Escritura (Bíblia). Os mesmos praguejadores eram ainda contra a indústria porque a mesma estava contra Deus, especialmente quando nela existiam baixos salários, trabalho infantil, desconsideração do descanso dominical, entre outros desvalores.

**No seio desse embate, vamos encontrar argumentos interessantes de um lado e de outro, como na metáfora apresentada pela parábola do ferreiro (praguejadores), segundo a qual, em um sonho, um operário era dominado por um martelo que o escravizava. Para os ultramontanos, o homem não era senhor da indústria, mas justamente o contrário, os instrumentos de trabalho estavam dominando o homem. Os liberais, por outro lado, em algumas ocasiões servindo-se das ações pastorais católicas, organizaram os operários e artesões em associações clericais. Muitas dessas associações se constituíam de pequenos grupos que receberam denominação de associações familiares, sendo que, já no século XX, por volta de 1937, o adjetivo familiar era quase substituto de católico.**

Quanto ao embate no interior do clero, não ficava somente ao nível dos discursos, mas se traduzia em atitudes. Os próprios papas que tiveram pontificado naquele período estiveram envolvidos na tensão do embate antigo X moderno e; enquanto a Igreja como um todo mostrava resistência às inovações da técnica, alguns atos pontificais faziam eco a favor da mesma. Assim, podemos ver algumas atitudes significativas no seguinte: o avanço social na publicação da Encíclica *Rerum Novarum* (de Leão XIII); o impulso à rede de ferrovias (por Pio IX), que proporcionava uma melhor evangelização, que liga, universaliza os valores e virtudes cristãs (sentido concreto de catolicismo); e a maturidade de evolução industrial com um otimismo moderado da Igreja Católica, observado no pontificado de Pio XII.

A participação de membros do clero no processo de adequação do catolicismo às inovações técnicas contou também com um grande número de bispos que se dignaram não somente a emitir discursos favoráveis à situação, como participaram de inúmeras inaugurações e bênçãos de máquinas e indústrias durante o período. Tal comportamento também foi estendido a diversos sacerdotes, através de diferentes iniciativas.

Um dos primeiros fatores que contribuíram para isso era o fato de que muitos padres vinham do campo, e a perda de mão de obra na agricultura familiar no campo era compensada por um clero que desenvolvia o cultivo dos jardins dos prédios eclesiásticos, os quais eram bastante admirados. O conhecimento rudimentar aliado a conhecimentos adquiridos durante a formação e a grande facilidade de apreensão do desenvolvimento científico que tinha lugar naquele momento, fazia com que eles – os padres – fossem considerados grandes autoridades em termos de consultoria para drenagem de pântanos e preparação de terrenos antes inadequados ao cultivo. A legitimação da autoridade religiosa para a consultoria técnica agrícola era demonstrada

pelos registros na França, e nos países desenvolvidos do velho mundo, da íntima relação entre o progresso agrícola e a civilização cristã, sendo que o fracasso agrícola de países como a Índia e a China atestavam justamente o contrário.

Durante todo o período houve motivações pastorais para que membros do clero agissem a favor das inovações técnicas. Por exemplo, na virada do século XIX para o XX, o desenvolvimento da agricultura representou para a Igreja uma forma de contribuir com estratégias que evitassem o êxodo rural. Lagrée (2002: p 144) cita as atas da *Semaine Religieuse du Diocese de Rennes*, ocorrida em 1897, onde se lê que: “Tornar a agricultura mais produtiva é o único meio que resta a classe dirigente, ao clero em particular, para fixar ao solo uma população que se afasta dele, em detrimento de seus costumes e de sua fé”.

Nessa mesma época, foi notória a participação de padres na organização sindical, e mesmo em eventos agrícolas que discutiam a produção do conhecimento e a organização sindical. Já desde meados do século XIX, publicações da JAC (Juventude Agrária Católica, órgão de animação pastoral no campo) enfatizavam que a maquinização era a oportunidade para o pequeno agricultor crescer. Isso representou uma associação entre a inovação de ordem material e o aperfeiçoamento espiritual, uma vez que a formação do pequeno agricultor se dava associada aos valores religiosos facilitadores do processo. Como se pôde observar, a formação técnica caminhava lado a lado com a formação humana e social. O método era o ver-julgar-agir, de inspiração longínqua em Le play, e que garantia uma pedagogia participativa.

Interessante, agora, é chamar a atenção para alguns dos principais motivos das querelas. As repercussões das tecnologias sobre o catolicismo incidiram sobre vários aspectos da vida do cidadão, todos importantes. Creio ser significativo centrar atenção

primeiramente sobre três domínios: energia, metalurgia e química; ainda que pareçam, a priori, bem distantes do campo religioso. Segundo Lagrée,

“Sua posição estratégica lhes dá, na realidade, um caráter primordial em toda a economia moderna: a energia, porque é a força motriz ou o calor está no centro de qualquer transformação, a metalurgia e a química, porque elas estão em relação com todas as outras indústrias às quais elas fornecem materiais. Com isso, elas constituíam o homem tecnológico, mais próximo do ato do criador, como repetia a implícita teologia da tecnologia desenvolvida pelo catolicismo do século 19”. (2002: p. 230)

A título de exemplos quanto às querelas nos três domínios citados, posso fazer os seguintes:

Quanto às fontes de energia, observemos a discussão sobre o petróleo. Este era conhecido desde a Antiguidade e, somente em 1853, com o domínio da sua refinação para iluminação e exploração através da perfuração de poços, tornou-se um produto industrial. Desde então, passou a ser alvo direto de críticas, quer por sua exploração “violentar” a terra, quer pelas conseqüências geradas pela combustão, tais como a contaminação do ar.

Durante as décadas da metade do século XIX, havia uma querela quanto ao uso do magnetismo como acesso à eletricidade, porque seu uso estava atrelado a aspectos “mágicos”. No decreto de 21/04/1841, Gregório XVI, declarou o exercício do magnetismo ilícito, gerando divisões entre prós e contra. Mas, nas últimas décadas do século, a eletricidade ganhou impulso para o desenvolvimento na França, e entre as justificativas estava a boa imagem da eletricidade, conseguida graças a sua produção a partir da relação com a água, afinal esse elemento natural apresentava-se carregado de significados teológicos.

Quanto ao embate no âmbito da metalurgia, poderia discutir a querela quanto à utilização de ferro fundido ou de ferro forjado nas estruturas das construções ou mesmo

no mobiliário, grades e candelabros. Contudo, um exemplo mais significativo é o do debate ocorrido em meados do oitocentos, quanto à utilização ou não do alumínio nos cálices litúrgicos (puro ou em liga). Muitos defendiam a tradição dos metais preciosos como o ouro ou a prata, mas, em função da dificuldade de produção industrial do alumínio naquele momento, este ascendia à categoria dos metais preciosos, além do que apresentava beleza e solidez. Por isso atraiu a defesa de muitos membros do clero.

No que diz respeito à química, alguns debates se travaram em função do desenvolvimento dos explosivos, porque estes foram considerados uma ameaça ao homem; outros discutiram também quanto a composição do vinho utilizado na liturgia; mas, uma das principais querelas se deu em torno da composição de velas e sua utilização litúrgica, sobretudo o círio pascal. Tal discussão começava já pelo acendimento, uma vez que antes, esse se dava pela faísca de pedra passada ao carvão e posteriormente ao pavio da vela, porém, com o desenvolvimento do fósforo químico toda a simbologia do rito se transformava. O mesmo se deu com a questão da fabricação das velas: a cera, tradicional na simbologia litúrgica, cedia lugar a estarina (produzida de banha animal) e à parafina. Tais materiais subtraíam a tradição litúrgica de fundamentação bíblica sobre a qual se sustentava a cera (de abelha) que deveria ser utilizada para a fabricação das velas para o altar, sobretudo o círio pascal.

Ainda no que diz respeito às discussões no âmbito da liturgia, houve também uma querela quanto aos paramentos litúrgicos do altar, quando se discutiu bastante sobre a natureza dos tecidos, se os mesmos deveriam ser de linho, como na tradição, ou do emergente algodão, que atraía o gosto de outra parte dos religiosos. O linho também era um material de tradição sustentado na Bíblia, mas o algodão igualava-se ou superava o linho em pureza, brancura e solidez.

Toda a discussão envolvendo o algodão, inclusive tornando proibida sua utilização litúrgica na França, era reflexo também do que acontecia na sociedade. Não podemos esquecer do que Campbell (2001) relatou sobre o espírito do momento vivenciado no século XIX, quanto a uma tendência de ampliação dos hábitos da antiga liberalidade aristocrática estendidos a camadas cada vez mais amplas da população. Assim, seguindo o modelo britânico, também na França o luxo foi concretizado pelo *comfort*, o qual foi imposto sem resistências. Uma das maiores evidências desse fenômeno verificou-se na indústria têxtil, a qual experimentava um desenvolvimento sustentado no apogeu do algodão e que se refletia no modo de vestir das pessoas. Então, como as roupas de algodão se apresentavam com menor rugosidade que os tecidos concorrentes, e com a abundância de matéria prima, o vestuário em algodão tornou-se o primeiro bem de consumo de massa.

As querelas também se fizeram presentes no âmbito das construções, principalmente das igrejas, e não somente quanto aos materiais (se de pedra, concreto, ou metais), mas também quanto às formas (neoclássico até por volta de 1840, neogótico ou neo-românico em seguida, eclético até o final do século).

Enquanto instituição encarregada, segundo o significado teológico atribuído ao Evangelho, de comunicar mensagem de salvação aos fiéis, a ligação entre Religião e Comunicação fazia-se necessária. Essa necessidade tornou-se mais evidente no momento de intenso desenvolvimento tecnológico no âmbito da Comunicação e, de certo modo, a Igreja Católica enquanto instituição esteve dedicada a esta atividade. Importante nesse período foi o papel significativo dado à imprensa, uma vez que se disseminou a idéia de que bons livros e boas leituras conduziam a uma melhor evangelização. Em seguida, houve o desenvolvimento da impressão de imagens, o que

deu um grande impulso para a evangelização, via distribuição em massa de imagens sacras em eventos, tais como: primeira comunhão, luto, retiro, natal, ano novo, peregrinação, entre outros. Nas últimas quatro décadas do século, a fotografia foi tomada pelo catolicismo como forma de ampliar a evangelização. Um símbolo dessa iniciativa foi o foco sobre a imagem do Pastor da Igreja, nesse caso, os traços do Papa Pio IX foram reproduzidos e distribuídos em larga escala.

Do até aqui exposto nessa seção, pudemos observar que a técnica e a religião nas suas origens pareciam inicialmente opostas. É que o pensamento técnico dava ênfase freqüentemente aos resultados, pelo fracionamento do mundo em unidades elementares, isto é, na busca do “como?” Já o pensamento religioso dava primazia à intenção e ao sentido, sempre buscando manter a totalidade, isto é, a busca do “por que?”, “para que fins?” e não inicialmente por que razões. Como se viu, à medida que o tempo passou, tal oposição era apenas mítica. Conforme nos mostrou Lagrée (2002: p. 278),

“A evolução técnica acentuou cada vez mais a diferença entre o nível de exigência do homem moderno em matéria de conforto, introduzindo então uma dimensão de ascetismo que não existia nas épocas mais antigas, mas que tinha evidentemente seus limites. Qualquer história da adaptação religiosa das técnicas da vida cotidiana é a história de um equilíbrio delicado, em constante readaptação, entre a fidelidade a tradição e a exequibilidade, tanto técnica quanto econômica da mudança”.

No âmbito da discussão que apontou para uma influência da inovação na Religião, esta sempre se adaptando social e culturalmente às transformações, observa-se o surgimento de uma questão: será que o contrário teria acontecido, isto é, a Religião teria influenciado o processo de inovação técnica? Uma boa entrada para abordar essa questão é uma breve observação sobre os estabelecimentos educacionais católicos, no

caso do interesse particular desse trabalho, as casas educativas salesianas e sua participação na educação profissional (técnica).

Na primeira e na segunda parte desse estudo, acenei para a expressão da formação para o trabalho, tanto no Oratório primitivo, quando o próprio Dom Bosco fez o papel de mestre para os aprendizes, quanto na sucessão de sua experiência e posteriormente de seus seguidores. Na ocasião, pudemos ver como a formação profissional e colocação no mercado do trabalho sempre se constituíram em preocupação concreta de formação do bom cristão e honesto cidadão. Os estudos de Lagrée (2002) no espaço geográfico de língua francesa, também abordam o trabalho desenvolvido pelas escolas profissionais salesianas em um contexto de escolas pertencentes a congregações especializadas na formação técnica e profissional. Entre as principais congregações, são citadas: os Irmãos das Escolas Cristãs, que trabalhavam no método de Jean-Baptiste de La Salle, os quais mantinham grandes escolas profissionais que implementavam currículos combinados de modo a favorecer qualificações próprias; Os Irmãos da Instrução Cristã de Ploërmel, de origem britânica, os quais mantiveram diversas oficinas de formação, entre as quais uma forja, uma fábrica de móveis e uma fábrica de automóveis; e os Salesianos de Dom Bosco, os quais também mantiveram escolas de formação técnica em grandes cidades francesas, sobretudo em Dinan e Nice. Esses últimos tinham a vantagem, em relação aos educadores de La Salle, de inserirem profissionalmente os educandos imediatamente e com adaptações ao emprego também imediatas.

Lembre-mos que na Educação Salesiana a formação para o trabalho é considerada um meio de promoção da juventude com vistas a fins maiores (Dom Bosco dizia que era salvação da alma), por isso, a qualidade é preocupação central. Assim, aquelas escolas francesas possuíam oficinas similares ou melhores que aquelas de

Turim. Entre as principais, estavam as oficinas de tipografia, marcenaria, serralharia, composição (gráfica), encadernação, sapataria e alfaiataria, todas com máquinas e ferramentas consideradas de primeira linha para a época, tanto que valeram àquelas escolas prêmios na exposição de Paris em 1900 (Lagrée, 2002).

**O mesmo autor relata que embora essas escolas salesianas mantivessem alunos secundaristas e aprendizes técnicos, as seções eram separadas, sendo os primeiros atendidos pelos sacerdotes e os segundos por operários ou contramestres (coadjuutores, como em Turim). Muitos operários foram formados nessas escolas, citando-se o número de 480, entre 1907 e 1912. O alcance do resultado numérico pelas escolas religiosas impulsionava o desenvolvimento também do ensino profissional por parte do Estado e, em um movimento de via dupla, isso motivava o desenvolvimento de suporte teórico na formação técnica das escolas religiosas, o qual era inicialmente fundamentado preponderantemente na prática.**

Iniciativas como essas dos círculos religiosos católicos, entre outras promovidas pelas diversas pastorais, proporcionavam um movimento de impulsão às inovações técnicas pela formação de futuros recursos humanos que pudessem alavancar a conquista do conhecimento, o que parece atender em parte ao último questionamento levantado algumas linhas acima. Contudo, a eventual influência da Religião nas inovações técnicas parece menor do que o inverso, talvez porque as fontes para esse tipo de evidenciação ainda sejam insuficientes. Nesse caso, as contribuições das escolas cristãs, no caso especial, as salesianas, demonstram o papel relevante das mesmas no processo histórico de inovação técnica, o que coloca Dom Bosco fundador em destaque enquanto figura empreendedora e vanguardista.

### **Verba de Dom Bosco: pistas da presença da Ética Romântica**

Nesta seção, estarei tomando alguns dos principais escritos do fundador, assim como alguns dos escritos biográficos cuja veracidade histórica tem sido legitimada pela Tradição Salesiana. Contudo, minha utilização do material em questão pretende concebê-lo para além do simples mérito de historicidade, nesse caso, creio ser necessário considerar que nos escritos do fundador, mesmo quando permeado de narrativas “históricas”, existe intencionalidades de transmitir fundamentos de sua concepção pedagógica, ou melhor, do *Sistema Preventivo*. Minha intenção é tratar o material a partir da análise de texto, sobretudo, tomando a técnica de análise de conteúdo, para argumentar a favor da principal hipótese desse estudo: que a intervenção do fundador foi influenciada pela Ética Romântica, a qual associada ao movimento de “tecnologização”, têm garantido à Tradição Salesiana méritos na estrutura eclesial católica e, em alguma dimensão, no âmbito da Educação.

Para dar conta de minha tarefa, selecionei entre os escritos de Dom Bosco, textos que mais comumente a Tradição Salesiana tem utilizado na formação (de educadores) para o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*. São eles: A carta de Roma, documento considerado um “tratado” do método em questão; o opúsculo do *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, que embora sucinto quanto ao método como um todo, representa uma das primeiras formas de sistematização; as biografias de três ex-alunos do Oratório primitivo – Domingos Sávio, Francisco Besucco e Miguel Magone, onde os princípios do método transparecem no cotidiano da educação aplicada aos personagens; e o Regulamento das casas, onde os princípios do método são colocados não mais como orientação, mas como normas. Além dos escritos diretos, tomei alguns textos extraídos de alguns dos principais biógrafos de Dom Bosco, os quais relatam fatos e palavras

atribuídos ao sacerdote educador, e que têm sido aceitos pela tradição. Creio que o material em questão, apesar de já se constituir em um recorte em meio à riqueza de fontes disponíveis, ainda se apresenta extenso. Por isso, optei em selecionar trechos a partir de categorias de análise - *amorevolezza*, *alegria e protagonismo juvenil* - todas caracterizadas na investigação como pilares da Tradição Salesiana e que parecem manter relações de proximidade com elementos da tradição romântica, tais como a autenticidade, impulso ao vanguardismo, espírito revolucionário, busca de superação, entre outros.

- ***Alegria: combustível da educação e caminho da santidade.***

Não são poucas as referências à *alegria* no vasto material que compõe a Tradição Salesiana. A alegria, conforme já mencionado, pode manifestar-se preponderantemente na perspectiva de aproximação da graça de Deus, mas, também é um reflexo da satisfação alcançada nas iniciativas atreladas a projetos pessoais e coletivos que em última instância estão vinculados a projetos de vida, portanto, voltados para os aspectos místicos de missão e vocação cristã.

Na Carta de Roma, Dom Bosco escreve aos salesianos em tom de advertência e animação pastoral para aquilo que deveria ser a essência do Oratório Salesiano: a *alegria*. Na carta, ele narra um sonho em que personagens do antigo Oratório mostram os contrastes entre o tempo antigo e o tempo atual (em que a carta foi escrita), sendo que um dos principais elementos de contraste pela presença ou ausência no ambiente e nas atitudes, é a *alegria*, a essa mesma que seria demonstrada freqüentemente durante os brinquedos e as festas. Assim, escreve:

“Parecia-me estar no antigo Oratório, na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui brincava-se de rã, de barra, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutro

um clérigo no meio de outros meninos, brincavam de burro voa e de Jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontrava-se padres e clérigos, e, ao redor deles, jovens divertindo-se alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança”.

Dom Bosco tenta mostrar que a *alegria* é um estado conseqüente, que brota de elementos fundamentais para seu estabelecimento e, entre esses elementos, chama a atenção para a *familiaridade*, esse mesmo sendo outra marca específica da salesianidade. A *familiaridade* entre seres que amam e são amados é geratriz de *alegria*, porém, essa atitude precisa ser autêntica, total e de “entrega”.

**Quando a *familiaridade* vem a faltar, traz consigo o risco conseqüente de ausência da *alegria*, pois que muitos elementos que advém da primeira, como a confiança, podem comprometer a manifestação da segunda.**

De acordo com Castro (2001), Dom Bosco relacionava a *alegria* com um horizonte maior: o da finalidade e do sentido da vida. Dessa forma, jovens e educadores, precisam juntos de uma vida alegre com uma finalidade maior: desfrutar de uma perspectiva de *alegria* maior, sustentada na convivência com Deus.

É a *alegria*, vivida em clima de *familiaridade*, que se constitui no dinamismo capaz de levar o jovem a acreditar em si, nos outros, no mundo, em Deus, na sua vocação para uma vida empenhada em favor dos outros e experimentada de forma agradável (Castro, 2001). É assim, então, que Dom Bosco continua:

“Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se achavam entre os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos (...) — Nos velhos tempos do Oratório, o Sr. não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredo para o Sr. (...) - Familiaridade com os jovens, especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama (...) - O Superior seja tudo para todos, sempre disposto

a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou”.

A autenticidade no agir é fermento da *familiaridade*. De modo algum um educador deve desenvolver suas atividades, movido por sentimentos alheios ao amor para com sua ação e para com aqueles aos quais destina sua ação. O Amor enfocado aqui é aquele capaz de se doar pelo outro. Merleau-Ponty citado por Snyders (2001, p. 64), mostra esse tipo de amor como sendo aquele em que: “não se podem mais separar absolutamente os papéis...amar é viver pelo menos em intenção a vida do outro. O amor me tira de mim mesmo e institui uma mistura de mim e do outro”. Esse amor que é perceptível e correspondido, o amor que se faz pelo indivíduo como um todo, sua pessoa, suas ações, seus planos e expectativas, é o que se deve viver no processo educativo, auxiliando o educando a dele se apropriar.

Mas as indicações para saber educar com esse tipo de amor precisam orientar todo o trabalho do educador, para que o educando possa perceber-se amado. Também quanto a isso Dom Bosco pretendeu dirigir a Educação Salesiana, e isso é deixado transparecer na narrativa:

“Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão? — Com o amor! (...) — Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados. (...) — Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, o participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como sejam a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor. (...) Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos Superiores agrada. (...) Quem sabe que é amado ama, e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e Superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportar fadigas, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos.”

O romântico acredita na força do sentimento, pois se esse vem a faltar, a desgraça é eminente (Guinsburg, 2002). A existência do sentimento nas ações, proporciona aos sujeitos envolvidos no processo identificarem o crescimento que vai se estabelecendo. O sentimento recíproco é que torna possível o estabelecimento de níveis de tolerância, tão necessários no processo educativo.

Snyders (2001) não vê dúvidas quanto ao desenvolvimento de um certo grau de arrogância nos alunos, o que não é nada fácil de ser aceito pelos educadores. É que eles – os alunos – são muitas vezes dotados de comportamentos de oposição ou, pelo menos, de cisão, com impaciências e exigências já esperadas nessa sua etapa de vida, porque estão vivendo a ansiedade das expectativas quanto ao seu presente e quanto ao seu futuro. Por isso mesmo, o pensamento de Snyders parece dar eco às orientações de Dom Bosco quando exortava para que os educadores tivessem papel importante no processo educativo, esforçando-se para tratar com *alegria* os elementos de combatividade que surgem nas atitudes dos educandos. De acordo com o pensamento do fundador, o espírito de *alegria* movido pelos sentimentos é capaz de gerar sentidos de gratidão, e isso se constitui em um valor importantíssimo para a educação.

Nesse escrito de Dom Bosco ele deixa bem claro as conseqüências que vê quanto ao não cumprimento de suas orientações pedagógicas. A ausência da *alegria* gera um ambiente propício ao enfado, à ociosidade, à oportunidade de cometer atitudes de indisciplina, enfim, atitudes perigosas para a formação dos educandos e que podem trazer como conseqüências o comprometimento de todo um trabalho pretendido para com os mesmos. Essa preocupação é percebida quando observamo-lo dizer:

“vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas não ouvia mais gritos de alegria e cantos, não via mais o movimento e a vida da primeira cena.

Nos modos e no rosto de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, desgosto, desconfiança, que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr,

brincar, agitar-se, com feliz despreocupação; mas outros, não poucos, via-os sozinhos, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na varanda perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos, falando baixinho entre si, lançando ao redor olhares desconfiados e maldosos (...) Quando elanguesce o amor, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir a caridade pela frieza de um regulamento?

**De fato, é possível verificar o fracasso imediato provocado por atitudes que não manifestam o amor aos educandos. A seguir, podemos observar que a preocupação de perda maior – o risco de perdição da alma – faz com que Dom Bosco indique os comportamentos conseqüentes da não tomada de atitudes pelos educadores: o comportamento avesso dos educandos às práticas anteriormente bem aceitas.**

**No sentido de corrigir esse desvio no processo, a iniciativa educativa deve ser a de continuidade entre a proposta apresentada e a vivência do educando, sendo necessário, para isso, um esforço do educador para coincidir a proposta educativa com as experiências do educando, a fim de fazê-lo progredir ao reviver suas experiências. Talvez desse modo, o educador consiga fazer com que o educando sinta a pedagogia se entronizando no seu real. Creio que era bem isso que Dom Bosco estava querendo dizer na Carta de Roma, e que encontra eco nas palavras de Kierkegaard citado por Snyders (2001, p.142): “Tu, o mestre,... tu te instalas naquilo que o discípulo compreendeu, na maneira pela qual ele compreendeu; (então) talvez tenhas a chance de conduzi-lo para onde tu estás”.**

A possibilidade de não implementação dessa orientação pedagógica preocupava a Dom Bosco, porque acentuava o risco de perdição para os meninos. Essa preocupação traduzia-se em advertência quanto ao perigo eminente, a qual foi expressa assim:

“— Daí é que vem a frieza de tantos meninos na freqüência dos Santos Sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de tanto bem para o corpo, para a alma, para a inteligência. Daí não corresponderem muitos à sua vocação; daí a ingratidão para com os Superiores; daí os segredinhos e as murmurações, com todas as deploráveis conseqüências. (...) Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, inquieto, rebelde à obediência, irrita-se por um nonada, parece-

lhe que tudo vai mal, e, por não ter amor, julga que os Superiores não o amam”.

A fórmula da salesianidade para a promoção dos meninos é reafirmada na *familiaridade*, a qual é temperada pela *alegria*. Tudo é consequência da característica cristã da esperança, principalmente no potencial de crescimento do menino. Contudo, os elementos parecem interligados: *familiaridade*, que gera confiança, ambos têm relação íntima com o amor, todos juntos constroem um clima de freqüente *alegria* que, segundo a ótica cristã, sugere eternidade. A *alegria* enfocada aqui transcende a condição de estado no qual nos instalamos confortavelmente, para se tornar um ato, uma forma de agir com vistas a objetivos. Dom Bosco traduziu isso em fórmula de santidade, conforme veremos adiante na biografia de seus alunos. A Carta de Roma traduz assim, esse pensamento do fundador:

“Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie, pois, a obediência o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria. (...) — Qual é o meio mais indicado para que triunfem semelhante familiaridade e semelhante amor e confiança? — A observância exata das regras da casa. — E nada mais? — O melhor prato de um jantar é o bom humor”.

A exortação à *alegria* se constitui mesmo em uma insistência de Dom Bosco, talvez porque em sua vida tenha sempre se esforçado por colocar a *alegria* presente. Por isso mesmo Chiavarino (1960) discorrendo sobre grande parte da biografia daquele sacerdote educador, diz que o sorriso é uma marca particular e que deveria emergir nas práticas pedagógicas dos seus seguidores com o fim último de alcançar a educação com *alegria* e promover a juventude na cidadania a santidade.

Como se vê, no ambiente educativo preconizado por Dom Bosco o que se busca como fio condutor para a educação é formar “um só coração e uma só alma”<sup>75</sup> e, para essa empreita, torna-se necessária vivência dos elementos pedagógico-pastorais que vai traçando em sua proposta, sendo a *alegria* um pressuposto, quer servirá de “combustível” para todos os outros elementos a ela vinculados.

Dessa forma, pode-se denominar a pedagogia de Dom Bosco como a pedagogia da alegria, proveniente do compromisso sério com a vida, com o dever cumprido e com a agradabilidade de conviver na afabilidade de São Francisco de Sales. Os escritos do sacerdote educador não só sistematizam os elementos que devem direcionar o estado de *alegria* e que a ela devem conduzir, como também exortam sempre seus seguidores quanto a este caminho. É freqüente, então, encontrarmos-lo a dizer:

“Sabeis o que deseja de vós este pobre velho que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do amor e da confiança cristã entre jovens e Superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. (...) Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me dareis atenção e poreis em prática o que estou por dizer-vos. (...)Tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comollo, os Domingos Savio, os Besucco e os Saccardi ainda vivem entre nós”.

A fórmula da *alegria* que Dom Bosco preconiza para a santidade, está associada a outros três elementos: o estudo, a piedade e o trabalho. Ambos aparecem nos escritos referentes à vida de seus ex-alunos, como para dizer que esse é realmente um caminho de santidade, afinal, a Igreja Católica canonizou Domingos Sávio, e outros trilham o

---

<sup>75</sup> Essa expressão parece muitas vezes nos escritos de Dom Bosco, embora em outras ocasiões a expressão seja “um só corpo e uma só alma”. Essa máxima, que na realidade é um desejo do fundador, também é abordada quando refletimos os elementos da amorevolezza, justamente por essa ser impulsionada pela alegria.

processo de canonização. Logo, a fórmula pode ser seguida por qualquer um que queira se tornar “bom cristão e honesto cidadão”.

A formação dos jovens para a santidade parece se configurar como a arte de Dom Bosco e do educador salesiano. Se assim considerarmos, temos que retomar Campbell (2001), para entender que o comportamento romântico essencial de revolta contra uma sociedade disforme e injusta, enseja um redobramento de seus esforços em melhorar sua arte, pois que a perfeição só pode ser conseguida pela própria arte. A perfeição na arte só pode ser conseguida com imaginação e paixão, talvez por isso a Obra de Dom Bosco – o artista na educação dos meninos- assim como suas exortações aos educadores, parecem permeadas da criatividade e de paixão pela juventude, sem o que, ele não acreditava lograr êxitos.

Não são poucas as passagens nas biografias de Sávio, Magone e Besucco, que Dom Bosco deixa transparecer a fórmula da *alegria*. Apresentarei algumas passagens, referenciando articulações da *alegria* com outros elementos subjacentes, os quais também estão atrelados à proposta do *Sistema Preventivo*.

**Em primeiro lugar, é preciso acenar para uma identidade com a *alegria*. Quer naturalmente existente, quer estimulada pelos educadores, a *alegria* vai fazer parte da vida do educando, sobretudo no pátio, no recreio, onde o menino mais expressa essa *alegria*.**

Assim, temos na biografia de Sávio:

“Na primeira segunda-feira de outubro, logo de manhã cedo, vi um menino acompanhado pelo pai que se aproximava para falar-me. O semblante alegre, o ar risonho mas respeitoso chamaram-me a atenção.(...)

(...) O ar alegre e a índole vivaz tornavam-no querido, mesmo dos companheiros menos piedosos, de tal maneira que todos tinham grande prazer em falar com ele, acatando os conselhos que de quando em quando lhes dava. (...)

(...)Sávio vivia feliz. (...)

(...) Com estes pensamentos Domingos passava dias verdadeiramente felizes. De aí nasciam o contentamento, a alegria celestial que transparecia em todas as suas ações. (...)  
 (...) Nos recreios era a alma dos jogos.(...)”

Na biografia de Magone, encontramos:

“(...) para ele, ser feliz era ter espaço para saltar e divertir-se...(...)  
 (...) Miguel era de índole fogosa, imaginação ardente, e coração afetuoso, o que naturalmente lhe dava modos vivos e, à primeira vista, podia fazê-lo parecer um menino dispersivo. Mas sabia conter-se no momento exato e ser dono de si mesmo. Quanto ao recreio já se disse que o sabia aproveitar bem. Todos os cantos do amplo pátio desta casa eram percorridos em poucos minutos pêlos pés do nosso Magone. Nem havia folguedo em que não primasse. Porém, mal se dava o sinal para o estudo, para a aula, repouso, refeitório, ele imediatamente interrompia tudo e corria a cumprir os seus deveres. (...)

(...) Causava maravilha ver um menino que era a alma da recreação, que tudo punha em movimento, como se fosse acionado por um motor, ser o primeiro nos lugares a que o chamava o dever.(...)”

Na biografia de Besucco, temos:

“(...) Alegria... Alegria... Eu sou alegre até demais. Se estar alegre basta para tornar-me bom, vou brincar da manhã, à noite. Farei bem? (...)  
 (...) A assistência que lhe prestaram os pais desde os mais tenros anos, o cuidado do mestre e especialmente do Pároco produziram no nosso juvenzinho o fruto almejado...(...)”

Ainda nessas biografias, Dom Bosco deixa transparecer nas palavras dos meninos a certeza de que a *alegria* os faz melhores, e os faz santos. Esse parece ser um ponto importante de minha argumentação, principalmente se resgatarmos as discussões de rotinização dos carismas propostas por Max Weber; afinal, a concepção de *alegria*, de felicidade, de santidade, é assimilada por educadores e educandos, e isso tende a garantir um processo de continuidade das idéias do fundador. Em suma, o educando – arte do educador – fruto de sua paixão, tende a cada vez mais se tornar arte em excelência, servindo de referência para a continuidade. Essa idéia fica clara nas verbas dos meninos, expressas por Dom Bosco, senão vejamos:

Em Sávio:

“(...) Quer dizer que sinto um grande desejo e necessidade de me santificar: não pensava que fosse tão fácil; agora sei que posso tornar-me santo, estando alegre; eu quero de fato e sinto mesmo absoluta necessidade de o ser.(...)”

(...) Tomava parte, com arroubos de alegria, em todas as iniciativas que se referissem ao Santíssimo Sacramento...(..)

(...)... Deves saber que fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres.(...)

(...) *Servite Domino in laetitia*, servi o Senhor em santa alegria.(...)”

Em Magone, temos:

“(...) para ele, ser feliz era ter espaço para saltar e divertir-se, sem todavia refletir que a verdadeira alegria deve ter origem na paz do coração e na tranqüilidade da consciência.(...)

(...) Era esse pensamento que fazia com que ele sofresse tudo com alegria; pelo que os incômodos que na ordem natural produziriam aflições e angústias, eram nele motivo de alegria e prazer.(...)”

Na biografia de Besucco, vemos:

“(...) esforçou-se por sorrir à maneira de cumprimento, em seguida levantou os olhos ao céu indicando que estava para partir. (...)”

O quadro que apresentei, completa-se com as palavras de Dom Bosco que se referem à *alegria* como fruto da *familiaridade*, o mesmo pensamento que afirma na Carta de Roma e que diz ser tudo proveniente da confiança e do amor entre educador e educandos. No caso da Educação Salesiana, para o surgimento desse clima de confiança e amor mútuos, ganha destaque a figura do confessor e do assistente, como promotores da *familiaridade*. Assim ele escreve:

Na biografia de Sávio,

“(...) criou-se imediatamente um clima de mútua confiança. Princípio necessário e bastante para um eficiente trabalho educativo.(...)

(...) Oração, trabalho, tudo acompanhado de constante alegria no meio dos companheiros. O parágrafo encerra os requisitos essenciais da espiritualidade proposta pela sabedoria de Dom Bosco aos seus jovens. Obedecendo a ela é que Domingos se tornará, de maneira autêntica e rápida, o santo que queria ser. Note-se o caminho até aqui percorrido: a *obediência* (pondo-se nas mãos de Dom Bosco) e a *pureza* (entrega a Nossa Senhora), *abrem ao adolescente os caminhos do verdadeiro amor.* (...)”

(...) - A penitência que o Senhor quer de ti, disse-lhe, é a obediência. Obedece, e isso bastará (...)

(...) Ao ouvir esses conselhos, retirou-se contente, resignado e tranqüilo.(...)”

Na biografia de Magone,

(...) faltar-vos-á sempre o amigo de vossa alma...(…)

(...) Acolhei com carinho todos os penitentes, mas especialmente os juvenzinhos. Ajudai-os a manifestarem o que têm na consciência; insisti para que venham confessar-se com freqüência. Este é o meio mais seguro para que se conservem afastados do pecado. Empregai todos os esforços para que ponham em prática os conselhos que lhes sugeris para evitarem as recaídas. Corrigi-os com bondade, porém não griteis jamais com eles; se gritardes, não virão mais ter convosco, ou então hão de calar o que deu motivo à vossa áspera repressão.(…)

**(...) Lembrai-vos, meus jovens, que o confessor é um pai, o qual deseja ardentemente fazer-vos o maior bem possível, e afastar de vós todo o gênero de males. Não receeis que o confessor perca a estima por vós se vos confessardes de coisas graves, nem tenhais receio de que ele revele aos outros o que dizeis. .. Pelo contrário, posso garantir-vos que quanto mais sinceros fordes e mais confiança tiverdes nele, tanto mais aumentará a confiança que terá em vós e poderá ainda melhor dar vos os conselhos e avisos que lhe parecerem mais necessários e oportunos para o bem de vossas almas... (...)**”

Em Besucco,

“(…) em primeiro lugar que inculque com zelo a confissão freqüente, como sustentáculo da idade juvenil tão instável, proporcionando todos os meios que facilitem a assiduidade a este Sacramento. Que em segundo lugar insista na grande utilidade de escolher um confessor estável que não se deve mudar sem necessidade; mas que haja abundância de confessores, para que cada um possa escolher quem lhe parecer mais conveniente ao bem de sua alma. Por outra parte deixe bem claro que quem muda de confessor não faz nenhum mal, e que é preferível mudar mil vezes a calar algum pecado na confissão. (...)”

Quando assim escreve, Dom Bosco parece deixar transparecer sua utopia de que educador e educandos, no ambiente educativo por ele proposto, podem ambos trilhar o caminho da santidade, cada qual a seu modo, mas ambos tornando presente no mundo o mistério de Deus Uno e Trino, o Deus que é Amor. Embora seja recorrente nas biografias, na Carta de Roma ele anuncia isso com bastante ênfase. Eis algumas verbas na Carta de Roma:

“(...) Por isso, se se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial.(...)

(...) a Virgem Santíssima, de quem era tão devoto o juvenzinho *Sávio*, faça com que tenhamos um só coração e uma só alma para amar o nosso Criador, pois somente ele é digno de ser amado sobre todas as coisas, e fielmente servido todos os dias da nossa vida.”(“...”)

Portanto, Dom Bosco parecia acreditar mesmo nesse potencial de convivência entre educadores e educandos de modo que todos chegassem à santidade por meio da *alegria*. No caso dos educadores, a orientação seria a de viver a experiência do educando, com uma atitude apaixonada, ou como disse Michel de Saint-Pierre citado por Snyders (2001, p.142): “Com aqueles que cantam, eu canto algumas vezes; com aqueles que choram, tento chorar; se eu acreditasse poder ser útil a algum dançando, eu dançaria para ele”.

Quanto aos educandos, a fórmula da *alegria* apareceu sempre nas orientações como sendo o caminho de vida cristã. Foi dessa forma que se referiu no *Jovem Instruído*, citado por Aubry (S.D.), quando afirmou que o caminho cristão para a santidade é o serviço ao Senhor em *alegria*. E, quando a vivência parecesse difícil, aí é que se manifestava, segundo Dom Bosco, a vantagem de se viver no Oratório, pois: “Ao encontrar muitos jovens reunidos, aumenta a alegria nos recreios, afastando a tristeza, sempre que essa bruxa feia procurar se instalar em vossos corações” (MB, v. VII, p. 144)<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Ceria et al (1989)

- *Protagonismo juvenil*: sementes de uma perspectiva pedagógica

O termo protagonismo juvenil não aparece diretamente nos escritos de Dom Bosco, e de vez em outra aparece nos escritos de alguns de seus biógrafos. Contudo, a Tradição Salesiana identificou e propagou os fundamentos lançados pelo fundador para que o jovem possa vir a tornar-se um protagonista. Na verdade, o mote de tornar-se bom cristão e honesto cidadão, concretizado no incentivo freqüente à busca da santidade, caracteriza na ação de Dom Bosco aquilo que a tradição denominou de *protagonismo juvenil*.

Nos documentos aqui apresentados, encontramos diversas pistas para uma Educação Salesiana com vistas ao *protagonismo juvenil*. Embora a Carta de Roma, o Opúsculo e o Regulamento das casas mostrem tais pistas, elas podem ser encontradas em abundância nas Cartas Pastorais de Dom Bosco<sup>77</sup> e nas biografias dos ex-alunos antes mencionadas. É certo que a maioria dos ensinamentos relativos ao *Protagonismo juvenil* já estão evidenciados na fórmula de santidade: *alegria*, trabalho, piedade, mas, é certo também que muitos elementos são apresentados como sendo atitudes de caráter político-social, com as quais muitos jovens do Oratório souberam se identificar.

**Nas passagens abaixo, referentes às biografias, vamos encontrar atitudes tais como: determinação, serviço gratuito, liderança, estudo, bom uso da palavra, superação, solidariedade, entusiasmo, generosidade, humildade, despojamento, entre outras, que denotam uma atitude de protagonismo diante de situações que se apresentam. Tais atitudes denotam aquilo que Dom Bosco acreditava ser essencial**

---

<sup>77</sup> Entre os escritos de Dom Bosco, encontramos uma diversidade de cartas enviadas a vários grupos de pessoas que se relacionavam com sua obra: alunos, ex-alunos, sacerdotes, eclesiásticos, cooperadores, entre outros, e cujas cartas estão condensadas em uma obra, chamada Epistolário di San Giovanni Bosco, publicada em quatro volumes pelo Pe. Ceria entre 1955 e 1959. Nas cartas enviadas aos jovens, freqüentemente encontramos alusões a elementos que indicam caminhos para o que estamos denominando de *protagonismo juvenil*. Constituem-se em várias e ricas recomendações, aos quais me furtarei de estar citando porque estão condensadas nas biografias de seus ex-alunos, as quais são tratadas no estudo.

**para a formação do jovem para atuar na sociedade e na Igreja. Vejamos algumas das passagens (as observações e os grifos são meus):**

Na biografia de Sávio:

“(...) Ah!, exclamou logo, veja se não tenho razão de lhe pedir que me faça santo: até o nome diz que sou do Senhor. Devo, pois, **e quero ser todo do Senhor e quero tornar-me santo**, e não serei feliz enquanto não o conseguir.(...)”

(...) A primeira coisa que se lhe aconselhou para ser santo foi **trabalhar por ganhar almas para Deus**, pois não há no mundo coisa mais santa que **cooperar para o bem das almas**, por cuja salvação Jesus Cristo derramou até à última gota o seu precioso sangue. Domingos compreendeu o alcance desse trabalho **(que afinal, foi o trabalho de Dom Bosco também)**.

(...) - Quantas almas esperam a nossa ajuda na Inglaterra! Oh! se tivesse força e virtude, iria agora mesmo, e **com a palavra e o exemplo** havia de ganhá-las todas para Nosso Senhor (...) e não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada comunhão.(...)

(...) **Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres**, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos, aos quais ensinava a ler, escrever, decorar o catecismo, fazendo-os rezar de manhã e à noite. Levava-os à igreja, dava-lhes água benta, mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da cruz. Em vez de passar o tempo a divertir-se, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos parentes ou a outros companheiros que o quisessem ouvir. Mesmo em sua terra fazia todos os dias uma visita ao Santíssimo Sacramento; e era para ele verdadeira conquista poder levar consigo algum dos companheiros. Pode-se, pois, dizer que não deixava uma só ocasião de **fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho** para o bem das almas.(...)

(...) Eram esses os amigos de Domingos. Aproximava-se deles, distraía-os com a sua conversa, dava-lhes bons conselhos. Aconteceu muitas vezes que tais rapazes prestes a se entregarem ao relaxamento, tornavam ao bom caminho graças às caridosas palavras de Sávio.(...)

(...) Engraxar os sapatos, escovar as roupas dos companheiros, prestar aos doentes os mais humildes serviços, varrer e trabalhar nos mais vis misteres, era para ele agradável passatempo. Costumava dizer: — Cada um faz aquilo que pode. **Eu não sou capaz de fazer grandes coisas, mas o que posso, faço-o** para maior glória de Deus. Espero que Nosso Senhor na sua infinita bondade fique satisfeito com as minhas miseráveis oferendas.(...)

(...) E ele de tudo se servia para tirar proveito espiritual: do recreio, dos divertimentos e até das conversas indiferentes. Mas os seus amigos particulares eram os que estavam inscritos na companhia da Imaculada Conceição. Durante a semana, como já dissemos, **reunia-os** ora em conferências espirituais, ora para práticas de piedade cristã. **Essas conferências** tinham a aprovação dos superiores; mas **eram assistidas e organizadas pelos próprios jovens.** (...)

(...) Sávio era dos mais entusiastas e pode dizer-se que nessas conferências fazia de doutor.”

Na biografia de Magone,

(...) Ele então costumava repetir muitas vezes: quem perde um momento de tempo, perde um tesouro (...)

(...) Nas primeiras semanas o procedimento foi medíocre, depois bom, em seguida quase ótimo. Depois de três meses começou a ser classificado como ótimo: e assim em tudo, durante todo o tempo que viveu nesta casa. (...)

(...) Durante a recreação tomava parte nos brinquedos com tamanho **entusiasmo** que não sabia se estava no céu ou na terra. Mas se via algum companheiro ansioso por se divertir, **cedia-lhe imediatamente os brinquedos, contentando-se em continuar de outro modo o recreio**. Vi-o várias vezes descer das andas para que um colega se servisse delas, ajudando-o e ensinando-o com toda a amabilidade, para que o brinquedo fosse mais agradável e ao mesmo tempo isento de perigo. (...)

(...) Acontecia ver um colega aflito? Aproximava-se dele, tomava-o pela mão; acarinhava-o; contava-lhe mil histórias. E se conseguia descobrir o motivo do desgosto, procurava confortá-lo com algum bom conselho e, se fosse o caso, servia de intermediário junto dos superiores ou dos que pudessem aliviá-lo. (...)

(...) Miguel pôs mãos à obra. Principiou por se fazer muito seu amigo; tomando-o por companheiro nas recreações, dando-lhe presentes, escrevendo-lhe alguns bilhetes contendo conselhos salutareis, conseguindo desse modo contrair com ele relações de íntima amizade...

Para com os benfeitores era muito sensível. Não fosse o receio de aborrecer o leitor, transcreveria aqui algumas das muitas cartas e bilhetes que me escreveu para manifestar sua **gratidão** por havê-lo acolhido nesta casa...

Aprazia-se em falar a respeito dos seus professores, dos que o tinham enviado para junto de nós ou de qualquer modo o ajudavam; mas falava sempre com respeito, nunca se envergonhando de mostrar por um lado a sua pobreza, e pelo outro o seu reconhecimento(...)

(...) O companheiro... tornou-se fiel amigo de Magone, passou a imitá-lo no cumprimento exato dos deveres de estado, e é hoje, pela diligência e correção de vida, a consolação de quantos têm que tratar com ele. (...)

(...) Praticava-as com alegria e desembaraço, sem escrúpulos: de sorte que sua piedade, amor ao estudo e afabilidade tornavam-no amado e venerado de todos, ao mesmo tempo que a vivacidade e boas maneiras o tomavam o ídolo da recreação. (...)

(...) Quando podia explicar a algum colega uma coisa difícil, ajudá-lo em algo, levar-lhe água, fazer-lhe a cama, aproveitava todas essas ocasiões com grande prazer. Durante o inverno, um de seus condiscípulos, que sofria muito de frieiras, não podia brincar, nem cumprir os seus deveres como desejava. Magone escrevia-lhe com toda a boa vontade o tema, copiava-o no papel que devia ser entregue ao professor; mais: ajudava-o a vestir-se, fazia-lhe a cama, e até lhe deu as próprias luvas para que se pudesse resguardar melhor do frio. (...)”

Na biografia de Besucco,

“(…) À noite, terminadas as orações em comum, ia para o dormitório, e de joelhos sobre a incômoda tampa do seu baú punha-se a rezar por um quarto de hora ou mesmo meia hora. Avisado, porém, que isso incomodava os companheiros que já estavam descansando, abreviou o tempo e procurava deitar-se ao mesmo tempo que os colegas. Todavia, assim que se deitava, juntava as mãos diante do peito e rezava até adormecer. Se acordava durante a noite punha-se logo a rezar pelas almas do purgatório . . . (…)

(…) Numa palavra, se examinarmos o espírito de oração deste juvenzinho podemos dizer que executou ao pé da letra o preceito do Salvador, que mandou rezar sem interrupção, porque passava os dias e as noites em contínua oração. (…)

(…) Proibido de fazer penitência corporal, obteve licença de fazê-la de outro gênero, isto é, fazer os trabalhos mais humildes da casa... Mas estas pequenas mortificações só por pouco tempo contentaram o nosso Besucco. Ele desejava mortificar-se mais. (…)”

Os preceitos de Dom Bosco, deixados transpassar pelos escritos biográficos dos meninos citados, fazem ver sua máxima de tudo fazer pela salvação das almas. Tal atitude envolvia a promoção do jovem, através do trabalho e da piedade, com *alegria*, tudo levando à santidade. Tornar-se protagonista, significava tornar-se responsável por esse projeto, e isso parece ser possível se conseguir com os jovens, basta para isso observar as palavras e ações de Domingos Sávio, preocupado em salvar almas. Por isso, em relação a Sávio, a tradição diz que foi um salesiano antes da existência dos salesianos, uma semente daqueles que viveriam o mote do “*Da mihi animas*”, que, ainda segundo a tradição, torna-se possível para qualquer um que se aproprie do método educativo de Dom Bosco.

#### **- *Amorevolezza*: uma marca do fundador.**

No pensamento e na ação de Dom Bosco, a *amorevolezza* traduz-se pela educação com *alegria* (esta como pressuposto), na piedade, em vista da salvação das

almas, conseguida pela santidade do educando. Portanto, a *familiaridade*, o amor pastoral, a *Assistência-presença*, a vida sacramental, parecem ser elementos imprescindíveis para a empreita de tal educação. A maneira como isso pode ser operacionalizado foi apresentada na forma como Dom Bosco tratou com seus ex-alunos modelos, e nas atitudes recomendadas ao educador seguindo os exemplos de Dom Bosco na convivência com os jovens do Oratório primitivo.

As recomendações de Dom Bosco, que pareceriam subjetivas, porque relatadas pelos biógrafos, podem ser encontradas concretamente no conteúdo de muitas cartas enviadas a jovens alunos e ex-alunos do Oratório. Se tivéssemos que buscar um teor comum à maioria das cartas, teríamos que nos concentrar na exortação à *alegria*, conforme já mencionado antes, mas uma *alegria* que deve ser impulsão para que se viva em um ambiente que proporcione a formação de “um só corpo e uma só alma”, um ambiente de brincadeiras, de festas, de piedade e de trabalho todo articulado, o que é conseguido potencialmente pelo espírito da *amorevolezza*.

O que estou caracterizando como fundamento da *amorevolezza*, e que aparece no Epistolário de Dom Bosco editado pelo Pe. Ceria, pode ser observado nas cartas citadas por Aubry (1986), entre as quais encontramos trechos como o seguinte: “A um aluno da 3ª série ginásial, filho do advogado Roggeri di Sanfront: ‘(...) Lembra o contrato que nós dois estipulamos e firmamos? Seremos amigos, e unirmo-nos para amar a Deus com um só coração e uma só alma’(...)”. (P. 188)

A exortação à constituição de um “só coração e uma só alma”, que já aparecera em outros documentos importantes como a já mencionada Carta de Roma e a Biografia de Domingos Sávio, parece ser importante mesmo para a proposta de Dom Bosco, tanto assim que foi ratificada nas primeiras Constituições escritas para os salesianos, afim de

que fosse vivido entre os próprios sócios congregados e seguido como mote na educação dos jovens. Ali encontramos: “Todos os congregados levam vida em comum, ligados unicamente pelo vínculo da caridade fraterna e dos votos simples que os fazem formar um só coração e uma só alma para amar e servir a Deus” (apud Aubry, 1986: p. 257).

Embora tais documentos tragam a exortação para o seguimento do espírito da *amorevolezza*, no Opúsculo ao Sistema Preventivo e no Regulamento das Casas, existem elementos que podem ser considerados normatizadores da mesma. O sentido de normatização que utilizo não se refere a uma rigidez de atitudes preconcebidas, do contrário, poderia demonstrar atitudes “falseadas” de amabilidade para com o educando. O sentido que identifico é o de norteador da ação do educador, com vistas a tornar o processo perceptível para o educando, ou nas palavras de Dom Bosco, para que o educando tenha a oportunidade de sentir que é amado. Então, vejamos como Dom Bosco concebe a *amorevolezza* dentro do *Sistema Preventivo* em algumas passagens do Opúsculo:

“(…) o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do Diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O sistema apóia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento e procura evitar até as punições leves. (...)

(...)O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no Assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.(...)

(...) O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação quer ao depois. (...)

Note-se que o norte previsto no sistema supõe educadores capazes de alcançá-lo, por isso, no Opúsculo, Dom Bosco dá também algumas características necessárias ao

educador salesiano, seja qual for sua função específica no ambiente educativo, para que possa dar conta de sua tarefa. Ele diz:

“O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.(...)”

(...) O educador entre os alunos procure fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração de benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.(...)

(...) Entre os meninos é castigo o que se faz castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita, a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

(...) empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta à luz da Razão e da Religião.(...)

(...) Use-se a máxima vigilância para impedir que entre no Instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.(...)

(...) Deve, pois, o Diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assumam compromissos que o afastem das suas funções. Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.(...)

(...) Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o Diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas sua alocação não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação. (...)”

Do até aqui exposto, parece evidente um itinerário de formação cristã e cidadã fundamentado na religiosidade, nos sacramentos, na piedade. De fato, a maior parte dos escritos de Dom Bosco indicam nesses elementos as bases da formação e da ação para salvar almas e caminhar para a santidade. Porém, a vida e obra de Dom Bosco foi também permeada de ações envolvidas no cotidiano da sociedade e da vida eclesial. Muitas atitudes do sacerdote e do homem João Bosco contribuíram para que ele fosse legitimado em uma época que, como já tive a oportunidade de mencionar, foi de muita turbulência na História Universal e na História da Igreja. Por isso, creio que seja

necessário retomar e mostrar, ainda que na forma de super recorte, em função da variedade de material disponível, algumas ações e falas de Dom Bosco que o apresentam como um homem posicionado dentro do seu tempo.

### **Traços da ação concreta de Dom Bosco**

Um primeiro marco significativo que me chamou atenção enquanto indicativo das convicções de Dom Bosco, diz respeito a duas grandes decisões que precisou tomar ainda no início de sua vida sacerdotal. Ele se investira do hábito religioso sob a forma de padre diocesano, isto é, a serviço da diocese de Turim sob obediência direta do (arce)bispo. Tal situação proporcionava ao sacerdote diversas opções de desenvolvimento de sua atividade eclesial, tais como: professor, pároco, capelão ou diretor de hospitais, entre outras funções. Algumas delas eram muito agradáveis ao estado clerical, em função do reconhecimento dos fiéis, sobretudo da classe mais privilegiada. Dom Bosco, ao contrário, em companhia de seu diretor espiritual – Padre Cafasso – e tendo inclinação desde cedo para o trabalho com a juventude, começou a visitar as prisões, e compadecer-se da situação em que tantos jovens se encontravam. Assim lemos nas suas memórias biográficas:

“Nessas ocasiões descobri que muitos voltavam àquele lugar porque abandonados a si próprios. – Quem sabe, dizia para mim, se lá fora um amigo que tomasse conta deles, os assistisse e instrísse na religião nos dias festivos, quem sabe não se poderiam manter afastados da ruína ou pelo menos não diminuiria o número dos que retornam ao cárcere? – comuniquei esse pensamento ao P. Cafasso, e com o seu conselho e com suas luzes pus-me a estudar a maneira de leva-lo a efeito, deixando o fruto à graça do Senhor, sem a qual são vãos todos os esforços do homem” (Bosco, 1982, p.91-92).

Embora tenha vivido algum tempo em uma função necessária para o amadurecimento de sua opção –foi diretor de um pequeno hospital, mas sempre

assistindo aos jovens, uma vez que nesse período já havia iniciado o Oratório – não tardou em tomar a opção definitiva pelos jovens e pobres, conforme havia se sensibilizado nas visitas às prisões. Aí então se apresenta o segundo marco que identifico quanto às suas convicções, conforme o descrito a seguir:

Ao lado do hospital onde Dom Bosco desenvolvia seu apostolado havia um educandário de meninas, chamado de Refúgio, e mantido pela Marquesa de Barolo. Dom Bosco dava assistência ao Refúgio, ao mesmo tempo em que assistia aos meninos no Oratório aos domingos e em dias festivos, além das visitas aos cárceres. Ocorreu que a Marquesa, preocupada com a saúde de Dom Bosco em vistas de tantas ocupações, ordenou que ele fizesse opção entre o Refúgio e seus meninos. Dom Bosco não pensou duas vezes:

“A senhora tem dinheiro e com felicidade encontrará quantos padres quiser para os seus institutos. Com os pobres meninos não é assim. Se eu me retirar agora, tudo irá por água baixo (...) deixarei o trabalho regular e me darei de todo ao cuidado dos meninos abandonados. (...) A minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a divina providência me traçou. (...)”

Esta opção foi assumida no decorrer dos anos com muito trabalho pessoal e, segundo a crença de Dom Bosco, com o auxílio da providência Divina. Contudo, aquela empreita era uma iniciativa que, na medida que crescia, não comportava o trabalho de uma só pessoa. E Dom Bosco foi aos poucos convidando (seria melhor dizer recrutando), colaboradores para sua obra. Como não conseguia auxílio por parte do clero local, viu-se na necessidade de aproveitar entre os próprios garotos com os quais trabalhava, alguns que pudessem vir a ajudá-lo diretamente, abraçando a vida eclesial. Porém, não foi esse motivo somente que moveu Dom Bosco a enveredar-se pela iniciativa de formação de vocações religiosas, senão a vontade de responder a uma

situação particular que atingia ao clero de então. Era um anticlericalismo surgido como consequência do conflito de 1848, quando a Igreja combateu a favor do reino austríaco. Para Dom Bosco, a aversão do povo ao comportamento da Igreja representava um perigo: a redução aguda de vocações sacerdotais. Tal aversão não era pelo clero em si, mas porque alguns padres não estavam do lado do povo, isso porque provinham, na maioria dos casos, de famílias de elite. Assim se conduziram as atitudes de Dom Bosco:

“Levantava-se – escreve ele- um espírito de desvario contra as Ordens e Congregações eclesiásticas e, em geral, contra o clero e todas as autoridades da igreja. Tal brado de furor e de desprezo pela religião afastava a juventude da moralidade, da piedade e, conseqüentemente, da vocação ao estado eclesiástico. (...) Nesse tempo – escreve-, Deus deu a conhecer de maneira bem clara que novo gênero de milícia Ele queria escolher: não mais dentre as famílias abastadas. Os que manejavam a enxada ou o martelo é que deveriam ser escolhidos para entrar nas fileiras dos que se destinavam ao sacerdócio”(apud Bosco, 1993: p.237-238).

Portanto, Dom Bosco, com seus meninos, ajuda a formar um clero, que Bosco (1993) chama de proletário, e com os quais, de maneira diferente no seu tempo, ajudava a enriquecer a Igreja.

Mas, para essa empreita assim como para a obra principal – promoção dos jovens pobres e periclitantes- muita luta foi necessária, e Dom Bosco com o arrojo que lhe era peculiar levava adiante, ainda que para muitos parecesse um louco. Entre muitos dos feitos “arrojados”, enfrentou a empreita de comprar a casa onde já funcionava o Oratório – chamada de Casa Pinardi. Sem dinheiro, Dom Bosco resolve fazer uma proposta ao proprietário (de 30.000 liras, muito dinheiro para a época) e, logo depois do negócio feito, lançou-se a buscar meios de honrar o compromisso, com donativos e empréstimos. Ele mesmo conta como foi essa odisséia:

“Naquela mesma noite, coisa insólita aos domingos, o P. Cafasso veio visitar-me e me disse que uma pessoa piedosa, a condessa Casazza-Riccardi, encarregara-o de dar-me 10.000 liras para serem empregadas no

que eu julgasse da maior glória de Deus. No dia seguinte, chega um religioso rosminiano, que me traz de empréstimo 20.000 liras (...) as três mil liras de despesas acessórias foram fornecidas pelo Cav.º Cotta, em cujo banco foi passada a escritura.” (apud Bosco, 1993: p.269)

Feito semelhante é narrado nas suas biografias, como as iniciativas para construir igrejas, sobretudo as de São Francisco de Sales e a Basílica de Maria Auxiliadora. Mas, esses feitos, mesmo diante da possibilidade de narrativas exageradas e poéticas, querem apresentar o espírito empreendedor de Dom Bosco. Tal empreendedorismo não se limitava na busca de condições prediais para o atendimento aos jovens, mas também na busca de condições humanas e sociais. Sobre esse tipo de atitude, quero voltar a me referir nesse estudo à iniciativa de Dom Bosco na mediação das relações de trabalho entre seus jovens aprendizes e seus patrões.

Os contratos de aprendizagem, conforme comenta Bosco (1993) não foram uma invenção de Dom Bosco, pois desde o século anterior já se tinha notícia de tais artifícios para garantir os direitos de aprendizes. Porém, os contratos firmados com a mediação de Dom Bosco parecem ser os primeiros de Turim, o que sem dúvida representou um avanço significativo nas relações de trabalho de então. Bosco (1993) nos fornece como fontes, os primeiros contratos de aprendizagem firmados entre patrões, aprendizes e Dom Bosco. Em trechos de um deles, datado de novembro de 1851, encontramos o seguinte:

“Em força da presente escritura particular, feita na Casa do Oratório de São Francisco de Sales, fica avençado que:

1. O sr. Carlos Aimino recebe como aprendiz de sua arte de vidreiro o jovem José Bordone, natural de Biella; promete e se obriga a ensinar-lhe a referida arte, por um *período de três anos*, e dar-lhe durante o curso de aprendizagem as necessárias instruções e as melhores regras respeitantes a tal arte e também os oportunos avisos relativos a seu bom comportamento, corrigindo-o em caso de alguma falta, *com palavras e não de outro modo*; obriga-se, outrossim, a ocupa-lo, continuamente, em trabalhos *relativos a essa arte e não em outros, estranhos a ela*, cuidando que não lhe excedam as forças;

2. O referido mestre deverá deixar *inteiramente livres* ao aprendiz *todos os dias santos do ano*;
3. O mesmo mestre se obriga a pagar diariamente ao aprendiz, no primeiro ano uma lira; no segundo uma lira e cinquenta centésimos, no terceiro duas liras; e a conceder-lhe, cada ano, quinze dias de férias;
4. O jovem José Bordone promete prestar, durante todo o tempo da aprendizagem, seu serviço ao mestre seu patrão, com presteza, assiduidade e atenção; ser dócil, respeitoso e obediente;
5. O diretor do Oratório promete sua assistência para o bom êxito do comportamento do aprendiz”.

Com esse tipo de atitude, Dom Bosco tentava suprir um pouco da ausência familiar, quase sempre de pais pobres e ignorantes, assim como a ausência do poder constituído na assistência aos direitos dos menores, quase sempre explorados pelos patrões. Como a situação ensejava cada vez mais o preparo adequado dos jovens ao trabalho, Dom Bosco, seguindo as necessidades do tempo, de intenso desenvolvimento industrial e urbanização das cidades, arroja-se em mais um campo de atendimento: o da formação profissional. Essa atitude foi concretizada pela abertura de oficinas - a princípio pequenas - de alfaiataria, sapataria e encadernação, até que, seguindo sua tendência vanguardista, chegou a erigir uma marcenaria, uma tipografia, e uma serralharia. Bosco (1993) e Braido (2004), dizem que Dom Bosco tentou várias maneiras de manter essas oficinas em funcionamento e, como a principal dificuldade fosse de mestres, sua última fórmula foi a de manter mestres integralmente vinculados a ele, que passaram a fazer parte da Sociedade Salesiana na condição de leigos consagrados e dedicados às escolas profissionais. A esses religiosos chamou-os de Coadjuutores Salesianos. Sem dúvida, mais um feito arrojado do sacerdote educador.

As dificuldades de Dom Bosco para construir aos poucos sua experiência educativa freqüentemente tiveram estratégias para serem sanadas, nesse sentido, encontramos um aspecto místico, como disse, atribuído à crença dele na Divina Providência, mas também podemos ver uma grande perspicácia para conseguir

proventos via capacidade administrativa. Essa talvez seja a principal diferença que alguns historiadores vêem entre Dom Bosco e Cottolengo<sup>78</sup> (outro santo turinense, quase contemporâneo). Bosco (1993) diz que a providência parece ter ajudado a ambos, mas enquanto Cottolengo esperava que chegasse o dinheiro que a providência proveria, Dom Bosco dispunha-se a procurá-lo.

Bens materiais, recursos educativos, contratos, prédios, religião e proposta de santidade, muitas coisas pareciam favorecer aos meninos de Dom Bosco, e eram frutos de seu trabalho. Contudo, sempre parecia advir alguma ação ainda mais arrojada para com algo que a juventude precisava e que ainda não possuía. Algo parecido pode ser contemplado no episódio do passeio com os jovens detentos da Generala –um reformatório para rapazes aberto em Turim, em 1845. Dom Bosco havia feito exercícios espirituais com os jovens, e todos participaram tão bem que o sacerdote prometeu-lhes um prêmio, o qual seria um passeio externo. O sacerdote solicitou às autoridades o tal passeio, mas sem guardas, o que somente foi autorizado mediante a palavra de Dom

---

<sup>78</sup> Dom Bosco foi, em alguma dimensão, êmulo de José Benedito Cottolengo, e os dois são os grandes santos de Turim. A indireta emulação com Cottolengo fez com esse tivesse alguma influência no estilo de ação de Dom Bosco .

Nascido no dia 3 de Maio de 1786 em Bra, na região de Piemonte/ Itália em uma família da classe média, Cottolengo estudou em um seminário em Turim. Sua ordenação foi em 1811, iniciando seu ministério sacerdotal como pároco em Bra e em Corneliano. Tendo entrado para a Ordem de Corpus Christi em Turim, foi cânon da Igreja da Trindade naquela cidade.

Um trauma vivido na função de sacerdote mudou a sua vida e a sua vocação. Uma noite, foi chamado à casa de uma mulher pobre e doente em trabalho de parto, a qual necessitava desesperadamente de ajuda médica mas para todos os lados que ia não encontrava ajuda por falta de dinheiro. Cottolengo ficou com ela durante todo o tempo, ouviu sua confissão; deu-lhe a absolvição, a comunhão e a extrema unção. Em seguida, batizou a criança recém nascida enquanto presenciava a morte de ambos.

A partir de 1827 ele dedicou sua vida à assistência aos pobres e doentes, tendo fundado em 1832, em Valdocco , o Abrigo de Pequena Casa da Divina Providencia. A Casa começou a receber apoio e suporte e cresceu em asilos, orfanatos, hospitais, escolas, casa de aprendizado para pobres e capelas. Vários programas para o pobres, doentes e necessitados de todos os tipos foram criados. Esta pequena Vila dependia totalmente das almas caridosas e Cottolengo não aceitava ajuda oficial do Estado. A casa ainda funciona até hoje, servindo a 8000 pessoas ou mais por dia .Ele fundou ainda 14 comunidades para os residentes inclusive as Filhas da Companhia do Bom Samaritano, Os Eremitas do Santo Rosário e os Padres da Santíssima Trindade.

Faleceu em 30 de abril de 1842, de tifo, em Chieri, Itália. Foi canonizado em 1934 pelo Papa Pio XI e sua festa é celebrada no dia 30 de abril

Bosco (e a confiança que as autoridades tiveram na competência dos guardas para uma eventual recaptura). O passeio transcorreu bem, porque a iniciativa esteve permeada de todos os elementos sempre frequentes no Oratório, *alegria*, cantos, jogos, movimento, e conforme narram todos os biógrafos, todos os detentos retornaram. Bosco (1993) ao narrar o fato, apresenta o seguinte diálogo entre Dom Bosco e o responsável pelos detentos:

“- Por que o Sr. Consegue fazer essas coisas e nós não?  
-Porque o Estado manda e castiga. E é só o que pode fazer. Eu, ao contrário, quero bem a esses rapazes. E como sacerdote tenho uma força moral que V. Excia. não pode entender.”

Sem dúvidas, fatos como esse mostram, no mínimo, uma coragem extraordinária do sacerdote e uma extrema confiança na juventude. Mas, os fatos narrados todos nessa seção, assim como foram condensados pelos primeiros biógrafos de Dom Bosco, deixam muitas vezes transparecer um aspecto sobre-humano em Dom Bosco. Escritores atuais que se dedicam a estudar a biografia daquele educador, como tenho citado aqui Terésio Bosco, Morand Wirth, Pietro Braido, entre outros, têm se esforçado para fazer relatos biográficos contextualizados no tempo e no espaço da Europa, da Itália e de Turim no oitocentos. Segundo tais narrativas, sabe-se que Dom Bosco não era o único a realizar obras em favor da juventude, nem mesmo muitas vezes o primeiro, mas, teve a virtude de, vivendo num ambiente político-religioso-social conturbado, em que havia um catolicismo empenhado com os problemas de então, viver sua fé e desempenhar seu trabalho dedicado em favor de uma causa. Por mais que a tradição aponte Dom Bosco como um santo, canonizado inclusive, há de se ter em conta que foi acima de tudo um homem, que talvez tenha tido o mérito de ver um pouco mais longe. É mister, para cada um, que possamos enxergar as vitórias, os avanços, mas também as derrotas, as limitações. Provavelmente veremos que Dom Bosco precisa ser superado hoje,

principalmente pela paixão, somente com um pouco de paixão se pode fazer alguma coisa de diferente hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição religiosa tem estado relacionada com a História da Educação, sendo difícil estabelecer a direção da influência principal, e ao mesmo tempo, tem estado sob a mira das críticas quanto às concepções filosóficas e aos processos de implementação. Contudo, é possível dizermos que muitas propostas pedagógicas, advindas de grupos religiosos, mostraram-se de grande valia em determinados ambientes e contextos histórico-sociais. Minha intenção com o presente estudo, foi centrar atenção em uma experiência específica vivenciada pelo sacerdote educador João Bosco (Dom Bosco) na Turim/Itália do século XIX, e a imediata continuidade pelos seguidores, chamados salesianos de Dom Bosco, da obra por ele iniciada.

### **Localizando o estudo**

As atividades corporais enquanto componentes de diversas propostas pedagógicas, não se constituíam como novidade no século XIX, mas há registros de que naquela época as mesmas apresentaram expressões diferenciadas de outros momentos históricos. Muitos fatores têm sido associados como explicações para esse fenômeno, entre os quais destacam-se o desenvolvimento dos métodos ginásticos europeus e o desenvolvimento industrial com suas amplas conseqüências.

A proposta educativa de Dom Bosco, denominada por ele mesmo de *Sistema Preventivo*, fundamenta-se em um tripé que associa *religião, razão e amorevolezza* (esse termo entendido como amabilidade), e cuja expressão concreta encontra simbologia nos ambientes da capela, da oficina e do pátio, respectivamente. Dom Bosco dizia que todos os elementos do tripé têm igual importância, e todos conduzem à educação em plenitude.

Temos encontrado na literatura de Sociologia da Religião um consenso quanto a uma ampla associação entre racionalismo e religião. Nesse caso, tomando o *Sistema Preventivo de Dom Bosco*, a *amorevolezza* parece ser um elemento diferencial e que mereceria uma investigação. Assim, quando mergulhamos na Tradição Salesiana, vamos encontrar a *amorevolezza* vinculada à *alegria*, vindo a ser essa – a *alegria* – com diversas interpretações teóricas, a marca da Proposta Educativa. *Alegria* que se expressa nas brincadeiras, nos jogos, nas festas, nos passeios, na música, no teatrinho (elementos que estive caracterizando como atividades corporais), todas as atividades vivenciadas em uma perspectiva de piedade cristã, que ajudam o indivíduo a construir-se como ser protagonista, identificando uma outra característica do *Sistema Preventivo*, o *protagonismo juvenil*.

O trabalho foi construído acreditando que os três elementos: *amorevolezza*, *alegria e protagonismo juvenil*, ao mesmo tempo em que se fazem presentes nas atividades corporais recebem delas contribuições para seu desenvolvimento. Parece que isso tenha contribuído para o grande sucesso alcançado pela Proposta Educativa Salesiana através dos tempos, uma vez que hoje se mostra uma tradição com bastante reconhecimento no âmbito da Educação e na estrutura eclesial católica. Toda essa situação descrita me levou a questionar qual teria sido a ética da intervenção salesiana, a qual contribuiu para que o impacto chegasse tão forte até nosso tempo. Pensei que, ao descrever a trajetória da construção da proposta, localizada naquele contexto do século XIX, eu pudesse ajudar a entender como a ética da intervenção contribuiu para construir e consolidar a proposta aos níveis que conseguiu alcançar.

As evidências das fontes, constituídas a partir: de escritos do fundador, os registros de sua ação e sua verba pelos seus principais biógrafos, permitiram inferir que

a intervenção esteve permeada pela Ética Romântica, uma vez que os principais elementos de sua proposta e de suas ações estavam bem próximos dos elementos preconizados pelo Romantismo. Assim, sendo, uma análise documental das fontes, através da técnica de análise de conteúdo dos textos, constituiu-se no caminho metodológico para dar conta do estudo.

### **Um itinerário da experiência educativa e fatores a ela associados**

Foi possível mostrar, através de um traço biográfico do fundador, que o *Sistema Preventivo* surgiu a partir da experiência ímpar de Dom Bosco no *Oratório Festivo*. Este se caracterizou como uma iniciativa de reunir garotos pobres nos domingos e dias festivos para a catequese, ensino de pequenos ofícios e para a recreação. O Oratório era um ambiente, mas também representava uma experiência de educação e evangelização, por isso mesmo a proposta de Dom Bosco é também chamada de Educação Oratoriana. Essa perspectiva foi tão marcante para a tradição, que há registros de que a maioria das casas salesianas originou-se a partir de um *Oratório Festivo*.

Se o Oratório possuía tamanha importância, e se lá havia a presença das atividades corporais que conduziam à educação mediante a *amorevolezza*, *alegria e protagonismo juvenil*, pensei ser de grande relevância entender como se construiu tamanha experiência e o que a tinha impulsionado. Então, tendo demonstrado discretamente na trajetória biográfica de Dom Bosco os traços que apontavam possíveis justificativas da existência, valorização e utilização das atividades artístico-recreativas no Oratório, creio que algumas expressões encontradas permitiram uma reflexão inicial que possibilitassem respostas para as questões que surgiram no estudo. Entre outras, é

possível encontrar várias vezes, a ênfase em mostrar que as atividades desenvolvidas na experiência de Dom Bosco eram prazerosas.

Por diversas vezes também, encontram-se referências às mesmas experiências como sendo movidas por um sonho (e são muitos os sonhos, ditos proféticos), o que coloca Dom Bosco na categoria de educadores que movem suas obras acreditando na concretização de sonhos.

A gênese do Oratório está atrelada à festa (veja-se a denominação de *Oratório Festivo*), à *alegria*, à celebração, à utilização do jogo e das atividades artísticas, as quais poderiam corresponder a uma dimensão profana. Porém, a dimensão do sagrado esteve presente nas práticas de “piedade cristã”, na “caridade pastoral”, que também se constituíram em atividades oratorianas. Então, pode-se constatar que Dom Bosco atribuiu sentidos iguais às atividades, isto é, todas foram direcionadas para a formação do cidadão-cristão.

Ao descrever os primórdios do Oratório e o início da Obra Salesiana, os biógrafos fazem perpassar claramente, a idéia do sacrifício em prol de objetivos, da superação diante das dificuldades e da confiança na providência divina. Essas “virtudes”, quando referidas ao grande espírito de iniciativa do fundador, colocam-no em posição de vanguarda entre os educadores contemporâneos.

Quando percebo os pressupostos apresentados acima (e outros), reincidentes na Tradição Salesiana, e observo a expressão da obra de Dom Bosco engrandecida pelo quantitativo de seguidores e multiplicação de casas, também faço retornar a questão freqüente colocada por todos aqueles que tomam conhecimento da experiência de Dom Bosco: que fatores poderiam ter contribuído para o sucesso da expansão da obra salesiana pelo mundo?

**Um olhar mais atento para os pressupostos reincidentes nos relatos dos biógrafos, permite inferir que o contexto sócio-econômico-cultural presente na origem da “saga” salesiana possa fornecer luzes para encontrar algumas respostas. Assim pensando, embora tenha feito alguma descrição do momento histórico vivido por Dom Bosco e seus primeiros seguidores (o qual se apresenta rico de informações que extrapolariam essas páginas), a intenção maior foi de demonstrar que o conhecimento do contexto cultural europeu do final do Século XVIII e no decorrer do século XIX (este no qual Dom Bosco viveu e desenvolveu sua experiência educativa), pode ajudar a inferir que aqueles pressupostos reincidentes da Tradição Salesiana possam ter alguma inspiração romântica, e que, também impulsionados pelo movimento de inovação tecnológica em crescimento no período, proporcionaram o sucesso observado na experiência educativa daquele sacerdote educador.**

Campbell (2001), estudando e discutindo teorias econômicas clássicas, gerou questões muito interessantes em torno da relação entre o comportamento do consumidor contemporâneo e o movimento romântico do Século XVIII. À medida que avançou em discussões teóricas, Campbell desconstruiu, *vis-a-vis*, algumas das teorias mais consagradas como as de Weber, Veblen e Galbraith, ao mesmo tempo em que desafiou a Sociologia, no intuito de corrigir o que poder-se-ia chamar de “desvios teóricos”. As diversas aproximações de evidências entre a “revolução do consumidor” e o movimento romântico que deram origem ao livro *A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno* (de Campbell), permitiram-me fazer algumas inferências sobre aqueles tais pressupostos reincidentes na Tradição Salesiana, no sentido de buscar alguns elementos que possibilitassem evidenciar a presença da inspiração romântica.

Faço lembrar que o ponto de partida na tentativa de traçar um itinerário da vocação-missão de Dom Bosco, foi o “sonho dos nove anos”. Após este, os biógrafos relatam muitos sonhos de cunho “proféticos” atribuídos àquele educador. O que pensar desta inspiração nos sonhos como força motriz para o desenvolvimento de projetos de vida? Alguém poderia dizer: todos sonham, todos têm utopias, todos têm fantasias. No entanto, os sonhos relatados pelos biógrafos e os quais venho me referindo, passaram a se constituir em metas para a formação de jovens, para a solidificação de uma experiência pedagógica. Nisto observo que, nas biografias, os sonhos não são relatados com fins em si mesmo, mas como experiência reveladora, com conteúdos subjetivamente aprendidos, não somente objetivamente descritos.

É bem claro nas biografias, e tive a oportunidade de citar no estudo, que Dom Bosco – o Joãozinho – teve uma infância humilde, vivendo em mais uma daquelas famílias que experimentaram e experimentam ainda hoje as conseqüências das desigualdades sociais. A Europa do século XVIII (considerado século da razão, mas que foi também o século do sentimento) já experimentava as transformações resultantes de uma sociedade de consumo emergente por volta de 1800 (Mackendrick apud Campbell 2001), fazendo com que, também na Itália do início do Século XIX, famílias pobres houvessem de trabalhar duro para a sobrevivência, sobretudo na condição de Joãozinho – órfão de pai.

Tanto a dura infância de Joãozinho, quanto sua formação e o início de sua obra, retratam jornadas de sacrifícios, de grandes dificuldades, cujas superações se atribuem normalmente à generosidade de benfeitores e à providência divina. No contínuo de dificuldades e suas respectivas superações, não é difícil encontrar o jogo de carências/satisfações, desejos/prazeres que tanto o fundador quanto seus companheiros

seguidores e destinatários possam ter experimentado. É bem provável que as satisfações das necessidades tenham gerado grande prazer e suscitado a desejos maiores que as necessidades, os quais redundaram em mais prazer ainda e, este jogo foi empurrando aqueles que acreditavam ser socorridos pelas graças de Deus para o desenvolvimento de toda a obra oratoriana. Neste sentido, mesmo que algumas atividades no Oratório fossem desenvolvidas com frequência, não se pode dizer a priori que houvesse algum tipo de tédio, o que leva a pensar no manancial de criatividade e espírito de motivação que pode ter existido, tanto durante a formação de Dom Bosco, quanto na prática diária dos oratorianos.

**Quando me referi ao conhecimento do contexto histórico-cultural como contribuinte para a formação daqueles pressupostos da Tradição Salesiana, estava me referindo também a aspectos significativos desse contexto, afinal os traços característicos de utilização dos jogos, da música, do teatro, o espírito festivo, podem muito bem ter sido inspirados no crescimento do lazer e alteração das atitudes para com as crianças naquele período, caracterizando o que Plumb apud Campbell (2001) chamou de uma verdadeira revolução do lazer. Quando faço tal inferência, estou pensando no sentido de que esta revolução do lazer favoreceu, no movimento romântico, a uma tendência crescente à criação de desejos novos, e não na satisfação de desejos emergentes, e isto, em si, geraria uma “bola de neve” na motivação para o desenvolvimento dos jovens, ainda que em situações difíceis.**

Estando Dom Bosco, possivelmente, atento a essas transformações culturais, e tendo uma capacidade de projetar sobre o novo, conseguiu desta forma o sucesso das empreitas realizadas, ainda que por inspirações religiosas acreditasse na providência divina. Seus companheiros o consideravam um homem de vanguarda e, é com essa

denominação que a tradição o projeta, porém, esta idéia de vanguarda não está desconectada daquela idéia da realização de sonhos proféticos. Neste caso, prefiro acreditar que Dom Bosco recebera inspiração romântica para realizar sua obra (se alguém preferir pode chamar de missão, em uma linguagem mais teológica), uma vez que não seria difícil identificar anseios de aperfeiçoar o mundo através do aperfeiçoamento de seus jovens, portanto tornando bem evidente, por meio desta busca de aperfeiçoamento - uma das características definidora do Romantismo - a tal influência que estou acreditando existir.

Na Tradição Salesiana, os “perfeccionismos” aos quais eu estava me referindo, eram passos cotidianos em busca de “santidade”. O nome de Salesianos, dado aos seguidores de Dom Bosco em honra de São Francisco de Sales (conhecido pelas virtudes da mansidão e generosidade), possuía como objetivo de fundo incutir a idéia de promover os jovens a serem santos. Tal intenção estava bem clara na máxima: “Da mihi animas, coetera tole” (Dá-me almas, fique com o resto), que se tornou lema do Oratório. A salvação da alma dar-se-ia pela piedade cristã, mas também pela *alegria*, manifesta por um coração em paz com Deus. As atividades do Oratório desenvolvidas para este fim não eram diferentes, portanto, do credo dos românticos de conquistar e curar almas, o que seria feito através da arte, sobretudo da poesia.

Gostaria ainda de ressaltar outros dois aspectos que eu consideraria centrais, nesta minha tentativa desafiadora de identificar inspiração romântica nos pressupostos reincidentes da Tradição Salesiana. O primeiro refere-se à luta de Dom Bosco contra os que eram opositores da Obra Oratoriana, entre eles políticos, populares e pessoas do próprio clero. O fato de lutar pelos jovens representava a luta pela missão, a qual seus seguidores acreditavam estar atrelada aos sonhos. Se isto é verdade, então realmente

colocar-se-ia Dom Bosco na categoria dos românticos, e teria razão Campbell em afirmar que os românticos são revolucionários porque sempre estão atrás das reformas, revoltados que são com a sociedade disforme e injusta, o que somente poderia ser mudado por uma busca de perfeição da própria arte, e a arte de Dom Bosco seria o jovem santo, perfeito para a sociedade e para Deus.

O segundo aspecto que eu chamaria atenção, diz respeito ao estilo de vida de Dom Bosco. Os biógrafos ressaltam bastante a simplicidade no agir, na moradia, na aquisição de bens (somente o necessário), na abstenção de coisas que redundassem em ostentação, entre outras atitudes que eu arriscar-me-ia a comparar com traços dos boêmios apontados por Campbell. Não estou a dizer que Dom Bosco era um boêmio<sup>79</sup>, estou tão somente utilizando-me de Campbell para buscar essa característica romântica que me permita encontrar um Dom Bosco capaz de fazer opções radicais em função do prazer maior com sua arte: a educação de jovens.

Se todos esses paralelos que mostrei até agora puderem ser tomados com rigor, e se for possível através das fontes apresentadas no estudo garantir que possa existir a fidelidade dos seguidores de Dom Bosco ao seu carisma, então já é possível entender a empolgação destes seguidores ao falar do seu mestre. E se houver concordância, de acordo com Campbell, que a Ética Romântica deu grande impulso ao consumismo moderno, então não será de todo difícil concordar e entender como a mesma ética possa ter contribuído para que os elementos centrais da Proposta Educativa de Dom Bosco tenham feito da Obra Salesiana a expressão que hoje constatamos. As argumentações para essa afirmativa vêm justamente de observarmos na experiência de Dom Bosco os

---

<sup>79</sup> Embora eu não possa afirmar, baseado no conceito de Campbell (2001), que Dom Bosco fosse um boêmio, há nas suas biografias alguns relatos de atitudes que o identificam como tal. Um dos mais significativos seria o fato de aprender mágicas e prestidigitação na infância, e mesmo quando bancava o saltimbanco nas feiras ao redor de Chieri, tudo para atrair seus colegas.

elementos característicos do Romantismo, os quais tendo influenciado em diversas dimensões do agir humano no século XIX, também influenciaram a obra daquele sacerdote-educador.

Um aspecto que deve ser acenado ainda, e que está diretamente relacionado com o anteriormente exposto, diz respeito ao vanguardismo do fundador, característica essa vinculada ao movimento romântico. Vivendo em um tempo de inovação tecnológica, vimos que Dom Bosco esteve envolvido com o processo de adequação do catolicismo ao desenvolvimento tecnológico. As evidências do seu envolvimento puderam ser constatadas nos documentos que apresentam suas atitudes concretas, tais como: a estruturação dos ambientes e iniciativas de educação ao trabalho, a colocação dos jovens no mercado de trabalho, a implantação de serviços de encadernação e impressão, a construção de prédios eclesiásticos adaptados às necessidades, entre outras iniciativas. As atitudes de Dom Bosco estiveram inscritas em um movimento modernista da Igreja Católica, o qual Lagrée (2002) identificou como adequação do catolicismo às inovações. O autor acena que a adequação se deu em vários aspectos que envolveram concepções quanto ao uso de energia, o trato com a metalurgia e a química, além dos posicionamentos quanto à comunicação, aos transportes, e outros setores do cotidiano social. Em uma via contrária de influência da técnica no catolicismo, também este deu sua contribuição para o desenvolvimento da técnica, especialmente pela ação dos estabelecimentos de educação profissional católicos. Nesse caso, as casas salesianas estiveram em posição de frente, enquanto excelentes instituições de ensino para o trabalho.

Portanto, parece que o movimento romântico, associado ao movimento de inovação tecnológica, ambos absorvidos na iniciativa educativa de Dom Bosco,

parecem ter contribuído para que a obra salesiana se consolidasse como referência de educação e como serviço pastoral à Igreja Católica.

### **A modo de conclusão**

Diante do exposto, faz-se necessário em última consideração, assinalar como os elementos particulares nas atividades corporais se tornaram relevantes no *Sistema Preventivo de Dom Bosco* e como desenvolveram tal função, de maneira que tenham contribuído para a consolidação de tal proposta. A discussão levantada no estudo, ao meu ver, tornaram-se suficientes para afirmar que a *amorevolezza*, a *alegria* e o *protagonismo juvenil*, enquanto imbricados em todas as dimensões que constituem o Oratório, foram os elementos diferenciais na consolidação da Proposta Educativa Salesiana, sendo que a Ética Romântica e o movimento de inovação tecnológica localizados no contexto histórico da experiência original contribuíram decisivamente para tal.

Borges (2000) já identificara alguns fatores presentes na prática das atividades corporais que, quando realizadas na perspectiva salesiana, favorecem ao alcance dos objetivos gerais do *Sistema Preventivo*. Resgatarei alguns deles, para demonstrar não somente o vínculo com os fundamentos filosóficos preconizados pelo fundador, como também a proximidade com traços do movimento romântico.

Em primeiro lugar, as atividades corporais, enquanto supostamente desencadeadoras de prazer, sugerem o estabelecimento de um ambiente e um clima de *alegria*. Para o Método Salesiano, o educando se sentir bem no ambiente é fundamental na instalação permanente do clima de família, de amizade (isso é central nas biografias do ex-alunos de Dom Bosco), boa acolhida, confiança, segurança, realização pessoal, isto é, um ambiente em que se possa constatar a presença da *amorevolezza*.

Sentir-se bem no ambiente educativo é importante também porque pode vir a suscitar no educando as iniciativas de participação e cooperação em atividades que lhe forem propostas. Isto provavelmente deve-se ao fato do indivíduo passar a se sentir parte daquele ambiente e, portanto, à vontade para propor, aceitar e realizar práticas individuais ou coletivas que lhe satisfaçam e/ou satisfaçam aos seus companheiros, ou em outras palavras, fomentar o desenvolvimento do seu agir protagônico.

Importante observar que a formação ao protagonismo tende a respeitar a individualidade do educando e seu nível de amadurecimento, por isso mesmo, essa formação precisa acontecer de forma processual. Nas casas salesianas, a exemplo do fundador, as atividades são primeiramente propostas pelos educadores, para em seguida serem co-planejadas, até que os jovens possam assumir a dianteira e com isso envolver-se como comunidade educativa, onde jovem educa jovem.

As atividades corporais, sendo quase que funcionalistas para gerar o sentir-se bem no ambiente, têm, em si mesmas, a capacidade de formar o jovem nos valores essenciais para o protagonismo que se pretende, isto é, de desenvolver os sentidos de cooperação e participação. Isto porque quando no desenvolvimento dessas atividades, os jovens experimentam sentidos de grupo que são gerados por sentimentos de pertencimento.

A prática das atividades corporais em situações festivas favorece também ao encontro de gerações diferentes de alunos e ex-alunos no ambiente, sobretudo nas festas da gratidão (comuns nas casas salesianas, onde se fomenta a importância da gratidão ao serviço dos outros) e nas comemorações dos padroeiros da Família Salesiana (São Francisco de Sales e Maria Auxiliadora). O contato entre as gerações possibilita que os objetivos do *Sistema preventivo de Dom Bosco* possam ser alcançados por indução, uma

vez que os ex-alunos bem sucedidos tendem a ser vistos como certeza da validade da Proposta Educativa.

Portanto, o ambiente favorável para o sentir-se bem, sentir-se alegre, e em clima de família, precisa ser um ambiente também favorável à prática das atividades corporais. Por isso Dom Bosco recomendava a utilização de ambientes amplos, com liberdade para correr, saltar, gritar, brincar. Em sua época, nesses ambientes se desenvolviam atividades formais, como a ginástica (existente no tempo de Dom Bosco) voltada também para a manutenção de saúde (lembramos do Higienismo do século XIX); mas comportava ainda as atividades informais, algumas vinculadas a iniciativas pastorais, tais como a montagem de espetáculos para as festas e homenagens, como também aquelas atividades continuamente vividas aos domingos e dias festivos no Oratório.

Diante do exposto, vemos que as atividades corporais ocupavam grande parte do tempo educativo, caracterizando-se como fomento da formação. Isso nos leva a pensar que a formação de um indivíduo na perspectiva salesiana, e tudo o que a mesma possa produzir, tem a *alegria*- presente nessas atividades corporais- como combustível, a qual seja capaz de fazer do indivíduo um apaixonado pela sua ação. Em um mundo em que o racional ainda tem muito espaço no fazer humano, parece ser importante acreditar que uma boa dose de paixão possa ser necessária para fazer coisas novas, relevantes e transformadoras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. História da Filosofia. Vol. X. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

ADÃO, K. S. Fundamentos de Uma pedagogia do Pátio no Pensamento e na Prática Pedagógica de Dom Bosco. Dissertação de Mestrado. Santa Maria/RS: UFSM, 1994.

ALVES J.M. Sonho e Realidade: Episódios Edificantes da Vida de um Santo. Lisboa: E.P.S.J., 1944.

AMENDOLA, J. Dicionario Italiano-Português. São paulo: Editora Fulgor, 1961.

AQUINO, R. S. L. et al. História das sociedades: das sociedades modernas as sociedades atuais. 18.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, (1989).

AUBRY, J. (COORD.). Escritos Espirituais de São João Bosco. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, (S.D.)

**AZZI, R. A Implantação da Obra Salesiana (1884-1894). Coleção Os Salesianos no Rio de Janeiro. Volume II. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1982.**

BAETA NEVES, L. F. O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: Colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

BAKHTIN, M. A cultura popular na idade Média e no Renascimento. São Paulo: Hucitec/ Editora Universidade de Brasília, 1987. BALLELIO, G. Vita intima di Don Giovanni Bosco: Nel Suo Primo Oratório di Torino. Famiglia Oggi N° 45/1990 (70-81)

**BENJAMIN, W. Reflexões: A Criança, O Brinquedo, A Educação. São Paulo: Summus, 1984.**

**BOFF, L. Ética e Moral: a busca dos fundamentos. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.**

BOLETIM SALESIANO. ANO 35, N°6 (EDIÇÃO BRASILEIRA). 1985.

BOOTH, W. C. et alii. A Arte da Pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

**BORGES, C.N.F. A Pedagogia do Pátio na Educação Salesiana. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1999a (mimeo).**

\_\_\_\_\_ **O Protagonismo Juvenil: Uma Bandeira da Educação Salesiana. In Coletânea do XI ENAREL. Foz do Iguaçu/PR, 1999b.**

\_\_\_\_\_. **Vitalização do Pátio. Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). Florianópolis/SC: UFSC/UNICAMP, 1999c.**

\_\_\_\_\_. A Significativdade das Atividades do Pátio na Educação Salesiana. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2000a.

\_\_\_\_\_. O Oratório Festivo: Origem de uma Pedagogia. Anais do 7º Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Gramado/RS: UFRGS, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Traço Biográfico Artístico-recreativo de Dom Bosco. Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Ponta Grossa/PR: UEPG, 2002.**

\_\_\_\_\_. **A Ética da Intervenção Institucional em Grupos Sociais Vulneráveis: O Caso das Missões Católicas em Trabalhos com Índios. In TOJAL, J.B et al. Ética Profissional na Educação Física. Rio de Janeiro: Shape/CONFEEF, 2004.**

BOSCO, S.J. Memórias do Oratório de São Francisco de Sales. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1982.

BOSCO, T. Dom Bosco: Uma Biografia Nova. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1993

**BRACHT, Valter. “Educação física: Conhecimento e especificidade”. In: SOUSA, Eustáquia S. e VAGO, Tarcísio M. (orgs.). Trilhas e partilhas: Educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997.**

BRAIDO, P. Prevenir, não reprimir. O Sistema Educativo de Dom Bosco. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

BREMMER, J. & ROODEMBURG, H. História Cultural do Humor. Record. 2000

CAMPBELL, C. A Ética Romântica e O Espírito do Consumismo Moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANTO-SPERBER, M. (ORG). Dicionário de Ética e Filosofia Moral. Vol. 2. São Leopoldo/RS: Editora UNISINOS, 2003.

**CAPÍTULO GERAL 23 DOS S.D.B (DOCUMENTOS CAPITULARES). Educar os Jovens na Fé. Roma: S.E.I. (1990).**

CERIA, E. Et al. Memórias Biográficas de San Juan Bosco. 19 Volumen. Madrid: Central, 1989.

CHERVEL, André. “História das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa”. Teoria e Educação, no 2. Porto Alegre: Pannonica, 1990.

CHIAVARINO, L. Os sorrisos de Dom Bosco. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1960.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, declarações. 18 Edição. Coordenação geral de Frei Frederico Vier (O .F.M). Petrópolis, Vozes, 1986.

CONSTITUIÇÕES E REGULAMENTOS DA SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1985

COSTA, H.R. Substituição Familiar para Crianças e Adolescentes em Situação de Risco Social e pessoal na Amazônia. Tese de Mestrado em Pedagogia Social. UPS/Roma, 1995.

COSTA, A. C. G. Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Democrática. Belo Horizonte: Fundação Odebrecht. (1996)

CREPALDI, G P & LEPORI, M (CURA). I Cristiani Nell'epoca Tecnologica: Le Nuove Tecnologie nel Mondo Dell'economia e del Lavoro. Leumann/Torino: Editrice Elle Di Ci, 1986.

CRIPPA, A. Ética e Política. In REVISTA PRESENÇA FILOSÓFICA: Ética Hoje. Vol. VI. Nº 4. Out./Dez.1980.(S.B.F.C.)

DEPS – DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO PASTORAL SALESIANO. Sistema preventivo: Bases para as Práticas e vivências. Belo Horizonte: ISJB. (1997).

---

Assistência Presença: Bases. Belo Horizonte: ISJB. (1994)

DEVRIES, R. A Ética na educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DHO, J. A Assistência Salesiana como Presença e Relacionamento Pessoal. Cadernos Salesianos. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975

**FANGER, D. Dostoievski y el realismo romántico: Un estudio sobre Dostoievski en relacion con Balzac, Dickens y Gogol. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1970.**

**FERRAZ, A. Oratório salesiano: Um exercício de Fé e Cidadania. Recife: Inspetoria Salesiana do Nordeste do Brasil, 2001.**

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, J. M. Sistema Preventivo de Dom Bosco. Belo Horizonte: CESAP, 1998.

FOUCALT, M. Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões. Petropolis/RJ: Vozes, 1987.

FRANCESIA, G. B. Vita Popolari di S. Filippo Neri. 21ª ed. Torino: Libreria Salesiana, 1895.

FREIRE, P. L'educazione come Prática Della Libertá. Milano: Mondadon, 1973.

GUGLIELMONI, L. Dio in Campo: Sport e Fede. Leumann/Torino: Editrice Elle Di Ci, 1994.

GUINSBURG, J. (ORG). O Romantismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

HAMMOND, J. L. The Toron Labourer (1760-1832), The New civilization. New York: Augustus kelley Publishers, 1967.

HERKENHOFF, J. B. Ética, Educação e Cidadania. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

HESS, J. R. O Amor em Dom Bosco e em Rogers. 2ª ed. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.

HOBBSAWM, E.J. A Era das revoluções: Europa 1789 - 1748. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

**HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.**

JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

JOBIM, J. L. (ORG). Introdução ao romantismo. (Série Ponto de Partida). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

KOSELLECK, R. Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês; Tradução do original alemão [de] Luciana Villas-Boas Castelo Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

LAGRÈE, M. Religião e Tecnologia: A benção de Prometeu. Bauru/SP: EDUSC, 2002.

LANNA, F. X. O Teatro no Dia do catecismo. Niterói/RJ: Escolas profissionais Salesianas, 1941.

LARROYO, F. História Geral da Pedagogia. São Paulo: editora Mestre Jou, .1974.

LE GOFF, J. Memória e História. 4ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

**LEIF, J. Por uma Educação Subversiva: Da Identificação à Libertação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.**

LEITE, D. M. O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

LEMOYNE, A. Vita di S. Giovanni Bosco. Torino: Libreria Salesiana, 1935. Vol.II.

\_\_\_\_\_ O perfil Moral de Dom Bosco. Coleção Salesiana Série Ascética, Nº 2. São Paulo: Livraria Salesiana editora, 1952.

**LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Tradução de Chaim S. Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.**

\_\_\_\_\_. **Mito e Significado. São Paulo, Martins Fontes (Edições 70), 1985)**

**LOBROT, M. A favor ou Contra a Autoridade (Tradução de Ruth Joffily Dias). Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.**

LOVISOLO, H. R. Educação Popular: Maioridade e Conciliação. Salvador:UFBA/ Empresa Gráfica da Bahia, 1990. ( Coleção Cidadania)

\_\_\_\_\_.O Meu Queijo Nesta História. (Texto preparado para Conferência realizada no VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança). Rio de Janeiro: UGF, 2002 (mimeo)

LÖWY, M. Romantismo e Messianismo. São Paulo: Perspectiva, 1990.

\_\_\_\_\_ & SAYRE, R. Revolta e melancolia: O Romantismo na Contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUZURIAGA, L. História da Educação e da Pedagogia . 10ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MANACORDA, M. A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINA, G. História da Igreja: De Lutero a Nossos Dias: Período da Reforma. São Paulo: Loyola, 1995.

MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. Em Sociologia e Antropologia, Volume I. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENEZES, C. Missionários e Índios em Mato Grosso: Os Xavante da Reserva de São Marcos. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1984.

**MONROE, P. História da Educação. 10ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.**

MONTEIRO, J. C. P. Os significados educativos e a prática do esporte no Colégio Marista de Belém. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2000.

NUNES, R. A. da C. História da Educação no Renascimento. São Paulo. E. P. U. (Editora da Universidade de São Paulo), 1980.

OROFINO, P. As representações dos alunos do Colégio Marista de Maceió sobre os esportes e as competições esportivas. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1999.

PELLEREY, M. (CURA). Domanda di educacione e Nuove Tecnologie della Comunicazione. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1987.

PERI, V. Sport e libertà: Utopia? Leumann/Torino: Elle Di Ci, 1971.

PEETERS, M. F & COOMAN, M. A. Pequena História da Educação. 10ª Edição. São Paulo: Edições melhoramentos, 1971.

**PLINVAL, G. & PITTET, D. R. “Una Specie di Repubblica Bene Ordinatta...”:  
Storia della Chiesa. (Rinascimento e Tempi Moderni. Genève/Marietti: Éditions de  
L’écho Illustré, 1954**

PÉREZ, N. G. Mujeres y Mecenas. Murcia: Universidad de Murcia, 2003.

POMER, L. & PINSKY, J. O Surgimento das Nações. 3.ed. Campinas: UNICAMP,  
1987.

PRELEZZO, J.M. Valdocco Nell’ottocento: Tra Reale e Ideale (1866-1889): Documenti  
e Testimonianze. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1992.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Os parentescos por brincadeiras. In Estrutura e Função  
na Sociedade Primitiva. Tradução de Natanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes. (1973a)

**RADCLIFFE-BROWN, A. R. Nota adicional sobre os parentescos por  
brincadeiras. In Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Tradução de  
Natanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes. (1973b)**

REVISTA RAIOS DE LUZ. Anno I, Nº 51 22/08/1920. Nº 52 29/08/1920.

RIBEIRO, P. F. Ética e História. In REVISTA PRESENÇA FILOSÓFICA: Ética Hoje.  
Vol VII. Nº 1. Jan./Mar.1981.(S.B.F.C.)

**RODRIGUES, A. S.(DIR). História Comparada: Portugal, Europa e o Mundo:  
Uma Visão Cronológica. Lisboa: Temas e Debates, 1997**

SANTIM, S. Ética profissional em Educação Física: Alguns questionamentos. In

SANTOS, M. I. S. P. Luz e Sombras; Internatos no Brasil. São Paulo: Editora Salesiana  
Dom Bosco, 2000.

SCARAMUSSA, T. O Sistema Preventivo de Dom Bosco: Um Estilo de Educação.  
Coleção Pedagogia Viva. São Paulo: Editora salesiana Dom Bosco, 1984.

SILVA, L.H. O Papel das Atividades Físicas na Educação Católica Marista.

(Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 1998.

\_\_\_\_\_. Igreja Católica, atividades corporais e esporte: superando preconceitos.

(Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2002.

**SKINNER, Q. Hobbes e a Teoria Clássica do Riso. São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS, 2002.**

SOARES, C. L. Educação Física: Raízes Europeias e Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_ **Imagens da Educação no Corpo. Campinas/ SP: Autores Associados, 1998.**

SORGON, G. São Filipe Neri: Cristão por Vocação, Padre por Obediência. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

SOURIOUX, J. L & LERAT, P. Análise de Texto: Método Geral e Aplicações no Direito. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOVERAL, E. A . Éticas atitude e Éticas de Situação. In REVISTA PRESENÇA FILOSÓFICA: Ética Hoje. Vol. VI. Nº 4. Out./Dez.1980.(S.B.F.C.)

**SPINELLI, V. & CASASANTA, M. Dicionário Completo: Italiano-Português (brasileiro) e português (brasileiro)-Italiano. Milão: Editor Ulrico Hoepli, 1957.**

SUCUPIRA, N. Ética e Educação. In REVISTA PRESENÇA FILOSÓFICA: Ética Hoje. Vol. VI. Nº 4. Out./Dez.1980.(S.B.F.C.)

TEVES, N. (ORG). Imaginário Social e Educação. Rio de Janeiro: Gryphus - Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

**VAN DEN BOSCH, P. A Filosofia e a Felicidade. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.**

VASQUEZ, A. S. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

ZAGURY, T. O Adolescente por Ele Mesmo. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

WEBER, M. Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva;  
Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa – Brasília/DF: Editora  
Universidade de Brasília, 1991.

**WIRTH, M. Dom Bosco e os Salesianos. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1968.**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)